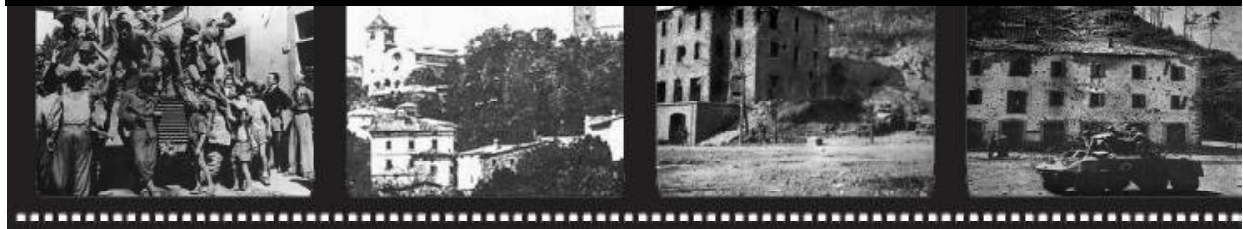
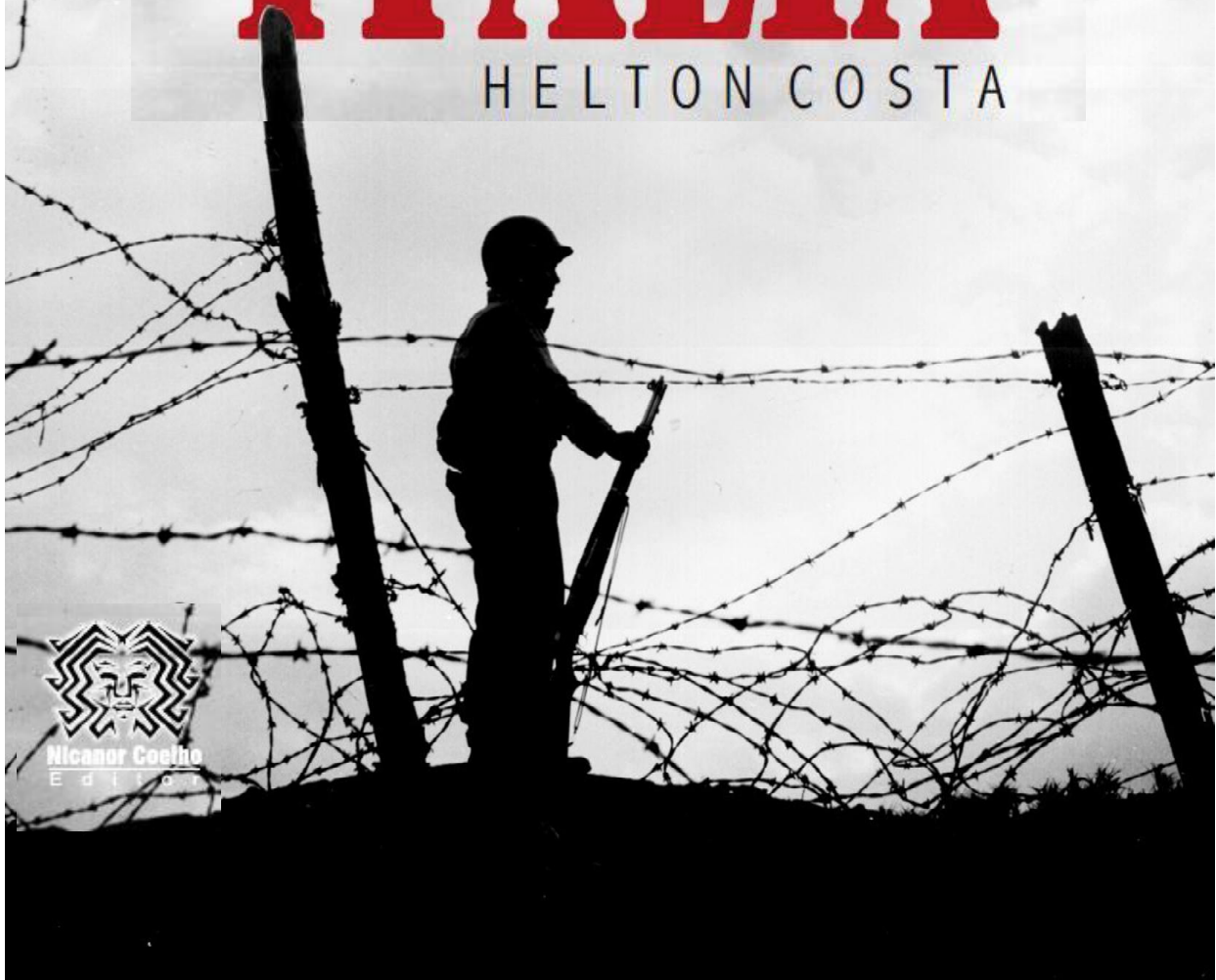


UMA VEZ  
NA



ITÁLIA

HELTON COSTA



## SOBRE O AUTOR

Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo, 1º lugar do Troféu Imprensa Júlio Marques de Almeida 2005 na categoria rádio e estúdio da Segunda Guerra Mundial há mais de oito anos com estudo intitulado "60 anos de Força Expedicionária Brasileira: a cobertura do Dourados News e do Dourados Agora", o qual lhe rendeu o título de bacharel.

Para realização dos estudos entrevistou ex-expedicionários da FEB e um veterano da Luftwaffe, a Força Aérea Alemã. Teve contato com historiadores e outros estudiosos da área, de modo a buscar entender todas as vertentes que fizeram com que o Brasil entrasse em uma guerra que a princípio *não era sua*.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

**UMA VEZ**  
**NA**   
**ITALIA**  
HELTON COSTA

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Uma vez na Itália  
Helton Costa

**UMA VEZ  
NA**   
**ITALIA**  
HELTON COSTA  
"UMA HISTÓRIA ESQUECIDA"



Uma vez na Itália  
Helton Costa

Copyright © 2008 by Nicanor Coelho-Editor

Capa e Editoração

Severiano Ramão Ramos

Coordenador Executivo  
Nicanor Coelho

Coordenador Editorial  
Carlos Magno Mieres Amarilha

Editor Júnior  
Luciano Serafim

ISBN  
978-85-98598-49-9



CNPJ: 06.115.732/0001-03  
Rua Mato Grosso, 1.831 - Sala 1  
Caixa Postal 475 - CEP 79804970  
Dourados-MS

Telefones:  
(67) 9238-0022  
(67) 3423-0020

Internet:  
[www.arandunews.com.br](http://www.arandunews.com.br)  
[nicanorcoelho@gmail.com](mailto:nicanorcoelho@gmail.com)

Uma vez na Itália  
Helton Costa

“Para os Pracinhas que viveram  
uma guerra que nunca desejaram  
e morreram esperando um  
reconhecimento que nunca  
tiveram”

Uma vez na Itália  
Helton Costa



“**E**nquanto um homem for dono deste campo e mais daquele campo, e outro homem se curvar, jornada após jornada, sobre a terra alheia, alugada, e não tiver de seu nem o chão onde vai cair morto – esperem a guerra. Ela explodirá - e enquanto não explodir, estará lavrando surda. O homem rico lutará contra o outro menos rico que também quer ficar mais rico, ou não quer ficar ainda menos rico; e o homem pobre lutará por ele, ou contra ele. Lutará não perder o pouco que tem, ou lutará porque não tem nada a perder. De qualquer

//

modo haverá guerra...

*Rubem Braga (1913-1990)*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

## Sumário

- Capítulo 1- Entrevista com o passado*  
*Capítulo 2-Diário do fox-hole*  
*Capítulo 3-Diário do fox hole II*  
*Capítulo 4- Gutiérrez antes e depois*  
*Capítulo 5-De volta ao front*  
*Capítulo 6-O снаiper de Porreta*  
*Capítulo 7- Infantes da Comunicação*  
*Capítulo 8- A vida por um fio*  
*Capítulo 9- Assim nascem os amigos*  
*Capítulo 10- Monte Castelo, parte I*  
*Capítulo 11- Lara, Pistóia e Francolli*  
*Capítulo 12- Guerra contra EUA*  
*Capítulo 13-Monte Castelo II/Mudanças de regimento*  
*Capítulo 14- Encontro com um herói*  
*Capítulo 15- Monte Castelo III*  
*Capítulo 16- Hospital de campanha*  
*Capítulo 17- Cartas*  
*Capítulo 18-Bem vindo ao 11*  
*Capítulo 19- Festas de fim de ano e Patrulhas*  
*Capítulo 20-A morte de Monte Castelo*  
*Capítulo 21- A noite do Holofote*  
*Capítulo 22- Castel Nuovo*  
*Capítulo 23- Montese*  
*Capítulo 24- O castelo sem rei*  
*Capítulo 25- Em busca de ação*  
*Capítulo 26- Rendição Incondicional*  
*Capítulo 27-O dia V*  
*Capítulo 28- É festa!*  
*Capítulo 29- Tropas de Ocupação*  
*Capítulo 30- A missão de Marcos*  
*Capítulo 31-O novo Marcos*  
*Capítulo 32- Ética divina*  
*Capítulo 33- O retorno*  
*Capítulo 34-Mais adeus*  
*Capítulo 35- Voltando a viver*  
*Capítulo 36- Uma vez na Itália*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Nas páginas que se seguem o leitor terá a chance de conhecer detalhes da participação dos soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial através dos olhos de Marcos, personagem composto à partir da história real de ex-combatentes que tive contato enquanto pesquisava sobre o envolvimento dos soldados locais no maior conflito que a Terra já foi palco.

Esses soldados saíram dos territórios que hoje conhecemos como Ponta Porã, Dourados e Rio Brillante e foram lutar contra tropas fascistas e nazistas, cumprindo ordens de seus superiores sem questioná-las, do outro lado do Atlântico, na Itália.

Esse livro não tem a pretensão de ser uma verdade completa sobre o conflito e sobre os nove meses que os mais de 25 mil soldados passaram combatendo os exércitos de Adolf Hitler, mas sim, de mostrar o lado humano dos combatentes brasileiros, diferenciados dos demais combatentes que tinham o interesse de defender seus territórios pátrios do nazi-fascismo.

São histórias de brasileiros vindos da “casa branca da serra, do luar do sertão”, como cantavam na canção do expedicionário. Foram sul-matogrossenses que mal conheciam as fazendas vizinhas de onde moravam ou as cidades ao redor das suas, que tinham uma instrução básica da escrita e da leitura, que foram para a Itália simplesmente porque foram convocados, que não sabiam direito nem contra quem combateriam, mas que não hesitaram em atender à esse chamado.

Ao ler estes escritos, que o leitor possa buscar reconhecer que não se trata de um elogio ao militarismo, mas sim de uma homenagem ao soldado simples que enfrentou temperaturas abaixo de zero, a saudade de casa, um inimigo astuto e experiente, enquanto os oficiais descansavam confortavelmente em abrigos especialmente preparados para eles.

Por último, que o leitor compreenda que se hoje temos um mundo mais livre do que tínhamos na década de 40, é porque brasileiros se esforçaram, lutaram e morreram para nos ensinar que a paz só será alcançada quando as desigualdades e os preconceitos forem extirpados de uma vez por todas da face da Terra, ainda que isso nos dias atuais seja considerado utópico.

O autor

Uma vez na Itália  
Helton Costa

A repórter estava mesmo nervosa era a primeira vez que saía de seu país, a Itália. Fora criada pela avó ouvindo histórias sobre os “brasilianos” que por ali passaram. A avó contava que eles eram “gente alegre”, havia muitos negros, homens bem educados e de riso fácil. Ela conhecera muitos deles quando ainda era uma menina de 12 anos, pois o pai dela que era da resistência italiana, os “Partigiani”, trazia sempre alguns em momentos de folga para jantar com a família. Ele os reunia em um velho curral, que servia também como sala de jantar para os homens cansados de tanta guerra.

A jornalista até aprendeu algumas palavras em português para se comunicar com o entrevistado, mas por precaução contratou um brasileiro que morava no mesmo bairro que o dela em Roma para viajar junto e ajudar a realizar o tão importante trabalho de entrevistar aquele homem que para ela era um herói.

Foram quase 1,2 mil quilômetros desde o desembarque em São Paulo até Dourados. Tudo em um veículo azul alugado, quase preto, quatro portas estilo mini-van que seu “guia” arranjara na locadora de veículos do primo em São Paulo.

Ela ficou sabendo que em Dourados morava Marcos Gutiérrez, um nome que ouvira a avó falar uma vez, como sendo um soldado que um dia brincou com ela e deu-lhe chocolate, além de um lenço que a senhora de mais de 70 anos guardava como lembrança da passagem dos “brasilianos” por terras italianas.

Mesmo a avó dela mostrando o lenço, custou a acreditar na história. Até que um dia na Internet, conversando com um membro de um grupo virtual sobre II Guerra Mundial, especificamente sobre o Brasil, encontrou um rapaz que dizia conhecer um homem chamado Marcos Gutiérrez em sua cidade. O homem era dono de um mercadinho e vivia com a família desse trabalho.

Ele contou que no mercado, logo na entrada, havia um escudo enorme com o símbolo da Força Expedicionária Brasileira - FEB e que “Seo Marco”, como era conhecido no bairro, tinha lutado contra os “tedescos”, como ele gostava de contar aos amigos.

Ela e o rapaz se conversavam via Internet por um comunicador instantâneo, desses que se baixa da rede com tanta facilidade. Falavam-se em italiano e português. Quando um não entendia o que o outro queria dizer, colocavam a expressão em espanhol ou inglês, até que a sentença fosse completamente decifrada.

A moça não perdeu tempo e imediatamente entrou em contato com o brasileiro que lhe contara a história. Mandou a mensagem em um português gramaticamente incorreto, pois traduziu o texto do italiano para o português em um tradutor on-line, com palavras em espanhol e inglês também. Pediu para que o vizinho dela ligasse várias vezes para o brasileiro para combinar detalhes da viagem e toda semana mantinham contato.

Foram cinco meses desde a primeira ligação, até que o rapaz confirmou com Seo Marcos que a receberia. A repórter precisava da entrevista como parte de um documentário que estava montando com ajuda do governo italiano, que se aprovado lhe renderia uma bolsa de estudos em pós-graduação em Roma e um emprego na Assessoria de História Contemporânea do país.

Agora, lá estava ela pela primeira vez no Brasil. Tudo era diferente, as feições das pessoas, as cores de pele, os cheiros saindo dos restaurantes, a mistura dos contrastes, da casa dos ricos ao barraco dos pobres, das grandes metrópoles, até a calma dos campos cultivados de soja, cana-de-açúcar e milho do Mato Grosso do Sul. Tudo tinha um sentido diferente e não contínuo.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Por coincidência o bairro onde era o mercado de Seo Marcos estava localizado no Jardim Itália, não muito distante do centro da cidade de Dourados. O bairro não era lá dos melhores, como a maioria dos bairros brasileiros. Tinha ruas asfaltadas, mas esburacadas. Tinha casas bonitas e barracos de madeira da década de 70. Sujeira, animais soltos nas ruas, gente sem camisa, crianças com barriga d'água e bares abarrotados de homens tomando cerveja, também compunham o caos da “paisagem” local, bem diferente do estilo europeu de vida ou do Brasil turístico das propagandas de aeroporto. Não era um local “para inglês ver”, bem diferente da “Itália” de quem herdara o nome.

O ex-combatente era um dos mais de 90% de paraguaios que moravam no Jardim Itália, que do país europeu tinha somente o nome. Uma praça no centro do bairro demonstrava bem isso, com uma capela católica dedicada à “Virgen de Caacupé”, a padroeira do povo paraguaio.

Em dias de procissão, Seo Marcos faturava até bem, pois vinha gente de todo o Estado para o município, isso sem contar “los hermanos” paraguaios que para chegar até a capela precisavam percorrer apenas 110 Km de Ponta Porã na fronteira com o Paraguai até Dourados.

Seo Marcos vivia de um negócio de família, do tipo que se mantém somente para o sustento. João Júnior, o rapaz que a jornalista conhecera na Internet, tinha ido recebê-la na entrada da cidade e de lá foram comer alguma coisa no centro da cidade.

A jornalista ficou impressionada com o gosto e o preço da comida. Com apenas dez reais conseguiu uma boa refeição com direito à sobremesa. Comida que na Itália não custaria menos que o triplo daquele valor. Depois de comer carne assada, arroz feijão e mandioca acompanhados de salada de alface e tomate, foram direto para a casa de Marcos.

Era diferente para a jornalista e para João Júnior, porque eram amigos, mas se conheceram na Internet. Nunca tinham se visto antes e o português da jornalista era tão ruim quanto o italiano de João Júnior. Conversaram no caminho até a casa do veterano e mesmo com a diferença lingüística, parecia que se conheciam havia anos.

Perguntas sobre como ia a avó da jornalista, sobre o cachorro que João Júnior adotara na última semana, tudo se misturava àquele momento diferente para ambos. O tradutor que acompanhara a viagem escutava com muito espanto.

Ele se chamava Arthur Lourenzini e traduzia alguns termos quando nenhum dos dois se compreendiam muito bem. Arthur conhecera a jornalista em um festa “rave” na Itália, ficaram muito amigos e fora ela quem arrumara um apartamento para o rapaz, cinco meses após ele ter ido morar lá.

Foi isso que deu coragem para que ela viajasse para o Brasil, pois confiava nele como um irmão ou algo mais. Volta e meia, quando tinha folga no serviço de carregador de bagagens de um hotel, Arthur almoçava na casa da família da jornalista. Ele era calmo, falava devagar. Ele saíra de Campo Grande, distante de Dourados pouco mais de 300 km para a Itália e, portanto, conhecia o caminho para a cidade de Marcos.

Arthur morava na Itália havia dois anos. Alto, topete, lábios finos e pele clara, conseguiu seu passaporte para a Itália por causa do “Lourenzini” de seu sobrenome. Os avós dele é que tinham vindo da Itália para o Brasil. Ele e a jornalista mantinham um relacionamento que beirava o “flerte”, mas que não chegava a tanto, talvez por que tivessem medo de estragar a amizade com isso.

Ao chegar à casa do veterano, João Júnior desceu do carro primeiro e perguntou por Seo Marcos. O bisneto de Marcos, Irineu Gutiérrez, um rapaz moreno de pouco mais de 1,75m foi recebê-los. Um pouco sério, o jovem tentava analisar os estranhos que vinham com João Júnior, que ele conhecia do mercado.

O sol quente queimava o rosto da repórter, que com uma pele rosada sofria com o calor



Uma vez na Itália  
Helton Costa

douradense. Seus cabelos loiros estilo “channel” com uma mecha castanha nas franjas, refletiam os raios solares com bastante intensidade.

Irineu foi até o portão recebê-los. Primeiro cumprimentou João Júnior, o curioso de todos os momentos que ficava o dia inteiro conversando com Seo Marcos no mercado. João, que era chamado pelo ex-combatente de “Jãozinho”, comprava no mercado desde que se lembrava, desde os tempos que ia pedir bala fiado ou simplesmente buscar um refrigerante para o almoço. Naquela época nem tinha idéia de que iria ficar amigo da família. Descobriu que Seo Marcos participara da FEB ao estudar a Segunda Guerra na 8ª série e desse dia em diante só estudara o assunto cada vez mais e mais.

Já a jovem ainda descia do carro, quando ouviu uma voz falando italiano de dentro da casa.  
-Buonasera!

A repórter respondeu ainda assustada com um sorriso meio sem graça e foi entrando. Seo Marcos era idoso e bastante ativo para a idade. A cabeça branca denunciava os 88 anos de idade. Ele ainda sorria com seus dentes naturais e ainda era magro, como sempre fora desde a juventude. Tinha aproximadamente 1,80 metros e usava naquele dia uma camisa bege com uma calça social marrom e sapatos pretos que combinavam com o cinto preto. Tinha tirado a barba, nunca gostara de usar nem barba, nem bigode.

A moça sentou-se no sofá da casa e explicou por meio do intérprete como ficou sabendo onde Marcos morava.

-Quer dizer que ela é da Itália?

-É sim Seo Marcos - respondia o tradutor.

-De que região?

-De Pistóia! - respondeu ela.

-Uai ela fala português?

-Só um pouco! - respondeu João Júnior que já conhecia Seo Marcos.

-Bom, como é seu nome minha filha?

-Martina Francolli Dau’gustino!

-Você é parente do Enrico Francolli?

-Ela é bisneta do Enrico, Seo Marcos! - respondeu o intérprete.

-Não acredito! Eu jantava na casa do Francolli. Ele era soldado da Itália. Era um homem muito bom! - neste momento os olhos de Marcos encheram de lágrimas e por pouco o senhor não chorou.

Martina então enfiou a mão em sua bolsa e tirou de dentro um paninho fino, azul com listras brancas e algo escrito à caneta. Era o lenço de Marcos. Sem dúvida aquele lenço pertencera a ele, que não agüentou, foi forte a emoção e lágrimas caíram pelo seu rosto. Aquele lenço fora dado a ele pela mãe antes dele ir para a guerra e ele andava com o objeto no bolso na Itália. Ele mesmo escrevera no lenço o nome dele: “Marcos Gutiérrez/Dourados/6°RI”, pois, caso perdesse, alguém poderia devolvê-lo. Era uma espécie de talismã.

A repórter sentindo que aquele era o momento para entrevistá-lo tirou uma câmera da bolsa de onde antes tirara o lenço e começou a filmar. Irineu aproximou-se, porém Marcos disse que tudo estava bem.

-Moça se a senhora quer saber como foi na Itália, volte amanhã, pois hoje eu não posso conversar com você. Acho que tenho que me preparar melhor. Estas coisas mexem muito com a gente. A senhora poderia voltar amanhã?

O intérprete traduziu e Martina concordou. Levantou ainda que um pouco decepcionada. Uma nova visita foi agendada para o outro dia pela manhã. Enquanto abria-se a porta da sala por onde a moça saía, Marcos lembrava de tudo que já vivera até ali e dos dias difíceis que passou na Itália. De uma vez na Itália...

*Algum lugar próximo a Pian de Los Rios /Itália  
22h55 – 31 de outubro de 1944*

“ São quase 23h e este relógio que não acelera os ponteiros. Dá até tempo de mascar um chiclete. Chiclete, aliás, que tem o maior gosto de xarope de broto de banana, igual ao que me davam quando eu era criança. Mas é bom eu aproveitar, pois, quando era mais guri, não tinha. Só comíamos caramelo e lembro do trabalho que dava para conseguir. Às vezes meu pai tinha que trabalhar um bocado na nossa chacinha para que quando fôssemos à cidade nos finais de semana ele pudesse comprar mantimentos para os próximos sete dias e pegar alguns doces da cidade.

Os olhos doem e respirar o ar frio dói mais ainda. Falar é quase impossível. Também nem se pode falar muito, se os “tedescos” nos escutam já chamam a artilharia e põem suas “Lurdinhas” (metralhadoras), num galope desenfreado para cima da gente. Estou com três blusas e dois cachecóis que peguei em um depósito lá da intendência. A calça de lã que tenho por baixo às vezes parece nem aquecer direito.

Acho que a parte mais seca e quente do meu corpo são meus pés. Também pudera, estou com o galochão cheio de jornal e um pouco de feno, que modéstia parte é uma invenção nossa, brasileira, para evitar o pé de trincheira.

Guerra. Quem diria que eu viria parar nesta danada desta guerra? Há pouco menos de um ano eu estava em casa, preparando planos para ser doutor, para estudar as letras. Dourados já estava ficando pequena ‘pra’ mim. O colégio me ensinou muita coisa... mas eu quero mais, quero ser conhecido por atos que ajudam meu próximo, que tem como objetivo somente fazer o bem.

Agora estou aqui, literalmente no meio do nada, correndo o risco de levar um tiro de um destes alemães, que ou estão mandando suas bombas de hora em hora ou estão tentando acertar um distraído que nem eu, que ao invés de prestar atenção na frente, fico aqui pensando bobeira e escrevendo em um diário enquanto meu colega, um cara grande feito um armário, de 1,90m, lá das bandas de São Paulo dorme feito criança.

Deve ser o tempo. Este frio deixa qualquer um perdido. Não dá para ver nada com a escuridão. A visibilidade se bobear não passa de 30m em campo aberto e a gente fica aqui pensando no nada e ao mesmo tempo tendo que esquecer de tudo para lembrar que ainda temos um resto de humanidade dentro de nós. Mas acho que daqui a pouco alguém desce ‘pra’ me substituir, senão quem vai dormir sou eu.

Estes dias enquanto estava lavando pratos, dando uma mão para o Antoniel nosso cozinheiro, quase caí no sono, bem na hora que um tal tenente-intendente Knight vistoriava se as painéis não estavam enferrujando. Mas também, que este povo quer exigir de um jovem como eu, que morava em um sítio e ia dormir cedo, (e quando falo cedo estou falando de no máximo 19h), afinal de contas, tinha que levantar 3h da madrugada para ordenhar as vacas e preparar-se para ir à escola.

Mas não é só o sono que me incomoda, antes fosse só isso. Se eu enumerasse aqui, seria tanta coisa que eu ia querer sair desta “trincheira” e ir para os campos dos inimigos e aproveitar o que eles prometem em suas propagandas disparadas pelos Flanks<sup>1</sup>. É até cômico como eles tentam enganar os menos prevenidos.

Eles mandam para cá junto com as bombas, um monte de papel, com umas loiras quase peladas desenhadas e umas palavras em português mal escrito, como: ‘Brazilians amigos, vir para cá e ser feliz’ ou ‘Seus verdadeiros inimigos ser os Tommies<sup>2</sup>’.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Segundo o sargento Erich, não passam de histórias para desanimar o combatente brasileiro e fazê-lo ter piedade dos sacanas na hora do combate. O soldado Nunes do 3º Pelotão do 6º Regimento de Infantaria me mostrou um destes papéis. Era bem produzido e digno de crédito. Mas é somente ladainha, nem valia a pena ler, mas eu li”.

**Marcos ainda escrevia quando um mensageiro do PC, silenciosamente se aproximou do abrigo dos soldados, que estavam separados dos demais postos de observação por 50m.**

*- Ei você é o soldado Marcos?*

*- Sou sim, por quê?*

*-Porque acaba de chegar do PC avançado a notícia que os alemães preparam um contra ataque para esta noite e que por isso todas as substituições estão canceladas até segunda ordem, inclusive a sua e a do soldado... Deixe-me ver...Moura. Ele está aí?*

*-Estou sim, mas “por modo de que” cortaram nossas substituições? Estamos aqui há três dias e eu saí do front ontem, tudo que queria era um banho. – dizia o soldado já com um certo nervosismo na voz.*

*-Ordens são ordens e eu sou somente um mensageiro. Se os camaradas me dão licença estou indo até o próximo “fox hole” avisar os demais. Com licença. – respondeu o mensageiro com ar de indiferença.*

*-Que droga, agora estamos mesmo feitos. Ficar aqui, no meio do nada esperando uns malditos tedescos colocarem o focinho para fora, para podermos fazer algo. Eu acho que vou voltar a dormir. E você Marcos, continua tomando conta do nosso “lar doce lar”. Boa noite! – feito isso, Moura que levantou com o converseiro, virou para o lado, voltando-se para a posição que estava antes da chegada do mensageiro.*

*-O que você disse Moura? Estou aqui há mais de três horas enquanto isso você fica aí dormindo...*

*-Cala esta boca moleque, você é mais novo, tem que me obedecer. Quando eu estava neste mundo de meu Deus trabalhando de sol a sol, você ainda cheirava a leite e andava cagado. Então faz o que eu mando ou vamos ter sérios problemas e você vai ter que conversar aqui com meu amigo fuzil. Afinal de contas, nunca se sabe quando um atirador entra em ação, ainda mais nestas horas da noite. Não é?*

*-Você está me ameaçando? Acho melhor você largar de conversa fiada, se não amanhã cedo eu vou falar com o sargento sobre o seu comportamento.*

*-E você acha que eles vão te ouvir? Um moleque vindo do interior, que nem barba na cara tem e que ainda por cima é negro! – afirmava Moura já com um tom de voz alterado e botando para fora todo seu sentimento de raiva.*

*-Você também é! – retrucou Marcos.*

*-Sim, mas eu me ponho no meu lugar. Luto essa merda de guerra que os brancos fizeram somente para proteger meu pescoço. Porque me mandaram vir e se eu não lutar, vou preso, volto ‘pro’ Brasil e nunca mais saio da cadeia. Você sabe que advogado defenderia um negro no Brasil? Nenhum! – explicava Moura com ironia.*

*-Você andou bebendo de novo Moura? Não está falando coisa com coisa, você está ficando louco!*

Neste instante o experiente soldado se levantou bruscamente e a face irônica de outrora deu espaço a uma respiração intensa, forte como a de um animal ao ver-se acuado.

*-Louco ficaria você seu guri burro, se visse o que eu vi no vale do rio Serchio. Eu perdi dois esquadrões inteiros, treze amigos de uma vez. Você sabe o que é isso? Sabe? Claro que não, neste dia você estava no posto de observação enquanto nós fazíamos o serviço pesado! Eu devia te matar agora mesmo, seu pirralho!*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Os pensamentos de Moura pareciam distantes neste momento, talvez em algum lugar onde pudesse esquecer a ‘viagem’ junto com todo seu pelotão que seguiu para Pian de los Rios, havia dois dias. Eles estavam animados com a possibilidade de conquistar a área, uma vez que já tinham alcançado êxito em outras campanhas, ameaçando inclusive a cidade Bolonha, que estava sobre o poder dos alemães. Mero engano.

Esse dia foi mais do que o pobre pudera suportar. Ele era amigo dos oito mortos na investida. Além das oito vítimas, mais de 30 soldados ficaram feridos. Os alemães receberam os brasileiros com um contra-ataque de suas tropas de reserva, fazendo o Departamento FEB<sup>3</sup> bater em retirada.

Eram tropas descansadas que pegaram os brasileiros de “calças nas mãos” e os forçaram a ceder terreno, fazendo com que deixassem completamente a localidade no dia seguinte. Toda esta ação se deu no dia 28 de outubro de 1944, quando o inimigo se pôs a reconquistar aos poucos as posições perdidas em Garupa, Lama de Sotto, Monte San Quirico e Treppignana, conquistadas à partir de 15 de setembro do mesmo ano. De longe, do posto de observação todos estavam calmos, pois, era quase impossível de se esperar resistência, por isso ninguém se preocupou muito em tomar os cuidados necessários, visto que era grande a empolgação do grupo, acostumado a fazer os tedescos correrem. Mas em menos de dez segundos o mundo se acabou em balas.

O rádio operador pedia desesperadamente reforço aéreo ou bombardeio nos pontos onde estavam os tedescos, porém, o que ouvia era que se abrigassem e esperassem que o reforço estava à caminho. O rádio operador não teve tempo de pedir reforço mais que três vezes e já estava ali, pedindo a mãe e rezando, com uma bala cravada entre o pescoço e o ombro, se esvaindo em uma poça vermelha que agora jorrava também por seu nariz e por sua boca.

Moura a estas horas largou o fuzil e se jogou atrás de uma rocha. Ele e mais quatro saíram ilesos da confusão. Ilesos, mas nem tanto, pois como esquecer a voz de Davi, filho do vizinho do pai de Moura, ali gritando e gemendo por quase três horas, após ser atingido no abdômen e nas pernas. O menino tinha apenas 20 anos e entrara no exército como cozinheiro, passando a fuzileiro dois meses após a incorporação à FEB.

*-Moura! Me ajude eu não quero morrer! Meu estômago! Minha perna!-* gritava Davi que agonizava a menos de 10m de Moura, que se tentasse fazer o que o amigo pedia iria ter o mesmo fim. Os dois choravam. Moura porque se sentia incapaz e Davi porque sabia que seu fim estava próximo. Os gritos do jovem pareciam incomodar os alemães, que depois que viram que o ataque estava aniquilado, começaram a praticar tiro ao alvo nos corpos dos brasileiros ali tombados.

Moura assistiu a tudo isso, sem poder reagir. Depois os feridos foram resgatados, já de madrugada. Davi teve o estômago perfurado por três disparos, passou por várias cirurgias após a guerra, mas morreu em 1950 em um ambulatório no Rio de Janeiro, sob uma maca.

Já Moura foi encaminhado ao hospital de campanha, ainda no front, no dia 30 em estado de choque. Mas para os médicos ele estava bem e no dia seguinte estava de volta, mas não foi junto com os outros para tentar manter as posições que os alemães tinham tomado, tendo ficado de observador, ocasião em que conheceu Marcos.

Agora parecia que tudo isso vinha à tona e de uma hora para outra o calmo Moura estava ali, com o fuzil de baixo do queixo, pronto para apertar o gatilho, não para os alemães, mas para um inimigo interior que ele sabia que só poderia desaparecer caso ele também desaparecesse: a tristeza.

*-Calma, guarda esta arma eu vou buscar alguém para substituir a gente e prometo que não demoro. Calma, você só está nervoso. Você tem razão eu sou mesmo um moleque estou errado. Agora somente te peço calma e paciência. Virão outros dois substituir a gente. Calma Moura, não precisa chorar meu amigo, fique calmo!* – dizia Marcos tremendo e com os olhos quase lacrimejando, com voz calma e suave para tentar tirar a idéia da cabeça do colega.

*-Não. Por quê ter calma? Eu vou me matar com um tiro agora mesmo e você vai poder*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*falar pro seu sargento, 'pra' merda de batalhão e até pros tedescos que fazem parte desta droga de guerra que eu não quis ficar de guarda, porque está frio e porque cansei de receber ordens, de ter que ficar aqui cuidando enquanto os generais dormem em camas confortáveis em baixo de cobertores! Que se danem todos vocês!* – retrucava Moura com o dedo no gatilho, prestes a disparar.

*-Não, Moura. Abaixei esta arma, não faça isso! Mouraaa....* – suplicou mais um instante Marcos.

O tiro de Moura passou quase despercebido pela noite, porém ao longe se ouvia o barulho da artilharia alemã contra atacando os brasileiros e os fazendo recuar. As posições não haviam sido mantidas...

*-Socorro! Socorro, meu companheiro está baleado!* – berrava Marcos na escuridão que não abria brecha para nada.

*-Meu Deus! Alguém tire este menino daí do "foxhole". Cala a boca guri, se não os tedescos te fritam de bala!* – aconselhava um sargento a menos de 25 metros de onde estava Marcos

*-Sim senhor sargento, mas ajudem meu companheiro ele está ferido.* – respondia Marcos em meio a uma poça de sangue que escorria perto de seu coturno.

*-Saia daí soldado!* – sussurrava outro, combatente que observava tudo de longe.

*-Cala a boca soldado!*-dizia o sargento.

*-Pare de choramingar!*- indagava um terceiro.

Com o barulho que Marcos provocara os alemães começaram a bombardear os pontos de observação brasileiros.

Enquanto isso a infantaria alemã expulsava os brasileiros de outras posições. Seria um belo espetáculo, não fosse a carga mortal levada pelas bombas que iluminavam a noite.

#### Notas

<sup>1</sup> Tipo de canhão alemão.

<sup>2</sup> Gíria alemã que servia para identificarem americanos e ingleses.

<sup>3</sup> Como era chamada a FEB antes de ter os três regimentos instalados na Itália, compostos nessa ocasião por grande parte dos homens do 6ºRI de Caçapava.

**Posto Médico**

*Algum lugar recuado, mas ainda próximo a Pian de Los Rios /Itália  
23h55 – 01 de novembro de 1944*

“ Uma hora de bombardeio. Sim senhor, tinha que ser eu! Porque não caí minha boca grande. Bom pelo menos ninguém se machucou! Quer dizer, quase ninguém, porque o Moura resolveu espalhar todos seus miolos no “ foxhole ” e eu estou aqui, passando por exames para ver se não estou com “ trauma de guerra ”. Trauma? E na guerra se tem tempo para se ter trauma? Bom eu penso que cada pessoa encara a vida ou a morte de um jeito diferente. O Moura mesmo decidiu que não queria mais encarar a vida e preferiu morrer. Respeito a posição do falecido. Acho que eu estava precisando mesmo de sair de lá, pelo menos tomei um chá doce e comi chocolate.

Eles acham que eu sou durão, pois, nem chorei ou reagi de forma estranha quando o Moura morreu. Que pensariam eles se soubessem que nunca atirei em ninguém e que o Moura foi a primeira pessoa que vi morrer na minha frente, assim de pertinho?

Também, parece que eu tenho sorte., porque desde o começo que eles não me colocam nas missões. No nosso “ estágio ” com o 442° RI<sup>1</sup> americano eu não podia sair em patrulha com os outros, pois fui treinado para ser tradutor de espanhol, língua que falo desde criança por morar perto da fronteira. Agora eu pergunto: para quê um tradutor de espanhol na Itália, se aqui ninguém fala isso?

Mas eu ralei bastante, pois, nos treinamentos atiravam perto da gente, para, segundo eles, nos acostumarmos com o barulho da guerra. Eram “ lurdinhas ”<sup>2</sup> e 88mm<sup>3</sup> na nossa orelha. Depois, quando partimos para a campanha, meu sargento disse que um “ preto letrado ” que nem eu deveria ser guardado um pouco mais e me colocaram de observador. Assim, fomos destacados para acampar em Ospedaletto, já sob o comando do General Zenóbio da Costa. Ospedaletto é uma lugarzinho calmo, perto 3 km de Pisa (onde tem aquela torre inclinada).

No dia 15 de setembro nos mandaram para as orlas de Vecchiano, onde toda a unidade se reuniu e eu literalmente fiquei vendo nossa infantaria tomar Bozzano, Massarosa, Maggiano, Quiesa, Santa Maria Acolle e Fermentalle.

Depois nos juntamos ao Task Force 45<sup>4</sup> e à 1ª Divisão Americana e fomos subindo para o norte, derrubando Monte Guilardona, a Cota 304 a nordeste de Fibbiala, Piazzano, Cidade Di Cima, Villa Forci e Cidade. Bocella.

Este negócio de cota é estranho eles (do comando) marcam um ponto qualquer no mapa e dizem que ali é a cota tal e lá vamos nós conquistar, matar ou morrer pelas cotas. Às vezes são porções de árvores, um monte de pedras ou um pasto cheio de capim alto, mas são cotas!

Camaiore caiu em 18 de setembro e nós enfrentamos uma chuva de fogo de artilharia e morteiros de todo tipo, mas caiu também. Quando amanheceu já havia soldados nossos na Cota 238 oeste de Montemagno em Meschiano, Migliano, Monsagratti, Garupa (ao norte de Il Coletto) e a estrada norte de Cucca.

Em todas elas fomos recebidos como heróis depois de termos expulsado os alemães. Como tínhamos chocolates sobrando era comum darmos às crianças e às “ senhorias ”, boa quantidade do produto. Foi neste dia que eu conheci o pequeno Joseph, um italianinho franzino, banguela dos dois dentes da frente. Menino de uns 10 anos, que andava descalço com um short verde desbotado, uma camisa xadrez azul e preta e um quepe aliado pelas ruas

Uma vez na Itália  
Helton Costa

de Massarosa. Ele me fez lembrar muito meu primo Augusto, de Pedro Juan Caballero/PY. Joseph chegou perto de mim e disse em um inglês complicado:

*-Food, please!*

Eu nem entendi e respondi no meu italiano para lá de pobre:

*-Io no sono americano, lo brasiliano! Capisce?*

Daí ele saiu me puxando pelo braço e me levou até o lado da rua por onde passávamos e disse a uma senhora bastante idosa:

*-Nona!Nona! Questo bambini sono brasiliano. Dove si trova Brasili?*

A senhora sorriu e disse:

*-De cielo! Tutti brasiliano sono de ciello!*

A senhora me abraçou e me deu um beijo no rosto e eu lhes dei algum chocolate que tinha nos bolsos, ela agradeceu e eu nem tive tempo de retribuir, pois já entrei na formação novamente.

Estávamos felizes, pois, com esta missão tínhamos estabelecido contato com os tedescos que estavam no monte Pranopedome e Valimona. Prendemos no dia 20, quatro representantes da "raça pura", que não lembravam em nada soldados, devido ao estado de suas roupas, que modestamente estavam em frangalhos. Os pobres coitados estavam apavorados, pensaram que éramos americanos do 92°RI<sup>5</sup>. Quando dissemos que éramos brasileiros eles riram e tentaram abraçar o tradutor, mas foram impedidos pelo guarda que os acompanhava.

Recobrados do medo, nos disseram que a moral do pelotão ao qual pertenciam estava meio em baixa, pois já lhes faltava comida e munição. Quando demos a eles um mingau nosso, eles comeram tão rápido que penso eu, não tiveram tempo nem de sentir o gosto da comida direito.

O Gilmar, soldado de engenharia do 9°, acha que eles estão mentindo, pois, a artilharia dos germânicos não nos dá sossego um minuto sequer.

Dia 21 de setembro de 1944, conquistamos Lombrici e Casoli e tentamos avançar sobre Pomezzana Grataculo, Bologna e Metato, mas as granadas não deixavam isso acontecer e perdemos três colegas por culpa de estilhaços. Foi aí que o 2° Tenente Mário Cabral de Vasconcelos saiu em reconhecimento da área de Monte Prano, onde o inimigo estava fortemente baseado e conseguiu abrir uma brecha nas linhas inimigas.

Animados com este fato, reiniciamos a luta por Monte Prano no dia 25 e durante a noite os tedescos com medo de ficarem cercados por nosso pessoal se retiraram para o norte. Nossa bandeira foi hasteada no monte no dia 26 de manhã. Cantamos o Hino Nacional e nos emocionamos pelos colegas que perdemos, depois de seis dias de batalha. Eu também chorava, não sei por que, mas chorava. Nem lutado eu tinha, mas chorava.

Eu nem conhecia os colegas, mas o que mais me doía era pensar que em algum lugar do Brasil, alguém estava esperando o regresso daqueles praças e que esta espera era recheada de saudades, que terminavam ali para os que se foram, mas que prosseguiriam ainda por muitos dias, quem sabe anos, para as famílias dos que ficaram.

Eu pensava na minha mãezinha, pensava que poderia ser eu ali tombado, representado somente por um monte de sangue e carne, sem vida, sem palavras, sem mãe, mas também sem sofrimento.

Bom, vai saber se eu estaria realmente sem sofrimento. Será que morrer dói? Será que a gente sente alguma sensação estranha, ou não sente nada? Para onde vai nosso espírito? Será que Deus existe mesmo? Se ele existe, por que deixa os homens se matarem? Por que Deus não mandou um anjo seu acabar com Hitler, como fez com a mulher de Ló? Será que temos um destino? Será que a morte é este destino?

Depois de refletir estas bobagens, segui junto à tropa para Convalle e Pescaglia.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Mandaram-me de volta para Camaiore, junto com o I Pelotão do 6º RI e já me apelidaram de "Zóio" que mais tarde virou "Zóinho", pois eu só ficava de observador, não importava a companhia ou a ação eu sempre ficava de observador.

Eu ia de uma companhia para a outra, transferido sem saber para onde deveria voltar. Eles assim me colocaram, pois, diziam que era difícil eu errar as coordenadas para a artilharia, se bem que na verdade eu recebia as informações do telefonista da companhia e repassava para os artilheiros, dando alguns "palpites" de vez em quando.

De toda forma o apelido pegou e todos me chamavam de "Zóinho". Assim, depois de ter sido transferido junto com o I Pelotão, conseguimos chegar e conquistar as cercanias das cidades de Borgo a Mozzano Fornoli, a povoação de Pian de la Rocca e Lama di Sotto. E assim terminou setembro.

Em outubro fui junto com a 8ª Companhia para a região do povoado de San Quirico e conquistamos parte da cidade de Fornaci de Barga. Quase não tive trabalho em auxiliar a artilharia, pois o mau tempo impedia isso e além do mais, os alemães em retirada destruíram as estradas e as picadas que abríamos estavam intransponíveis por causa da lama.

Neste dia recebemos a notícia de que o 2º e o 3º escalões da FEB chegaram a Nápoles. Continuamos nossa campanha, chegando à Barga e a Galliciano. A briga foi feia e os alemães engrossaram para cima da gente, com tiros de armas automáticas disparados de Monte Faeto e Cotas 408 e 437 (de novo as malditas cotas), mas independente de tudo isso, conseguimos restabelecer contato com o vale Serchio e o I Pelotão que estava em Camaiore voltou ao Regimento de Infantaria.

Já a 2ª Companhia ocupou Coreglia, uma faixa de 8 km que se não guardada poderia causar rompimento total da linha e infiltração inimiga.

No dia 12, os alemães prenderam alguns homens nossos. O curioso, é que prenderam dois telefonistas, o Guilherme André de Moraes e o João Lopes, que em um golpe rápido enganou os tedescos e voltou rindo por ter dado o nó no tedesco e contou para gente o que tinha se passado. Já o André não teve tanta sorte e continuou cativo.

André esperou uma distração dos tedescos e saiu rolando e rastejando na escuridão enquanto os alemães o procuravam aos berros de um oficial com os sentinelas que haviam deixado o prisioneiro escapar.

No dia 16, depois de várias conquistas, o nosso Ministro de Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, que eu só conhecia de foto, veio almoçar com a gente em Bolognana que fora conquistada nas campanhas de 12 a 15 de outubro. Ele pareceu ser um homem bom. É baixinho e fala com sotaque nordestino. É boa gente, pelo menos foi o que pareceu. Eu sentei três mesas na frente da dele e de vez em quando dava uma espiada no prato cheio, para ver se ele era bom de garfo. O Rui, do I Pelotão estava comigo, notou e cutucou o Jacir que estava ao lado dele e falou:

-O Zóinho não para de olhar as coisas nem na hora que está comendo!

-Deve estar vendo onde o garfo de artilharia do general vai entrar, pois olha o tamanho do prato!- disse o Jacir. Todos estavam felizes.

Há dias não tínhamos um momento de descontração como aquele. Estas coisas fazem falta até mesmo para o mais firme dos soldados. Em 28, tentamos manter Pian de los Rios, na região de San Quirico e não conseguimos. Foi neste dia que Moura viveu seu triste episódio. Eles tentavam avançar sobre Pian de los Rios, para em conjunto com outros batalhões tentarem assegurar de vez a região de San Quirico.

Os outros chegaram, mas o batalhão de Moura não, pois deu de cara com a tropa alemã que se dirigia para dar combate aos brasileiros que tentavam a nova empreitada. Foi por isso que os outros batalhões brasileiros mesmo depois de terem chegado em tempo aos



Uma vez na Itália  
Helton Costa

seus objetivos, tiveram que recuar em 31, pois, estavam cercados pelas mesmas tropas que aniquilaram o regimento de Moura e para completar, ainda estavam sem munição.

Estava encerrado o mês. Moura morrerá no mesmo dia em que as tropas brasileiras foram expulsas de suas posições. E este é o meu histórico de combate. Agora vou dormir que amanhã, ou melhor, logo mais devo voltar para a dureza. Meu Deus, como eu vim parar aqui neste inferno?

Notas

<sup>1</sup> Regimento formado em grande parte por hispânicos residentes nos E.U.A, a maioria do Texas.

<sup>2</sup> MG42

<sup>3</sup> Tipo (calibre) de canhão.

<sup>4</sup> Divisão de tanques muito famosa na II Guerra Mundial.

<sup>5</sup> Divisão norte-americana formada por afro-americanos e comandada por oficiais “brancos”.

No dia 27 de março de 1927 nasceu na Região da Picadinha, distante mais de 60 quilômetros de onde hoje se localiza o município de Dourados, o menino Marcos Oliveira Gutiérrez. O nome fora sugerido pela avó materna Luzia, uma senhora bastante religiosa que ao ler a Bíblia abriu por acaso no livro de São Marcos e sugeriu o nome à filha, como sendo um sinal de Deus.

Veio da mãe também o sobrenome Oliveira, que ela herdou do pai, um ex-escravo mineiro, de nome Marcílio, que veio mandado pelo ex-dono para as terras do Mato Grosso no lugar do filho dele para lutar na Guerra do Paraguai. Marcílio casou-se com a jovem Luzia, descendente de gaúchos fugidos de “Farrapos” e ganhou umas “terrinhas” de dote, mesmo sendo ex-escravo, pois lutara na Guerra. Além disso, conquistou a carta de alforria e conseguiu para si também alguns hectares de terras, grilados ao acaso.

Já o Gutiérrez, veio do pai, paraguaio, filho de pai paraguaio e de mãe argentina.

Para estudar era sempre um sacrifício, pois o jovem Marcos tinha que ir à cavalo e galopar por 10 km até a escola que era mantida de forma muito precária pelo dono da fazenda. Tinha aulas de Português, Literatura aplicada e noções de Matemática, dadas com muito esforço por dona Zuleica Martí, que viera do Paraná para lecionar em troca de uma casa na cidade onde morava com a mãe já idosa. Porém, sem emprego por lá, ela morava agora na fazenda com o marido Ermelindo Feliciano, que era domador de potros.

Foram estas aulas que ajudaram Marcos a decorar os manuais que lhe foram passados na Itália, que iam desde manuais para manutenção de armas, purificação de água e cuidados com queimadura, chegando aos inúteis manuais sobre manutenção de uniforme e higiene pessoal. Coisas de americanos. Os manuais dados aos brasileiros eram poucos comparados aos oferecidos aos soldados “yankes” que recebiam ainda mais “orientações”.

Certo dia, depois de muito tempo nesta rotina: casa, lida no campo e escola, Marcos foi à casa do pai de um amigo dele, Paulo Antunes. O tio de Paulo que era militar começou a contar o que se passava “fora do Brasil”. Ele foi bem seco e falou que tinham afundado alguns navios no litoral e que o presidente do Brasil estava meio nervoso com isso.

*-Seo Getúlio não está nada feliz com o bigodinho do Hitler. – dizia ele.*

Marcos nem sabia quem era o tal Hitler. Estava com 16 anos e gostava mesmo era de ficar treinando laçar bezerras. Na escola ouvia falar que acontecia uma guerra na Europa. Sua professora, Dona Lurdes, dizia que era o “fim dos tempos” e que estes eram os sinais da segunda vinda de “Jesus Cristo Nosso Senhor!”. Ninguém se atrevia a questionar tal afirmação.

Já o Capitão Soares, um gaúcho de Joinville, que lecionava aulas de Educação Cívica, explicava que as coisas eram como uma bola de neve e que mais cedo ou mais tarde todo o mundo estaria envolvido.

*-Você Marcos, vai ser um dos primeiros a ir lutar nesta guerra, do lado dos americanos, pois os alemães não permitem negros em suas fileiras. Digo isso porque eles levam sempre os jovens para a frente de batalha e o 11º Regimento de Cavalaria de Ponta Porã, onde você terá que se alistar, é estratégico para mandar gente para o front. É um dos quartéis mais bem organizados do país. Agora se tivermos mesmo uma guerra, deveríamos era ajudar os alemães, que agora com os EUA envolvidos vão ter que trabalhar um bocado para suportar a pressão e evitar uma nova derrota igual à de 1918 – dizia o militar.*

Parecia adivinhar o que iria acontecer, mas se enganou ao afirmar que o Brasil iria apoiar os alemães.

Em 1943 quando o Ministro Oswaldo Aranha declarou guerra total ao Eixo, Marcos só

Uma vez na Itália  
Helton Costa

ficou sabendo três meses depois, por causa de um colega que trabalhava na prefeitura e que pegou um jornal para ver os dados oficiais do governo.

Neste ano o jovem se alistou no exército no quartel de Ponta Porã, não como voluntário, mas porque se quisesse entrar em uma escola de Cuiabá como era seu grande sonho, teria que ter recomendações de alguém do exército, pois só entrava direto, quem era filho ou apadrinhado por ricos e Marcos era pobre.

Ele era um dos muitos soldados que não tinham razões para estar na guerra. Crescido na fazenda ajudando o pai desde criança a carpir, plantar mandioca, milho, abóbora e ordenhar vacas, o jovem nem sequer tinha carneado um porco, pois o pai não deixava. Antenor Gutiérrez, o pai de Marcos, dizia que essas coisas eram pra gente grande e que não era bom para um menino de 15 ou 16 anos fazer esse tipo de coisas, mesmo sendo tarefas tão comuns para quem mora no campo.

Agora, lá estava Marcos Gutiérrez, tendo que se necessário, matar um ser humano, quando nem sequer um porco podia matar. Pessoas que como ele, tinham alguém esperando em casa. Até aquele momento em que descansava no hospital de campanha, Marcos não matara ninguém e nem pensava em tal tarefa. Ele era do tipo que gostava de resolver tudo na conversa, sem violência.

Nas tardes frias de inverno na Itália, aliás, bem mais frias que no Brasil, (o termômetro lá na cidade de Marcos se mantinha positivo e na Itália, quando ficava abaixo dos  $-10^{\circ}\text{C}$  era motivo de comemoração). O jovem lembrava do cheiro bom que vinha da cozinha da mãe que fazia “bolinhos de chuva” e chipas, que na Itália jamais poderiam ser encontradas.

Marcos saíra de casa em janeiro, após passar o Natal e o Ano Novo com a família. Na última semana de dezembro recebera uma carta do Ministério de Guerra, informando que fora convocado para incorporar o 6º Regimento de Infantaria da Cidade de Caçapava, tendo de se apresentar no dia 10 de janeiro na cidade sede onde o comando indicasse.

A mãe, Dona Eulália chorava sem parar. O pai, Antenor ficou paralisado sem ter o que falar, tentando entender a situação. Talvez a reação mais surpreendente tenha sido a de Raúl, de 15 anos, o irmão caçula de Marcos.

*-Você não vai! É simples! Quem vai te obrigar a sair daqui?! Vou pegar a espingarda do pai e ficar de guarda na porteira, se tentarem entrar eu mando bala! O que vão te mandar fazer lá? Faz somente dois meses que você está no exército! Isso é suicídio!*

Marcos também tentava entender a situação, mas ao contrário dos demais, mostrava-se eufórico. Pois quando pediram voluntários para ir para a Itália ele fora um dos primeiros a levantar a mão, sem saber ao certo o que estava fazendo, pois viu ali a oportunidade de conseguir a recomendação para o curso superior que tanto queria fazer em Cuiabá.

O Sargento de Marcos em Ponta Porã, Julius López, tinha bastante influência no comando militar de toda a região centro-oeste e naquele mesmo momento se assustou com a pré-disposição de Marcos.

*-Você quer mesmo ir rapaz? Lá não vai ser esta moleza que é aqui na baía não!*

*-Eu quero sim senhor!*

O sargento imediatamente escreveu uma carta de recomendação que deveria ser apresentada pelo jovem sempre que a ocasião exigisse. A carta dizia:

*“Á excelentíssima autoridade que estiver lendo esta carta, eu, Sargento Julius López Martins, 1º Sargento do 11º Regimento de Cavalaria, com sede em Ponta Porã-MT, certifico que o soldado Marcos Gutiérrez de Oliveira cumpriu seu estágio nesta instituição militar com esmero e integridade, sendo capaz por seu estudo e por sua inteligência a ser empregado em qualquer plano de atividades, podendo conforme a ocasião, atuar junto à Companhia em tarefas que exijam raciocínio, domínio da língua escrita e falada, bem como conhecimentos de Álgebra e idioma espanhol, apresentando ainda facilidade em aprender outras línguas estrangeiras”.*

Com esta carta Marcos sabia que quando fosse necessário, poderia quem sabe se livrar do

Uma vez na Itália  
Helton Costa

ralo de uma infantaria, por exemplo.

Depois da carta ele pensava muito mais nos países do mundo que teria a oportunidade de conhecer, (países estes que só conhecia nos livros) e que como a maioria dos companheiros de farda jamais sonhara em visitar.

A notícia se espalhou pelos arredores e para o natal foi montada uma grande comemoração com a presença dos cinco irmãos do pai de Marcos e dos três irmãos da mãe do jovem. Os tios paternos, paraguaios, tomavam tereré e comentavam a convocação do sobrinho:

*-Este menino está virando caraí m' barete!* – dizia Astolfo com uma guampa na mão.

*-Mas para onde você vai mesmo?* – perguntava outro com um sorriso desdentado que oscilava entre alegria e dúvida.

Marcos dizia sempre que não sabia, pois, o comando ainda não tinha dito. Da cidade e região foram convocados quase cem soldados, na faixa etária dos 18 aos 25 anos. Marcos era tímido e por isso não tinha namorada. No ano anterior, com 17 anos teve um namorico com a irmã de Leopoldo que era seu colega de escola, a jovem Marília, mas não deu certo, pois, os dois eram muito acanhados e faltou coragem para assumirem de vez o namoro.

Depois ele entrou para o Exército e só ia para casa de vez em quando. No máximo uma vez por mês e como não tinha muito tempo de folga, ficava em casa o dia todo, conversando com o pai e com a mãe sobre assuntos diversos, desde o bezerro que tinha uma pata machucada até o dinheiro para arrumar o chiqueiro dos porcos que precisava urgente de reparos.

E assim Marcos ia levando a vida.

Depois da festa ele foi dormir ainda pensando nos países que iria ver no “Velho Mundo”. Pensava na França em conquistar a Alemanha em passar pela África, a terra de seu avô e nas coisas que ouvia dele quando ele ainda era vivo.

A mãe de Marcos contava que de onde vinham os antepassados do pai dela (África), as pessoas não eram escravas e os jovens para mostrar seu valor tinham que caçar um animal grande que nem onça, para só então poderem ganhar o direito de poder tomar uma mulher por esposa. Mesmo assim, para o jovem era difícil assimilar a idéia de que pela primeira vez na vida teria que deixar sua família e ir se aventurar em algum lugar deste mundão.

Daí chegou o Ano Novo e mais uma despedida foi montada. Desta vez os primos que moravam em Campo Grande também vieram. Contaram para o rapaz que não era só em Dourados e região que estavam acontecendo estas movimentações de tropa, mas que em Campo Grande e Aquidauana também tinha gente indo para a guerra.

*-O primo da minha esposa embarca logo para Caçapava. O sobrenome dele é Andrade. Tem que estar lá dia 10.* – dizia Jonas, filho de Astolfo que morava em Campo Grande havia oito anos e trabalhava em uma empacotadora de farinha.

*- Eu também tenho que estar lá dia 1, primo! Acho que é o mesmo carro, mas eu quero ir, mesmo que o pessoal fale “pra” mim não ir. Acho que compensa sim, afinal de contas é esta viagem que vai garantir meus estudos no futuro* – explicava Marcos.

Os primos pensavam diferente, principalmente Diogo, que durante a Revolução Paulista de 32 estivera como mascate no interior de São Paulo e assistiu a muitas batalhas feias, de brasileiros contra brasileiros.

*-Você pensa que é somente uma viagem? Você não tem idéia do que é um conflito. Guerra não é coisa para menino! É peleja de gente grande e isso é o que você ainda não é. Fica aqui com seu pai, com sua mãe e com seu irmão. É muito triste ver uma mãe enterrando seu filho! Você não tem idéia do que é isso!*

Nessas horas Marcos baixava a cabeça com uma tristeza no olhar, mas sabia que o que estava feito estava feito e que mesmo se quisesse, seria impossível desistir naquela hora. Então para

disfarçar o dilema que vivia, somente sorria e concordava com o primo.

No dia do embarque não houve despedida alguma dos familiares, pois, os jovens foram aquartelados no dia 02 de janeiro e não mais saíram para ver suas cidades natais. Ficaram assim cinco dias, até que as 20h do quinto dia encostou um carro exército que os levou até Maracaju, uma pequena vila a caminho de Campo Grande, onde foram embarcados de trem para Caçapava.

*- Pelotão, direita a volver!-* dizia o sargento encarregado dos jovens da fronteira.

O Hino Nacional foi executado e todos os presentes juntos acompanharam. Não havia um entre os presentes que não estivesse chorando ou com lágrimas nos olhos. Então todos os soldados entraram nos trens.

Dentro do trem o sargento chegou colocando ordem.

*-Muito bem rapazes, de agora em diante esqueçam que vocês têm família esqueçam que vocês um dia conheceram alguém a quem puderam amar. De agora em diante sua mãe é a pátria, seu pai é o dever e seus irmãos são os soldados que estão ao seu lado. Não quero ouvir mais nenhum choro, uma palavra, um comentário. Vocês estão no exército e de agora em diante o único que fala aqui sou eu, vocês falam quando e se eu mandar. Vocês não falam nem com seu colega do lado enquanto eu estiver falando. Agora nós estamos indo para Caçapava e logo chegaremos lá. A seguir nos deslocaremos para um quartel ainda desconhecido, onde seremos instruídos na arte da guerra. Vocês têm permissão para conversar assim que eu sair por aquela porta.-* explicava o sargento Honório, que ninguém jamais tinha visto antes, mas que respeitavam como se fosse o próprio Deus. Honório lutara na revolução de 32 e conhecia bem como lidar com soldados inexperientes.

Assim que Honório se foi, começaram os comentários.

*-Não gostei desse sargento! Quem ele pensa que é para ficar falando assim com a gente?-* dizia um soldado de rosto fino e nariz pontudo, chamado Milton no fundo do vagão.

*-Quem ele é eu não sei, mas sei que se você não calar esta boca vai morrer antes que os inimigos te peguem, aqui mesmo dentro do vagão.* – respondia um cabo de rosto ainda infantil com algumas espinhas na testa. Ele estava na frente de Marcos.

Escureceu e chegou o silêncio.

Marcos não dormiu e volta e meia tinha vontade de chorar, mas segurava para não fazer feio na frente dos demais. Em Campo Grande entraram muitos soldados, perto de 100 ou 150.

Daí os homens seguiram para o quartel em Caçapava, onde encontraram muitos outros soldados, vindos de várias partes do país, a maioria do Estado de São Paulo mesmo. Agora era cada um por si. Marcos ficou em um alojamento com mais de 50 pessoas.

A vida no quartel era bastante monótona. Se restringia a treinamentos táticos, teóricos e bem de vez em quando práticos. Os táticos eram baseados nos novos modelos de guerra norte-americanos, onde infantaria, artilharia e engenharia interagiam na hora do ataque. Já o treinamento teórico era mais sobre as condições da guerra, como sobreviver a um bombardeio e como ser um soldado. Às vezes vinha um instrutor para treiná-los sobre montagem e desmontagem de armas, mas não era a mesma coisa de uma batalha de verdade.

As armas que eles treinavam eram bastante diferentes daquelas que eles teriam contato na Itália, pois, ainda eram uma “mistureira”. As armas que possuíam eram alemãs, vindas para o Brasil desde o início da década de 30. Isso sem contar que a maioria do pessoal convocado não tinha estudo e muito mal escrevia o próprio nome, causando grande dificuldade para os instrutores desenvolverem seus trabalhos.

Os treinos para sincronizar a infantaria, a artilharia e a engenharia eram praticamente impossíveis, porque sempre faltava material bélico, por isso ou ia uma, ou ia outra.

A engenharia treinava desarmamento de minas, com latas vazias de goiabada, de modo que

Uma vez na Itália  
Helton Costa

eles fechavam a lata vazia e amarravam as bordas com um barbante, colocando uma pedra dentro representando o pino a ser tirado. Caso o barbante se arrebentasse durante a tentativa de retirada da pedra, o combatente poderia considerar-se morto, pois, nesta simulação a abertura da lata representava a explosão da mina.

E assim se passaram três meses de aquartelamento. Por todo o Brasil, o governo já vendia bônus de guerra, que eram uma espécie de título de capitalização para financiar a guerra e que poderia ser resgatado mais tarde.

Na noite de 30 de junho, após uma sirene que era o aviso para exercícios noturnos rotineiros, os futuros combatentes foram levados de trem para a área do Cais do Porto do Rio de Janeiro. O próprio Presidente Vargas despedia-se dos expedicionários a bordo do “General Mann” que, na manhã do dia 2 de julho, zarpava com destino a Nápoles na Itália escoltado até Gibraltar por navios de guerra nacionais e norte-americanos.

Um Zepelim também foi usado na operação. Quando o presidente chegou no nível do navio onde estava Marcos, todos pensaram em levantar-se e prestar continência para o presidente, mas o gaúcho Getúlio os impediu.

*-Calma, fiquem a vontade. Só estou passando aqui para dar um “tchau” para os homens que vão defender nossa pátria no além mar! Por favor, queiram voltar ao sono. Adeus bravos expedicionários – e tão rápido quanto entrou, saiu.*

Marcos conhecia aquele rosto. De fato era o mesmo que ele tinha visto tantas vezes na sede da Prefeitura, o do Presidente Vargas. Parecia estranho para ele estar ali na frente de alguém que ele só conhecia de foto. Foi como se o retrato tivesse ganhado vida e tivesse falado com ele.

Durante a viagem de navio foram escoltados por submarinos e cruzadores aliados. Chegaram no dia 16 de julho a Nápoles, depois de 14 dias de viagem, muitas náuseas e vômitos. O porto da cidade estava um pouco danificado pelos alemães que dias antes de deixar a cidade resolveram explodir o porto e ainda mandaram a “Luftwaffen” explodir as principais reservas de abastecimento na tática de guerra chamada “terra destruída”.

Enquanto desciam para as lanchas de transporte de pessoal, os soldados lembravam da rotina no navio que por 14 dias ininterruptos era sempre a mesma dureza. Os homens ficavam a maior parte do tempo deitados em beliches ou jogando cartas. Às vezes no meio da noite, tocava a sirene e todos deveriam correr para fora e se colocar em forma para receber instruções. Isso funcionava como uma forma de mantê-los sempre atentos e alertas para eventuais bombardeios ou ataques de submarinos alemães.

Os ataques eram os maiores medos dos brasileiros, pois, ainda tinham bem vivos na mente o afundamento dos navios mercantes brasileiros por submarinos nazistas em 1942 e 1943. Bombardeios estes que só tomaram conhecimento os brasileiros do interior, dias antes do embarque, pois, os oficiais temiam que os soldados ficassem abalados com a notícia.

Ao chegar em Nápoles, os cinco mil soldados do 1º Escalão de embarque esperavam ser bem recepcionados, mas não foram. Os italianos confundiram o uniforme dos soldados brasileiros com o uniforme dos alemães, pois o verde dos dois era muito semelhante. Jogavam pedras e pedaços de paus nos soldados, xingando-os de todos os palavrões existentes. O mal-entendido só foi desfeito quando o Hino Nacional começou a ser executado e os soldados começaram a cantar juntos. A bandeira do Brasil surgiu à frente e os aplausos daí sim surgiram.

Os soldados não receberam o material necessário para a batalha, a começar pelos uniformes, que eram pouco adequados para o frio da Itália. Em Nápoles a coisa melhorou e os soldados ganharam uniformes americanos, mochilas e mais manuais. Armamento americano também, mas nenhuma arma automática.

Foram realizados treinamentos na região de Vada, até 28 de agosto, tendo ficado todo este

Uma vez na Itália  
Helton Costa

tempo estacionado o 6° na região de Quinta Reale de San Rossore, um antigo campo de caça da família real italiana que era usado pelos reis desde a Idade Média, mas que sem reis estava governado por centenas de pracinhas brasileiros.

No dia 28 foram para o estágio com o 442°. Depois de tantas conquistas e decepções em batalhas lá estava Marcos, atuando de observador como “quebra galho”, pois, por saber ler e escrever era mais útil em “trabalhos menos pesados”. Mas isso poderia estar próximo de um fim.

Posto Médico

*Algum lugar recuado, mas ainda próximo a Pian de Los*

*Rios/Itália*

*23h55 – 01 de novembro de 1944*

O dia está meio embaçado, parece com a cerração que fazia lá em casa na época de frio.

Mas o que me acordou mesmo foi o bendito clarinete de um tal Osvaldo, um magricela de pouco mais de 1,70 metros de altura com um bigodinho estranho que se fosse mais grosso era igual o do Hitler. Até estava sonhando em estar em casa por um momento. Minha mãe não me escreve, nem ninguém me escreve. Eu não entendo isso. Por quê será que a gente que é de Mato Grosso<sup>1</sup> não recebe cartas? Ou será que sou só eu que não recebo? Mas também, para minha mãe escrever deve ser difícil ela nem meu pai sabem ler ou escrever e meu irmão que sabe escrever não deve estar tendo tempo.

Agora vou subir em um jipe e ir para a região do Reno, pelo que parece vamos mudar de campo e vamos do vale do Serchio onde atuamos todo este tempo, para o outro lado. O jipe é um modelo americano e tem uma estrela branca do capô, que me disse o motorista serve para que os nossos aviões não nos bombardeiem e isso não é difícil de acontecer. Outro dia um avião confundiu uma bateria do 92° RI americano com uma bateria alemã e três soldados ficaram hospitalizados por deslocamento de ar da bomba.

Estamos indo eu e mais uns 10 soldados para o front. A maioria havia sido afastada por problemas como pé de trincheira ou tosse aguda, por causa da temperatura que já começa a baixar, anunciando o inverno que chega em menos de um mês, pelo que contaram os partigianni com quem conversei.

*- In la settimana prossima, arrivare el inverno - me disse um deles.*

Eu já estou acostumando com o idioma italiano e volta e meia converso com o pessoal. Quando ele fala rápido demais eu sapeco a expressão mais comum entre os brasileiros:

*- Parla piú lentamente! (fale mais devagar).*

Agora estamos na estrada em um aperto imenso no carro. Não sei se vou voltar para o posto de observação ou vou ser incorporado ao resto da tropa. Eu particularmente prefiro a observação, que é o que tenho feito nesses meses de Itália. Está até difícil escrever neste diário, se não escrever de novo, é porque algo deu errado ou estou sem tempo mesmo. Acredito que dentro de alguns dias entrarei de vez nesta guerra.

*- Você é de onde soldado? - perguntou o motorista à Marcos que escrevia no diário.*

*- De Mato Grosso, região de Picadinha de Dourados. Já ouvi falar?*

*- Não, nunca ouvi. Como você veio parar nesta guerra? Você parece ainda muito novo. Tem o quê, 15 anos?*

*- Não, tenho 18 completos.*

*- Estão mandando mesmo crianças para a guerra e ainda por cima negras - interrompeu um soldado ao lado de Marcos.*

*- Eu me chamo Desidério, sou de Minas Gerais.- Desidério era alto, quase 1,85m, bem acima da média da maioria da tropa, duas entradas davam sinal de uma futura calvície. Olhos escuros como os cabelos. Sua pele branca apresentava ainda alguns arranhões devido a explosão de granada que quase o matou enquanto fazia uma patrulha.*

Ele estava com o grupo dele grupo quando do nada apareceram três soldados alemães que pegos de surpresa lançaram granadas para esconder a fuga. Os companheiros de Desidério sequer



Uma vez na Itália  
Helton Costa

tentaram perseguir os tedescos, visto que com a explosão dos 10 patrulheiros, três estavam feridos gravemente, inclusive Desidério, que agora recuperado voltava ao front.

Os outros dois continuavam internados com vários estilhaços pelo corpo. Desidério ainda estava consciente quando foi levado para o hospital. Um dos estilhaços ficara fincado em seu capacete e se ele estivesse sem a proteção, a coisa poderia ter sido bem diferente e ele não estaria ali conversando com Marcos.

*-E eu sou Marcos, mais conhecido como "Zóinho" pelos soldados.*

*-Então é você o "Zóinho"? Esperava alguém mais velho. Estes oficiais são mesmo corajosos, colocar nossa segurança nas mãos de um menino. – disse Desidério.*

*- Ei espera um pouco, quem vocês estão chamando de menino. Você deve ser mais velho que eu uns dois anos somente – retrucou Marcos.*

*-Daí é que você se engana. Eu tenho 31 anos. Tenho duas filhas e ainda sou viúvo.*

*-Meus pêsames, amigo.*

*- Tudo bem eu já me acostumei com a idéia. E você o que acha da guerra? Termina até o natal?*

*-Não sei não, lá no comando a esperança é esta.*

*-E estes gringos, você gosta deles?*

*-Quem?*

*-Os americanos. Você acha que eles desfazem de nós?*

*-Não sei eu só fico no posto de observação, não convivo muito com eles.*

*- Sorte sua. Sabia que eles não gostam de negros? Para você ter uma idéia eles fizeram um pelotão somente de negros, tudo para que segundo eles não atrapalhem suas operações. Eu acho isso uma bobeira, mas eles pensem o que quiserem. – dizia Desidério com ar de quem sabia muito do assunto e franzindo a testa.*

*-Eu ouvi falar, a 92ª não é? Pois é, mas eles são meio estranhos mesmo. Veja nosso caso, atuamos todos juntos e não dá problema - completou um outro soldado no banco de carona do motorista, até que uma freada interrompeu a conversa.*

*-Bem senhores bem vindos ao setor do Reno, seu lar pelos próximos dias - sorriu o motorista.*

*-Bem Zóinho, nos encontramos de novo por aí. Até mais. Qualquer coisa, sou lá da 2ª do 6º RI, cuida da gente e se cuida menino.*

*-Até mais Desidério. – se despediu com um sorriso contido Marcos.*

As ordens de Marcos eram de se apresentar no PC para receber novas ordens de comando. Por todos os lados barracas se espalhavam, bem como o cheiro de cal e pólvora que também eram fortes. O cal era usado para tirar marcas de sangue e seu cheiro e a pólvora o vento frio se encarregava de trazer das baterias da artilharia.

O PC foi montado em uma casa semi-destruída. As portas foram improvisadas com madeira de péssima qualidade e havia uma espécie de "bunker" para proteger os oficiais de eventuais bombardeios. Do lado de fora alguns guardas faziam a vigia do lugar, onde dentro trabalhavam em meio a um emaranhado de mapas e cartas topográficas três sargentos e dois tenentes.

*-Com licença senhor! Soldado Marcos Gutiérrez se apresentando senhor!*

*-Nossa, fale mais baixo soldado ou os tedescos vão te escutar do outro lado do rio. Ninguém aqui é surdo, não precisa gritar - retrucou o 1º Tenente Silva Paes. Todos que estavam na sala riram, menos Marcos que segurou o riso para não fazer feio frente aos oficiais e aos sargentos.*

*-Bem, o que deseja?-questionou Silva Paes.*

*-Venho do hospital da campanha, aqui esta minha carta de apresentação. Parece-me*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*que estão precisando de um observador e aqui estou eu.*

*-Hora, hora. Parece que você finalmente vai poder ir para o front.*

*-Permissão para falar senhor! – disse Marcos contrariado, mas tentando manter a calma.*

*-Permissão concedida, mas seja breve! – disse o sargento sem dar muita atenção ao soldado enquanto encaixava uma bússola por cima de alguns mapas sobre uma mesa.*

*-Por quê devo ir ao front sendo eu observador, senhor? Deve haver algum engano senhor. Eu sou observador, não sou infante. – disse ele tentando passar a carta de recomendação que ganhara do Sargento Julius, ainda em Ponta Porã.*

*-Não há engano nenhum filho, até precisávamos de um observador, mas isso era há uma hora atrás e outra coisa, neste regimento, soldado é soldado, no posto de observação ficam os cabos, não os soldados entende? Ainda mais quando ele é "queimadinho" como você. Entrará em linha de defesa a partir de agora. Você está no... 2º Pelotão do 6º RI, 2ª Cia. Boa sorte. Confira seus materiais e já sabe, olhos bem abertos. Até mais. Dispensado. – Silva Paes nem se quer abriu a carta, só olhou por cima e devolveu à Marcos.*

*-Sim senhor.*

Na cabeça de Marcos passavam várias idéias. Ele lembrava dos horrores que já tinha acompanhado da lente de seus binóculos e lembrava da morte de Moura, na última noite, que estava tão recente, que às vezes conseguia ouvir o disparo fatal.

Lembrava que nunca passara antes por qualquer experiência de combate e lembrava do destino que tinham os novatos nos pelotões, onde eram sempre os primeiros indicados para missões de risco. Com ele seria diferente, pois, seria observador, não correria estes riscos. Porém, e se desse errado e ele tivesse que pegar em armas? Veio então o medo da morte, que no começo se manifestou com uma vontade grande de chorar.

Ele sabia bem que guerra era isso, vida e morte em um eterno confronto. Ele nem se quer pensava em si, pensava em como a mãe receberia a notícia de que o filho mais velho iria morrer com 18 anos recém completos. E por quê? Porque uns homens mais velhos falaram que ele deveria correr e atirar nos outros homens do outro lado, homens esses, que Marcos sequer conhecera de vista e que só saberia quem eram pela cor do uniforme, que era diferente da cor do dele. Homens que por sua vez faziam o mesmo e que nesta idade em tempos de paz talvez nunca viessem a se conhecer.

Será que algum dos tedescos ouvira falar de Mato Grosso? De Ponta Porã ? De Dourados? Talvez não... E Marcos, sabia onde ficava Frankfurt? Munique?

E assim ele foi caminhando para o depósito da intendência. Não sabia bem porque, pois se ele era observador, para que ir ao depósito de intendência? Chegando lá recebeu uma mochila com um par de fardas, meias secas e enlatados de carne e legumes para dois dias.

A comida para os soldados era distribuída da seguinte maneira: quem estava em posição, recebia um dia de ração K. Com as unidades, ficavam um dia de ração K e um dia de ração C. E com a divisão, dois dias de ração B e três de ração C.

As rações vinham em umas caixas pequenas. Cada uma delas contendo três refeições. Um desjejum, um almoço e um jantar. A ração K era formada por dois biscoitos uma latinha de carne com ovos, um pedaço de doce de fruta duro, cinco gramas de café, açúcar, quatro cigarros e uma caixinha de chicletes (isso servia de alimento pela manhã). No almoço vinham os mesmos biscoitos, açúcar e cigarro (com fósforos), uma latinha de queijo, uma conserva, suco de limão em pó. Já a ração C, que variava bastante, para que só viesse o mesmo cardápio três vezes por mês. Tinha como café da manhã suco de tomate (frequentemente substituído por outro suco de frutas), um mingau, leite, presunto, pão torrado, pastelão doce, manteiga e café.

O almoço era até saboroso: salsichas, purê de batatas, milho, pão e manteiga. À noite um jantar com carne assada e vagens espinafre, queijo, compota de pêra ou pêssegos, biscoitos,

manteiga, suco de frutas e chá.

*-Próximo!* – berrou o encarregado do depósito, um rapaz de bigode e cabelos escorridos, com orelhas grandes.

Marcos apresentou seu cartão de ordenança dado pelo sargento na sala.

*-Então você é mais um dos substitutos da 2ª Cia? Boa sorte rapaz e mantenha-se longe de confusão. Aqui está sua mochila, seu fuzil e suas balas. Se encontrar um alemão pela sua frente, já sabe o que fazer, não é? Não vacile!*

Marcos assinou o papel que o autorizava a portar armas em campanha e saiu meio sem entender o que estava se passando ao seu redor. Ele baixou a cabeça e saiu. Na porta ele foi parado ao esbarrar com um americano.

*-Opa, me desculpe!*

*-Filho da mãe! Não olha por onde anda? Babaca!* - esbravejou em inglês o americano do alto de seus quase dois metros pele branca e cabelos pretos.

*-Desculpe, mas eu não falo inglês!* - respondeu Marcos se esquivando em busca de sair logo daquele local. Sua próxima missão seria achar a nova unidade para qual fora designado. Já era quase hora do almoço e ele queria almoçar com os novos amigos. Não era bem por conta da companhia que ele queria chegar até seu pelotão e sim porque sabia que como novato que era, se chegasse atrasado, os outros lhe deixariam sem comida.

*-Com licença soldado, saberia me informar onde estão acampados os soldados do 6º RI?* perguntou Marcos à um rapaz que estava sentado analisando um manual que explicava como dobrar o material de dentro da mochila. Pelo sotaque do rapaz devia ser carioca.

*-Bom, todos nós somos do 6º. Qual a unidade? Você conhece alguém de lá?*

*-Conheço o Desidério, você já ouviu falar? E a unidade é a 2ª Cia.*

*-Não, mas eu sou da 1ª, então de uma olhada ali, próximo ao pinheiral, quem sabe você os encontre. Acho que vamos sair em breve.*

*-Obrigado.*

Marcos andou pelo menos mais uns 100m até chegar ao pinheiral. Só o que se podia ver era um amontoado de barracas verdes e um monte de homens andando em um grande vai e vem. Alguns já com os pratos nas mãos, outros rindo passando o garfo em suas cumbucas vazias. Uma fila já começava a se formar. Foi então que Marcos avistou já no rancho o soldado Antoniel, com bochechas rechonchudas e barba por fazer. Era ele a quem Marcos ajudara há alguns dias a lavar pratos no episódio da inspeção americana.

*-Ei você! Ei Antoniel!*

O soldado virou-se rapidamente e reconheceu de imediato o colega.

*-Ora, ora se não é Marcos, o observador preferido dos oficiais...* - completou Antoniel em tom de ironia, analisando de trás do balcão o colega de outrora.

*-Diga Marcos, que bons ventos o trazem de volta à "boa" vida de soldado simples que você nunca teve? Cansou de comer com os oficiais? Ou resolveu ser um soldado de verdade?* – perguntou em tom provocativo Antoniel.

*-Ei Antoniel estás louco? Vendo você falar assim, até parece que ser observador não representa risco algum e que eu vim aqui somente para passear.* – disse Marcos já perdendo a paciência.

*-O que me admira é o exército colocar a segurança de um pelotão inteiro nas mãos de um moleque como você! Afinal de contas, dependem de você as coordenadas onde as bombas caem ou deixam de cair, não é verdade? Deviam internar os malditos oficiais que colocaram você aqui.* – desabafou Antoniel chegando mais próximo do balcão e de Marcos.

*-Não é verdade! Idiota! E não é minha idade que define minha eficiência! Aliás não sei nem porque estou dando atenção a um paspalho como você. Diga soldado, onde posso encontrar*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*o sargento Neumar Carvalho? Tenho que me apresentar ao grupo dele – perguntou Marcos em tom de ironia como se tentasse disfarçar o ódio que estava sentindo..*

*- Olha “ negrinho ” , não sei e mesmo que soubesse não te falaria, seu puxa saco! – virou as costas Antoniel.*

A discussão foi interrompida com a intervenção do Cabo Alfarres, homem de meia idade, pouco mais de 1,60 de altura, cabelos castanhos e olhos de uma tonalidade cinzenta, com uma costeleta que quase se encontrava com o cavanhaque que usava. Ele era o encarregado do rancho.

*-Algun problema senhores?*

*-Não senhor! - respondeu Marcos prestando continência. Enquanto isso Antoniel tratou de sumir ali de perto.*

*-A propósito rapaz, quem é você? Nunca te vi por aqui... Gutiérrez! Este é o seu nome não é? - questionou o cabo examinando a placa de identificação no peito de Marcos.*

*-Sim senhor, meu nome é Marcos Gutiérrez, 1G 00140186 e estou atrás do Sargento Neumar Carvalho, tenho ordens expressas de me apresentar ao grupo dele. Sabe onde posso encontrá-lo senhor?*

*-Sim está vendo aquela barraca escrito na placa Posto de Comando? Então, fica ali. Tu não tinhas visto antes? Tens problema de vista vivente ou é um daqueles burros do interior que não sabe ler?*

Marcos nesta hora apertou o mais forte que podia seus dedos e se segurou para não pular no pescoço do Cabo, aparentemente um gaúcho, o que era notório pelo sotaque e que tentava nitidamente humilhar o soldado em frente outros praças que estavam ali por perto, observando a conversa.

*-Não senhor eu sei ler, foi falta de atenção mesmo! Obrigado senhor! Permissão para se retirar!?*

*-Permissão concedida. E da próxima vez, mais atenção!*

*-Sim senhor!*

Marcos então se retirou do local indo até o PC escrito com carvão na porta da barraca verde oliva que oferecia certo conforto para até cinco pessoas ocuparem. Seu estômago roncava a estas horas, pois quando ele virou as costas para o Cabo, o almoço começou a ser servido e ele só não entrou na fila, porque a ordem era se apresentar ao Sargento e ele sabia pela recepção nada calorosa, que se desse uma oportunidade os demais o derrubariam.

Dentro da barraca três homens conversavam debruçados em um emaranhado de mapas sob uma mesa improvisada. Um era um senhor de meia idade, um pouco gordo e bonachão. O outro era magro, com um bigode estilo francês e o terceiro com um capuz americano verde, parecido com um sobretudo de lã, calvo e magro.

*-Soldado 00140186, Marcos Gutiérrez se apresentando, pronto para ordem.*

*-Ei rapaz, já pensou em bater antes de entrar. - disse o bonachão do trio, que na verdade se chamava Amaral, que e era 1ºTenente de Engenharia.*

*-Desculpe senhor! Estou a procura do Sargento Neumar Carvalho. Onde posso encontrá-lo?*

*-Eu sou o Neumar! - disse o homem alto com bigode estilo francês. - O que você deseja filho?*

*-Tenho ordens do PC para me apresentar na a 2ª Cia.*

*-Ok, se arrume em uma barraca qualquer, pois devemos partir em breve. Até mais-*

Respondeu Carvalho com um sorriso.

*-Onde fica o posto de observação senhor?- perguntou Marcos.*

*-E para que você deseja saber?- questionou Neumar.*

*-Pois eu sou o observador que foi transferido para cá.*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Acho que não, já temos observadores. Você vai para a infantaria. Mais alguma coisa?*

*-Não, senhor!*

*-Então está esperando o quê? Caminhando amigo!*

*-Sim, senhor.*

Marcos olhou para a fila no rancho, olhou para sua mochila com ração K e não pensou duas vezes, foi logo abrindo a caixa, ali mesmo perto do PC.

*-Ei! O que está fazendo aqui Marcos?*

O soldado olhou para trás reconhecendo a voz era Desidério.

*-Ei rapaz, parece que você está com fome. Abrindo a ração K!- disse Desidério.*

*-Também olha o tamanho da fila!- disse Marcos desanimado em ter de entrar em uma fila de quase 400 pessoas.*

*-Vai por mim rapaz, não vai faltar comida entra na fila e guarda isso aí para outro momento de emergência. Nunca se sabe quantos dias você pode ficar longe do PC...*

*-É, até pode ser, mas acho que não compensa.*

*-Claro que compensa. Eu te "pago" o almoço!- brincou Desidério.*

Quase 10 minutos depois chegou a vez dos dois serem servidos e mais uma vez lá estavam os arrogantes cozinheiros: Cabo Alfarres e Antoniel.

*-Ora, ora se não é o Zóinho... Nós não servimos puxa sacos por aqui! - insultou Antoniel.*

Neste momento Desidério interveio.

*-Cala a boca e sirva logo, ou quer que eu conte para seus colegas o caso em Vada, quando você abraçou um "signorio" pensando que era "signoria" ?*

*-Que história é esta Desidério? – perguntou Marcos já em tom de riso.*

*-É Marcos este idiota bebeu demais e ia beijando na nuca de um Partigiane com o cabelo um pouco mais comprido! Eu estava no buteco e depois para evitar que ele levasse uma surra tive que levá-lo para a barraca dele.*

*-Cale a boca Desidério e me dê seu prato aqui...Os dois pratos! - ordenou Antoniel, já vermelho de raiva.*

Após o almoço, o PC mandou ordem única e direta para os soldados através de um telegrama entregue aos sargentos dos grupos:

*"Dentro de 1 hora todos deveriam estar com material pronto para as transferências".*

O 1º Pelotão do 6º RI iria para Lissano, com o objetivo de tomar a rota 64 que dá acesso a Bolonha. O 2º, ao qual pertenciam Marcos e Desidério, iria para a Torre di Nerone entre Soprassasso e o Rio Marano, sendo Marano uma localidade do Rio Reno, próximo do Regimento Sampaio, no setor Marano-Riola.

Torre Di Nerone era um local histórico, onde na antiguidade os romanos construíram a torre que deu nome à localidade, para observar aqueles que eles chamavam de bárbaros. Era uma torre grande, com mais de 50 metros e com uma base de 10,5m x 9,5m. Mas ao contrário dos romanos os soldados brasileiros não podiam nem pensar em subir até a torre, pois seriam varridos pela artilharia alemã.

Para o 3º Pelotão ficou a tarefa de avançar sobre Monte Cavalloro, reduto nazista que oferecia forte resistência aos brasileiros e americanos.

Marcos estava entusiasmado, agora não seria mais um estranho no ninho, seu amigo recém conquistado lhe ensinaria as "manhas" da guerra. Os dois conversavam próximos a uma videira que se erguia sobre dois arcos transversais.

*-Você já foi pra frente de batalha da infantaria alguma vez Marcos?*

*-Não Desidério, ontem foi meu primeiro serviço de front, mas assim mesmo era como observador, não tinha por missão avançar.*

*-Então vou te falar uma coisa, guarde bem isso na memória: nunca espere que alguém*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*aqui vá tirar você de uma enrascada. Aqui ninguém cuida do outro, é cada um por si. Ou seja, aprenda a entender o outro ao seu redor como um diferente. Eu não sou seu irmão nem seu pai, nem qualquer um aqui fará este papel. Quando vier o inimigo, lembre que ele não vai pensar duas vezes antes de atirar em você então aprenda a pensar rápido. E agora pare de me olhar com esta cara de espanto e trate de arrumar suas coisas que vamos sair em breve.*

Marcos estava com os olhos arregalados e viu cair por terra suas esperanças de um amigo. Teria de se virar sozinho.

Exatamente às 13h30 saíam em marcha cada pelotão para um lado diferente, inclusive o 2º de Marcos, que marchava ao lado de Desidério, mas como não podiam conversar, pareciam dois estranhos que nunca se viram antes.

Eles caminharam pouco mais de três horas antes do anoitecer, que na Itália devido à proximidade do inverno, começava às 16h. Um acampamento foi montado, sem fogo, pois isso poderia atrair a artilharia.

O tempo começou a fechar. Começaram as primeiras trovoadas e de um minuto para outro, todos estavam de baixo de uma chuva fina, mas bastante fria, que durou uns 10 minutos. Mesmo nestas condições Marcos e boa parte do pelotão, que já tinha mais de 500 homens, conseguiram dormir. Alguns soldados ficaram à espreita, cuidando se algum “tedesco” não iria dar as caras por ali.

No outro dia, a marcha foi retomada ainda de madrugada. O relógio fosforescente do Sargento Neumar marcava 4h30 e lá se foram eles rumo a Nerone. Chegaram ao anoitecer do dia 2 de novembro.

Aos soldados foi dado o direito de descansar algumas horas antes de entrar em linha. Segundo as orientações do comando eles seriam divididos em unidades espalhadas pela linha defensiva de Nerone. Cada grupo receberia alimentação enlatada para até uma semana. Também houve um recompletamento com o pessoal que estava no depósito, para onde iam todos os soldados recuperados do hospital ou afastados por alguma razão de seus pelotões de origem. Assim ao amanhecer de 3 de outubro estava o 2º Pelotão com mais de 800 homens.

Na unidade de Marcos ficaram quase 50 soldados, liderados por um sargento e dois cabos. A missão seria difícil, pois a mesma posição já havia sido tomada anteriormente e reconquistada pelos alemães que avançavam cada vez mais em direção a Nerone. Os americanos que guarneciam o local tinham tido problemas em manter a posição e para completar tinham deixado pouco material para os brasileiros, que estavam sem munição, morteiros, metralhadoras equipamentos de transmissão, rádios e telefones.

Foi nesta ocasião que Marcos conheceu o Capitão Ernani Ayrosa, homem íntegro e sempre preocupado com os companheiros, principalmente os mais jovens. Foi Ayrosa quem relatou os fatos aos soldados.

*-Estamos desta maneira que eu estou falando para vocês senhores. Mas ainda não estamos em um mato sem cachorro, pois ainda temos nossa coragem e isso nos manterá vivos até o final desta campanha. O Reich de mil anos vai cair e nós, o povo brasileiro lá estaremos para devolver o ultraje que fizeram contra nossa pátria – disse ele com feição bravia de quem quer se vingar.*

Com estas palavras os soldados tiveram dois tipos de reação, alguns se sentiram empolgados com a idéia e queriam sair dali direto para achar os alemães, principalmente os reforços recém chegados que tinham sido afastados por algum problema de saúde ou por ordens do PC. Estes tinham desejo de atirar no primeiro tedesco que vissem pela frente.

O outro grupo, mais sensato, do qual faziam parte Marcos e Desidério, sabia que com pouca munição e armamento também insuficiente era reazar para que os alemães não tentassem um contra-ataque, pois, caso contrário, o episódio de Pian de Los Rios onde o grupo do falecido Moura foi emboscado e quase desapareceu por completo poderia voltar a se repetir.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Antes de chegar à Torre, que era um dos objetivos da operação, eles teriam que passar por Porreta Terme, uma localidade onde o comando tinha intenção de instalar seu Quartel General.

E lá se foram eles em meio à escuridão do dia 02 e pela madrugada do dia 03 rumo a Porreta Terme. Primeiro iam grupos pequenos que tinham como missão escavar a base da torre para poder ter ali um abrigo seguro contra os bombardeios alemães que começavam exatamente às 22h e iam até às 24h.

Nos dias 3 e 4 este foi o trabalho das equipes de reconhecimento. O restante da tropa foi colocado em linha para ocupar Porreta Terme e por conseguinte a torre de Nerone. Marcos estava com o coração acelerado, pois era seu primeiro dia de ação.

Logo o pelotão foi dividido em duas partes. Uma foi para a frente de batalha e a outra permaneceu recuada. Marcos era um dos que avançaram.

*-Escutem, nós vamos atacar pela direita com nossa unidade enquanto a unidade 1 vai entrar pelo norte, a 2 vai pelo leste. Antes de nós chegarmos, não se assustem com o fogo de artilharia, pois, ele estará do nosso lado. Os alemães devem responder, mas nada de pânico. Lembrem-se do que aprenderam: Avançar, se proteger e atirar. Cuidem de seus companheiros. O sinal para identificar quem é amigo ou não é falar a senha, que hoje é "raio", sendo que o outro deverá te responder trovão. Entenderam? A partir de agora, nem mais um pio, vamos para o nosso setor e aguardar o sinal da artilharia. – dizia um sargento chamado Arnello, descendente de italianos, pele morena e cabelo cortado raspado. Ele tinha uma cicatriz próximo ao queixo e no pescoço um arranhão provocado por tiro que começava a cicatrizar.*

Todos os homens iam em silêncio, corriam um pouco e se agachavam buscando proteção, até que chegaram a 3 km de Porreta. Então Arnello, levantou o braço dando ordem para o fim do avanço. Dois minutos se passaram no mais absoluto breu da escuridão. De repente do nada o céu começou a ficar iluminado e a artilharia da FEB entrou em ação. Foram 30 minutos de bombardeio, quando veio a ordem pelo rádio amador: Avançar!

Notas

<sup>1</sup> Antes de 1977, MS e MT eram um Estado só.

Ao mesmo tempo todos começaram a correr em direção ao vilarejo e o que se viu daí em diante foi uma verdadeira loucura. Os poucos alemães que ficaram no local, tentavam se defender e ao mesmo tempo tinham que se preocupar com o fogo da artilharia que ainda caía impedindo o recuo total deles. Havia poucos soldados na cidade, talvez uma unidade de 50. O azar de Marcos, é que pelo menos a metade deles estava justamente no setor em que ele deveria tomar.

Marcos ficou parado, petrificado atrás de um resto de muro enquanto todos avançam. Volta e meia dava uma olhadela por sobre sua pequena fortaleza de pouco mais de um metro.

*-Levanta soldado, aqui não é barraca de descanso!*- gritou um cabo que até sem o capacete estava. Devia ter derrubado durante a corrida. Ele estava ofegante e puxou Marcos pelo colarinho.

O menino pareceu sair de seu “transe subliminar” e disparou em uma correria ininterrupta rumo a um monte de pedras que estava 50m à frente.

*-Ei, aquele quem é aquele cara?-* se perguntaram alguns soldados que viram o rapaz correndo

*-Sei lá! Vamos segui-lo!*- Três praças que estavam abaixados atirando a esmo saíram em disparada atrás de Marcos também se jogam atrás das pedras.

Marcos olhou assustado para os três companheiros enquanto as metralhadoras alemãs, ou “Lurdinhas” iam se acabando contra as posições brasileiras. Já podiam ser vistos padioleiros correndo de um lado para o outro socorrendo os feridos.

Gritos de socorro ecoavam entre bombas e rajadas de metralhadora e o cheiro de morte ficava por conta do sangue fresco no chão.

Os quatro se entre olharam, balançam a cabeça e em um lance rápido suas granadas de mão voaram em direção a um amontoado de terra de onde pareciam vir os tiros.

A metralhadora se calou e os quatro saíram gritando de trás das pedras em direção ao estouro de suas granadas. Quando chegaram próximo ao buraco a cena era chocante.

Pela quantidade de sangue e pelos restos cadavéricos dentro da poça vermelha que já fora um ser humano era possível distinguir duas pessoas. Eram jovens, talvez da idade de Marcos. Os cabelos pareciam ser pretos, mas não dava para ver muito bem, porque, estava à noite e os restos dos uniformes embarrados.

Marcos sentou-se próximo ao buraco e tentou entender o que acabara de fazer. Como ele tivera coragem de atirar uma granada ali dentro? Perguntava-se. Não conseguia entender e antes mesmo que pudesse encontrar a resposta viu um dos três rapazes cair ao seu lado com um tiro na cabeça indo parar também dentro do buraco com os outros cadáveres.

Isso pareceu acordá-lo e Marcos começou a gritar por socorro ao ver o desconhecido que a menos de cinco segundos o ajudara a acabar com outros dois rapazes caído na poça. Enquanto ele gritava, mais um soldado que o acompanhava caiu com um tiro no pescoço.

Alguém gritou que os tiros estavam vindo de uma cerca viva a mais de 200m de onde os rapazes foram atingidos.

Snaipers! O grande ódio de qualquer soldado. Os atiradores que usavam fuzis automáticos equipados com lunetas para derrubar qualquer inimigo de uma distância de até 1 km.

Os dois sobreviventes do atirador se jogaram para dentro dos buracos para se proteger. E ficaram ali dentro até o tiroteio diminuir.

Quase meia hora depois começam os gritos de raio e trovão.

Aos poucos os soldados foram saindo de seus esconderijos. Porreta Terme caíra ao custo de muitos feridos e algumas baixas fatais.

Ao longe escutou-se o brado de “Brasil!”. Um grupo de sete pracinhas vinha trazendo



Uma vez na Itália  
Helton Costa

cinco soldados alemães prisioneiros. Todos em fila e com as mãos para cima. O terceiro da fila estava chorando. Talvez porque estava com medo, talvez porque perdeu um amigo ou um parente.

O soldado Marcos estava observando a cena de dentro do buraco, ainda atordoado pela quantidade de sangue que havia em sua roupa.

Ele olhou para o outro rapaz que estava dentro do buraco, um moreno baixo de pouco mais de 1,60m que limpava os óculos em meio a uma enorme tremedeira nas mãos.

*-Como é seu nome?- perguntou Marcos*

*-Irineu Abreu e você?*

*-Eu sou Marcos. Vamos sair daqui estamos muito ensanguentados. Você conhecia os mortos?*

*-Não, vim com eles do depósito de pessoal.*

Os dois saíram do buraco ainda receosos, com medo de que algum disparo os pudesse derrubar.

De repente passou correndo por eles um grupo de pelo menos dez soldados rindo e gritando. Marcos parou um deles.

*-Ei camarada, o que foi? Qual o motivo da correria?*

*-É que pegaram o снайпер vivo e nós vamos lá acabar com o indivíduo ele derrubou dois da nossa Cia.- respondeu um afoito soldado com um sorriso diabólico no olhar.*

Marcos não pensou duas vezes e também saiu disparado atrás do bando. Quando chegou ao local encontrou um franzino alemão bastante machucado pelos seus algozes. Parecia ter no máximo vinte e poucos anos. Ele chorava bastante ao que os pracinhas lhe cuspiam e davam ponta pés. Marcos se juntou à massa e deu uma coronhada nas costas do снайпер.

O alemão olhou pedindo piedade para Marcos, que igual aos demais parecia se divertir com a cena. Quem via de longe conseguia observar somente um aglomerado de homens, talvez 15 ou mais rindo.

O sargento Neumar aproximou-se e foi afastando os homens, que ao ver o sargento iam tomando outros rumos.

*-O que está acontecendo aqui? Por quê este homem está no chão? Por quê ninguém o prendeu?- perguntou o sargento com uma Colt 45<sup>1</sup> nas mãos.*

Todos ficaram em silêncio. O prisioneiro já bastante ferido agarrou-se às pernas de Neumar e chorava sem parar, falando palavras em alemão sussurradas em meio a soluços.

Porreta fora tomada. Nerone que estava pouco guarnecida não foi tão difícil, pois as tropas tinham recuado e os brasileiros só tiveram o trabalho de ocupar as posições deixadas pelo inimigo. Mesmo assim eram constantes os choques entre patrulhas alemãs e brasileiras.

Notas

<sup>1</sup> Calibre e tipo de pistola.

## Infantes da Comunicação

Imediatamente após a queda da cidade de Porreta ela foi transformada em Quartel General (QG) e o Posto de Observação Avançada (POA) foi transferido para um prédio da cidade. Porreta fica a 60 km de Bolonha, 70 km de Firenze e 30 km de Pistóia.

As novas ordens do comando, tendo em vista os bons resultados alcançados, foi perseguir os alemães e tomar a Torre di Nerone, já sob as ordens do General João Batista Mascarenhas de Moraes. E assim foi feito. O batismo de fogo de Marcos tinha sido realizado sob fogo de snipers.

Enquanto isso o 3º Pelotão do 6º RI estava entrando em linha nos dias 5 e 6 do mesmo mês de novembro em Áfrico Vólpora. O comandante João Segadas assumiu no dia 7 o comando de todo o setor do Reno.

Marcos nestes dias continuou no serviço normal de infantaria tirando guarda quando necessário e descansando quando possível encostado em sua mochila. Mas como não houve nenhuma movimentação suspeita nem tentativa de golpe alemão ele ficou em Nerone encarregado de puxar hora na guarita do POA. Ali ele ficou do dia 05 até o dia 07 de novembro encarregado de cuidar com a ajuda de um binóculo se havia algum movimento nas linhas da cidade. Mas nada foi constatado. A única coisa que o atormentava era a imagem dos corpos ensangüentados e a consciência que volta e meia trazia a imagem do prisioneiro alemão que ele tinha ajudado a agredir.

Foi então que chegou uma ordem do PC: oito soldados deveriam ser mandados para Porreta e seguir para Pistóia para receber treinamento, pois, servirem como auxiliares de comunicação. O treinamento serviria para substituir os oficiais de comunicação feridos enquanto desempenhavam sua função e teriam início no dia 09. Por isso os escolhidos teriam que sair no dia 8, uma quarta-feira à tarde. A ordem dizia também que deveriam ser mandados soldados com boa leitura e que soubessem realizar cálculos, podendo ser voluntários ou não, devendo o comando escolher entre os seus, aqueles que já tivessem trabalhado junto ao comando.

Foram escolhidos Marcos, Desidério, Irineu, Paulino Maciel, Luís Capella, Fontes Quaresma, Alair Galdês e Fleuder Hüliam, bisneto de alemães, sendo Marcos o único negro do grupo, que só foi escolhido por sua carta de recomendação dada pelo Sargento Julius López, que ele fez chegar às mãos de Neumar por meio de um outro recruta, chamado Odílio, ordenança do PC, negro musculoso que as roupas pareciam apertadas visto o corporal que ele representava.

Todos os escolhidos estavam guarnecendo Nerone, que ficava à uma hora de caminhada de Porreta Terme e que tinha aproximadamente 400m de declive no terreno, só podendo ser feito este caminho após as 21h, no completo breu, caso contrário a artilharia alemã bombardeava tudo. Eles estavam sendo bombardeados de todos os lados, de Belvedere, Della Torraca, Castel Nuovo, Grafagnana e Soprasasso, montes que cercavam a cidade.

Quem estava em Nerone vivia em constante contato com o PC de Porreta, chegando a pedir que “pelo amor de Deus” alguém desse fim nas baterias alemãs, pois não se conseguiam ter sossego, principalmente à noite. Os rapazes saíram no dia 07 às 22h, pois deveriam se apresentar juntamente com parte do 2º Pelotão para a visita do Marechal Sir Harold R. Alexander, comandante do XV Grupo de Exércitos, do qual o Brasil fazia parte.

A marcha dos oito homens pela escuridão foi marcada pelo silêncio. Ninguém se atreveu a abrir a boca nem sequer por um momento. E assim calados, depois de 55 minutos chegaram cansados ao posto de identificação de Porreta. Eles foram levados após a chegada, para um prédio abandonado que funcionava também como intendência e depósito bélico para ali passarem a noite.

Quando amanheceu havia muita fumaça por toda a parte, produzida pelos geradores a diesel, com o objetivo de fazer parecer um nevoeiro e enganar o inimigo. Assim o PC ficava

Uma vez na Itália  
Helton Costa

dentro de um “buraco” camuflado de fumaça. O barro ainda era forte e às vezes até carros ficavam atolados. Com a proximidade do inverno, todos os dias garoava pelo menos 20 minutos. Uma garoa fina e fria, que fazia o pracinha ter saudades de casa, misturando suas lágrimas às gotas de chuva.

Os soldados foram colocados em fileiras, sempre tendo na frente os soldados brancos, uma vez que os soldados negros foram colocados nos miolos das colunas. Tudo para parecer que o exército brasileiro era composto por indivíduos brancos, como a maioria dos exércitos beligerantes.

O Marechal inglês passou rapidamente em revista e foi até o QG improvisado de Mascarenhas de Moraes e ficaram conversando lá por um bom tempo.

Após a “inspeção”, os soldados foram para Pistóia no mesmo jipe que trouxera Marcos e Desidério para o setor do Reno.

*-Ei rapazes, que bom ver que vocês ainda estão vivos - disse o motorista Juca Flores, que trazia além do uniforme da FEB, um óculos alemão por sobre o bibico. Ele cumprimentou todos individualmente - Ouvi dizer que a coisa foi feia por aqui. Teve até sniper!*

*-Como você ficou sabendo desta história de sniper?- perguntou Irineu.*

*-Isso é o que se fala aqui em Porreta, disseram inclusive que ele só não foi linchado pelos soldados, pois o Sargento Neumar não deixou. Eu acho que tinha era que acabar com o traste!*

Marcos e Irineu se entreolharam e baixaram a cabeça, pois estavam entre os agressores do atirador.

*-Pois eu acho certo. Penso que é covardia atirar em alguém que não está te vendo, ainda mais pelas costas - completou Alair Requião, um paraibano de testa larga e um bigode fino.*

*- E você lá viu guerra ter regras? Se quer regras, jogue futebol!- disse Fleuder Hüliam, o “alemão” do grupo.*

E se foram eles pela estrada até Pistóia, 30 km dali. Chegaram a Pistóia já à noite e foram direto para uma casa abandonada que servia de alojamento, ali mesmo dormiram. O curso do qual participariam não era difícil, consistia em aprender a ligar fios telefônicos, disjuntores e colocar postes. O curso era fácil, mas a missão, no entanto não seria nada fácil. Eles seriam divididos em dois grupos de quatro pessoas. Todos sairiam do curso como especialista em manutenção. Na hora de arrumar as linhas derrubadas pelo inimigo, duas pessoas arrumariam as linhas e outras duas ficariam encarregadas de fazer a segurança no local e o pior de tudo, no mais absoluto breu, sem reforço, apenas os quatro.

O curso começaria na manhã do dia 09 e iria até 13 de novembro. Quem ministraria seria o velho capitão Nogueira, que estava no Exército desde a Revolução Paulista de 1932 e que tinha perto de 50 anos, um oficial da reserva, assim como boa parte dos demais oficiais. Ele já chegou sério e todos se levantaram quando ele entrou.

*-À vontade soldados!- disse ele aos soldados. - Hoje vocês que estão aqui, fazem parte do grupo escolhido para receberem treinamento de tática de manutenção de material de comunicação. Temos aqui oito soldados da 2ª, oito da 1ª e oito da 3ª. A obrigação de vocês será ajudar não somente suas respectivas companhias, mas todos os lugares onde for requerido o serviço de vocês. Serão seis grupos de quatro pessoas, distribuídos em todo o exército brasileiro, afinal de contas vocês serão soldados da comunicação. Vocês estão vendo também que há seis cabos aqui, cada um deles vai comandar um grupo e se necessário, vocês serão encaixados à grupos de combate, subordinados a um sargento e imediatamente aos seus respectivos cabos.*

Após o discurso, teve início o curso. Marcos ficou no grupo de Irineu, Desidério e Hüliam, todos subordinados ao cabo Alceu, um paulista de Mogi Mirim, que fora promovido à cabo, há menos de um mês depois de percorrer 5 km com um soldado de seu regimento ferido, após uma patrulha mal sucedida. Tinha pouco mais de 25 anos, estatura entre 1,70 e 1,75, cabelos curtos,

Uma vez na Itália  
Helton Costa

pretos e pele morena clara, quase branca, ou talvez fosse a palidez natural do cabo.

O capitão Nogueira ainda lecionava aulas de manutenção, quando entrou, um ordenança do PC, que falou com os capitão em voz baixa.

*-Boas notícias rapazes. Pistóia de agora em diante é o quartel general recuado da FEB e nosso amado Mascarenhas de Moraes acaba de assumir todo o setor dominado pelo 6ºRI e pela Força Gardner americana.-* todos aplaudiram de pé as palavras do capitão e a aula teve prosseguimento.

No dia 10 a chuva forçou as aulas a terminarem mais cedo, assim como no dia seguinte, quando os soldados ficaram sabendo que a FEB teria sob sua responsabilidade Bombiana, Sella e Porreta Terme, devendo guardar com a própria vida estes setores.

Na manhã do dia 12 os soldados estavam na fila para comer, quando escutaram buzinas, olharam ao redor e lá se iam rumo ao front peças brasileiras de artilharia, que seriam usadas nas próximas ofensivas. Elas iam rumo a Castel de Casio, 4 km ao sul de Porreta. Passaram durante todo dia. Era um comando divisionário, que mais tarde se tornaria III Grupo de artilharia e muitas outras armas aliadas, além do 1º Grupo de Reconhecimento, que após as conquistas da FEB, sempre era o escolhido para acabar com a defesa inimiga. Tal passagem movimentou o setor Reno e animou os soldados, principalmente os que estavam em Porreta, diariamente bombardeada pelos tedescos.

Chegavam informações que a engenharia (9º Batalhão de Mato Grosso do Sul, na época ainda Mato Grosso), também estava se reunindo em Suviana. Pela movimentação intensa era notório que o comando aliado estava planejando alguma ação para os próximos dias. Marcos comentou com Hüliam.

*-Você notou quantos carros passaram por aqui e que parece que estão preparando a gente para uma ação maior?*

*-Que nada Marcos, é só impressão sua. São só reforços, nada mais.-* dizia Hüliam.

O curso foi até o dia 16, data em que o Coronel Néelson Mello assumiu o controle das tropas do 6ºRI estacionadas no quarteirão Leste. Enquanto fazia estágio no rádio do PC, Marcos ouviu um chamado.

*-Alma 1, Alma falando.*

*-Positivo Alma 1, prossiga.-* disse Marcos.

*-Objetivo conquistado, Boscaccio caiu. A cobra fumou!*

Era o operador de rádio da 1ª/6ºRI, dizendo que eles acabaram de conquistar Boscaccio, que caíra assim como Il Sasso e Monte Cavalloro. Os oficiais comunicaram Pistóia que já haviam inclusive feito contato com a 6ª Divisão Blindada Sul Africana em Lissano.

Eles encontraram muita destruição e as linhas telefônicas haviam sido todas cortadas, uma missão que exigia um grupo de manutenção. Pela escala, o grupo de Marcos foi o escolhido. Seria a primeira missão dos jovens.

Cabo Alceu reuniu os homens dos batalhões treinados a fim de conversar com eles sobre a operação. Todos estavam tensos.

*-Olha lá na frente, é diferente aqui da escola. Lá a gente vai sair de noite e tem que ser rápido para consertar. Nós tomamos a posição, mas sabe-se lá se tem algum alemão à espreita. Então vamos nos unir para não termos problemas de front. Você alemãozinho e o Desidério arrumarão os cabos, nós três cuidaremos de tudo.*- dizia Alceu em um tom de voz calmo para o grupo.

*-Pronto aí? O caminhão vai sair agora* - gritou o motorista.

E se foram eles pela estrada. A viagem foi tranqüila até a entrada de Cavalloro. Os alemães perceberam a movimentação no setor e mandaram bombas para cima do caminhão. As bombas caíam ali, pouco menos de 500m da estrada onde passava o transporte. O motorista ria e brincava.

*-Eita que hoje o 88 tá nervoso!*- dizia ele.

Mas ao contrário do condutor, ninguém ria, pois nunca se sabia onde iriam cair as próximas bombas ou onde haveria uma mina enterrada. O caminhão foi até o pé do monte.

*-Daqui pra frente é com vocês, boa sorte!* - disse o motorista.

Desembarcaram do caminhão, o grupo de Marcos, que logo foi apelidado de “AZ”, de Alceu e Zóinho, um grupo de manutenção do 1° e um do 2°/6°RI.

As bombas pararam. Os soldados subiram a encosta agachados e em silêncio para que ninguém os visse. Fizeram em 15 minutos um percurso que em dias normais não levaria mais de 5 minutos. Quando chegaram no monte, viram uma casinha iluminada por duas velas, onde trabalhavam os tenentes responsáveis por aquele lado. Os homens assustaram.

*-Óxente, como vóis micê subiu até aqui cabra?* - disse um baiano de nome Renato já pálido de susto.

Todos riram.

*-Nem nós sabemos, não tem vigia aqui não?*-perguntou Alceu

*-Até que tem, mais cadê este cabra?*-disse o baiano Renato procurando o sentinela.

*-Bom, nós somos do grupo de manutenção, senhor. Viemos para ajudar.*- disse o cabo Honofre, do 1°/6°RI.

*-Pois bem estamos em três frentes. Uma em Boscaccio, uma em Il Sasso e a outra é esta onde estamos, que é Cavalloro. Então vamos fazer o seguinte: O 1° vai para Boscaccio, o segundo, do Alceu vai para o norte de Cavalloro e o 3° vai para Il Sasso. - explicou Renato - Inclusive, vou passar um rádio aqui para virem buscar vocês. Liga aí cabra. Manda alguém subir pra vir buscar esses "homí".*

*-Não vai dar não tenente, acho que cortaram nossa linha!* - respondeu o Maciel, o 2° tenente que ali estava.

*-Vixi nossa senhora! Agora vocês vão ter que se guiar sozinhos. Então faz assim. Vão seguindo nosso fio que sai daqui da casa. Depois de uns metros ele vai se dividir em três, daí cada um pega um lado. O do meio é pra Boscaccio, o da esquerda é pra cá e o da direita é pra Il Sasso. Ok?*

*-Certo senhor, até mais.*

Os homens saíram com uma vontade imensa de rir do sotaque do tenente, uma vez que não havia baianos no grupo, composto por paulistas e gaúchos e Marcos.

Andaram em silêncio por quase 200 metros. Iam passando pelas defesas brasileiras e dizendo o código: “*Trovão!*” ao que os outros respondiam: Raio!

Passaram por três defesas, que cuidavam o setor com metralhadoras e osbuses. Havia

Uma vez na Itália  
Helton Costa

também algumas peças de artilharia, como um canhão 37mm e mais a frente um 88.

Os três se dividiram. Eram quase 22h.

O grupo de Marcos chegou ao primeiro poste. Desidério e Hüliam não tiveram dificuldade em montar a linha em menos de cinco minutos, pois tinha sido somente arreventada.

Foi quando escutaram uns estrondos ao fundo. Pelo barulho parecia ser um 105 mm, pois era muito forte e a terra dava uma tremida. O frio era intenso e como há dias vinha acontecendo, a temperatura estava quase negativa.

*-Cabo, não acha melhor a gente ligar no comando e ver o que são estes barulhos? - disse Irineu.*

*-Claro que não rapaz, é só artilharia, nada mais. Devem ser os tedescos querendo o Cavalloro de volta - disse Alceu em tom de deboche.*

*-Mas báh! Estão muito perto os tiros escute só - questionou Hüliam.*

*-Vocês são cagões mesmo. Logo se vê que são novos no front. - disse Alceu.*

Ele ainda ria quando um clarão iluminou a escuridão a menos de 100m do grupo.

*-Bosta! É um ataque mesmo! Passe o rádio Marcos, rápido... Vargas 1, Vargas 1, responda! Que tiroteio é este? - perguntou Alceu.*

*-Estamos sendo atacados, mas não se avexe que é normal eles não vão tomar o monte não! Que bom te ouvir, isso mostra que estamos com linha novamente. Bom trabalho. Vocês estão em que ponto? - respondeu Renato disfarçando o nervosismo.*

*-Estamos no ponto 5y8! Onde nos abrigamos?*

*-Ótimo, a 50m de onde vocês estão tem um abrigo de árvores que era dos tedesco. Desçam ao norte, vocês vão passar dois postes e será aí. Boa sorte até mais.*

*-Obrigado senhor, câmbio desligo.*

E se foram os soldados atrás do Cabo, quando andaram 20m, viram quatro alemães que vinham subindo a pouco mais de 25m do grupo, os dois grupos se entreolharam, mas ninguém atirou.

*-Baixem as armas! Baixa a arma alemão filho da puta!*

*-Baixem as armas! Se rendam! Se rendam! - gritavam os outros soldados em alemão para os brasileiros.*

E um grupo gritava para o outro, até que Hüliam deu o primeiro tiro e derrubou um tedesco. Então todos se jogaram no chão, atrás de um monte de lenha que antes servia de combustível para os alemães se aquecerem do frio. Começou uma troca de tiros. Alceu mandou que seus homens usassem granadas de mão.

*-As granadas! Joguem. - disse ele. Mas os alemães pensaram o mesmo e jogaram suas granadas antes dos brasileiros. As bombas caíram perto de Desidério, que em um golpe rápido as lançou de volta para os alemães. A bomba explodiu ainda no ar, antes de cair no chão, próximo aos alemães. Marcos, Hüliam e Irineu mandaram mais bombas para cima dos alemães e não pararam de atirar.*

*-Cessar fogo! Cessar fogo! - gritou Alceu.- Vamos para o abrigo, falta pouco.*

Os cinco foram rastejando até perto do abrigo.

*-Trovão! Trovão!*

*-Raio! Pule pra cá amigo - responderam os dois soldados que cuidavam de duas metralhadoras MG42 dentro da casamata.*

Os homens entraram mais que rápido no cubículo de 3 m x 3 m.

*-Que merda! Vocês estavam aqui perto, por quê não deram apoio "pra" gente? Vocês são idiotas ou o quê?-disse Alceu.*

*-Não sabíamos quem era quem e se atirássemos vocês também estariam na nossa linha*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*de fogo. Optamos por esperar o código. Mas vocês se viraram bem. Ninguém morreu!* - respondeu D. Matos, que também era cabo.

Enquanto eles ainda conversavam, outra leva de alemães vinha subindo e a metralhadora MG42 abriu fogo imediatamente, fazendo-os recuar. Eram quase 24h.

*-Cabo Alceu, o senhor tem o mapa de onde estamos?* - perguntou Marcos.

*-Tá na bolsa, "pra" que você quer guri?*

*-Vou ver se dá certo um negócio* - respondeu ele abrindo a bolsa de Alceu que atirava igual aos demais rumo aos alemães.

De repente, do nada, uma saraivada fez os homens se abaixarem. Era mesmo o contra ataque alemão, que trazia uma Lurdinha para "brincar" com os rapazes.

*-Vargas1, Vargas1. Aqui é 2º falando.* - disse Marcos.

*-Prossiga 2º!*

*-Pedindo apoio da artilharia, coordenadas 5y9, corredor noroeste, Cavalloro.*

*-OK, vou repassar suas coordenadas.*

Enquanto as metralhas travavam um duelo sem fim escutou-se um assovio. O coração dos brasileiros disparou. Seria um 88 alemão? Em menos de dois segundos a dúvida foi desfeita, uma bomba caiu poucos metros do abrigo. Os soldados se baixaram, mas continuaram atirando. Em seguida, 20 segundos depois, caiu outra bomba mais próxima aos alemães e a terceira foi precisa, atingindo em cheio os "arianos". Todos ficaram admirados com a precisão dos tiros. Cavalloro fora mantido.

*-Como você fez isto Marcos?* - perguntou Irineu

*-Esqueceu que eu fui observador?Esta é minha especialidade! Tive aulas disso.*

Já era madrugada quando silenciaram os tiros. O cenário era desolador. Do lado brasileiro vários feridos e algumas baixas. Do lado alemão, via-se os padioleiros vindo buscar seus feridos. Todos saíram da casamata.

*-Ei estamos todos bem?* - disse Hüliam

*-É acho que sim.*

*-Então vamos ver aqueles caras que nós atiramos ontem, perto do poste* - sugeriu o germânico por descendência, Hüliam.

E se foram eles. Quando chegaram ao local encontraram dois dos quatro soldados. Um estava morto e o outro agonizava, com as costas cheias de estilhaços.

Os homens se aproximaram dos moribundos.

*-Onde estão os outros dois soldados?* – perguntou Hüliam em alemão para o ferido.

*-Levaram ele, levaram ele!* – respondeu com dificuldade o alemão ferido.

*-Onde está doendo?*

*-Nas costas!* – respondeu mais uma vez o soldado, apontando com o dedo.

*-Fique calmo que tudo vai ficar bem!* – tranqüilizou Hüliam, segurando a mão do tedesco.

Todos ficaram admirados em ver Hüliam falar alemão.

*-O que você falou para este tedesco dos infernos?* - perguntou Irineu.

*-Perguntei onde estava doendo e onde estavam os outros. E ele falou que lhe doía as costas e que os outros foram embora.*

*-Então temos que decidir o que vamos fazer com ele, pois não podemos deixar ele aqui em cima. Os padioleiros não vão chegar aqui. Está muito longe das linhas deles.* –disse Irineu.

*Por que a gente não mata logo ele?*- questionou Desidério.

*-Está ficando louco Desidério. Isso é crime de guerra!*

*-Crime de guerra é ele tentar matar a gente! Foi mesmo uma grande sorte não termos sido baleados naquela escuridão.* – retrucou Desidério para Marcos.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Fique quieto que você está falando de mais!* - disse Hülíam afastando o fuzil de Desidério que já estava apontado para a cabeça do alemão ferido.

O cabo Alceu só ria atrás dos jovens.

*-Vamos parar de alvoroço e levar este infeliz lá pro PC. Quem sabe ele possa ser útil. Pega ele aí Zóinho, você e o Hülíam.*

Quando os dois se abaixaram para levantar o alemão ele começou a gritar de medo.

*-Não me matem! Tenho dois filhos e esposa! Sou pai! Sou pai! Não sou nazista! Não sou nazista! Amigo! Amigo!* – choromingava sem parar o soldado ferido, vendo a cara de poucos amigos de Desidério.

*-O quê este cão dos infernos está dizendo?*-questionava Alceu.

*-Nada não Cabo, ele só está com medo!*

*-Então manda ele calar a boca Hülíam. Fala pra ele que nós não vamos matá-lo ainda.*  
-respondeu Alceu.

*-Uai e nós vamos matá-lo depois?* – questionou Marcos.

*-Claro que não seu abestado!*-conclui Alceu.

Enquanto Hülíam conversava com o alemão todos riam da ingenuidade de Marcos. O homem foi levado até a enfermaria do PC improvisado e de suas costas foram retirados 37 estilhaços de granada. Ele contou que quando o colega foi atingido por Hülíam, os outros entraram em desespero, pois o soldado que morrera era o mais velho dos quatro e que os outros não sabiam o que fazer e por isso atiravam a esmo daquela maneira. Contou ainda que ele se jogou sobre os colegas quando viu que a bomba que ele tinha jogado havia voltado, por isso estava cheio de estilhaços daquele jeito. Falou ainda que o outro colega tinha ficado ferido na perna e que o outro nada sofrera.

Nos primeiros momentos pensou que iria morrer, pois, viu o tiro perto da garganta que o outro levava. Quando viu os brasileiros, pensou que eram americanos, mas ficou em dúvida, pois havia um negro no grupo. Agora, passado o susto estava bem e repetia a todo o momento “Brasilianer Kamarada”, pois, até aquele momento ele se quer sabia que os brasileiros estavam em guerra contra a Alemanha.

Também repetia para Hülíam a todo momento em alemão, que para o front ele não voltava mais, onde se viu, perder a vida por um fio?

Marcos conversador como era, já ensinava algumas palavras para o alemão na barraca da enfermaria.

*-Fale aí alemão: Sou um tonto alemão quase morto!*

O alemão ria e tentava falar, mas o que saía eram palavras trocadas:

*-So Totó alemon cuse mortu!*

Todos riam na barraca. Até que entrou o Cabo Alceu acompanhado do Tenente Renato.

*-Então é este o homem que vocês trouxeram do front?* - perguntou Renato.

*-É sim senhor!* - respondeu Alceu.

*-Então, manda seus homens saírem, que a parte de vocês já acabou por aqui. Passa lá na casa. Tem novas ordens para vocês.* – o alemão que agora se sabia chamar Rünter Grýmer Saen de Munique começou a chorar novamente enquanto os homens saíam.

*-Sim, senhor. Vamos rapazes... Vocês tem tradutor aqui?*

*-Temos sim por quê?*

*-É porque temos um rapaz aqui que traduz...*

*-Não precisa não, leva ele com você ele vai ser mais útil arrumando fio de telefone. Dispensado.* - O grupo foi pelo caminho rindo.

*-Puxa Cabo, o senhor não gosta do Hülíam...la deixando o coitado “pra” infantaria de novo!*



Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Cala a boca Irineu! Só foi uma sugestão! - dizia o cabo já nervoso.*

*-Mas como que o senhor sugere um negócio sem antes consultar o homem?-retrucava*

**Marcos.**

*-Chega de conversa, fiada - desconversava Hüliam - vamos logo para o PC.*

*-Sim senhor meu "Füher" - ria Desidério.*

*-Você não tem remorso em lutar contra um povo do qual seus avós fazem parte Hüliam?*

*-E porque teria, Marcos? Eu não luto contra o povo alemão eu luto contra o Hitler e contra quem o apóia.*

*-Você é que está certo! Eu luto contra o Hitler, não contra o povo alemão, afinal de contas não são todos que são nazistas - completava Irineu.*

*-Vocês é que pensam... Todos eles apoiavam o carrasco nazista, até as crianças. Com este povo você tem que ficar esperto! Prefiro ver eles estirados no chão, com uma bala em algum lugar do corpo onde não me ofereçam resistência - dizia Desidério.*

**Alceu por sua vez preferiu o silêncio. Logo eles chegaram ao PC**

*-Bom dia rapazes! Fiquei sabendo do barulho que vocês fizeram ontem à noite lá em baixo. Parabéns. São muito valentes - dizia o Tenente Auxiliar "E.Costa", baixinho, gordo e um pouco calvo com um bigode grisalho que parecia uma andorinha enfiada goela abaixo por alguém.*

*-Bom dia Tenente! Viemos pegar as ordens do dia, conforme nos orientou o Tenente Renato.*

*-Claro. Bom, deixa eu explicar para vocês como está a situação. Ontem aquela operação que vocês viram e participaram inclusive, foi uma tentativa de retomada de posições inimigas. O grosso dos exércitos alemães atacaram pelo outro lado do monte. Lado oposto de onde vocês estavam. Nós os expulsamos e ainda avançamos por sobre eles, chegando até próximo das margens da Rota 64 que dá acesso à Bolonha. Por enquanto, vocês vão para as posições recuadas dessa frente, próximo a Bolonha e se forem acionados de novo, deverão voltar imediatamente. Vocês partem amanhã pela manhã. Até mais, dispensados. E lembrem do lema de front. Boca fechada não entra mosquito!*

*-Sim, senhor!*

**E lá se foram mais uma vez o grupo, que agora teria a tarde livre, ou melhor, quase livre, pois, teria que andar pelas linhas telefônicas para verificar se não havia danos na rede.**

Assim nascem os amigos

-Escuta Cabo, de onde o senhor é?

- "Pra" que você quer saber, Hüliam?

-Por que o senhor não quer falar Cabo?

-Não disse que não quero falar, apenas não quero me envolver com vocês para amanhã ou depois não ter que cuidar de vocês, quando os ver com uma bala na cabeça. - **riu-se o Cabo.** - mas vou falar sim, afinal, assim nascem os amigos. Sou De Mogi Mirim, interior de São Paulo.

-O que você fazia lá antes de vir pra cá? - **questionou Marcos.**

-Eu era entregador de jornal.

-O quê? Estamos sendo liderados por um entregador de jornal?

-Sim, o que você tem contra isso?

-Nada Cabo, só pensei que o senhor fosse de outro campo. O senhor deve ter o quê, 30 anos?

-Não, tenho só 25.

-Puxa, quer dizer que eu sou mais velho que o senhor? Pois eu tenho 31 anos - **dizia admirado Desidério.**

-Pois é! E você Hüliam, fazia o quê?

-Eu era campeiro, tinha que me alistar e fazia um ano que eu estava no quartel quando a guerra começou. Eles chamaram quem vinha de Pomerode, pois lá era o lugar que mais tinha alemães em Santa Catarina.

-Ora, ora então você é de Santa Catarina. Pensei que você era gaúcho.

-Não, sou de Santa Catarina, o estado mais lindo do Brasil e com as mulheres mais bonitas também.

-Isso depende do gosto do peão, se você gosta de polaca... Por quê eu sou de Minas Gerais e lá reinam as morenas... - **dizia Desidério.**

-E você Marcos, fazia o quê da vida? - **perguntou Hüliam.**

-Bom eu sou de Dourados, Mato Grosso e era estudante. Queria ir para Cuiabá estudar o magistério, mas daí tinha que ter recomendação de alguém. Entrei para o exército fazia dois meses quando a guerra começou. Tenho 18 anos.

-Nossa, como que você veio para cá? - **disse Irineu**

-Fui voluntário. Queria conhecer a Europa que eu só sabia existir dos livros.

**Todos riram de Marcos.**

-Belo jeito de se fazer turismo... - **completava Desidério.**

-Irineu, é sua vez de falar.

-Uai, isso aqui virou confessionário? - **dizia o cabo Alceu.**

- Vim de Tupã, interior de São Paulo e era professor de uma escola agrícola. Tenho 23 anos. E o Desidério, veio de onde? - **perguntou Irineu.**

-Eu venho de Machado, Minas Gerais. Trabalhava como distribuidor de propaganda de uma mercearia de lá. Sou viúvo e tenho duas filhas.

-Então porque você veio? Se você tem filhos! - **disse o Alceu.**

-Por quê elas não moram comigo, moram com a avó, mãe da minha falecida esposa. Eles pensam que eu não trabalho, porque não sou rico como eles. Daí eu quis vir de voluntário e provar que mereço a confiança deles.

-É um bom motivo! - **balançou a cabeça Irineu.**

Todos concordaram, já haviam caminhado quase dois quilômetros, quase chegando ao

Uma vez na Itália  
Helton Costa

ponto de atuação da outra companhia de manutenção, que os avistou e acenou com a mão.

*-Bem rapazes, vamos voltar!* - disse o Cabo que liderava os jovens.

*-Quem de vocês deixou namorada em casa?* - perguntou Hüliam.

*-Nossa! Mas você não pára com a boca um minuto em Hüliam.* -dizia Irineu.

*-Eu não deixei.* -disse Marcos. - *Só ficou me esperando minha mãe, meu pai e meu irmão.*

*-Eu também não. Eu só dava aulas. Meus pais e minhas quatro irmãs me esperam.* -disse Irineu.

*-Elas são bonitinhas?* - perguntou Marcos.

*-São sim e acho que se você fosse mais velho se daria bem com a mais velha, a Ana Maria, pois ela namorava um cara mais preto que você. O cara era carvão mesmo!*

Todos riram e por um instante nem pareciam estar na guerra. Pareciam somente homens comuns, amigos que se reúnem para bater papo, falar de futebol e de mulheres.

*-E você cabo, tem esposa?* - disse Hüliam.

*-Tenho não. Mas já beijei duas italianinhas muito lindas...*

*-Sorte sua! Eu não tenho nem tempo para pensar nisso. Só peguei escala longe de cidades e olha que já fazem mais de 3 meses que estamos aqui!* - resmungava Desidério.

*-Se fosse só você!* - concordava Hüliam.

*-Mas diga cá pra nós Marcos. Você é o mais novo da turma. Você já...Já "conheceu uma mulher"?*

*-Por quê pergunta isso Desidério?*

*-Por quê se você ainda não conhece, quando tivermos licença, se é que vamos ter um dia eu te levo para conhecer as "signorias" da Itália. Baratinho, um maço de cigarros mais um chocolate. Se você não fuma, vai juntando pra gente gastar na cidade depois.*

*-Claro! Com certeza! Vamos sim.*

Todos riram, pois tal afirmação confirmava a suspeita do grupo, de que Marcos era mesmo virgem.

O "passeio" já estava acabando, começava a anoitecer e o vento frio anunciava mais uma noite de inverno. Os soldados que agora eram quase íntimos e que a sua maneira compartilhavam o mesmo sonho de voltar vivos para casa, chegavam ao fim de mais um dia de trabalho. Iriam para outro front: Rota 64.

Monte Castelo, parte I

Como tinham realizado o trabalho de manutenção durante o dia e na noite anterior, os soldados ganharam direito à 5h de descanso, negociado a muito custo com o Tenente Auxiliar “E.Costa”. Dormiram para partir no dia seguinte.

No sábado e no domingo, o comando se reuniu para avaliar os resultados obtidos até aquele momento. O 1ºRI assumiu as posições do 6ºRI que foi mandado para a reserva do IV Exército. Todo o Batalhão foi transferido exceto os soldados que estavam em Marano.

Eles ficaram sabendo que os alemães tentaram tomar a Torre de Nerone, mas sem sucesso. No dia 22 chegaram à Nápoles o 2º e o 3º escalão da FEB com mais reforços para guarnecer a área de atuação do Brasil, que nesta época já era bastante extensa.

Era a chamada Linha Gótica, que partia da região costeira do mar Tirreno, passava pelas montanhas dos Apeninos e terminava nas áreas de Pesaro e Rimini, já na faixa litorânea do Adriático.

Os rapazes desconfiavam de alguma coisa, pois, a movimentação de tropas aumentara muito nos últimos dias, a ponto dos alemães atirarem sem intervalo das 7h às 12h, o que não era muito comum, uma vez que os bombardeios aconteciam geralmente à noite.

-*Vocês notaram o tanto de equipamentos que está chegando de uns quatro dias pra cá?*- dizia Hülíam.

-*Pois é, parece que a cobra vai fumar!* - dizia Desidério com uma feição de desânimo.

-*Que é isso pessoal? Não temos que nos preocupar, agora não somos mais da infantaria, somos os “homens do fio”, temos só que arrumar o que os tedescos destroem.* - dizia irônico o soldado Irineu.

-*Aí é que você se engana. Quem você acha que vai correr ao lado da engenharia para chamar reforço para o ataque e levar o fio? Em quem os atiradores acertam primeiro quando estão no front? Em nós, é claro que é na gente!* - retrucou Alceu.

Marcos não falava nada e em um canto afiava sua baioneta, que usara somente uma vez, para abrir uma lata de sopa.

-*E você “Zóinho”, que acha? Vai ter movimento ou não?*

-*Sei lá Hülíam, mas se tiver, não vai ser hoje. Olha o tempo como está! Está muito frio “pra” gente avançar! Nem dá pra me mexer direito dentro destes galochões com feno!*

-*Dois meses de frio e você ainda não acostumou com as botas? Até os americanos já estão usando as galochas igual a gente “pra” ficar com o pé quente!*

-*Eu sei Irineu, mas você acha que é fácil se acostumar? Lá onde eu morava no máximo geava e aqui o tempo está sempre fechado e ainda dizem estes Partigiani que neva, cai gelo do céu!*

-*Pois é, sai fumaça da boca da gente!* - dizia Desidério esbaforindo a própria mão, o que causava um vapor semelhante à uma fumaça.

-*Ei idiota, isso não é fumaça, é vapor!* - completou Alceu.

Todos riam enquanto contemplavam o entardecer. Estavam acampados em Ca di Christo, um conjunto de casas semi-destruídas, situado entre os dois pontos mais visados pela artilharia inimiga na estrada 64. O relógio marcava 15h30 e já anoitecia em um frio que beirava os -5°C, pois a temperatura caíra bruscamente.

A movimentação foi grande durante toda a noite. Os alemães bombardeavam sem trégua. Mas os brasileiros acostumados com a rotina pareciam nem se importar e vez ou outra, até brincavam.

-*Eita esta caiu perto!* - dizia um.

-*Este tedesco é ruim de tiro!* - dizia outro.

Às vezes alguém ligava para o PC pedindo reforço aéreo “pelo amor de Deus”, pois não agüentavam mais o barulho infernal das bombas. O comando respondia que estava fazendo o possível para calar os canhões inimigos e o infante parecia mais animado e não ligava mais, mas o reforço que era bom, nunca aparecia.

As tropas do Brasil estavam bastante cansadas, pois há dias não iam para a retaguarda, principalmente o III/6º que trabalhara em quase todas as ofensivas já realizadas e que fora a única a ficar sem substituição.

Às 5h45, o comando reuniu seus homens para o ataque a Monte Terminale, ponto de encontro para a arrancada contra Monte Castello. Monte Terminale era pouco vigiado e em menos de uma hora estava sob o poder dos brasileiros, que se empolgaram para alcançar o objetivo. Eles agiriam junto com os americanos, que deveriam atuar no centro do ataque. Foi quando começou a chover uma chuva fria de inverno. A visibilidade era quase nenhuma e para não se perder os soldados tinham que andar um perto do outro, a distância de menos de um metro.

Eles chegaram sorrateiramente, pois, o comando queria pegar os alemães de surpresa, mas não foi o que aconteceu. Mesmo com a chuva, os alemães logo notaram a aproximação das tropas, afinal de contas estavam no alto do monte, em cima dos brasileiros literalmente. E assim teve início o horrendo espetáculo do 1º ataque a Monte Castello com baixas e mais baixas do lado brasileiro. A tropa não conseguia avançar um palmo sem ser “caçada” por uma metralhadora alemã.

*- Droga Sargento, vamos recuar estamos caindo feito moscas!* - dizia um soldado próximo de Marcos ao seu sargento.

*- Calma, vamos pedir auxílio aéreo e artilharia* - respondia o sargento, mas o que ouvia pelo rádio não era nada animador. *- Bem homens vamos ter que avançar, somos só nós. A Artilharia está inoperante e os aviões não podem decolar. Então quando eu disser já, nós vamos sair de trás das pedras e correr até o descampado onde tem um buraco de bomba no chão. Ali a 50 m, conseguem ver?* - os homens balançaram a cabeça em sinal de positivo - *Então vamos todos correr juntos.*

Marcos e seus colegas se entreolharam, não querendo sair ali de trás, mas eram ordens. Junto deles havia pelo menos mais 10 soldados, contando o sargento e o ordenança dele.

A chuva era intensa e as metralhas não paravam. Ouviam-se gritos de socorro, de ajuda e o desespero era enorme. Em certos lugares a água escorria vermelha de sangue. Os americanos que tinham batido de frente com os alemães haviam sido completamente tirados de combate, quão grande era o número de seus feridos.

No fim da contagem todos correram conforme o sargento havia pedido. Três soldados ficaram para trás.

*- Desse jeito vamos morrer!* - dizia Desidério, todo sujo de barro.

*- Cale a boca soldado, aqui ninguém vai morrer não!* - respondeu o sargento.

Marcos somente atirava a esmo, sem direção. Hüliam, sempre preciso em seus tiros, desta vez não teve a mesma sorte, pois não enxergava o inimigo. Para falar bem a verdade, não enxergava nada!

Alceu permanecia calado, nem atirar conseguia, ficava olhando os soldados que tentavam avançar e caíam mais adiante, se jogavam no chão, ou recuavam.

*- Temos que voltar para as pedras! Isso tem que ser feito agora senhor!* - disse o cabo.

*- Não, temos que guardar esta posição!* - dizia o sargento - *vamos esperar a chuva passar e avançamos.*

Quinze minutos de silêncio total entre o grupo. Depois que a chuva parou e os tiros também os soldados sabiam que a hora do avanço não iria tardar. No buraco onde os homens estavam, que media 4 m por 1,5 m, a água tinha pelo menos 30cm de altura. Era uma água cinza, ou marrom,

Uma vez na Itália  
Helton Costa

barro com pólvora.

Era quase meio dia. A chuva tinha parado, mas agora era o frio que infernizava os pracinhas.

*- Bem, temos que chegar ao topo do monte. Então devemos atacar daqui a pouco. - dizia o sargento. - ao meu sinal, todos corremos em direção ao Monte.*

O sargento fez uma ligação para as outras unidades e combinaram o sinal. Sairiam em um minuto. Aquele era o um minuto mais longo da vida dos soldados. Quando o Sargento levantou para tomar a frente do ataque, uma rajada de MG 42 rasgou-lhe o peito. Todos então voltaram para o buraco enquanto as outras tropas avançavam.

*- O sargento está morto! - gritava o ordenança.*

*- Cabo que faremos? - perguntava Irineu.*

*- Calma, temos que recuar, avançar é suicídio. Vamos para as pedras.*

*- Vocês são uns covardes - dizia um outro soldado nordestino - vou mostrar como resolvemos estes assuntos no Ceará.- quando ergueu a cabeça para mirar com o fuzil, levou uma rajada que lhe arrancou capacete e metade da face.*

O buraco ficou cheio de sangue, que se misturava à água imunda.

Por duas horas, os soldados esperaram o fogo cessar. Foram duas horas de horror, com muito morteiros, granadas e os corpos do sargento e do soldado jorrando sangue, o que fazia os homens entenderem o que era uma batalha de verdade.

Marcos queria chorar, mas não podia. Os rostos sujos dos soldados se contemplavam em completo silêncio, que só era quebrado pelas palavras de Alceu, que ao rádio relatava ao PC sua situação.

O PC pedia para os homens permanecerem no local, guardando a posição, pois logo viria o reforço.

Alceu por sua vez esperava e entrou em contato com outras unidades, que davam a entender que o fracasso fora geral. Anoiteceu. Os soldados do Esquadrão de Reconhecimento e do 3º/6º RI estavam sem comida, pois, para se deslocar melhor largaram as mochilas para trás, pegando somente o fuzil Espringfileld, o capacete modelo M1 americano e alguns chocolates.

O ânimo dos soldados estava assustadoramente abalado, como nunca se vira antes nas fileiras da FEB na Itália.

*- Se não iam mandar reforço, porque é que mandaram a gente? - questionava Marcos.*

*- Pois sabiam que o 3º era o único esquadrão burro o suficiente para aceitar esta missão! - completava Irineu.*

*- Pois é rapazes, mas agora que anoiteceu, nós temos que sair daqui.-dizia Alceu, impaciente.*

*- Sim Cabo, mas como vamos sair daqui? - perguntou um dos soldados que fazia parte do grupo que acompanhava o falecido sargento. - Aquela "lurdinha" lá arriba acaba "cum" "nóis".*

*- Eu sei disso soldado, é por isso que vamos desalojá-la. Você, o Irineu e o Desidério vão correr até a pedra onde estávamos. Enquanto isso, Marcos e eu lançamos granadas de mão, que irão confundir o atirador e o Hüliam tenta acertá-lo aqui de baixo. Entenderam?*

*- Não tem outro jeito, pode ser sim Cabo! - completou Desidério.*

Marcos e Alceu começaram então a lançar as granadas e a metralhadora ponto 30 entrou em ação sobre o abrigo dos jovens, ao mesmo tempo os três soldados correram para o abrigo anterior nas pedras, o que fez o atirador tentar mudar a posição da metralhadora. Os tiros passavam muito perto dos pés dos soldados. Hüliam observou o vulto dos atiradores próximo às metralhadoras e rapidamente pegou seu fuzil e acertou o tedesco no ombro, o que fez o homem cair com o solavanco. Marcos e Alceu também correram para se abrigar atrás das pedras que primeiro lhe serviram de abrigo.

Hüliam parecia não crer no que tinha feito e ficou ali paralisado ao invés de correr para o abrigo.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Venha Hüliam, anda logo!* - gritava Desidério.

Marcos não hesitou e voltou para buscar o amigo e em um pulo certo se jogou por sobre Hüliam. Foi o tempo exato de os dois estarem no chão e a metralhadora começou a disparar novamente. Um novo soldado substituíra o ferido.

O rádio de campanha chamou. Alceu atendeu. Era do Posto de Comando, todos deveriam seguir para o ponto de partida em Monte Terminale. A operação realmente fracassara.

*-Marcos, vocês estão bem?*

*-Sim Cabo estamos bem* - respondia Marcos com voz de choro em meio ao matraquear das metralhadoras alemãs. Hüliam estava encolhido, com a cabeça entre as pernas.

*-Escuta Marcos, vocês têm que vir "pra" cá. Nós temos que recuar. E vocês têm que vir.*

*-Não dá Cabo eles acertam a gente.*

Marcos começou a chorar. A situação era desesperadora.

*-Eu vou lá buscar este menino. Não podemos deixá-los aqui para morrer!* - dizia Desidério apoiando-se no fuzil para levantar.

*-Não vai, ninguém aqui vai - dizia o Cabo- é isso que os alemães estão querendo, não notaram que só estão atirando no abrigo deles e não na gente? Vamos recuar e nada de paúra, vamos voltar para buscá-los em breve. Fiquem calmos... Escuta Marcos eu quero que vocês fiquem aí, nós vamos buscar reforços e vamos tirá-los daí. Agora mantenham a calma e nada de medo. Fiquem calmos. E isso é uma ordem!*

*-Sim senhor!* - dizia Marcos que agora parecia mais controlado. Hüliam ao contrário, não se mexia.

O grupo de Alceu aos poucos foi se afastando na escuridão. Marcos e Hüliam estavam sozinhos. Os alemães cessaram o fogo. Eram quase 2h da madrugada.

Os dois não conversavam com medo de serem pegos pelos tedescos. Agora o único barulho que ouviam eram os gritos dos feridos, que ecoava na fria madrugada. Os pés dos dois só não estava congelado, pois seus galochões estavam forrados de mato seco e papel, mas a água do buraco já começava a infiltrar.

O frio era muito grande e os dois se encostaram para agüentar o frio. Pelo barulho sobre o Monte eles não estavam muito longe do topo. Ao fundo se escutava os alemães conversando. De vez em quando um tiro ecoava e quando isso acontecia era um grito de dor a menos que se ouvia na noite.

*-Hüliam, o que os alemães estão falando lá em cima?* - cochichava Marcos.

*-Eles estão dizendo que pelo frio deve nevar logo.*

Os alemães estavam certos e aos poucos o vento parou e um pó estranho começou a cair do céu. Mas não era um pó, era como se estivesse chovendo isopor.

*-Os tedescos tinham razão, ia mesmo nevar!*

*-Isso é neve Hüliam?*

*-Pelo que meus avós contavam era uma coisa branca como isopor. Acho que é isso.*

Os dois ficaram em silêncio de novo. Hüliam pegou no sono. Marcos ficou ali sozinho pensando que a qualquer momento poderia morrer. Mas ele já não se preocupava mais. Estava farto de tudo aquilo. Não tinha mais nada que o prendesse no mundo.

Em três meses de guerra, nem uma carta de casa recebera. Namorada não tinha e planos para o futuro, não queria mais. Quem ia querer ser professor e estudar depois de ver uma barbárie daquelas? Para que estudar se naquele mundo prevalecia a lei do mais forte?

As horas foram passando e o sol não brilhou, de modo que até ele pegou no sono. Acordou com Hüliam dando um tapa em seu capacete, já com neve em cima.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Acorde! Acho que os tedescos vão atacar. Escutei que eles vão descer a metralhadora. Podem querer colocar aqui perto. Temos que estar atentos.*

Então eles se prepararam para o pior. Cinco alemães vinham descendo as encostas do monte. Ao contrário do que pensavam os dois, os alemães não estavam à 100m como afirmara Hüliam, mas há pouco menos de 40m do abrigo onde estavam, por isso escutavam as conversas. Eram cinco homens de estatura mediana trajando uniformes do Exército. Três tinham cabelos louros e outros dois não. Eles reinstalaram a metralhadora a pouco menos de 10 metros de onde estavam os dois. Não os viram, pois, estava ainda muito escuro.

Longe mais de um quilômetro e meio dali. Os soldados brasileiros se reagrupavam. O comando queria um novo ataque, marcado para as 8h.

*-Temos que ir buscar os meninos. Não tem outra saída. Nós prometemos! - dizia Desidério.*

*-Calma, nós não estamos guerreando pelos meninos. Estamos aqui pelo Brasil! Se sairmos antes dos outros, podemos colocar a operação por água abaixo.*

*-O que você sabe de guerra jornaleiro idiota? Estou falando que temos que ir lá e por isso vamos!*

*-Nada disso - interveio o Sargento Nogueira, que fora instrutor do grupo em Porreta Terme.*

Todos se levantaram.

*-O Cabo tem razão, os soldados não podem ser mais importantes que a missão. Esperem, eles ficarão bem. E a propósito eu fui transferido para o Batalhão de Reconhecimento. Parece que seremos companheiros de agora em diante. Agora descansem, pois faltam somente duas horas para o ataque.*

Ninguém queria dormir, Alceu trouxe sopa em seu capacete para os colegas.

*-Rapazes, deve estar frio aí "pra" cima. Me contaram no PC, que informações de observadores avançados dão conta que já está ficando branco de neve o velho Monte Castelo. Me falaram ainda que teremos tanques para nos auxiliar hoje! Os alemães não perdem por esperar.*

*-Deixa de bobagem Cabo, como os tanques vão subir com este barro que está fazendo?- questionou Desidério.*

*-Mas se os tanques são traçados, aí sobem - completava Irineu.*

*-Eu também acho! - dizia outro soldado.*

Um mensageiro do PC interrompeu a conversa.

*-Vocês são o pessoal dos cabos?*

*-Sim somos nós! - respondeu o Cabo.*

*-Mas vocês não eram cinco?*

*-Somos, dois ficaram no Monte!*

*-Sinto muito pelos seus amigos...*

*-Não eles não estão mortos, só não conseguiram descer! - completou Irineu.*

*-Acho meio impossível, mas se vocês estão dizendo. Só vim avisar que no ataque de hoje, vocês devem se apresentar na companhia do 3°. Ok?*

*-Sim entendido. Obrigado.*

Os homens tentaram descansar a última meia hora. Mas não conseguiram dormir e ficaram somente deitados em silêncio.

Enquanto isso no Monte, Marcos e Hüliam evitavam até mesmo se mexer para não fazer qualquer espécie de barulho. Cada um tinha duas granadas, uma cartucheira com aproximadamente 50 munições extras, o fuzil e a baioneta. Sabiam que sozinhos não tinham chances contra os cinco homens que estavam na metralhadora.

Hüliam escutava suas conversas. Eles falavam da família que tinham deixado na Alemanha.

Um deles contou que já fazia um ano que saíra de casa e não tinha notícias da esposa nem



Uma vez na Itália  
Helton Costa

dos dois filhos. O outro contava que o primo que estava servindo na Rússia, agora estava voltando para a Alemanha, pois, havia rumores que os americanos estavam chegando. Um terceiro perguntava para os outros se havia africanos combatendo na Itália, pois, ele vira alguns negros de farda americana, mas com uma insígnia amarela. Alguém chegou a comentar que eram os negros sul-africanos.

As horas passaram e amanheceu. De longe podia ainda se ver a fumaça no horizonte, culpa dos bombardeios. Nos montes mais altos notava-se alguns cumes brancos de neve. Havia começado de vez o inverno na Velha Bota, como era chamada a Itália por seu formato geográfico que lembrava uma bota.

O ataque começou na hora marcada. Mais uma vez tudo parecia que iria dar certo, os americanos avançaram até 400m do cume. De onde estavam, Marcos e Hülíam ficaram inertes, vendo os alemães atirando contra os americanos que subiam. Estavam no meio do fogo cruzado. De repente do nada, Marcos escutou seu nome sendo chamado. Eram seus colegas. Eles estavam a 100m do abrigo das pedras, mas não podiam avançar, pois a metralhadora estava mais perto.

Marcos então tomou coragem.

*-Hülíam, se quisermos viver, temos que sair agora, neste momento. Vamos jogar as granadas e correr para onde estão Alceu e os outros, na cerca de madeira. Ok?*

*-Sim, vamos no três.*

Eles levantaram pegando os alemães de surpresa. Os alemães vendo aquelas granadas vindo em sua direção se assustaram. Três correram e ao contrário do que pensavam os alemães que ficaram, aquelas granadas jogadas pelos dois, não eram granadas de tempo e sim de impacto.

Enquanto isso os outros companheiros da dupla Marcos e Hülíam davam fogo de cobertura. Na hora em que caíram no chão as granadas se estilhaçaram em várias partes. Um pedaço veio parar na mão do próprio Hülíam enquanto ele corria em disparada.

Chegaram rapidamente em meio ao tiroteio até os companheiros.

*-Que bom ver vocês, pensei que tinham morrido - dizia Alceu, cumprimentando Marcos.*

*-Eu ia buscar vocês ontem, mas o Cabo não deixou. - disse Desidério.*

*-Cabo, o Hülíam está ferido.*

*-Calma, é só um arranhão! - disse Irineu, puxando o caco da granada da mão esquerda de Hülíam, que deu somente um grito de dor.*

Irineu enrolou uma faixa nas mãos de Hülíam.

Os homens do Brasil vinham recuando em disparada.

*-O que está acontecendo?- perguntou Desidério, pois, o chão tremia.*

*-Panzer! Panzer! Go!Go! - dizia um americano que passava em disparada por ali.*

*-Que porcaria é esta de "Panzer Gogo" Cabo?- perguntou de novo Desidério.*

*-Corram, Corram, são tanques! - Alceu pegou seu fuzil e também despencou morro abaixo.*

*-Será que são os nossos tanques? - dizia Irineu.*

*-Não idiota, são os alemães! Corra e deixe de conversa - disse Marcos.*

Enquanto isso, tropas americanas tomavam o monte Belvedere, um dos locais de onde os alemães bombardeavam os aliados. Mas de nada adiantava, pois, de outros montes a artilharia alemã, agora apoiada por tanques acabava com as vidas e com a moral dos brasileiros.

E lá se foram de novo os soldados para o Monte Terminale. O avanço fracassara mais uma vez.

Hülíam estava bem e ganhou somente três pontos no machucado. Anoitecia e o frio era de congelar até a alma dos pracinhas. O comando queria um novo ataque no dia 26 e os soldados ficaram enfileirados toda a noite, mesmo com neve já caindo. O ataque teve início, mas, visto o tamanho do bombardeio inimigo, foi suspenso em seguida. A moral da tropa estava baixa.

Todos comentavam que o fator de não conhecer o terreno foi o maior erro do comando,

Uma vez na Itália  
Helton Costa

que os mandou avançar duas vezes, mesmo sabendo que não era possível, visto ainda as condições climáticas. O Comando pediu então que todos os soldados se reunissem à tarde no ponto de partida para aguardar novas ordens.

No acampamento havia vários soldados. Os amigos permaneciam juntos o tempo todo. Para se distrair desmontavam o rádio reserva do batalhão e contavam para ver quem conseguia montá-lo novamente em menos tempo. Hüliam não participava da brincadeira, nem o Cabo Alceu. Eles preferiam limpar seus fuzis, que eram montados, limpos engraxados e montados novamente e não faltava um espertinho para vir tirar sarro de Marcos e Hüliam.

A guerra tomara rumos diferentes. Quando Hitler invadiu a Polônia em 1939, talvez não pudesse imaginar que seu invencível “Wermacht”, ou “Máquina de Guerra”, como era chamado o Exército Alemão, teria momentos tão difíceis. Entre os soldados corria o boato que a guerra terminaria antes do natal, pois, os alemães vinham sendo empurrados de volta ao seu território. Entre os oficiais o fato mais comentado sobre a guerra era o erro dos alemães, primeiro em fazer uma guerra em duas frentes (Rússia-França e Inglaterra) e a associação com os nipônicos, que resultou no abraço total dos americanos à beligerância.

Desde o dia D, na Normandia Hitler vinha perdendo terreno na Europa. Para completar a desgraça dos alemães, o 3.º Exército dos Estados Unidos atravessara a fronteira com a Alemanha fazia 10 dias. No mesmo dia do primeiro ataque a Monte Castelo, os americanos romperam o cerco da Floresta de Hurtgen na Bélgica, indo com toda a força e ímpeto para conquistar o país tedesco. Era o general Patton, que vinha conseguindo grandes resultados para os aliados.

Hitler estava cada vez mais resguardado e preparava o seu último ato para os próximos meses.

Um novo ataque foi planejado para o dia 29, desta vez com infantaria 100% brasileira, que seria apoiada por três divisões de tanques americanos. Os soldados estavam confiantes, pois sua última derrota, diziam alguns deles, também fora culpa dos americanos, que além de não apóia-los mostraram-se pouco eficientes. O 3º/6ºRI não iria participar e ganhou “folga” por três dias, ocasião ideal para tirar a guerra da cabeça.

*-Desta vez sai! Vamos dar o troco àqueles tedescos! Eles vão ver só como a gente resolve as coisas rapidinho.* - dizia Irineu, afiando sua baioneta.

*-Sim eles vão pagar caro por te me feito ficar naquele buraco em baixo de neve e frio.* - completava Hüliam.

*-Pode até ser, mas pensem comigo... Nós atacamos duas vezes, não ganhamos. Os alemães estão esperando só um novo ataque. E nós vamos cair direitinho na deles. Isso vai ser suicídio!* – comentava Desidério.

*-Cale a boca Desidério, você vê tragédia em tudo. Pare de ser pessimista* - dizia Alceu - *vocês não viram o Marcos, faz mais de uma hora que não o vejo.*

*-Sei lá Cabo, depois de anteontem ele anda meio estranho.*

*-Pois é eu notei isso Hüliam. Ele é muito novo, coitado, não está acostumado com brigas, lutas mortas, o dia-dia de uma guerra.*

*-Nem eu estou acostumado, aliás quem disser que está acostumado está mentindo ou é maluco! E olha que já participei de pelejas feias* - dizia Desidério.

*-É verdade que ele chorou na trincheira, Hüliam?*

*-É sim, mas até eu assustei, Cabo.*

*-Vou tirar um sarro dele!* - disse Irineu.

*-Nada disso este assunto morreu e todos vocês estão proibidos de falar disso. E isso é uma ordem!* - disse o Cabo. Todos ficaram em silêncio.

Marcos estava sentado, lendo um manual de purificação de água e manutenção de fardas, encostado em um carro de combate do Esquadrão de Reconhecimento. Tinha pegado no sono e foi

Uma vez na Itália  
Helton Costa

acordado por um guarda setor.

*-Ei você. Acorde. Ei soldado! - dizia a sentinela sacudindo Marcos.*

**Ele acordou assustado e com um sorriso, pediu desculpas ao guarda.**

*-Que fazia aí rapaz?*

*-Estava lendo e devo ter pegado no sono.*

*-Vamos amigo, você não pode ficar aqui. De que batalhão você é?*

*-Agora estou no 3º/6ºRI, mas sou da manutenção de Comunicação, não tenho destino certo.*

*-De que Estado você é? – perguntou o soldado para Marcos enquanto caminhava.*

*-Sou de Mato Grosso, Dourados.*

*-Você está de brincadeira eu também sou de Mato Grosso. Sou de Andradina, mas sirvo em Campo Grande. Tenho parentes em Dourados.*

*-Seu nome também não me é estranho. Já o vi em algum lugar.*

*-Então, o marido da minha prima tem parentes em Dourados. O nome dela é Catarina Andrade Gutiérrez.*

*-Como é o nome dele?*

*-Jonas Gutiérrez.*

*-Que coincidência ele é meu primo!*

*-Então você é meu primo também!*

**Os dois riram.**

*-Sim, por consideração! - respondeu Marcos.*

*-Rapaz, nem acredito que ia encontrar um parente neste inferno!*

*-Pois é! - Mas me diga, você serve onde?*

*-Estou no 3º/6ºRI também, mas é tanta gente, que até já tinha visto você, mas nunca que eu iria conhecer!*

*-Verdade. Mas como são as coisas. Você já foi ferido ou alguma coisa assim?*

*-Não, mas já passei duas vezes pelo Hospital com suspeita de pé de trincheira, agora que melhorei! E este frio ainda me dói o dente!*

*-Nossa, nem me fale. Agora imagine você ficar dentro de um buraco com água até a canela, fria, quase congelada, suja de barro, sangue e pólvora, com dois defuntos, num frio que fez nevar! Não é fácil!*

*-Eu imagino!*

**A conversa foi interrompida.**

*-Ei guri, por onde você andava? – os dois se levantaram e bateram continência.*

*-Boa noite Cabo! Estava aqui lendo e caí no sono!*

*-Estávamos te procurando, vamos sair para retaguarda por três dias e estamos indo para Pistóia, gostaria de ir junto?*

*-Quem mais vai?*

*-Vai sair o Batalhão todo. Mas alguns vão para Nápoles, outros para Termale e para outros lugares. Do nosso pessoal vamos todos. O Desidério disse que conhece um Partigian que sabe de uma pensão lá em Pistóia, que é bem barata. Se você não tiver dinheiro eu te arranjo algum. Estou te convidando mesmo!*

*-Puxa, com uma oferta destas não tem como recusar.*

**Marcos se despediu do “parente”, sorriu e foi junto com o cabo Alceu.**

Notas

<sup>1</sup> Gíria para tanque de guerra alemão.

Lara, Pistóia e Francolli

Marcos se despediu do novo amigo e seguiu com o Cabo para junto dos demais.

-Por onde você andava Zóinho? - perguntou Hülíam.

-Estava descansando um pouco perto dos carros e acho que dormi.

-Ora bolas! Vamos parar de conversa e pegar nossas coisas para partirmos para nossas férias! O carro sai em 10 minutos - disse Irineu.

-Pegar que coisas? Nossa casa está na mochila! Somos homens ou caracóis?- riu Desidério.

-Ei, Marcos não esqueça de pegar os chocolates extras, as italianas gostam! - disse Irineu.

-Que chocolates? Comemos todos enquanto estávamos naquele buraco! - disse Hülíam.

-Mas e cigarros, vocês tem? - perguntou o Cabo, com um sorriso irônico.

-Sim, acho que isso todos temos de sobra, pois aqui ninguém fuma! - respondeu Desidério

-Então vamos nessa que o carro vai sair.

Era um caminhão verde, com uma estrela branca no capô. Eles embarcaram rapidamente, deveriam encontrar o partigiani amigo de Desidério em Porreta Terme e de lá seguir em um caminhão de mantimentos para Pistóia, onde procurariam uma pensão para ficar.

O grupo possuía pouco dinheiro. O Exército obrigava que do soldo depositado 1/3 fosse para a família, 1/3 ficasse com o infante e o restante ia para uma conta na poupança forçada da Caixa Econômica Federal. Os outros Exércitos faziam o mesmo e também mandavam parte do salário para as famílias.

Quando chegaram em Pistóia, a cidade ainda sofria com bombardeios noturnos da artilharia alemã, o que ficava claro pelo número de buracos no chão. Os soldados pularam rapidamente do caminhão, o partigiani já os esperava.

-E agora, quem aqui fala italiano? - perguntou Irineu.

-Eu não falo, mas dá para se comunicar. Ele meio que fala português também. Fiquem tranquilos. Deixem comigo! - disse Desidério.

-Como você avisou o partigiani que nós estávamos vindo aqui? - perguntou Marcos.

-Simples. Na hora em que fiquei sabendo que íamos tirar licença, passei um rádio para o PC, pedindo para o rádio amador que é meu conhecido, avisar o Marconni que nós chegaríamos hoje de manhã. E demos sorte, que ele estava aqui, pois ele trabalha nessa frente, a mesma que nós passamos antes. - respondeu Desidério.

A conversa parou quando se aproximaram do italiano. Ele era o típico soldado da resistência. Menos de 1,75m, olhos castanhos claro, cabelo curto e um nariz imenso, assim como o sorriso sempre presente em seu rosto.

-Buon giorno brasiliani! - saudou o homem, com um fuzil nas costas e um quepe vermelho na cabeça.

Todos responderam a uma só voz com a mesma saudação.

Eles se cumprimentaram e saíram. Era já quase hora do almoço.

-C'è un ristorante aqui vicino?-perguntou Desidério.

-Lei acceta mortadella e patate? Em Pistóia ha molte- respondeu o partigiani Marconni.

Eles entraram no caminhão e chegaram à Pistóia duas horas depois. Durante o caminho ninguém trocou uma só palavra. Desidério porque dormiu e os outros porque não falavam o idioma italiano.

-Chegamos brasiliani, pula tutti! - respondeu Marconni.

-Lei mi capisce portoghese?- perguntou Desidério.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

-No parlo molto, pero vá bene!

-Ok! Onde podemos ficar?

-Sempre dritto, giri a sinistra, vicino a uma via separata.

-Grazie! - disse Desidério pagando o partigiani, que mais que depressa entrou no carro e saiu.

-Por que você pagou ele? - questionou Hülíam.

-Porque ele trouxe a gente aqui! Já é um bom começo. Agora cale a boca e vamos procurar o hotel. Ele disse pra gente ir reto, virar a esquerda, ao lado de uma rua separada. Vamos logo.

- respondeu Desidério.

Mais atrás Marcos e Alceu caminhavam lado a lado. Por todos os lados havia vários soldados brasileiros. Alguns setores da cidade ainda estavam restritos por correrem risco de novos bombardeios.

- Cabo, o senhor está muito quieto. Não falou a viagem inteira! Está tudo bem?

-Sim, é só fome! Não como desde manhã!

-Ok! Qualquer coisa que eu puder ajudar...

-Obrigado Marcos.

Irineu veio correndo e deu um tapinha no capacete de Marcos, pois ainda não podiam usar boina, afinal de contas estavam em área de risco de bombardeio. Eles estavam ansiosos por aproveitar a estada em Pistóia.

Chegaram ao Hotel, que um dia fora grandioso, mas que agora todo cheio de marcas de bala, nem uma placa tinha mais. Havia apenas um cartaz escrito à mão: Albergo.

Desidério chegou com seu italiano atravessado.

-Permesso, mi piacerebbe fare una prenotazione e 5 letti singoli.

-Mi dispiace, ma non abbiamo posti! respondeu o italiano, dizendo que não tinha mais vagas. Ele olhava desconfiado para Marcos.

-Por que este italiano está me olhando deste jeito?

-Sei lá Marcos, talvez esteja apaixonado por você! - respondeu Irineu.

Desidério olhou para os colegas.

-Amigos ele não tem mais vagas! Que faremos?

-Vamos comer primeiro, depois a gente vê isso! - completou Hülíam.

-Então vamos, Fleuder! - disse Alceu em suas primeiras palavras naquele dia.

-Cale a boca Cabo, o Sr. sabe que eu não gosto que me chamem de Fleuder - disse Hülíam.

Eles saíram da pensão e foram comer. Era uma verdadeira espelunca, sem portas, cadeiras concertadas sem pregos e amarradas com arames. O recipiente onde era guardado o vinho era um barril velho de madeira. Um senhor com um tampão no olho veio atender os rapazes.

-Lei sono Americani? - perguntou ele.

-No brasiliani! - respondeu Desidério.

-Nero e bianco camaradi, brasiliani. Tutti camaradi.

- Mortadella e patate per favore!

Quando o prato chegou, veio acompanhado de um litro de vinho, que não precisou ser pago, apenas trocado por 6 maços de cigarro, que mais tarde o comerciante venderia a outros soldados.

Um menino observava os soldados comerem. Ele deveria ter menos de 10 anos.

-Ei rapazes, vamos dar um pouco de nossa comida para este menino. Olha a cara do pobre! - disse Alceu.

-Chame ele aí Desidério. - disse Marcos.

Bambino, Bambino! - chamou Irineu.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

O menino se aproximou e a ele foi dado uma bela fatia de mortadela. Ele sorria enquanto comia.

*-Rapazes, tive uma idéia, vamos levá-lo como nosso guia por Pistóia.* - disse Hüliam.

*-Boa idéia!* - concordou Irineu.

*-Lei me capisce, bambino?*

*-Sì!*

*-Il mi nome é Desidério. Come si chiama?*

*-Il mio nome é Jenaro Antunino Marizino.*

*-Dove trovarci tuos genitori?*

*-Morreram. Sono solo com mi nono e mi nonna e mi zia.*

*-Potrebbe ser nuestro guida?*

*-Que conversa é esta Desidério?* - perguntou Alceu.

*-Então Cabo ele disse que se chama Jenaro e que mora com os avós e com a tia. Ele disse que pode ser nosso guia.*

*-Então negócio fechado!* - disse Irineu.

*-O que vamos fazer primeiro?*

*-Vamos passear pela cidade, Marcos!* - disse Irineu.

*-Que nada, vamos conhecer as italianas!* - dizia Hüliam.

*-Vamos ao PC primeiro, pois tenho que ver se chegou carta para mim* - disse Alceu.

*-Eu preciso lavar umas roupas* - dizia Marcos.

*-Esperem aí, temos somente um guia. Ele leva cada um para onde quer, depois a gente se junta, a noite para comer de novo. Todos concordam?*

Os soldados disseram que sim e se foram. Primeiro o grupo passou pelo PC, onde ficou Alceu. Depois Desidério e Hüliam foram até um bar com música e mulheres que faziam qualquer coisa por uns trocados.

Irineu encontrou uma bicicleta, que alugou do dono do bar até à noite e saiu pedalando rápido para conhecer Pistóia. Por todos os lados a cor que predominava era o verde e os tons cáquís, dos uniformes aliados.

Marcos inda precisava lavar sua roupa e o pequeno Jenaro o levou até sua casa. Era uma casa humilde, de seis peças, dois pisos com térreo. E uma fonte em frente, onde os moradores em tempos de paz, vinham conversar em volta, mas que agora era o local de onde vinha a água para cozinhar, lavar e limpar.

Os avós de Jenaro estavam sentados quando o menino chegou.

*-Dove sono Jenaro?* - perguntou o Sr Marizino.

*-Ho é com mio amici!*

*-Americani?*

*-Brasiliano!*

*-Si chiama Marco!*

*-Come va Marco?*

*-Buona sera.*

Marcos tentava se comunicar usando espanhol, mas não era muito fácil.

*-Parla Portoghese?* - disse Marcos, o velho balançou a cabeça em gesto negativo. - *E Spagnolo?*

*-No, mas spagnolo, mia figlia parla. Lei é professore, i già viaggiare a Spagna. Un momento.*

O senhor chamou Lara Marizino. Marcos esperava uma mulher mais velha, mas ao contrário quem viu sair foi uma bela jovem, aproximadamente 20 anos, cabelos pretos compridos, 1,80m, olhos azuis que herdara com certeza da mãe. Ele respirou fundo.

*-Figlia, questo bambino volará algo, vedere que passá! Parla Spagnolo!* - disse o velho.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

-*¡Olá señor! ¿Que deseá?* - perguntou a bela Lara.

Marcos até estranhou, pois, não era costume dos italianos tratarem bem os negros, a não ser que eles fossem oficiais ou estivessem com um bom dinheiro, pois os alemães com sua máquina propagandística comandada por Goebbels, pintaram literalmente os negros como um povo sem escrúpulos, que não respeita nada, que não tem amor pelo próximo, que come carne de criancinhas e estupra mulheres.

Mas ali, Marcos foi bem recebido, a despeito das idéias que os alemães erroneamente espalhavam. Talvez porque a professora fosse instruída e soubesse que aquilo tudo era uma grande mentira, usada somente para dificultar o avanço aliado.

-*Yo quisiera poder jugar una agua en estas ropas. Están un poco inmundas* - disse ele.

-*Puede hacerlo a la, pero se quisiera puedo limpiar-las por unas monedas.* - respondeu a moça apontando para a fonte.

-*Sí, sería muy bueno! Y yo iba poder bañarme. ¿Lo harías eso por mí?*

-*Claro señor! Con mucho gusto.*

Marcos foi então tomar banho, havia pelo menos dez dias que não sabia o que era água. Jenaro esquentou a água para o banho de Marcos, pois, começava a anoitecer e logo os amigos deveriam se encontrar de novo. Começava a esfriar. Se o vento parasse, naquelas alturas, nevaria de novo. O tempo estava um pouco estranho. De dia a temperatura fica entre 5°C e 10°C, à noite ventava, parava e de um momento para o outro estava nevando. O tempo era assim quase sempre, exceto nos montes mais altos, onde sempre nevava e tudo ficava branco.

Marcos tomou banho, colocou a farda reserva que trouxera e foi falar com Lara.

-*¿Perdón, pero hay posibilidad de usted hablar con tus padres para que yo e mis amigos quedemos acá esta noche? Lo pagaríamos una buena cantidad en monedas e otros más.*

-*Sí, pero mis padres son ancianos, no pueden quedar en la algazara!*

-*Sí Lara, yo lo sepo bien. Eres por eso que le pido, porque ellos son buenas personas.*

-*Trae-los entonces, yo hablaré con los viejos. Estén aquí con lo muchacho antes de las 23h.*

-*Cierto!* – os dois conversaram por quase duas horas antes que Marcos e Jenaro saíssem para se encontrar com os outros no mesmo bar onde almoçaram.

Desidério e Hüliam estavam bastante felizes, as fardas mal arrumadas denunciavam os “amores de signorias” que tinham encontrado. Irineu os esperava sentado na mesa, já havia entregado a bicicleta e degustava um vinho. Alceu vinha com um pacote nas mãos, tinham mandado de casa, algumas coisas para ele. E Marcos vinha chegando de barba tirada, roupa limpa e perfumado.

-*Ei soldado, quem é você?* - brincou Irineu.

-*Eu é que pergunto, quem são estes dois. Olha o estado do Hüliam e do Desidério!*

-*É meus amigos, a farra com as italianas foi mesmo das boas!* - disse Alceu.

-*Se foi Cabo! Arrumamos duas gracinhas: Francesca e Juliana. Que peitos, que olhos! É de deixar qualquer vivente sem ação!* - dizia Hüliam.

-*Elas adoraram o tedesco aqui!* - dizia Desidério.

-*Tedesco não, já te disse que sou brasileiro!* - disse Hüliam cambaleando.

-*Ei rapazes boas notícias, arranjei um lugar ótimo para ficarmos. A casa do Jenaro.* - disse Marcos.

-*E quanto teremos de pagar? Eu já estou sem dinheiro aqui. A mulherada me deixou alguns centavos mais pobres* - dizia Desidério.

-*O pagamento será algum alimento que levamos e algumas moedas que tivermos* - disse Gutiérrez entusiasmado.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Vamos, pra lá então. - disse Irineu.*

*-Pois é, temos duas horas até lá. - disse Marcos.*

Jenaro então puxou Marcos pelo braço e mostrou um casebre com uma luz ao fundo. Marcos e os outros o seguiram. Era um porão de uma velha casa, onde já havia alguns brasileiros tocando violão.

Jenaro bateu a porta com uma espécie de código, foram duas batidas, uma pausa e mais duas batidas.

Um homem alto saiu à porta era o patigiani Francolli, dono do local onde todas as noites os soldados se encontravam para cantar e tocar violão. Só havia brasileiros. Era um ponto secreto, onde somente os mais chegados se uniam para a confraternização.

*-Americani?*

*-No brasiliani! - disse o menino ao homem.*

Os outros brasileiros pararam o som, com medo de ser a Polícia do exército americano, que volta e meia acabava com a festa.

*-Boa noite, por que pararam o som? Somos brasileiros também e viemos para ouvir vocês - disse Alceu.*

*-Por que não disseram logo. Zé Viola, larga uma moda pra gente! - disse um mineiro que estava ali por perto.*

Zé Viola era um baixinho de bigode escorrido, mas que tinha um vozeirão de causar inveja a qualquer um. Ele começou uma catira. Marcos que conhecia o ritmo começou a bater palma e em poucos instantes estava dançando, desafiando qualquer um para o centro da roda. O vinho corria de mão em mão para afogar a saudade do Brasil e aquecer o frio da Itália. Uma menina apareceu chorando. Era a filha de Francolli. Marcos percebeu e enxugou as lágrimas da menina com o lenço que ganhara de sua mãe antes de partir do Brasil. Ele deu um chocolate para a menina que correu para dentro do quarto da mãe, levando com ela o lenço de Marcos.

Mas já eram quase 23h. Eles partiram, deixando os novos amigos e o lenço de Marcos, que queria voltar, mas não pode. Eles foram seguindo o menino que conhecia as ruas no escuro como a palma da própria mão.

E lá se foram os amigos. As ruas estavam desertas, o menino era o guia dos soldados e conhecia os atalhos por onde passar sem ser visto pelos guardas, que caso surpreendessem o grupo poderia até mesmo mandar prendê-los e atirar neles.

*-Será que este guri sabe onde estamos indo? - sussurrou Desidério.*

*-Claro que sabe ele mora aqui perto estamos chegando. Agora cale esta boca, se não as patrulhas pegam a gente! - disse Marcos, sussurrando o mais baixo possível para não ser ouvido.*



Guerra contra EUA

Quinze minutos depois lá estava o grupo. Todos ainda estavam acordados na casa, que era iluminada por uma dezena de velas.

Outros soldados, americanos, também tinham encontrado repouso na casa da família do pequeno Jenaro e tragavam um cigarro acompanhado de vinho em frente ao velho casarão. Eram cinco americanos, dois soldados e três cabos. Um cabo de comunicação, e dois de infantaria, que aproveitavam também dois dias de folga. Suas licenças eram de saúde, devido a deslocamentos de granada e um ferimento superficial no couro cabeludo de um dos soldados.

Quando os brasileiros chegaram, bateram continência ao grupo, que se quer levantou-se para responder o cumprimento.

*-Who are this boys?'*

*-I don't know, but have a monkey with war clothes!'* -disse um dos cabos, pensando ser o grupo de brasileiros somente mais um grupo misto de seus exércitos, uma vez que a 92ª atuava também por aquelas bandas. E continuaram:

*-Hey boy! You will want a banana? I have one here!'* - implicou um dos soldados, apontando para o pênis.

O cabo Alceu vendo a cena voltou para falar com os americanos e sapecou a única expressão que os brasileiros em sua grande maioria conheciam:

*-Excuse-me! I don't speak english! I sorry!'* - disse ele, olhando firme nos olhos dos gringos, que notoriamente estavam embriagados.

*-Oh! This boys are the "smoking snaker" brasilian! They are the idiot mens of South America!'* <sup>5</sup>

Alceu que não entendeu nada saiu mais rápido que pôde e se juntou aos demais. Enquanto iam seguindo para seus quartos, encontraram Lara, que ia a passos rápidos servir os americanos com mais vinho.

*-¡Holá Sr. Marcos! Me voy en pocos instantes cuidar de los cuartos tuyo e de tuyos amigos.* - disse a moça.

*-Poxa Marcão! Está arrasando corações heim tchê! Que "china" bonita esta que tu arrumaste! Como ela aprendeu a falar espanhol?'* - disse Húliam.

*-Você está enganado meu amigo! Em primeiro lugar, ela não é "china", segundo que não estamos juntos e terceiro que se quisermos pousar aqui esta noite, temos que respeitá-la, pois ela é tia do Jenaro e filha do Sr Marizino, dono deste lugar. E ela aprendeu a falar espanhol porque é professora e já viajou para a Espanha em um curso, pelo menos foi o que ela me disse.*

*-Então não está mais aqui quem falou! Desculpa.*

*-Mas que ela é uma mulher linda, isso não se pode negar, não é Cabo?*

*-É Irineu, mas você escutou o que ele falou, não é? Que as palavras de Marcos sirvam de ordens do dia para vocês!*

*-Sim Sr. Cabo, são ordens, mas quem é que ordena o coração?'* - disse Desidério.

*-Se for para o seu coração, só quem ordena algo é a cachaça, porque hoje você e o Húliam tomaram que nem dois argentinos magoados!*

Todos riram com o comentário de Alceu. A alegria do grupo foi interrompida por vozes altas em tom de discussão. Eles pararam as risadas para escutar a confusão. Ouviam uma voz feminina, umas risadas e palavras em inglês.

Marcos não pensou duas vezes, segurou sua faca e correu em direção ao barulho. Os outros tardaram em segui-lo, pensando ser uma bobagem qualquer do menino. Andaram uns poucos metros em meio ao breu das velas e encontraram uma cena patética, humilhante e

inaceitável para qualquer ser humano. Dois dos soldados americanos seguravam Lara, pelos braços tampando sua boca com o lenço que prendia seus cabelos. Enquanto isso outros dois haviam abaixado sua blusa e tentavam cortar os sutiãs para acariciar os seios da moça. Um quinto soldados já tinha as mãos nas coxas da professora. Jenaro, assistia cena sem saber o que fazer, sentado no chão em estado de choque.

Marcos ao ver a cena deu voz de prisão a todos.

- Cale a boca macaco de circo! Saia daqui agora mesmo! Você não tem nada a ver com isso. Isso é assunto de gente branca - disse um dos soldados que segurava os braços da moça em inglês.

Neste momento o Cabo que tentava cortar o sutiã da moça com uma faca de sua baioneta, levantou-se indo em direção à Marcos, que com a faca na mão pedia para o americano se afastar. O cabo pelo contrário chegava cada vez mais próximo, insultando Marcos com palavrões em inglês.

Os outros se divertiam beijando a moça a força e rindo. Foi quando Marcos se jogou sobre seu oponente em um golpe rápido e perfurou a barriga do americano, que ferido berrava por socorro em altos brados. Os amigos de Marcos chegaram neste momento com suas facas na garganta de um outro que tentou se aproximar do ferido, acabando com qualquer possibilidade de reação americana.

Os soldados do “Tio Sam” foram pegos literalmente de calças nas mãos. Lara foi correndo para os braços de Marcos. E os soldados ficaram ali segurando o grupo de arruaceiros. O soldado americano que estava com a faca a abaixou e só insultava os brasileiros. Em menos de um minutos três grupos de patrulha brasileiros estavam já no local.

Eles desarmaram em uma ação rápida os brasileiros e também os americanos. Marcos e seus colegas mesmo estando com razão foram levados pelos patrulheiros da Polícia do Exército até a sede do quartel em Pistóia. Já os esperavam juntamente com um sargento auxiliar, três oficiais americanos furiosos por terem tido um soldado ferido.

O grupo foi reunido em uma sala. De um lado Marcos e seus colegas, do outro os americanos com seus oficiais.

Os americanos negavam o ocorrido, dizendo que Marcos esfaqueara sem motivos o Cabo. Seus oficiais por sua vez, pediam a prisão de Marcos e que o caso fosse apresentado para o Comando Geral de Porreta. O sargento que defendia os brasileiros propôs um acordo, que ambos esquecessem o ocorrido e voltassem cada um para sua Companhia. Um dos oficiais que falava um português misturado com espanhol era o mais exaltado.

*-Ustedes tienen que pagar por todo! Están en error!*

*-Calma, vamos deixar isso para lá, seus homens estão errados. Queriam estuprar a moça, e estes soldados dominados pelos forte calor do memento tiveram que reagir.* - explicava o sargento Romeu, chefe da primeira patrulha que chegara ao local e que encontrara os americanos realmente abaixados com roupas desarrumadas.

Foram quase duas horas de conversa até, que se chegou ao acordo.

*-Prometo aos senhores que nunca mais verão estes soldados outra vez. Eles serão transferidos para o front e para a infantaria.* - disse Romeu aos americanos.

Os yankees saíram com um largos sorriso no rosto.

*-Desculpe-me sargento, mas porque o senhor disse aquilo aos americanos? Nós já somos soldados de infantaria e vamos voltar para a frente depois de amanhã.* -disse o Cabo Alceu.

*-Porque eles pensam que vocês são do destacamento daqui. E além do mais, eles pensam que todos os brasileiros são iguais e que não existe sequer uma divisão entre os regimentos. Ainda acusam a gente de não estar querendo lutar, fazendo “corpo mole”. Dizem que estamos com paúra. Agora rapazes, vocês vão fazer o que eu disser: peguem suas coisas no local onde estão hospedados, cochilem um pouco, tirando turnos de 30 minutos cada um e logo mais, quando for 6h, partam no primeiro carro que passar para o front de Castelo. Não falem a ninguém sobre o ocorrido aqui hoje. Entenderam?*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Sim Senhor! - responderam todos em posição de continência.*

*-Agora, dispensados, pois já são quase 3h!*

Os soldados se prepararam para partir, mas quando iam saindo Alceu se voltou e perguntou ao sargento:

*-Senhor, com licença, só mais uma coisa. Por que devemos manter guarda?*

*-Simples meu caro Cabo, os soldados americanos podem querer se vingar de vocês. Pelo que soube, o ferido vai pegar pelo menos uns três meses de internação. A faca perfurou o intestino daquele verme!*

*-Obrigado Senhor.*

Os soldados andaram o mais rápido que podiam e chegaram rapidamente à pensão. Marcos esteve calado durante este tempo, enquanto Desidério ria eufórico da cara dos americanos assustados ao serem pegos naquelas circunstâncias.

Na porta os esperava o pai de Lara.

*- Siete fini? Ho pensato che es apressionato!<sup>6</sup> - disse o pai de Lara, senhor Ricurno. - Quanto buon che avevano ritornato!* - Lara correu a abraçou Marcos, que assustado quis afastá-la.

*-Gracias Marcos! Gracias!*

*-¿Estás bién?*

*-Sí, pero Jenaro llora mucho!*

*-¿Donde ello está?*

*-Ahora dorme!*

*-Nosotros tenemos de ir em pocas horas. Habla para él que todo va ser bueno y entrega este chocolate para él. Ahora yó e mis amigos vamos a dormir. Dejamos mañana. Aquí es el pago para el hotel.*

Aquele Marcos que agora falava com Lara entregando-lhe as moedas, parecia ter amadurecido pelo menos dez anos em menos de três horas. Sua linguagem era outra, seu modo de agir era outro. Lara ainda sem entender o que se passava, somente olhou para Marcos, pegou as moedas e saiu, mas antes de ir deu-lhe um beijo no rosto.

Os outros do grupo estavam exaustos, pois, tinham feito muitas atividades e bebido durante o dia. Para completar, não tinham dormido nada. Entraram em um acordo: Marcos, Alceu e Desidério tirariam a primeira hora, das 3h30 às 4h30, e Irineu e Húliam a segunda, das 4h30 às 5h30, quando todos deveriam levantar e se deslocar até Castelo mais uma vez.

Tudo foi tranqüilo e os americanos não voltaram. Quando acordaram tomaram uma mistura feita de ervas com um pouco de açúcar de beterraba feito por Lara, que acordara mais cedo que de costume para se despedir do novo amigo. Ela o entregou um bilhete em que o agradecia e dizia estar interessada em vê-lo de novo. Eram agora amigos de guerra, ou algo mais, dizia ela.

Estava muito frio, cerca de -10°C. A noite glacial como era, durava até 9h da manhã, por isso os soldados seguiram em direção à Castelo no dia 29 de novembro, ainda à noite.

Lara mais uma vez abraçou Marcos.

*-Nunca me olvidaré de usted. ¡És un angel! ¿Cuando te veré outra vez?*

*-Lara, eu não sei, mas nunca me esquecerei de você! – respondeu Marcos.*

O pequeno Jenaro levantou e também abraçou Marcos. A família ficou a observar os cinco amigos partindo, até que sumiram algumas quadras depois em meio à neblina. Marcos segurava o choro, o que não aconteceu com Lara, que encostada no ombro do pai chorava a partida dos amigos, que em menos de um dia tornaram-se parte da família ao defendê-la dos abusivos americanos.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Notas

- <sup>1</sup> Quem são estes garotos?
- <sup>2</sup> Não sei, mas tem um macaco com roupas de guerra!
- <sup>3</sup> Ei garoto! Você quer uma banana? Eu tenho uma aqui!
- <sup>4</sup> Desculpe-me! Eu não falo inglês! Sinto muito!
- <sup>5</sup> Oh! Esses meninos são os “cobra fumando” brasileiros. Eles são os idiotas da América do Sul.
- <sup>6</sup> Como foi? Pensei que iam te prender! (...) Que bom que você voltou!

Monte Castelo II/Mudanças de regimento

O grupo se dirigiu até o posto de comando, de onde embarcaram em um carro americano que levava suprimentos para o grupamento de montanha “yanke” e que por isso passaria próximo ao teatro de operações da FEB.

Fazia um frio imenso, e a respiração dos soldados era vapor puro. Subiram rapidamente no carro, um a um. No carro havia ainda elementos da logística americana encarregados do rancho. Eram jovens de pouco mais de 18 anos, que sorriram para os brasileiros que por sua vez retribuíram com uma continência rápida. Após a continência, um deles viu que Alceu era Cabo e levantou-se rapidamente enquanto o caminhão tentava funcionar os motores. Alceu fez sinal para que eles se sentassem. Todos então se sentaram por sobre os sacos de mantimentos e iniciaram a viagem. O percurso era bastante esburacado e cheio de lama. Os americanos tentavam se comunicar com os brasileiros por sinais.

-*Where are you?* -perguntou um deles, ruivo e sardento com algumas queimaduras causadas pelo frio no canto esquerdo da boca.

- *We don't speak english! We are brazilian!* - respondia Marcos apontando para a bandeira em seu uniforme, afinal era uma das poucas expressões que aprendera no “mini-curso” que eles receberam enquanto recebiam noções de manutenção de cabos.

-*Oh yes!* – confirmou o soldado.

A viagem continuou até que de longe já se podia sentir o cheiro de fumaça produzida pelo diesel. Sem dúvida estavam chegando ao Monte Castelo depois de menos de um dia de “férias”. Era o dia 29 de novembro. Os americanos que estavam no carro não embarcavam por outro motivo senão o de tentar tomar mais uma vez o Monte maldito.

O grupo de Marcos desembarcou rápido do carro. Não conheciam ninguém. Haviam convivido todo o tempo com o 6ºRI, que agora fora mandado para a reserva dando lugar para o 11ºRI. A única coisa que sabiam e que tinham que se apresentar para o comandante da 1ª Cia de Transmissão, Capitão Mário da Silva Miranda, o mais rápido possível. O frio era intenso e até Marcos que era negro estava com as pontas das orelhas nitidamente avermelhadas.

Eles pararam um soldado que passava por ali. O soldado estava apressado com alguns pedaços de madeira que levava para forrar o “fox hole” onde morava. Ele se esforçou para segurar tudo com apenas um dos braços e com o outro cumprimentou Alceu com uma continência.

-*Sabe onde posso encontra o Capitão Mario da Silva Miranda?*

-*Sei não “sinhô” Cabo! Mas o tenente que cuida do setor de transmissão está ali no “foxerrolí” dele, atrás daquela barraca com uma meia em cima.*

Alceu agradeceu o homem e foi até o local indicado. O Tenente estava com uma barba por fazer, o uniforme sujo de quem não ia para retaguarda há dias e o capacete furado de bala. Ele dava as últimas instruções para um observador e um telefonista que ficariam encarregados de cuidar que a tropa atacante brasileira a noroeste estivesse fora de perigo durante a nova investida.

-*Tenente! Cabo Alceu e Companhia de Observação e Comunicação Avançada se apresentando senhor!*

-*Descansar soldados!* - respondeu o tenente aos homens de Alceu. - *mas o que vocês fazem aqui? Vocês são do 6ºRI! Deveriam estar de folga!*

-*Sim senhor! Mas fomos transferidos, por ordens do PC! E aqui estamos para servir ao 11ºRI* . - disse Alceu entregando uma carta ao Tenente.

-*Ou vocês são muito bobos ou não estão acostumados com os trâmites militares. Aqui diz que vocês devem ficar sob ordens do 11ºRI, mas não diz que deveriam se apresentar hoje!*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Os soldados se entreolharam ainda confusos.

*-Mas senhor, isso não inclui nossa apresentação?*

*-Não Cabo, isso quer dizer que se vocês fossem necessários, caberia ao 11ºRI a responsabilidade de chamá-los para o front. Mas já que estão aqui... Venham comigo!*

O grupo seguiu o Tenente até uma casamata de trocos e muito embarrada, que camuflada no chão úmido por culpa da neve que caía e parava a todo momento e que naquele momento cessara de vez, escondia vários equipamentos de transmissão de comunicações que serviam para orientar o Posto de Comando sob a situação dos atacantes.

*-Sabem usar esses equipamentos não é?*

*-Sim, senhor!*

*-Pois bem, vocês vão atender as ligações dos telefonistas lá da frente e repassar direto para o atendente do PC. Entenderam?*

*-Sim, senhor!*

*-Ok! O ataque começa daqui uma hora! - feito isso o Tenente se retirou.*

*-Não acredito Cabo. Com um tempo destes os generais ainda querem atacar!*

*-Pois é Hüliam! Deus ajude estes pobres infelizes do 11º!*

*-Sim Cabo, mas hoje disseram que a "45" americana vai apoiar com seus tanques!*

*-Não seja tolo Irineu! Você acha que vai passar algum tanque neste barro que está? Sem condições. Vão apoiar eles igual apoiaram a gente aquele dia!*

*-E o pior é que você tem razão Desidério. Não passa nem tatu de bota neste barro! - disse o Cabo.*

Marcos estava olhando para o longe pela abertura da casamata.

*-Em que está pensando paraguaio?*

*-Nada não Cabo, só estava olhando para fora! - mentiu Marcos que já estava apaixonado por Lara e que teve certeza que teria chances com a moça após ler o bilhete no caminhão.*

*-Como se tivesse alguma coisa para se ver. Fumaça, uns restos de lama de neve e um monte de homens tensos! Bem vindo a "Bella Itália" meu amigo!*

*-Em pensar que numa hora destas eu podia estar em casa tomando um vinho na beira de uma fogueira! - disse Hüliam.*

*-Mas aposto que o que vocês não faziam idéia é que seu amigo Desidério aqui trouxe uma "grappa" no bolso da jaqueta!*

*-Que droga é esta de "grappa"?*

*-É um cachaça que os italianos fazem com bagaço de uva! É meio "ruinzinha", mas já esquentar! Quem vai querer?*

*-Acho bom a gente deixar para tomar depois que o monte cair, na comemoração.*

*-Concordo com o senhor Cabo! - disse Irineu.*

Desidério não esperou e mandou ver em grandes goles. Menos de meia hora depois o ataque começou. Na esperança de que os tanques lhes dariam cobertura, os soldados da FEB correram em direção ao monte como formigas e foram abatidos como tal. Os tanques não puderam vir, a lama os atolou no caminho. Pelo risco de novas nevascas, os aviões sequer saíram dos hangares. Os infantis brasileiros atacaram Castelo pelo centro pela esquerda e pela direita. Estavam em desvantagem, pois, tentavam subir o monte, deixando-se abater pelos inimigos que defendiam o cume principalmente pelo centro do monte. Foi aí que começaram as ligações interruptas para o PC.

*-Droga! Cadê os tanques? Cadê os aviões? Estamos caindo como formigas aqui em Castelo! - dizia um dos telefonistas em meio ao tiroteio infernal.*

Marcos e os outros esperavam estas reclamações cessarem e repassavam as informações para o PC.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Aqui é "Jóinha 1" para comando. 3° Cia. do 11° pedindo reforço aéreo e de cavalaria para suas posições.*

**Ouviam somente:**

*-Peça-os para manter as posições! O reforço está a caminho!*

Repassavam as ordens aos soldados que estavam sendo praticamente encurralados pelo fogo tedesco, que atacavam à esquerda de Belvedere, recém tomada de volta dos americanos, pelo centro de Gorgolino e pela direita de Mazzacana, Bella Vista e La Serra, todos pequenos montes que rodeavam o monte principal, Monte Castelo.

Foi neste ponto que em um instante de lucidez do Brigadeiro General Paul Rutledge, o comandante do ataque, deu a ordem de recuar. Os soldados não tardaram um minuto sequer em obedecer tal ordem.

Na casamata o sentimento era de revolta. Primeiro contra o comando que permitiu tamanha estupidez em autorizar o novo ataque e depois contra os alemães que nunca se rendiam e que mesmo estando cada vez mais encurralados se mostravam mais e mais precisos em suas ações defensivas.

*-Que droga! Por que eles não falaram logo que não íamos ter reforços nenhum! Pelo menos não teríamos dado esperança a estes homens pelo rádio! Agora quantos estão mortos lá por nossa culpa!*

*-Não é nossa culpa! Apenas cumprimos ordens, Desidério!*

*-Mas podíamos ter falado para eles que não havia reforço nenhum!*

*-Já te disse meu amigo, apenas cumprimos ordens! Agora vamos ficar atentos para novas ordens!*

Feito isso, Alceu, reuniu seus homens perto de si.

*-Vamos rezar por nossos colegas que se foram.* - os soldados rezaram um "Pai Nosso", e rapidamente voltaram aos seus postos.

O rádio chamou. Era do PC.

*- "Jóinha 1" diga a todos os chefes de pelotão e sargentos para se reunirem com o PC daqui duas horas. Teremos uma nova reunião! Entendido?*

*-Sim senhor!*

*-Outra coisa, todos os elementos de comunicação, incluindo telefonistas, rádio escutas e pessoal de manutenção devem se apresentar na casa onde funciona o posto de transmissão para reagrupar nosso pessoal. Entendido?*

*-Sim senhor!*

Reunidos todos os homens de comunicação daquele ponto de combate, entrou o Capitão Mario da Silva Miranda, comandante da 1ªCia de Transmissões.

Ele contou os homens e viu que sobravam os cinco, visto que nenhuma baixa havia sido contabilizada entre seu pessoal.

*-Vocês cinco são novos aqui não é? De onde vem?*

*-Sim senhor! Éramos da infantaria do 6° e há alguns dias estamos nas comunicações. Nos chamam de Cia "Zóinho".*

**Todos riram na sala.**

*-Então me façam o favor de voltar para a infantaria! Pois nossa arma já está lotada de pessoal de comunicação! Se preciso for, eu volto a chamar vocês. Por enquanto passem para a infantaria em algum grupo do 1°RI. Dispensados.*

*-Sim senhor!*

Os soldados saíram meio inconformados. Como poderia ser? Justo eles que tinham ajudado tanto, tendo sido dispensados assim. E o pior trocando de regimento no mesmo dia em que chegaram!

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Eles foram procurar algum sargento para que pudessem se apresentar.

Encontraram logo de cara um rapaz alto, de pelo menos 1,95m que era sargento. Ele estava sujo. Provavelmente por ter participado à tarde do ataque infrutífero a Castelo.

*-Sargento!*

*-Pois não Cabo!*

*-Temos ordens de incorporação ao 1ºRI. Como fazemos para incorporar?*

*-Procurem alguém do comando e apresentem suas ordens! Só isso.*

*-Obrigado senhor!*

**Mais uma vez estava o grupo perdido.**

*-Vamos ter que voltar lá e pedir uma ordem para o Capitão. Quem vai?*

*-O senhor cabo! O senhor é o que fala melhor de nós!*

*-Eu? Eu não! Vai o Marcos! Ele está muito quieto!*

*-É mesmo paraquai, que foi com você?*

*-Nada não Hüliam, é só que estou meio cansado.*

*-Que nada, você está pensando na italiana bonita da cidade, não é?*

*-Claro que não Desidério! Ela era somente minha amiga!*

*-Não querendo atrapalhar a conversa de vocês, mas ainda temos que nos apresentar hoje! Já são 18h! Perdemos até a bóia! Agora só vamos comer nossa "deliciosa" rações – disse*

**Irineu**

*-Então vai logo, Marcos!*

*-Sim senhor, Cabo!*

E lá se foi Marcos rumo ao local de onde haviam sido expulsos meia hora antes.

Chegaram e bateram na porta. Saiu o ordenança do Capitão Mario da Silva Miranda, comandante da 1ªCia de Transmissões.

*-Fala soldado!*

*-Sou o soldado Marcos Gutiérrez, Assistente de Comunicações, Senhor. Gostaria de falar com o Capitão, posso vê-lo?*

*-Você é de qual regimento e Cia?*

*-É exatamente isso que gostaria de tratar com o capitão, pois, ontem fomos remanejados para o 11ºRI, mas ele mandou a gente para o 1ºRI hoje. Aí eu queria ver se tem como ele dar uma ordem de transferência para eu e meus colegas nos apresentarmos no comando do 1º.*

*-Ok. Vou ver com ele, aguarde aí na porta.*

Enquanto Marcos esperava na porta do PC, ouvia Lurdinhas não muito longe e o assvio das bombas vindo cair a poucos metros de onde aguardava o oficial. Ele já não se assustava mais. Não tinha medo de morrer, na verdade pensava mais em como manter-se vivo para não decepcionar seus colegas, que já eram mais que colegas, eram irmãos mesmo.

De casa não recebera uma carta. Nem da mãe, nem do irmão, nem do pai. Ninguém para ele escrevera. Para falar a verdade, ele era um menino que lutava muito mais pelos amigos do que contra os tedescos. Se bem que às vezes a imagem de Lara lhe retornava á cabeça, mas saia de novo como em relances.

*-E então soldado, o que busca que não está no front?*

*-Boa noite Capitão! - respondeu Marcos prestando continência- sou Marcos Gutiérrez, Assistente de Manutenções, vim aqui pois eu e meus colegas necessitamos da ordem de transferência para sermos incluídos entre os soldados do 1ºRI.*

*- Quantos anos tem?*

*-19 senhor!*

*-Você é de qual Estado?*

*-Mato Grosso, senhor!*



Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Muito bem, o que faz nesta guerra ingrata?*

*-Luto pela liberdade de meu país e pela minha pátria!*

*-Bem se vê que você não sabe mesmo muito do que se passa! Isso aqui não é uma guerra do jeito que vocês imaginam... Mas porque eu transferi vocês?*

*-O senhor disse que não necessitava de mais pessoal de Manutenção em seu grupo de combate, senhor?*

*-Ah, agora lembrei. Realmente eu não preciso mesmo de mais gente nas Manutenções. Vocês tem experiência de combate?*

*-Sim senhor, estávamos no penúltimo ataque ao Monte Castelo.*

*-Tudo bem. As minhas ordens estão sendo mantidas. Vocês devem se apresentar daqui 10 minutos na 2ª Cia do 1º RI. E da próxima vez, mande aquele seu cabo "paurento" vir falar comigo pessoalmente!*

*-Sim, senhor!*

*-Pode retirar-se! Passe para este menino aqui uma ordem solicitando a incorporação dele e de seus camaradas no 1º RI. Coloque como observação que eles têm experiência em combate e que por enquanto devem ficar na infantaria, mas que também podem ser usados nos serviços de comunicação da companhia.*

*-Sim senhor! Siga-me soldado- disse o ordenança para Marcos.*

**Quando abriu a porta, lá estavam os outros quatro com mochilas nas costas, sentados no chão úmido e frio.**

*-Tudo certo aí Marcão? - perguntou Hülíam, levantando-se.*

*-Temos 10 minutos para estarmos lá no 1º, na segunda Cia de infantaria! Temos que correr. E Cabo, o capitão disse que da próxima vez é para o senhor largar de paúra<sup>3</sup> e ir falar pessoalmente com ele.*

*-Ele falou isso? Que cafajeste! Deixa para lá. Vamos indo então.*

**O grupo se foi na escuridão atrás do PC do 1º RI. Já eram 19h e em breve seria dado o toque de recolher e eles realmente tinham de se apressar em busca de um tal de Tenente Aquino.**

*-Onde podemos encontrar o Tenente Aquino?*

*-Naquela barraca ali.*

*-Obrigado!*

**Chegando à barraca do Tenente, Alceu se adiantou e foi entrando.**

*-Cabo Alceu se apresentando senhor!*

*-Pois não Cabo!*

*-Eu e meus homens fomos transferidos para a sua Cia e estamos nos apresentando!*

*-Sejam bem vindos. Vocês entram em linha às 23h, no setor de guarda onde agora está o grupo do Josemar, ao leste do ponto de armações 3. Entendido? O grupo está a pelo menos 200m aqui do PC, por isso, por enquanto descansem. Mais tarde vão ser reunidos ao todo do nosso pessoal.*

*-Sim, senhor!*

**Até então estava o 1º RI de um lado guardando os contra-ataques alemães e do outro o recém chegado 11º RI. Ao grupo de Marcos fora entregue uma metralhadora e um telefone de campanha para ser usado a serviço dos outros grupos que o cercavam, em caso de um possível ataque alemão. Lá estavam eles dentro de um "fox-hole" em um frio brutal que dependendo do ponto do terreno, se mais elevado ou não, chegava a -10°C.**

**Um caso curioso foi notado no dia 2 de dezembro entre uma Cia do 11º, que ficou conhecida como "Laurindo desce o morro". Eles estavam guardando seu setor, quando uma patrulha alemã os pegou de surpresa. Eram poucos homens. Os soldados do 11º tinham vantagem numérica e de armas, no entanto quando viram o inimigo, se apavoraram bateram em retirada, abandonado suas**

posições e indo parar no PC para pedir ajuda.

Quando o comandante chegou ao local e viu que não era nada mais que uma patrulha alemã deu uma grande bronca nos homens. Afinal de contas, tinham abandonado suas posições e não combateram! Para completar, ainda queriam mobilizar todo o regimento, pois diziam ser um contra ataque alemão. O regimento só não foi acionado, pois, o Comandante decidiu investigar antes de fazer o alarde.

O caso se espalhou entre os febianos e era motivo de várias piadas.

Assim se passaram os quatro dias seguintes. De dia chuva, à noite neve e bombardeios alemães, seguidos da resposta brasileira, que não economizava em devolver os votos de “boa vizinhança” dos tedescos.

No dia seis de dezembro a FEB concentrou todo seu fogo sobre o Monte Castelo, que naquela escuridão parecia um vulcão em chamas, visto o tamanho das explosões.

A chegada do 4º escalão da FEB, no dia 7, foi recebida com alegria pelos soldados. Nesta remessa, vieram mais integrantes dos Correios e correspondentes de guerra, como o então ainda jovem, Joel Silveira.

Para quem estava no front, a idéia de que a guerra acabaria antes do natal era somente uma ilusão. Eles sabiam que o conflito duraria ainda um bom tempo.

Como todos os dias, o tempo amanheceu fechado e a noite de 8 para 9 de dezembro tinha se passado na maior calma. O calendário já apontava 10/12/1944. O exército americano começava a avançar rumo a Berlim, pelo norte do “ninho tedesco”. Do outro lado os “camaradas” russos, com sede de vingança vinham com tudo para pôr um fim no Reich que Hitler prometera durar mil anos, mas que em quase seis anos de guerra já se via à beira da decadência que ele mesmo trouxera em pouco mais de uma década, quando assumiu o poder.

A rotina dos brasileiros era ainda a mesma. Para comer, as marmitas chegavam ainda quentinhas para os combatentes, que comiam o mais rápido que podiam. Uma pela manhã e outra já tarde da noite, depois das 21h.

As escalas para patrulhas saíam sempre à tarde, o que fazia com que o período entre 16h50 e 17h fosse sempre angustiante para o combatente, que quando via o nome do seu Grupo escalado para ir “caçar gente” (fazer prisioneiros) ou observar o inimigo, se isolava e preparava o espírito para aquele que poderia ser o último dia no front chamado vida.

Outro fator que identificava o soldado brasileiro no meio dos demais guerreiros eram os galochões, que revestidos internamente de papel, feno e trapos, quando vestidos com duas meias evitavam o “pé de trincheira”, que congelava o sangue nas veias e caso evoluísse para sintomas mais sérios, causava a amputação do membro gangrenado.

Mas naquele dia que amanhecera tão calmo, as coisas começaram a mudar. Quando a noite chegou, por volta das 16h30, período que começava a escurecer devido ao inverno, as notícias que chegavam do Posto de Comando Avançados não eram nada boas.

#### Notas

<sup>1</sup> Vocês são de onde?

<sup>2</sup> Nós não falamos inglês. Somos brasileiros

<sup>3</sup> Paúra é o mesmo que medo.

Encontro com um herói

*- Vocês parecem estar com um pouco de frio aí dentro Cabo!*

Todos olharam rapidamente para trás. Era o Sargento Max Wolff, da 2ªCia/11ºRI. O sargento era um homem íntegro, sempre com o fardamento dentro dos padrões e que se esforçava para manter quem quer que fosse no mais absoluto conforto, se importando realmente com os liderados, mesmo que não fossem de sua companhia.

No Brasil, deixara a filha ainda menina aos cuidados dos parentes, pois era viúvo e não se casara novamente. Todos tinham alguma história para contar de Wolff. Era o colega que tinha sido salvo em combate, o cozinheiro que precisou de uma ajuda e ele não hesitou em auxiliá-lo ou mesmo o comandante que precisou de um conselho e ele lá estava para auxiliar. Era realmente um herói e bom amigo de todos.

Quando os homens ouviram a voz viraram para prestar continência imediatamente.

*- Está realmente frio senhor! - respondeu Alceu.*

*- Pois vocês não tem cobertores extras aí?*

*- Até temos, mas a garoa de ontem os deixou meio úmidos.*

*- Tem alguma coisa que eu possa fazer por vocês?*

*- Não senhor, estamos bem.*

*- Ok, se precisarem, sabem onde me encontrar. Estou na 2ª Cia, mas à noite eu passo por aqui para pegar informações do comando. Até mais.*

Quando Wolff saiu os homens comentavam felizes a visita.

*- Se todos os sargentos e oficiais fossem como este Wolff, esta guerra teria acabado faz tempo. Bom guerreiro e ao mesmo tempo um camarada com quem se pode contar!*

*- Pois é Húliam, mas você tem que ver que nem só de sargentos e oficiais é feito o exército. Sem nós eles não são ninguém. E outra coisa, na hora do combate, não tem essa de oficial, todos correm o risco de voltar para Pistóia e ganhar uma cruz branca com plaqueta.*

*- Concordo, Cabo! - disse Marcos.*

Nem bem acabaram de falar, se aproximou um vulto. Desidério já de fuzil na mão, deu a ordem para a figura que se aproximava.

*- Parado ou te meto bala.*

*- Calma soldado! Sou lá da intendência... Me mandaram entregar para vocês esta manta aqui. Foi o Sargento Wolff que mandou.*

Os homens ficaram bastante felizes pela ação do sargento.

*- Obrigado intendente! Mande nossa gratidão para o Sargento e diga-lhe que estaremos sempre dispostos a ajudá-lo no que for preciso.*

*- Até mais homens e olhos bem abertos. Hoje a Força Aérea Alemã bombardeou Porreta.*

Assim que o intendente saiu os homens voltaram a cochichar.

*- Ei, se a Força Aérea bombardeou Porreta, isso quer dizer uma coisa apenas...*

*- Exato Irineu, a guerra ainda vai demorar para acabar. - disse o Cabo.*

*- Mas estes americanos e a FAB são mesmo uns burros... Como que não viram que aviões alemães invadiam nosso espaço aéreo?*

*- Desidério, as coisas não são tão simples assim. Pense comigo: os aviões invadem, atacam. A primeira resposta deve vir das baterias antiaéreas. Só depois que decolam aviões e tudo mais. Por mais que o país tenha armamento pesado, uma arma nunca falha: a surpresa.*

*- Eita Cabo, o senhor anda lendo demais os manuais heim? Está sabendo de tudo! - todos riram baixinho de Alceu, após as palavras de Desidério.*

E Alceu tinha razão, a surpresa fora a maior arma da Luftwaffe, a Força Aérea Alemã, no

Uma vez na Itália  
Helton Costa

ataque do dia 10 de dezembro. Por conta disso, as equipes de Saúde, Material Bélico e Engenharia foram recuados para fora dos limites de Porreta, afinal de contas, o bombardeio, mesmo não causando danos, era um sinal de que os alemães queriam a cidade de volta e iriam fazer de tudo para que isso acontecesse.

O restante da noite passou sem grande movimentação para quem já estava acostumado ao dia-dia do front. Os alemães atiravam e a artilharia brasileira respondia. Isso tudo em intervalos de uma em uma hora.

Para piorar, o dia 11 amanheceu chuvoso. Caía uma espécie de garoa por sobre os soldados que em seus fox holes já úmidos, aguardavam o inimigo contra-atacar.

O mensageiro do PC que veio andando devagar naquele frio foi quem deu a notícia para os homens de Alceu. Enquanto ele falava saía vapor de sua boca e do nariz, que escorria naquele momento.

*-Ei soldados, se preparem que acho que hoje vai ter movimento!*

*-Que movimento De Paula?*

*-Cabo, não sei, mas vi os oficiais chegando cedo do QG.*

*-Então o sargento Wolff não estava aqui à toa.*

*-Claro que não Desidério! Se ele soubesse teria nos falado e além do mais, ele nem oficial é!*

*-Isso é verdade.*

*-Meus amigos, já avisei, agora deixa eu sair daqui! - disse o mensageiro saindo apressado.*

*-Como que o senhor conheceu esse figura, Cabo?*

*-Foi lá em Pistóia aquele dia Irineu, quando fui buscar minhas correspondências, ele estava vindo de Porreta e passou lá para pegar as cartas dos oficiais.*

*-Então, tá!*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Realmente o mensageiro não mentia. Um novo ataque à Monte Castelo havia sido planejado. Não para o dia 11, mas para o dia 12 de dezembro. A missão de tentar tomar o monte caberia ao 1ºRI, menos sua 1ªCia, o 1º e o 3º/11ºRI, que deveriam ficar como reserva para missão de apoio, bem como o 1º, 2º e 4º, além do 9º de Engenharia e do 3º Grupo de Artilharia e da 1ª Cia de Comunicações.

Os soldados que iriam participar do embate (que já era o quarto contra o Monte maldito), tomaram seus lugares para o ataque antes das 5h do dia 12. Às 6h deveriam subir o monte e tomá-lo de vez. Deveriam, pois, na prática, o ataque falhou mais uma vez. Alceu e os outros tentavam a todo custo atravessar um pequeno pedaço de terra com 12 casinhas em estilo feudal, chamado Abetaia, que separava a terra de ninguém do Monte Castelo. Se escondendo atrás de qualquer coisa que pudesse lhes servir como abrigo, iam avançando. Até que o fogo tedesco os impediu.

*-Temos que atacar! Avante infantaria!* - gritava o capitão da companhia, que caiu em seguida ao ser atingido por uma bala que lhe atravessou o peito. Era o Capitão Bueno ali caído. Mais 17 homens também ficaram no inglório terreno de Abetaia, só podendo ser resgatados seus corpos meses depois.

*-Cabo, temos que recuar, está muito forte este fogo!*

*-Cale-se, Desidério. Estamos cumprindo ordens e aqui ficaremos até o fim.*

*-Mas até o Capitão já acertaram!*

*-Que importa isso! Seu paurento de merda!*

*-Paurento não Cabo! Isso o senhor não pode falar!*

*-Ei, vocês dois querem deixar para brigar depois! Protejam-se!* - disse Hüliam. Os homens ficaram sob fogo cerrado desde as 6h, até 14h30. Não podiam se mexer, se levantassem a cabeça por um instante que fosse, estariam mortos!

*-Contrair posições!* - gritou um sargento que acompanhava tudo ali de perto e os soldados correram de volta para o lado brasileiro pela terra de ninguém. Os cinco amigos corriam próximos uns dos outros.

Foi quando Marcos sentiu um gosto ruim na boca. Era como pólvora ou terra, não sabia ao certo. Seus olhos ardiavam, e sua visão embaçou de repente.

*-Marcos, fale comigo! Marcos, Marcos!* - dizia Irineu dando tapinhas no rosto de Marcos.

Irineu estava sem o capacete e com sangue escorrendo da cabeça.

*-Eu estou bem! Eu estou bem!*

*-Não está não, não se mexa!* - dizia Desidério.

Marcos levou a mão ao nariz. O sangue não parava de jorrar. Um estilhaço atingira o ponto entre o olho e o nariz. Ele olhou para o lado e viu Irineu já puxando Hüliam desacordado pelo braço.

*-O que foi com o Hüliam?* - questionou Marcos para Irineu.

*-Não foi nada ele está bem. Você agüenta andar?*

*-Sim acho que sim.* - Marcos levantou-se e sentiu uma fígada brusca em uma das pernas, que sangrava abaixo do joelho.

*-Quebra canela?* - perguntou Irineu se referindo a um tipo de mina anti-pessoal que explodia quando pressionada pelo peso do corpo. Não costumava matar, mas geralmente aleijava arrancando a perna de quem pisou.

*-Não, 88mm mesmo. Vou buscar o Cabo!* - respondeu Marcos fazendo menção ao calibre do canhão que os tinha atingido. *- onde está Alceu?* - inquiriu o infante.

*-Você não vai não! Corre até a nossa linha lá nos fox hole. Não discute Marcos, vai!*

Marcos corria mancando, quando passaram por ele dois padioleiros correndo em sentido contrário. Suas macas estavam já bastante ensangüentadas. Ele correu o mais rápido que pode e se jogou em um fox hole. Foram quase 10 minutos de corrida.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Hüliam já estava deitado dentro do abrigo, que era um pouco maior que os demais, pois tinha sido cavado dentro de um buraco de canhão de calibre 105mm. Irineu já o havia reanimado e segurava um pano por sobre o ferimento de Hüliam, na tentativa de estancar o sangue. Hüliam estava com estilhaços nos braços e bastante atordoado, pois, o ar da explosão da bomba o lançara cerca de 10 metros longe do local da queda do explosivo.

Poucos minutos depois passava pelo “fox hole” uma maca com o Cabo Alceu desmaiado. Segurando o soro, ia Desidério. O ataque fracassara por completo mais uma vez.

O que se sucedera a Marcos e seus amigos, foi que no momento em que todos recuavam rumo ao lado brasileiro, um projétil de 88mm caiu aproximadamente 50m do grupo, espalhando estilhaços e fazendo uma onda de ar imensa sair por sobre Hüliam que ia atrás de Alceu, jogando-o longe. Irineu que ia mais atrás teve o capacete arrancado com a explosão e um pedaço de pedra cortou-lhe o coro cabeludo. O cabo Alceu por sua vez, corria 50m à frente do local onde a bomba caíra e foi empurrado pelo ar da explosão de encontro à alguns galhos e cascalho, tendo batido com a cabeça. Marcos recebeu vários estilhaços e Desidério somente arranhou a palma da mão quando se jogou ao solo.

Marcos estava perdendo muito sangue e foi levado para o hospital com Alceu. Hüliam e Irineu permaneceram na companhia e só receberam mesmo alguns curativos. Ficaram nas proximidades de Monte Castelo até 22 de dezembro.

Desidério voltou no dia 15 com a mão enfaixada.

Marcos perdera muito sangue e ficou desacordado em uma localidade próxima a Livorno por seis dias, quando acordou no dia 18.

*-Ei dorminhoco, acorde!* - disse uma voz desconhecida para Marcos.

Marcos tentou levantar o mais rápido quanto pôde em um salto rápido da cama.

*-Calma rapaz, você está entre amigos. Aqui ninguém vai te fazer mal nenhum! Eu sou o médico do destacamento de saúde. Fique tranqüilo.* – respondeu um homem todo de branco com a mão no ombro de Marcos. Ele devia ter aproximadamente 40 anos, era grisalho e calmo.

*-Médico? Onde estou? Cadê os meus amigos? E o Cabo, ele está bem?*

*-Estou sim, Marcos. Ainda me dói um pouco a cabeça, mas estou bem.* - disse Alceu na cama em frente de Marcos. O Cabo lia cartas de sua família e estava sentado na cama de campanha improvisada.

*-Cabo, o senhor está bem mesmo? O que aconteceu aquele dia? Lembro de ter visto o senhor na maca, depois vi tudo girar e não vi mais nada!*

*-Estou bem sim Marcos! E penso que logo volto para casa, não é Doutor?*

*-Acho que sim Cabo. O senhor bateu com a cabeça muito forte, prefiro que volte para o Rio de Janeiro e faça um tratamento detalhado, para diagnosticar se por um acaso não ficou nenhuma seqüela maior.*

*-E quanto a mim doutor? Eeu não vou voltar para casa não né?*

*-Não Marcos, a não ser que você queira!* - riu o médico.

*-Não, não quero não. Foi só um ferimento leve não é?*

*-Sim, o problema é que você perdeu sangue. Mas agora já está recuperado e se comportar-se bem, ainda hoje pode voltar para a frente.*

*-Diga-me doutor, porque o Marcos ficou tanto tempo desmaiado, sendo que perdeu tão pouco sangue?*

*-As pessoas reagem diferente à pressão de um combate e o Marcos estava com o sangue muito agitado nesta hora. Por sorte, o ferimento perto do olho, foi somente de raspão e o corte na perna, foi superficial. Tivemos que dar sete pontos! Mas ele já está bem. Basta somente passar este remédio aqui.* - explicava o médico entregando alguns comprimidos a Marcos e uma pomada.

Nesta hora entrou um sargento corpulento com capacete socado no rosto que lhe tampava os olhos. O capacete de aço estava sujo de barro e a roupa com manchas de sangue nas mangas da blusa e nas perneiras.

Quem podia levantar-se, ficou em pé o mais rápido possível.

*-Tenente, temos alguém para voltar para a dureza hoje?* - dizia o sargento para o médico-tenente.

*-Hoje não temos ninguém não, mas amanhã este rapaz e mais uns oito já estarão em condições de voltar lá de novo.*

*-Veja se tem jeito de agilizar isso o mais rápido possível. O depósito de pessoal até que tem gente, mas demora muito para eles pegarem o jeito. Prefiro o pessoal daqui, pelo menos não tem paúra e nem é preciso ficar ensinando as coisas para eles. O senhor sabe como é não é? Afinal de contas já estive no front.*

*-Oh se lembro! Tempos difíceis aqueles.*

*-Mas tudo bem, amanhã eu passo por aqui, ainda tenho que visitar as outras barracas.*

*-Até mais sargento!* - os dois bateram continência um para o outro e saíram.

*-Quanto ao senhor soldado Marcos Gutiérrez, reze esta noite e agradeça a Deus por estar vivo. O que você e seus amigos passaram é para poucos. Amanhã assim que soar a alvorada*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*eu volto e vejo se você está melhor.*

*-Sim senhor!*

O médico saiu do local deixando a luz acesa. Eram 19h55 minutos, e logo soaria o toque de recolher.

*-Ei Cabo, o senhor dormiu?*

*-Claro que não, acha que sou uma galinha para dormir a estas horas?*

*-Não senhor, estou lembrado da hora em que íamos dormir lá no front. Mas me diga uma coisa... O senhor quer mesmo voltar para casa?*

*-Eu não sei Marcos, às vezes eu quero, às vezes não. Hoje enquanto eu lia minha correspondência, tive vontade de estar lá. Meus pais compraram uma chácara e disseram que este natal todos irão para lá. Há um grande lago e peixes. Parece que vai ser bom. Ao mesmo tempo penso nos colegas que aqui estão. Em você e nos outros. Não sei mais se sou eu mesmo ou um outro ser que usa este corpo para abrigo de um bicho, que quando se vê acuado atira e mata.*

*-Também já pensei isso, Cabo, mas acho que no meu caso ainda é pior, ninguém se quer me escreve. Acho que nem o correio chega lá onde eu moro.*

*-Aí é que você se engana. Olhe aí ao lado de sua cama, quantas cartas te escreveram, é que o correio não tem como ir ao front sempre e ainda mais onde estávamos. Lá era o local mais avançado da Itália!*

Marcos olhou ao redor, realmente havia uma cômoda com cinco cartas. Ele pegou, e reconheceu a letra do irmão. O ruim era que as cartas estavam todas abertas, mas o bom é que as cartas eram realmente para ele.

*-É mesmo Cabo, me escreveram mesmo!* - disse o soldado já com lágrimas escorrendo-lhe pela face. Neste instante a luz se apagou. Eram 20h, segundo os oficiais, hora de dormir. Marcos tentou ler, mas não conseguiu, esperou ansioso o amanhecer para ele poder ler suas tão esperadas cartas.



Cartas

20 de dezembro. Mais um dia cinzento na Velha Bota. Nos cumes dos montes, neve e um frio extremo que em alguns momentos na madrugada encostava na casa dos -10 C°. Nos montes mais altos a sensação térmica era de até -15C°. Marcos acordou com o toque de corneta. Aos pés de sua cama já estava uma farda dobrada.

*-Bom dia! Como acordou soldado? -* dizia uma enfermeira que atendia um outro homem ao lado da cama de Marcos. Ela não era de beleza incalculável, era uma mulher comum vestida de branco com personalidade angelical. Talvez os seios chamassem um pouco a atenção, mas nada extraordinário.

*-Bem senhora. Obrigado!*

*-Ainda não sou senhora, sou senhorita... Mas isso em muito me anima. Pensei que você não fosse acordar. O Dr. Daniel disse que assim que você acordasse, era para se vestir e ir procurá-lo na barraca do PC médico.*

*-Sim senhora, quero dizer senhorita. -* disse Marcos em meio a um sorriso envergonhado.

Ele se vestiu depressa, mas antes de ir não se esqueceu de dar adeus a seu amigo de sempre, o Cabo Alceu, que ainda dormia.

*-Cabo, Cabo, acorde!*

*-Fala Marcos, já está partindo?*

*-Sim, estou indo mesmo. Vou para o PC para ver se me liberam.*

*-Você ainda sente dor na perna?*

*-Não, já secaram os pontos. Devo tirá-los em breve. Mas eu vim mesmo dar tchau para o senhor, sabe Deus quando nos veremos de novo...*

*-Um dia meu amigo, um dia. Quando voltar para o Brasil, me procure neste endereço.-* Alceu entregou um papel para Marcos. *-sempre será bem vindo em minha casa.-* o destino quis que aquele fosse o último encontro dos dois.

Alceu morreu um ano depois devido às lesões da batida na cabeça que afetaram seu cérebro de maneira definitiva criando um coágulo.

*-Igualmente, Cabo! O senhor foi um pai para nós todo, lá do Grupo. Até mesmo para o Desidério que é teimoso feito uma rocha!*

*-Não pense assim não. Pense sempre que tudo que estamos passando aqui, você ainda vai contar para seus netos um dia. Garanto que vai começar com "era uma vez na Itália". -* os dois riram e Marcos abraçou Alceu.

*-A propósito, pode entregar estas cartas para o pessoal do grupo se você os ver? Parece que eles saíram do 1°RI, foram para o 11°RI que estava desfalcado.*

*-É mesmo? Vou ver se os acho Cabo e entrego as cartas com prazer. Quem te falou que eles trocaram?*

*-O Batista que era da 2ª Cia do 1°RI e que está aqui com pé de trincheira. Ele me falou "anteontem". Disse que foram os três e mais dois da 3ª do 1°RI.*

*-Beleza, vou ver isso aí.*

Marcos saiu da barraca com o coração apertado. Deixava para trás não um colega ou um amigo, mas sim um verdadeiro "irmãozão", que cuidara dele e o ensinara muita coisa sobre a guerra.

As cartas da família ele queria deixar para ler dentro do carro que o levaria de volta para o front. Agora só pensava em uma coisa, voltar para a guerra.

O menino não existia mais dentro dele ou se existia, só se mostrava em raros momentos de descontração, onde o espírito de combatente dava lugar ao "negão" brincalhão de outrora. Ele

Uma vez na Itália  
Helton Costa

chegou ao PC sério e perguntou do tenente Daniel. Foi levado a uma sala improvisada onde o médico preenchia alguns papéis.

*-Sente-se soldado.*

**Marcos sentou-se, mantendo-se sempre sério.**

*-Diga-me. Como está hoje?*

*-Bem, senhor!*

*-Sente tontura, puxões rápidos na perna, ou qualquer outra dor semelhante?*

*-Não, senhor!*

*-Agora me diga francamente, porque quer voltar para a linha de combate?*

*- Pois penso que meu país precisa de mim e também estou a trabalho. Se estou bem não vejo porque ir para casa, ou fugir tendo paúra.*

*-Concordo mais com a segunda parte do discurso... Escute o que eu lhe digo Marcos. Esta história de país, de nacionalismo, é conversa fiada de Vargas. Nós estamos aqui para agradecer os americanos! Entende?*

*-Não senhor, não entendo. O que quer dizer com isso?*

*-Deixa para lá meu filho. Um dia você vai entender o que estou te dizendo. Agora dê dez pulos e mexa a perna machucada rapidamente.*

**Marcos fez conforme o médico mandou. A princípio sentiu uma dor forte, mas disfarçou sorrindo para o médico.**

*-É parece que você está bem. Mas ainda preciso que você passe no depósito da farmácia e pegue alguns comprimidos, para o caso da dor voltar. E depois de amanhã, já pode tirar os pontos. Peça para o médico da Companhia tirar. É rápido, não demora mais de três minutos. Agora espere o Sargento voltar à noite e pode ir com ele.*

*-Sim, Senhor! Obrigado Tenente.*

**Marcos saiu do PC bastante animado, foi comer alguma coisa e leu suas cartas. As notícias eram boas, mas em alguns trechos estava rasurada.**

**Eram notícias que tudo estava bem, que todos estavam com saudades e que este ano as festas de final de ano seriam na casa de Marcos, com todos os parentes reunidos, quase todos, pois, ele não estaria lá..**

**Outra carta dizia que a irmã de Leopoldo estava indo com bastante frequência à casa de Marcos, pelo menos uma vez por semana e que se isso fosse importante, podia ser algum sinal de interesse da moça por Marcos.**

**Ele não perdeu tempo e à tarde escreveu também para a mãe.**

*"Mãe, pai e meu irmão.*

*Aquí na Itália tudo está bem. Já conheci vários lugares interessantes deste país. Ele é muito bonito, mas também muito frio. Estão cuidando bem de mim. Como duas vezes por dia e tenho bons amigos. Estive internado por duas vezes, mas graças a Deus estou bem. Os tedescos são gente forte e lutadores. Parecem com os filhos do Seo Gervásio Bech que tem plantação de milho na estrada de Itahum. São grandes e altos. Tem armas fortes, mas a gente vai ganhando deles na raça. Um feliz natal para todos. Que vocês possam se divertir bastante porque em breve estarei de volta para almoçarmos juntos e irmos pescar. Não vejo a hora deste dia chegar. Estejam com Deus. Amo vocês todos.*

*De seu filho Marcos de Oliveira Gutiérrez"*

**Marcos levou a Carta até o comando para poder enviá-la. Um Cabo encarregado das correspondências estava em pé de costas para a porta ajeitando as correspondências.**

*-Com licença, Cabo, tenho algumas cartas que chegaram aqui para mim e estavam abertas. Isso é um procedimento normal?*

*-É sim, soldado. Primeira vez que recebe cartas?*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-É sim, senhor!*

*-Isso é normal, pois, antes de chegar até vocês o comando revisa para ver se está tudo dentro dos regulamentos.*

*-Mas isso não é justo! Como alguém vai ler os trabalhos dos outros?*

*-Não me pergunte, são ordens superiores, reclame a eles. E tem mais, quando for escrever eles revisam também. Então, tome cuidado com o que escreve!*

*-Quer dizer que somos espionados a todo o momento?*

*-Interprete como quiser...*

*-Cabo, será que o senhor poderia revisar o que eu escrevi?*

*-Deixe-me ver. O Cabo pegou a carta e depois de alguns minutos de concentração e rabiscos entregou para Marcos de novo. A Carta ficou assim:*

*"Mãe, pai e meu irmão. Aqui na Itália tudo está bem. Já conheci vários lugares interessantes deste país. Ele é muito bonito, mas também muito frio. Estão cuidando bem de mim. Tenho bons amigos. A gente vai ganhando na raça. Um feliz natal para todos, que vocês possam se divertir bastante e em breve estarei de volta para almoçarmos juntos e irmos pescar. Não vejo a hora deste dia chegar. Estejam com Deus. Amo vocês todos."*

Marcos reescreveu a carta e saiu bastante decepcionado. Já estava tarde e ele ainda tinha que pegar outras roupas e equipamento complementar. O cabo passaria para pegar os soldados às 19h30 e já eram 16h. Começava a anoitecer.

Marcos jantou rapidamente. A "bóia" era uma mistura de sopa e legumes. Em seguida se aprontou para a partida. Sentou em um pedaço de madeira perto do Comando e ficou esperando o tempo passar até que desse a hora dele partir.

O nariz dele escorria um pouco por causa do ar frio e da neve. Marcos buscou o lenço que ganhara antes de partir para a guerra, aí lembrou que poderia estar no uniforme antigo, mas depois recapitulando os fatos lembrou que deixara com a menininha que chorava.

Agora outra coisa se passava por sua cabeça: como ele voltaria para sua antiga companhia? A tarefa era complicada, porque quem saía de licença por problemas de saúde, como era o caso dele, voltava como peça de reposição na companhia onde estivesse sendo necessário mais pessoal.

No caso de Marcos era diferente, pois, seu ferimento não fora tão grave assim, fora superficial e por isso ele não precisou ser evacuado para o hospital de cirurgia como iria acontecer com Alceu. No entanto, ele teria que dar um jeitinho de voltar para junto de seus amigos.

O caminhão chegou. Dentro do veículo havia pelo menos mais 30 soldados. Destes, cinco eram novatos, vindos do depósito de pessoal para completar fileiras desfalcadas pelas baixas do dia 12.

Marcos subiu rápido no veículo. Dentro dele apresentou suas ordens recebidas do comando. Era um papel dobrado no meio, lacrado. O mesmo sargento que o visitara na noite anterior estava dentro do caminhão. Ele analisou a carta com a ajuda da luz de uma lanterna e com a cabeça mostrou o lugar para Marcos.

*-Escutem bem, eu sou o sargento Antoniell. Sou um dos encarregados de levá-los de volta ao front. A substituição será feita pouco antes da meia noite, horário que "Fritz"<sup>1</sup> troca a guarda. Antes de nos deslocarmos, quero avisá-los que o carro vai seguir de farol apagado. Não quero cigarro e não quero conversa aqui dentro. Vamos passar por Pistóia antes de irmos para o front novamente. Quero avisar que o destino de todos vocês aqui é secreto. Vocês são um reforço extra que a Pátria exige para manter nossas posições e avançarmos. Se vocês respeitarem todas estas regras, não teremos problemas durante esta viagem. Entendido?*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Sim, Senhor! - responderam todos os homens ao mesmo tempo.*

O sargento retirou-se para a frente do veículo, para junto do motorista.

Um dos novatos, de fisionomia diferente, cabelo vermelho feito fogo e olhos pretos como a noite, de sobrenome R.Suzaki olhou para Marcos.

*-Onde você conseguiu este ferimento aí camarada?*

*-Monte Castelo, oito dias atrás.*

*-Ainda dói?*

*-Não, foi somente um arranhão.*

*-Você é de onde?*

*-Dourados.*

*-Meu pai! Onde fica isso?*

*-Em Mato Grosso, perto do Paraguai!*

*-Ora essa, então você é paraguaio?*

*-Não, sou brasileiro.*

O Tenente deu umas batidinhas no vidro, pelo lado de dentro pedindo silêncio. A viagem continuou então no mais absoluto sossego. Ninguém conversava. O carro ia bem devagar cortando as estradas barrentas que faziam “zigue-zague” entre os altos e baixos do relevo italiano.

Os homens chegaram em Porreta depois de algum tempo de viagem. Marcos foi acordado por uma luz de lanterna que veio diretamente nos seus olhos.

*-Levantem aí, chegamos a Porreta. Vocês tem 30 minutos para descansar e ir fazer suas necessidades. Em 30 minutos saímos, quem não estiver aqui será considerado desertor. Dispensados.*

O sargento acabou de falar e se despediu do grupo. Marcos não quis descer, estava muito frio. Suzaki mais uma vez quis puxar assunto.

*-Ô paraguaio, me diz uma coisa. É verdade que o General Solano López engoliu a bandeira quando foi acuado no final da Guerra do Paraguai?*

*-Meu amigo, eu não sou paraguaio, meus avós é que são. Eu sou brasileiro. E não sei de história nenhuma desta de bandeira. – disse Marcos já em um tom de voz mais alto, não gostando de ser chamado de paraguaio.*

*-É, você não tem cara de paraguaio mesmo não. Até pensei que você fosse baiano. Um baita “negão” que nem você! Como que é seu nome?*

*-Marcos de Oliveira Gutiérrez!*

*-Viu, você é paraguaio sim!*

Outros oito soldados que ficaram dentro do ônibus também já riam de Marcos.

*-Olha aqui, soldado, ou você cala esta boca ou te meto a mão na cara!*

*-Ei, calma aí, chefe! Eu só queria conversar com você.*

*-Então me faz um favor, dá um tempo pra a minha cabeça. Vá até lá fora tomar um café ou um chá. Deixe-me em paz, por favor.*

*-Claro “grandão”, mas fique sabendo que quando você precisar e estiver levando bala dos “alemão”, eu não vou te acudir não!*

*-Ok, ok, agora vê se me esquece tá?*

Suzaki desceu do carro chutando vento.

*-Não dê importância para ele não Gutiérrez, ele está meio atordoado com as coisas que vem acontecendo nos últimos dias. É a primeira vez dele no front. Para completar ficou sabendo que seus tios paternos estão em um campo de prisioneiros em São Paulo. Tudo isso faz ele ficar agitado assim.*

*-Tudo bem...E você, como se chama?*

*-Benedito Roldão. – respondeu o jovem que tinha os olhos com traços orientais, mas a*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

pele morena, quase negra.

*-É sua primeira vez no front também?*

*-É sim, éramos do depósito de pessoal. Eu vim no mesmo grupo do Suzaki. Ele é filho de um japonês com uma senhora holandesa chamada Mareska van Rhöam. Eles são vizinhos de minha avó. Eu e o "cabeça dura" nos alistamos juntos. O pai dele é vendedor de verduras, o nome dele é Mishiru Suzaka Antunes.*

*-Mas que história é esta de terem prendido os parentes dele em campos de prisioneiros?*

*-Acontece o seguinte: o governo está prendendo e separando os japoneses, os italianos e alemães em campos de prisão. E os tios dele que moram em Pindamonhangaba estão lá presos. Vargas acredita que podem haver espiões em meio aos nossos no Brasil.*

*-Como ele ficou sabendo?*

*-Por carta.*

*-Mas como, se eles abrem nossas cartas?*

*-Por código. O pai dele escreveu que os canários dos tios não podem mais cantar, pois, foram presos pelo gauchinho. Falaram ainda que os canários choram dia e noite de saudades do de ver o sol nascer.*

*-Como assim, não entendi?*

*-Ora Gutiérrez, que cor são os canários?*

*-Amarelos.*

*-Ok. Como as pessoas chamam os japoneses?*

*-Tá entendi agora. O gauchinho é o presidente. E o sol nascente?*

*-O Japão! Os tios dele nasceram no Japão, o pai do Suzaka é o caçula de cinco irmão. Eles moram perto de São Paulo, em Sud Menucci. O sobrenome Antunes é "pra" disfarçar que são brasileiros descendentes, entendeu?*

*-Vixi, nem sei onde fica a cidade dele.*

Os dois conversaram mais alguns minutos antes da partida. Os soldados começavam a chegar e embarcar novamente. A conversa foi interrompida pelo sargento.

*-Bem, já sabem as regras, daqui "pra" frente, não quero ouvir nem mais um pio. Certo?*

*-Sim, senhor - responderam os soldados.*

De agora em diante, os soldados andariam mais alguns minutos na condução e o restante do percurso seria feito caminhando.

Depois de terem chegado exaustos ao ponto de troca de posto, os homens foram divididos em seis grupos de cinco pessoas e encaminhados para suas respectivas unidades. Era uma substituição somente do 11°RI, por isso o grupo era composto de tão poucos homens. O procedimento era normal e de rotina.

Diariamente era feito em todas as frentes, tanto na FEB como no Exército americano. Com esta medida os oficiais esperavam repor o pessoal baixado para o hospital por ação de patrulhas, acidentes ou doença. Era uma medida eficaz, mas muitas vezes fazia com que fossem mandados para pelotões há bastante tempo no front, soldados que se quer haviam pisado fora de um campo de treinamento. Com isso eles eram sempre colocados em situação de risco, como aconteceu com Marcos ao ser transferido do 6°RI para o 11°RI.

Notas

<sup>1</sup> Outro dos vários apelidos que os brasileiros colocavam nos alemães.

- Marcos foi transferido com outras quatro pessoas para a 7ª Cia do 11º, oportunidade esta para achar seus colegas. Foi falar com o sargento.

-Sargento, conheces algum Hüliam do 11? Queria saber isso, pois ele está me devendo uma "grana" e tenho que pegar com ele ainda hoje.

-Você está brincando comigo né, guri? Numa hora destas você vem me falar isso aí? Você é muito paspalho mesmo.

-É que estava baixado no hospital senhor, daí queria achar o tal Hüliam.

-Acha que eu sou bobo não é? Você quer voltar para a sua Cia antiga não é? Pois bem, se este Hüliam for um alemãozinho catarinense, está na 1ª Cia do 11, mas você não! Você está na 7ª! Entendeu

-Sim senhor - disse Marcos já se virando para sair. O sargento não satisfeito o chamou de volta.

-Olha soldado, faltam 20 minutos para as 24h, não costumo fazer isso e muito menos abrir exceções. Me diga, como foi que você foi ferido?

-Em Monte Castelo, senhor. Eu estava lá com a companhia fui recuar e tudo aconteceu. Pegamos chumbo pesado.

-Quantos anos você tem?

-Dezenove, senhor!

-Por que diabos um menino como você veio parar aqui?

-Para lutar pelo meu país e porque me chamaram, senhor!

-Faz alguma diferença lutar por seu país em outra Cia?

-Não, senhor!

-Então por que quer voltar para onde estava antes?

-Por que me sentiria melhor lutando ao lado de amigos, senhor!

-E na guerra há tempo para lutar por outro interesse que não seja o amor à pátria?

-Não senhor!

-Então vá agora para o grupo que te mandei e não me incomode mais!

Marcos engoliu seca a resposta do sargento, mas, quando ia passando pelos grupos escutou um sussurro.

-Ei, psiu, você.

Ele olhou para trás para ver se o sargento não estava olhando e se aproximou do estranho. Era um soldado do 11º que também não estava a fim de ir para outra companhia, estava com o mesmo problema de Marcos.

-Olá, meu nome é Teodorico, estamos indo para a 1ª Cia do 11, mas eu era da 7ª, troque comigo. O sargento nem vai ver... Escutei sua conversa ali, comigo é a mesma coisa. Mas você não era do 11, não é mesmo?

-Era não, era do 1º RI, mas meu ex-cabo me informou que meus amigos foram trocados para completar fileiras do 11 e agora o sargento me falou que o Hüliam estava na 1ª Cia. Por isso acho que os outros também estão lá.

-OK, vamos só trocar o número de identificação de grupo, daí voltamos cada um para a Cia que quer.

Os dois tiraram seus números. Marcos deu o seu nº7 que estava preso no braço com um alfinete e Teodorico fez o mesmo com seu nº1.

Estava feita a troca e Marcos que receava que nunca mais veria seus camaradas, tinha

apenas que procurá-los em meio à escuridão.

Quando o relógio marcou 24h em ponto, em um frio de literalmente doer o corpo, os grupos foram deslocados. O primeiro a sair foi o de Marcos, que iria se deslocar até o ponto mais próximo de Castelo, no local de partida do último ataque, onde ficariam ainda por um bom tempo. O jovem para não ser visto pelo sargento, no momento em que foi passar pelo homem, levou as mãos ao rosto, como se estivesse fazendo isso para espantar o sono.

Mesmo se ele não tivesse feito isso, o sargento nem mais lembrava do rosto do soldado, visto que só fizera aquilo com ele para mostrar sua autoridade frente aos demais.

E lá se foi Marcos. Eles deveriam procurar o 3º Sargento Nascimento, homem de estatura mediana, 1,80 metros de altura, cabelos castanhos e barba feita. Ela era quem distribuiria os soldados nas equipes.

Marcos foi o primeiro da fila a entregar sua carta.

*-Deve haver algum engano menino, aqui diz que você deveria estar na 7ª e não na nossa.*

*-É que troquei com outro colega senhor. Há algum problema?*

*-Há sim, você era daqui?*

*-Não senhor, eu era do grupo do 1ºRI.*

*-E por que está aqui?* - Marcos explicou a história para o sargento e deu-lhe quatro maços de cigarros que ele ganhara antes de partir na enfermaria para que ele autorizasse a troca. Cigarro em uma guerra vale tanto quanto dinheiro, com ele você pode comprar o que quiser, até o amor de uma mulher e Marcos sabia disso, por isso o sargento não iria recusar.

*-Acabei de lembrar de você. Seus companheiros estão na 1ªCia, estão desfalcados de dois soldados ainda, pois uma patrulha inteira foi "derrubada" estes dias.* - disse o sargento guardando os cigarros na jaqueta.

*-Sim, senhor!*

*-Neste caso, digamos que seus documentos estão... OK! Leve com você mais um soldado. Espere aí do lado que vai mais um com você.*

*-Sim senhor!*

O segundo soldado atrás de Marcos era um mineiro de São João Del Rey mesmo, local onde estava sediado no Brasil o 11ºRI. O nome dele era Valentim Alvino.

*-Soldado Alvino, vá com este rapaz para o ponto que eu indiquei para ele.*

*-Sim Senhor.*

Os dois saíram rumo ao ponto de encontro onde estavam os outros soldados. Marcos conhecia o caminho, pois, aprendera nos dias que estivera acampado ali. Ele tentou puxar assunto com Alvino, um jovem forte, moreno e que com certeza também tinha sangue negro em suas veias. O cabelo encaracolado denunciava isso. Sua pele era quase marrom como a de Marcos, mas um pouco mais clara, quase branca.

*-Diga Alvino, como você foi parar no hospital?*

*-Estive em Monte Castelo também! Eu era da 1ªCia, grupo D. Atacamos com vocês. Eu vi a hora que você caiu dentro do foxhole. Eu levei um tiro na perna, mas foi só de raspão. Os médicos me examinaram ontem e disseram que não tinha sido nada. Eles ficaram com medo de infeccionar por causa do frio. E agora estou aqui.*

*-Por quê não volta para sua Cia?*

*-Porque como era somente um soldado, eles substituíram no mesmo dia. No seu caso, era diferente, eram dois soldados, mais outros que ficaram feridos.*

*-Entendi. Mas você vai gostar dos rapazes, são muito gente boa. O Desidério é mais reservado um pouco, mas é bom soldado também. E tem o Irineu e o Hüliam, que são bons amigos.*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Espero que seja bom... Você tem mesmo 19 anos? Aparenta ter mais idade.*

*-Já me falaram isso, meu antigo cabo, o que saiu ferido, o Alceu, dizia que a guerra envelhece as pessoas. Começo a achar que é verdade.*

*-Isso é, eu tenho 23 anos, mas às vezes me acham mais velho também. Quando estudava lá em São João, me diziam que eu era jovem para ser letrado, uma vez que eu estudava para ser professor. Mas hoje vejo que este negócio de idade não importa. Outro dia pegamos uns soldados alemães na patrulha que se tivessem muito, tinham uns 18 anos. Meninos que vêm para morrer aqui.*

*-Isso é. Mas por que você se alistou se queria ser professor?*

*-Sinceramente, até hoje não sei bem. Fui com alguns colegas da escola e nos alistamos. De cinco pessoas três ficaram, mas agora, só estamos em dois aqui, o terceiro voltou para casa, estava com pneumonia. O outro está no Esquadrão de Reconhecimento.*

*-Eu tenho um conhecido lá também. É um primo da mulher do meu primo!*

*-Puxa vida, que complicação heim?*

*-Pois é!*

Os dois chegaram onde estavam os demais soldados do grupo H da 1ª Cia do 11º RI. Hüliam estava dormindo em seu foxhole individual. Mais ao lado estavam Irineu e Desidério que aproveitaram o buraco feito por uma explosão. Eles haviam cavado e aumentado a trincheira deles colocando gravetos e galhos secos como cobertura.

O local ficou bem arrumado e dentro havia espaço para até dois sacos de dormir e para até cinco pessoas em pé. Caso ficasse úmido, eles fizeram uma valeta para escoamento da água e forraram o chão com uma camada de terra socada, pedaços de lenha que conseguiram em uma patrulha e destroços de tijolo que traziam nas mochilas quando iam próximo ao PC buscar alguma coisa.

Para espantar o frio, não faltava a Grappa, que eles conseguiam com os partigianni.

*-Ei meninos, muito tedesco na mira?*

*-Ora se não é o Zóinho! Pensamos que você ainda estava no hospital seu "paraguainho" paurento!* - disse Desidério com um sorriso de orelha a orelha.

*-É mesmo seu paurento!* - disse Irineu.

*-Que isso gente, não é tão fácil me derrubar quanto vocês imaginam!*

Hüliam acordou atordoado com o barulho.

*-Vocês querem acordar a Itália inteira ou só o Mussolini com esta barulheira?*

*-Não, só você, Fritz dorminhoco* - respondeu Desidério.

*-Como nos encontrou seu merda?* - disse Hüliam abraçando Marcos.

*-O Cabo Alceu ficou sabendo por um soldado da 2ª do 1º RI.*

*-E o Cabo, cadê o Alceu?*

*-Ele vai voltar para o Brasil, Hüliam. Ele bateu muito forte com a cabeça. Ele me contou que tinha hora que a dor era muito grande e davam morfina para ele.*

*-Meu Deus! O Cabo vai "pra" casa!*

*-Pois é Irineu, pelo menos para ele a guerra acabou antes do natal* - disse Desidério.

*-E este rapaz aí, quem é ele?*

*-É o novo soldado do nosso grupo, vem no lugar do Cabo.*

*-Mas não tínhamos que ter alguém com um posto a mais para liderar o grupo? Somos somente cinco soldados* - questionou Irineu.

*-Aí eu não sei, foi o sargento Nascimento que mandou.*

*-Penso que quem comanda o grupo neste caso é o soldado mais antigo de farda e para completar, estamos subordinados ao sargento responsável pela unidade de combate* - disse Alvino.



Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Neste caso é o Desidério que vai liderar, não é?*

*-Ah não! Aí ninguém vai agüentar este cabeça de vento! Imagina dar o comando para ele?*

*-Não vejo outra saída, Hüliam.*

*-Por mim, continuamos cinco soldados - disse Desidério.*

Todos concordaram que não teriam líder e que a questão caberia ao comando. Já era uma hora da madrugada.

*-Bem, vamos descansar. Uma dupla tira até as 3h e a outra até as 5h. O Hüliam tira o último horário sozinho, porque já dormiu agora. Pode ser?- disse Desidério.*

Com a concordância de todos, Marcos e Alvino tirariam o horário das 3h às 5h e os outros fariam conforme o combinado.

O toque do clarinete acordou a todos de manhã. O nevoeiro da fumaça artificial e da neblina dos montes cobria tudo. Três mensageiros iam a todos os foxholes repassar instruções do comando.

As palavras eram claras: "Nova ofensiva alemã. Atenção redobrada. Grau vermelho de alerta."

*-Ei, mensageiro. O que houve para o comando mandar vocês aqui?*

*-Parece que os alemães tentaram tomar Nerone ontem à noite, mas foram rechaçados e pelo que se comenta no comando, o plano faz parte de uma tentativa de contra ataque.*

Na verdade, o ataque a Nerone, fazia parte de um plano desesperado dos alemães de empurrarem os americanos para longe de suas fronteiras. Desde do dia 18 eles vinham lutando pelo território das Ardenas no oeste europeu, agora haviam cercado "Bagstone" na fronteira entre a Bélgica e a Alemanha, um aglomerado de bosques e florestas que se conquistados abririam uma avenida para Berlim.

Os americanos que lutavam nessa área estavam cercados completamente e agora dependiam do general Patton para libertá-los do cerco. Em contrapartida, animados com os resultados nas Ardenas, os exércitos alemães do Teatro de Operações Italiano também viram a chance de contra-atacar, mas foram expulsos rapidamente por forças brasileiras, partigianas e americanas.

Para os brasileiros da frente onde estavam combatendo Marcos e seus amigos, a guerra começou a esfriar literalmente. Era levada normalmente, como se não estivessem realmente lutando.

No dia 23 de dezembro a neve cobriu tudo com seu manto branco. Combustível de carros e a água congelaram. Em alguns pontos a camada de neve batia no joelho dos combatentes. Hüliam cortou os pontos de Marcos. O ferimento estava curado de vez.

Festas de fim de ano e Patrulhas

Na véspera de natal, o 4º Escalão da FEB começou a se deslocar para Stafolli, um local que servia de “estágio” para quem fosse para o front depois.

Desidério e Alvino foram trocar com outros colegas e com partigianis comidas e cigarros para que pudessem fazer suas “ceias” improvisadas. Conseguiram um litro de grippa, três barras de chocolate, um pão grande, meia mortadela defumada e o comando enviou tanto para americanos como para brasileiros pedaços de peru nas marmitas para o jantar.

Naquela noite eles esperaram o natal chegar. Até a meia noite nenhum tiro tinha sido dado e por alguns segundos eles esqueceram estar combatendo.

*-Feliz natal para nós todos e que possamos voltar para casa em breve - dizia Desidério.*

Marcos também fazia o mesmo, ao que apertava a mão dos colegas. Desidério se afastou do grupo dizendo que iria urinar. Na verdade ia chorar de saudades das filhas. Marcos percebeu a tática do colega e preferiu deixá-lo sozinho. Também tinha saudades de casa.

Numa hora daquelas deveriam estar cantando com violões e sanfonas, comendo churrasco e tomando vinho ou pinga e ele estava ali no meio do nada, com muito frio pessoas que ele conhecia havia poucos meses e que ele nem conhecia tanto assim para serem consideradas da família.

Alvino escrevia cartas para casa com a luz de uma lanterna dentro de seu saco de dormir, para evitar que a luz fosse vista por algum alemão. Irineu debruçado por sobre sua arma no abrigo, olhava para o lado tedesco do território, mesmo sem enxergar nada. Parecia querer ver um inimigo que há dias não dava as caras por aqueles lados.

Quando o relógio marcou 3h de 25 de dezembro, começaram os bombardeios e as respostas brasileiras. Estima-se que pelo menos 2 mil tiros foram dados no dia de natal. As bombas caíam ali, 100 ou 200 metros a frente do “foxhole”, e eles agiam com indiferença, como se fosse algo normal.

*-Estes tedescos devem ser filhos do capeta! Não respeitam nem o nascimento do nosso Salvador Jesus Cristo! - dizia um soldado do “foxhole” ao lado do grupo H. Xingava os alemães de tudo quanto era nome.*

Mesmo na dificuldade os soldados riam, com expressões como “Fritz está nervoso”, ou “eles estão com saudades da Gertrudes<sup>1</sup>!”.

Os outros dias que se passaram. Foi a mesma história: bombardeios contínuos e o “General Inverno”, deixando tudo branco e sem vida.

Em 29 de dezembro, a 1ª e a 4ª seção de Chefia de Saúde, de Material Bélico e Engenharia foram levadas para Pavana, um vilarejo italiano próximo a Porreta, pois, a cidade já não era mais tão segura e era bombardeada diariamente pela baterias inimigas.

Marcos nestas horas ficava preocupado com Lara. Escrevera duas vezes para ela, obtendo resposta somente à uma das cartas. Ela dizia que estava tudo bem e que estava com vontade de vê-lo novamente.

O 1º de janeiro de 1945 passou como um dia normal. Sem comemorações e com muito trabalho para os soldados que vez ou outra eram indicados para fazerem patrulhas. A FEB já ganhava mais confiança dos americanos e no dia 2 a Intendência, órgão responsável pela logística de guerra, ficou autônoma em relação aos norte-americanos.

As visitas de autoridades ao comando da FEB que insistia em deixar seus generais em Porreta, mesmo com o risco de bombardeios era cada vez mais constante. Somente no mês de janeiro, visitaram o Posto de Comando o General MacNarney, sub comandante aliado no

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Mediterrâneo e comandante das Forças Americanas na Itália (dia 04), Príncipe Umberto de Savóia, que nos últimos dias era um figurante na Itália e que fora colocado como Tenente General do Reino da Itália (dia 17), o Embaixador Brasileiro no Vaticano, Mauricio Nabuco, o Ministro Brasileiro no Quirinal, Vasco Leitão da Cunha, o Cônsul do Brasil em Livorno, Nogueira Porto (dia 25) e para encerrar o mês, o diretor de saúde do Exército brasileiro, General Affonso de Souza Ferreira.

Enquanto isso os infantess do grupo H, mais conhecidos como “Companhia Zóinho” iam levando a vida sem grandes mudanças. De quinze em quinze dias faziam patrulhas para verificação de infiltração inimiga no setor. Como nada era verificado, voltavam sem grandes prejuízos. Vez ou outra os soldados voltavam com alguns arranhões dos galhos secos encontrados pelo caminho, uma torção nos tornozelos ou cãibras.

De um modo geral, os alemães estavam encurralados. Os russos vinham a todo vapor e já estavam ultrapassando os limites da Polônia em direção à Alemanha. Os americanos já expulsavam os alemães na Alsácia-Lorena (região entre França e Alemanha) e as Ardenas caíam de vez nas mãos dos aliados. Os aliados alemães também não estavam muito bem. Na Grécia os ingleses entraram em acordo com o governo local, que antes era favorável às idéias nacionalistas do Fascismo e no Pacífico, chineses e americanos lutavam para tomar de volta territórios ocupados pelo Japão, alcançando bons resultados. O Reich que queria ser milenar parecia fadado ao fracasso.

Hitler, já apresentando sinais de nervosismo, só conseguia dormir com calmantes e os líderes aliados já pensavam em como dividir os territórios alemães no pós-guerra.

Em fevereiro, o plano “Encore”, ou bis, do termo “repetição”, queria libertar de vez a “rota 64” de acesso a Bolonha, que uma vez liberada permitiria o abastecimento dos exércitos americanos que lutavam na França, mas também liberaria os portos italianos de uma vez por todas, tanto a oeste como a leste, onde se reuniriam, se preciso fosse, com o exército iugoslavo comandado por Tito. O plano abriria ainda caminho para o norte da Itália rumo à Áustria e a Suíça, país neutro onde poderiam se esconder os fugitivos.

Para pôr em prática tal plano, os generais brasileiros queriam a total independência de Forças Americanas para um novo ataque sobre Monte Castelo. Desta vez atacariam com tudo que tinham. Para convencer os americanos foram necessárias algumas reuniões, mas, no final, conseguiram o que queriam.

Um serviço de contra-informação, para não se dizer espionagem foi criado pela FEB. Marcos e os outros continuavam no mesmo local. Tinham somente que manter a posição.

No dia 14 de janeiro foram sorteadas para fazer patrulhas as companhias A, C, D, E e H que atacariam com o comando do Sargento Florenciano. Eram 30 homens. Levavam consigo uma metralhadora MG42 e uma bazuca.

O sargento iria à frente com uma metralhadora de mão. Os demais tinham fuzis “Garandes”. Cada um levava ainda um estojo com cinco granadas de mão. Iam em forma de semi-círculos, com três batedores à frente à distância de mais ou menos 40 metros uns dos outros. O grupo H de Marcos ia à esquerda do ponteiro central. A missão da patrulha era literalmente caçar pelo menos um soldado alemão para interrogatório.

O grupo seguia no mais absoluto silêncio. Para tal missão teriam que passar perto de Abetia onde em dezembro caíram 17 brasileiros. O grupo deixou para sair 23h, pois teriam tempo para pegar algum dos soldados alemães na hora da troca de guardas.

Chegaram bem próximo a um ninho de metralhadoras alemãs depois de atravessar rapidamente a “terra de ninguém”<sup>2</sup>. O sargento deu sinal para que três homens do grupo D avançassem. Eles correram pela lateral do terreno até ficarem sobre o ninho. Não havia nenhum soldado dentro e muito menos metralhadora. Os soldados deram sinal de que iam subir. O sargento disse que eles não deveriam e com as mãos fez sinal de que iriam recuar. Andaram alguns minutos

e estavam a 200m de Abetaia quando escutaram um barulho. Eram palavras estranhas e não era inglês e muito menos português.

Hüliam reconheceu prontamente ser alemão aquela língua. E cutucou Marcos.

O que acontecia é que os batedores alemães vinham à frente do grupo e pelo que parecia também tinham ido caçar gente do lado brasileiro sem ter pegado ninguém.

O Sargento deu sinal para que a ala direita do grupo se deslocasse ainda mais para direita e subisse em direção às vozes e fez o mesmo com a ala esquerda. O miolo do grupo ficaria ali parado esperando a aproximação dos alemães, de modo que quando eles chegassem mais perto, fossem pegos dentro de um grande “V” formado pelos soldados. Assim quando os batedores descobrissem os brasileiros, o “grosso” da patrulha germânica já estaria sob fogo cerrado.

A MG42 foi colocada na ponta direita do grande V, para dar cobertura a uma possível resposta do inimigo. Dito e feito.

Os batedores tedescos já estavam perto de sua área de domínio e haviam passado na escuridão pelos brasileiros sem perceberem, quando viram marcas de pegadas na neve próxima ao ninho.

- *Tommy!!!* - gritaram eles evocando a gíria militar alemã para dizer que havia inimigos por ali.

Feito isso, os brasileiros começaram a atirar de todos os lados e os alemães ficaram no meio deste fogo, pois os batedores estavam 80m a sua frente. Era um grupo de 20 soldados perdido no meio do fogo hostil. Os batedores alemães que estavam mais adiantados se esconderam dentro do ninho para tentar revidar. Quando Hüliam e Desidério notaram tal ação saíram correndo em disparada no campo aberto se desviando das balas deles e quando chegaram perto 30 metros dos batedores, encheram o ninho de granadas.

No meio do tumulto os alemães não viram outra alternativa se não tentar romper a linha direita e se mandar para os lados de Abetaia. Pelo menos dez deles caíram no meio do caminho feridos. Marcos conseguiu acertar a perna do rádio comunicador alemão. Mesmo caído ele pedia bombardeio por sobre a posição. O sargento percebendo tal ação deu ordem de recuo para as linhas brasileiras. Quando os soldados que estavam na ala direita correram para obedecer a ordem se encontraram no meio do caminho com alemães em fuga, alguns já sem armas nas mãos. Dois brasileiros caíram por disparos e outros dois por granadas, mas foram levados por seus colegas de volta para linhas brasileiras.

No desespero três alemães correram para as linhas brasileiras e foram perseguidos pelo grupo, que tentava acertar as pernas dos germânicos. Pegaram dois, o terceiro deu meia volta e correu para Abetaia. Em menos de dois minutos a artilharia alemã começou a bombardear o local onde as patrulhas se enfrentaram. Desidério e Hüliam corriam por último, rindo feito crianças do acontecido e as bombas estouravam atrás deles a menos de 100m.

Passada quase uma hora de bombardeio, quando tudo se acalmou um pouco e a artilharia brasileira começou a responder o fogo, o sargento mandou Hüliam e Alvinho irem buscar os alemães feridos nas linhas brasileiras.

Um dos feridos distante menos de 10 metros do outro chorava de dor. O tiro acertara a coxa próximo das nádegas. O outro estava deitado de barriga para cima, com a mão no abdômen. A bala tinha varado.

Hüliam olhou de longe e voltou para pedir padioleiros, pois o caso parecia grave. Dez minutos depois chegaram os padioleiros.

- *Somos brasileiros. Viemos buscar vocês. Tirá-los daqui. Não se movam ou atiramos em vocês* - dizia Hüliam em alemão aos feridos.

Os homens estavam imóveis. Os padioleiros chegaram e retiraram primeiro o ferido no peito. Era um rapazinho de uns 18 anos, loiro e cheio de espinhas no rosto. O outro Alvinho e

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Hüliam retiraram. Ele tinha aspecto mais velho, de quem tem entre 30 e 40 anos de idade, cabelo preto escorrido e barba por fazer. O levaram para o hospital do front.

Enquanto os brasileiros retiravam os feridos, escutou-se uma explosão, seguida de mais três simultâneas para os lados de Abetaia. Eram os alemães que correram para o lado errado e provavelmente entraram em campo minado montado por eles mesmos.

O homem mais velho estava apavorado. Aos soldados que participaram da patrulha foi ordenado para retornarem para seus “foxholes” e esperarem atentos novas ordens, pois, os alemães podiam contra-atacar.

Hüliam tentava acalmar o ferido que choramingava pelo ferimento, que não era tão grave, mas que com o frio podia favorecer uma gangrena.

*-Não chore, ninguém vai te fazer mal. Basta colaborar com o Brasil, nós somos do Brasil.*  
- dizia ele para o homem na maca.

As palavras foram um alívio para o homem, pois, ele pensava que fossem soldados indianos, que havia poucos dias tinham sido atacados pelo regimento dele e que depois tinham voltado e se vingado com extrema ferocidade dos alemães que foram feitos prisioneiros por eles. Cada um dos soldados da Wehrmacht que os indianos pegaram, foram degolados e tiveram os escalpos arrancados em seguida.

Foi por isso que o homem baleado até abriu um sorriso para Hüliam.

*-O que você falou para este indigente aí gaúcho?* - questionou um dos padioleiros.

*-Nada, só falei “pra” ele que ele seria levado para o Rio de Janeiro se desse um beijo em vocês!*

Os homens riram e levaram o prisioneiro que sem entender nada continuava a chorar e rir ao mesmo tempo. Depois disso voltaram cada um para seu abrigo. Cochilaram um pouco e depois continuaram ali dentro dos buracos. Tudo estava branco por culpa do “General Inverno”, que na Itália era o terror de quem não estava acostumado com o frio como os brasileiros.

O clima iria mudar em breve. Em alguns pontos a neve já começava a derreter e pequenas línguas de água já escorriam de Monte Castelo.

No dia 16 de fevereiro de 1945, se reuniram com Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, líderes da 10ª Divisão de Montanha Americana para tratar do novo ataque ao monte que alguns já chamavam de “inferno de Dante”.

Já a tarde teve início a primeira parte do plano, que seria conquistar os montes ao redor de Castelo, para somente depois ir com o bruto da divisão sobre o monte principal, tática esta que se tivesse sido usada com antecedência teria poupado várias vidas nos outros ataques.

A primeira missão foi dada para 38 homens da 6ª Cia/11º RI, que no dia 20 de fevereiro, comandados pelo Tenente Kléber Gomes Ferreira deveriam conquistar Abetaia, marcar as minas com faixas brancas e achar os 26 corpos que haviam ficado para trás em dezembro. A missão foi cumprida com brilhantismo e eficiência e ali estava o Monte Castelo, à 300 metros dos brasileiros. Mazzanaca caiu no mesmo dia em posse dos americanos. Tudo caminhava para o sucesso da missão.

O ataque total a Monte Castelo começaria às 6h do dia 21.

#### Notas

<sup>1</sup> Nome feminino comum na Alemanha da década de 40 e que logo virou apelido para as mulheres alemãs quando os brasileiros queriam tratá-las com desprezo.

<sup>2</sup> Local no meio entre os beligerantes, fronteira entre os dois territórios, neste caso entre terras brasileiras e alemãs.

A morte de Monte Castelo

O ataque ficou definido da seguinte maneira:

O Regimento Sampaio (1ºRI carioca), reforçado por dois pelotões de cavalaria de combate americanas, da 1ªCia do Batalhão de Engenharia para remover minas, com artilharia de apoio à direita e a Esquerda com o 1º e 2º Grupo de Artilharia 105mm e mais as companhias de obuses 105 do 11ºRI seria o ataque principal.

O ataque secundário ficaria para a 2ªCia/11ºRI.

Já os outros regimentos, teriam por obrigação defender o restante da frente para impedir contra ataques. Para isso haveria o 6ºRI, o 11ºRI, o Esquadrão de Reconhecimento, a Reserva do Esquadrão, o restante da Engenharia e as comunicações, que deveriam estabelecer o contato dos pontos.

Era de madrugada e as boas notícias começavam a chegar. Os americanos haviam conquistados desde as 5h os montes ao redor de Castelo: Belvedere e Gorgolesco, além de terem firmado Mazzacana, destruindo a possibilidade de fogo do inimigo sobre o monte principal, como acontecera antes. Nos céus, a Força Aérea Brasileira (FAB) ia explodindo todas as últimas resistências.

Os soldados posicionados perto de Monte Castelo podiam ouvir os gritos de entusiasmo dos americanos e as bombas da FAB caindo por sobre as resistências.

Faltava conquistar somente o Monte Della Torracia. A 10ª de Montanha dos Estados Unidos estava parada ali sofrendo grandes baixas. Os alemães mesmo assim não atiravam por sobre as posições de Castelo, afinal, poderiam acertar seus próprios camaradas.

A ordem do comando foi dada para a 10ª de Montanha. Eles deveriam atirar nos alemães de Della Torracia e ao mesmo tempo abrir fogo por sobre Castelo.

Marcos olhava os clarões aumentarem cada vez mais e os homens do Sampaio avançarem aos berros por sobre Castelo. Sua missão ainda não podia ser cumprida, pois, seu regimento deveria fazer a limpeza de Castelo após a conquista do mesmo. Ele estava ansioso.

Uma bala passou zunindo nos ouvidos de Hüliam.

*-Eita, tá vindo tiro até aqui onde nós estamos!*

Ninguém respondeu nada. O silêncio entre os amigos era total. Ninguém se mexia.

Por sobre Castelo as coisas eram muito confusas e indefinidas. Às 15h30 uma Companhia americana ultrapassou os homens do 1ºRI e como se estivessem perdidos foram descendo em direção à Fornace, um dos montes que compunham a cadeia montanhosa em volta de Castelo, justamente onde estavam os homens da 2ªCia/6ºRI e na dúvida mandam bala nos brasileiros, e mataram um atirador de metralhadora. Os yanques por medo ou descuido haviam pegado o caminho errado. Eles deveriam estar junto com os outros americanos em Della Torraca. Tentaram mudar de rumo mais uma vez e acabaram ficando na linha de fogo entre os alemães e os brasileiros. Os brasileiros ordenaram para que eles parassem, mas eles pareciam realmente desorientados. Os alemães viram aí a oportunidade para baterem em retirada e de uma única só vez um grupo de pelo menos 30 deles fugiram.

A confusão era grande. Os americanos então entenderam que estavam no lugar errado e correram para o Monte Della Torraca.

Já eram 16h. Marcos estava ansioso e acompanhava vez ou outra pelo binóculo a movimentação das tropas brasileiras. O binóculo era pequeno e pertencia a um enfermeiro que estava ali perto. Ele foi passando de mão em mão. Todos olhavam um pouco e devolviam para o colega ao lado. Já não se podia ver muita coisa a não ser os clarões das bombas, porque, estava anoitecendo.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Veio a ordem definitiva às 16h20: força total por sobre Monte Castelo. Todos avançaram. Foram encontrando muita resistência, mas avançaram. Os alemães desde o início do dia esperavam ser atacados, mas não com tanta força. Com o ataque eles receberam a ordem de recuar. Foram deixando para trás armamento, objetos pessoais e até comida ainda quente, como se não acreditassem em um novo ataque maciço.

Às 18h Monte Castelo caiu. A vingança e a honra dos soldados que por quase quatro meses ficaram ali atolados na neve para tomar o que alguns já chamavam de “Casa de Diabo” estava completa.

Foram encontrados materiais pessoais, marmitas e uniformes alemães nas casamatas do monte. O regimento de Marcos recebeu a ordem de avançar e cobrir os flancos e a retaguarda dos homens do 1ºRI, já cansados da batalha. A medida era necessária, pois, em outras ocasiões, os alemães tinham perdido terreno e depois contra atacado e retomado as posições com tropas experientes.

Por isso, os comandantes acharam melhor espalhar os homens do 11ºRI em volta do monte com metralhadoras e assim resguardar e neutralizar qualquer tentativa de retomada.

Os alemães já cientes de que não teriam como reconquistar o monte, começaram então um intenso bombardeio por sobre Castelo. O comando brasileiro ordenou então um reajuste do dispositivo e tanto de Castelo como dos outros montes que o rodeavam começaram a dar sua resposta calando os alemães que foram obrigados a recuar ainda mais.

Nova ordem chegou para os combatentes. Eles deveriam avançar para Castel Nuovo e La Serra, outros montes não muito distantes de onde os alemães poderiam além de contra atacar, montar suas baterias e bombardear o Monte Castelo.

Foi encarregada de cumprir a missão a 2ªCia/1ºRI. E lá se foram os soldados sob forte bombardeio alemão que voltou a ficar intenso assim que as tropas germânicas se instalaram em Gaggio Montano, logo abaixo de Monte Castelo.

As batalhas estavam acontecendo em várias frentes de combate. O dia 23 de fevereiro era exatamente um dia desses, em que o inimigo ataca, há uma resposta e um novo ataque e ninguém sabe na verdade quem está vencendo. Abetaia, por exemplo, que havia sido tomada como parte do dispositivo central da missão no dia 22 pela manhã, à tarde no dia 23 já era local de bombardeio alemão, que obrigou a 1ªCia/1ºRI sair de Mazzacana para Fornace.

Até a neve resolveu dar o “ar frio” de sua graça e caiu durante toda a madrugada do dia 23. Os brasileiros resolveram responder à altura e bombardearam sem parar as posições alemãs.

De manhã se podia ver movimentação alemã no local onde estava a Companhia de Marcos. Irineu veio correndo avisá-lo. Ele mastigava um biscoito.

*-Ei, ei, vamos avançar! Acabei de ouvir ali no comando. Estavam o sargento e um tenente conversando.*

Nisso chegou Desidério.

*-Preparem as armas, vamos pegar tedescos até a hora do almoço. Acharam outra rota que desvia do campo minado em Abetaia.*

*-Puxa, isso vai ser realmente de ação! - disse Alvino.*

Um tenente gritou.

*-Intercalar baionetas! Carregar armas. Preparem-se, vamos avançar!*

Enquanto ele falava começaram a explodir bombas por sobre o vilarejo de Castel Nuovo, um amontoado de 20 casas por sobre um monte. Era a artilharia brasileira preparando o caminho para o avanço dos soldados. Cinco minutos de bombardeio incessante. E os soldados saíram correndo em direção à cidade.

Os alemães que ainda restavam no meio daquela confusão iam atirando com suas metralhadoras Lurdinhas para todos os lados.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Os soldados iam metendo os pés nas portas das poucas casas do local e mandavam uma granada dentro, atirando em seguida com seus fuzis. Os alemães estavam escondidos em trincheiras que se interligavam e era nestes lugares que o combate era mais ferrenho. Até brigas de facas eram vistas.

Irineu corria junto de Hüliam e Desidério e mais atrás vinham Marcos e Alvino. Eles pularam dentro das trincheiras alemãs.

Alvino caiu de mau jeito e foi parar de cara no barro. Quando levantou só sentiu um chute na rosto que quase o fez desmaiar e um baita alemão gordo de quase dois metros desmoronar em seguida sobre ele com uma coronhada do rifle de Irineu.

O nariz de Alvino sangrava. E ele ficou encostado nas paredes da trincheira chorando e lamentando-se. Marcos se aproximou e tentou levantá-lo, mas não conseguiu.

Os alemães corriam assustados com a velocidade e a fúria do ataque. Não esperavam tamanho ódio como foi demonstrado pelos brasileiros.

Desidério passou pelo gordo caído no chão e pisou na cabeça dele, afundando o rosto do tedesco na lama. Hüliam o empurrou.

*-Ei, não é assim Desidério, ele é prisioneiro, não vai matá-lo!*

*-Uai, agora vai defender esse monstro que quebrou o nariz do Alvino? Típico de vocês alemães!*

*-Hüliam mandou um soco no estômago de Desidério que caiu de joelhos com a pancada.*

Irineu separou os dois.

*-Ei, nosso inimigo corre "pra" lá, não vamos fazer guerra entre nós mesmos! - disse*

Marcos. Enquanto isso ele deu outra pancada no alemão que começava a acordar.

*-Marcos, você vai matar o cara!*

*-Fique tranqüilo Alvino, ele só vai dormir um pouco. Agora me ajude a tirar o cinto dele para podermos amarrá-lo, Irineu.*

Os dois imobilizaram o tedesco e o amarraram com o próprio cinto que ele usava.

Castel Nuovo era em parte brasileira, pois há um quilômetro dali ainda havia alemães escondidos em abrigos individuais, só espiando para ver se algum brasileiro colocaria a cara para levar tiro. O perímetro da cidade estava cercado.

Em outra frente caía La Serra e começavam os ataques a Soprassasso. Marcos e outros ficaram em Castel Nuovo para evitar novos contra ataques. O medo de ser atingido por um "sniper" alemão era constante e eles saíam pouco dos abrigos antes alemães e agora brasileiros. Dentro dos abrigos podia ser encontrado desde um pente de cabelo até calcinha de mulher, deixada por meretrizes que por ali passaram doando seu amor em troca de comida e dinheiro.

O soldado alemão gordo foi levado para a retaguarda junto com outros tantos. O nariz de Alvino melhorou, não quebrou nem nada, fora somente alguma veia que com o impacto do chute havia arrebentado.

Dos dias 1 à 3 de março a tarefa da FEB foi limpar a resistência no Vale do Marano que se estendia desde Serrasiccia no leste, até C. Sassa, perto de Vergatto, no Oeste.

Dia 02 de março a companhia de Marcos voltou para Silla para substituir o 1º/6ºRI que estava em Riola Vecchia na cota 722 (Fornace) a fim de completar o "Plano Encore" e expulsar de vez os alemães das bacias do Rio Panaro e Reno.

Marcos e seus colegas foram destacados para atuar como Cia de apoio na arrumação e guarnição do acampamento, não tendo que participar das ações do dia 02 à tarde. À noite foram passadas novas instruções para os soldados.

Em primeiro momento os batalhões seriam divididos em grupos de combate indo para pontos diferentes já pré-selecionados pelo comando. Os primeiros objetivos seriam Precária e Boscácio-Precário, uma localidade que na antiguidade fora um bosque e agora era uma vila. Ao



Uma vez na Itália  
Helton Costa

mesmo tempo que as conquistas fossem acontecendo, eles estariam cobrindo o flanco esquerdo do 1º/6ºRI e aproveitando o sucesso de Castel Nuovo e Áfrico.

A ação seria grande. Até mesmo a 9ªCia/11ºRI foi chamada como reforço. O 11ºRI seria usado por estar mais descansado que os outros regimentos. O 1ºRI tinha conquistado Castelo e o 6ºRI vinha participando das ações na Itália desde que havia desembarcado, estando também exausto e tendo ainda assim grande quantidade do regimento envolvido em outros combates que estavam se desenrolando.

A noite do Holofote

Durante a noite os grupos de combate foram avançando, alguns encontrando patrulhas alemãs e tendo que enfrentar duros golpes tedescos. Já o grupo de Marcos, que era o mesmo que atuara antes em Abetaia na ocasião da busca de prisioneiros, não teve problemas e ia com rapidez rumo a conquistar os pontos ainda alemães de Castel Nuovo.

Um episódio interessante deu-se nesta “limpeza”. Ao 6ºRI foi ordenado que acabasse com a resistência em Soprassasso, perto Castel Nuovo. A 2ªCia, de Max Wolff, tinha cumprido a missão às 10h do dia 03 de março. À tarde, caiu a cota 720 e o comando animado com as conquistas mandou ainda acabar de expulsar as últimas levas de alemães que restavam poucos quilômetros de Castel Nuovo,.

Já anoitecia e a companhia tinha gastado boa parte de seu material nos combates do dia. A “turma” de Marcos foi chamada para auxiliar nesta conquista. O capitão Ayrosa tão famoso por sua inteligência em táticas militares comandava a operação.

Os alemães vendo a noite cair pensaram que os brasileiros iam parar seu avanço, pois poderia começar a nevar a qualquer momento. Enganaram-se. Ayrosa mandou que fossem ligados os holofotes das baterias anti-aéreas e apontados para as nuvens, de modo que refletissem sua luz por sobre o monte. Deu certo e como mágica podia se ver tudo em um raio de até 20m.

Foi suficiente para animar os soldados que pegaram os alemães tão de surpresa que alguns foram pegos de calças nas mãos, ainda se limpando se suas necessidades fisiológicas. A comida ainda estava quente por sobre a mesa e uma carta pela metade também foi encontrada.

Desidério até pegou uma colherada de comida da marmita alemã. Não gostou, achou sem sal. Caia parte do vale do Panaro nas mãos dos brasileiros no episódio que ficou conhecido como “Noite do Holofote”.

Por três dias os alemães que haviam sido expulsos ficaram cercando a cidade de Castel Nuovo com o intuito de voltarem a seus locais de abrigo.

Mas um fato marcou de maneira sangrenta a tomada da localidade. A 3ª Cia/11º RI deveria ir até Castel Nuovo para fazer a progressão. Ia um dos batalhões por uma ruela do povoado, quando de repente explosões e gritos irromperam o silêncio. Um campo minado havia pegado os brasileiros. Os febianos não sabiam como reagir. De súbito 13 homens já estavam tombados. O capitão ao ver o desespero dos homens pediu silêncio e mandou todos sentarem.

Ao tentar contatar o PC, viu logo que os fios de ligação se haviam rompido com as explosões. Eram 3h da madrugada. O pânico começava a tomar conta dos soldados. Eles não sabiam o que fazer.

A única saída segura do campo era tentar alcançar a rota 64 para Bolonha e tentar voltar para as linhas brasileiras. Mas como fazer isso sem atrair a artilharia alemã?

Foi então que em um momento de inspiração o capitão Francisco Carlos Bueno Deschamps teve a idéia de ir buscar reforço sozinho. Marcos e os outros estavam ali sentados no chão.

Olhavam para o lado e viam homens se retorcendo de dor com partes do corpo arrancadas pelas minas. Os gritos davam arrepios tamanha a angústia que carregavam.

Um soldado chamado Leandro, de Cuiabá, que não tinha feito nada nos últimos dias a não ser atirar a esmo, uma vez que sequer conseguia ver seus oponentes, começou a chorar em meio ao tumulto.

O amigo dele, Onofre, de Belo Horizonte, tentava acalmá-lo e há uns cinco metros dele estava um certo Ancelmo cantando um hino destes de igreja.

*-Segura na mão de Deus, que ele vai te libertar. Segura na mão de Deus e vai... –* dizia a canção de Ancelmo.

Do outro lado estava Luigi, um partigiani que estava abraçado no fuzil e o companheiro dele Betino, que olhava assustado para a esquerda, onde há 15m estava um soldado agonizando pedindo água.

*-Droga, alguém tem água aí para dar a este pobre coitado? -* perguntou Ancelmo ao interromper a melodia que interpretava.

Betino tentou levantar, mas um sargento que estava ali perto já disse logo:

*-Nem pense nisso rapaz, se você levantar pode ser fatal para todos nós! -* disse o sargento gesticulando com as mãos. Betino se sentou novamente.

Então, um soldado jogou o cantil dele para Luigi, que tentava sem sucesso acalmar o ferido. O italiano colocou o cantil na ponta do fuzil, esticou o braço, mas mesmo assim não conseguiu. A água começou a escorrer do cantil ali perto do soldado e este na ânsia de bebê-la pegava o barro que ia se formando e colocava na boca. A cena era chocante.

Betino se levantou contrariando as ordens do sargento e cantando o hino uma canção italiana alcançou a água para o moribundo. Nenhuma bomba explodiu e ele voltou para seu lugar.

Todos ficaram olhando aquilo. Como ele fizera aquilo com tanta calma? Aquilo não era normal.

*-Ei, você é maluco italiano? -* perguntou alguém.

O partigiani respondeu cuspiendo no chão perto do seu interrogador.

*-Ei você cale a boca, não é hora de ficar falando asneira -* disse um cabo mais atrás. Nem precisava ter dado tal ordem, visto a perplexidade causada por aquela cuspidinha de desprezo do partigiani.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Enquanto isso o capitão Deschamps atravessava linhas inimigas até chegar junto à 2ªCia/6º RI, onde explicou a situação e disse que precisava de ajuda. Ninguém pareceu dar muita atenção, exceto um grupo de amigos que conversava ali perto. Um deles era o Sargento Max Wolff, que se dispôs juntamente com o sargento Hélio Alvarenga, cabo Thiago Luiz de Mello e soldados José Barberino dos Santos e José Mendes dos Santos a religar as linhas de contato destruídas, a fim de restabelecer a comunicação entre o ponto onde se encontravam os soldados e o PC.

No campo minado tenentes e médicos trabalhavam sem parar para não deixar nem feridos e muito menos os combatentes entrarem em pânico, pois, isso poderia causar novas explosões e expor os soldados a fogo inimigo.

Em meio a isso tudo, o sargento Luiz Pereira resolveu continuar com sua jornada, pois estava um pouco a frente do grupo que caiu na emboscada. Ele e alguns homens tentaram avançar, mas foram impedidos por novas explosões.

Eles também ficaram presos em um campo minado. O pânico voltou a tomar conta dos soldados. Os alemães então começam a atirar morteiros em direção aos brasileiros. As bombas caíam longe, aproximadamente 100m na retaguarda do grupo de Marcos. A ordem era para que ninguém se mexesse.

Alguns desobedeceram e saíram correndo a esmo rumo ao povoado. Tiveram êxito por alguns instantes, mas voltaram correndo em seguida acuados pelos tiros dos tedescos.

Mineiros da engenharia iam marcando os pontos onde estavam os artefatos explosivos e assim, brechas para o escoamento dos feridos e do restante do grupo foram abertos. O sinal de transmissão para o PC somente seria restabelecido no dia seguinte. A ordem para recuar para fora dos limites da cidade e para longe das bombas que caíam sem cessar foi dada.

Os soldados foram retirados para fora do alcance dos tiros alemães. Esperaram amanhecer e um outro batalhão chegou para reforçar o ataque à Castel Nuovo.

No dia 05 de março de manhã ainda ficaram alemães para trás no recuo das tropas acuadas pelos brasileiros. Talvez porque eram malucos ou talvez porque não tinham sido avisados para recuar e obedientes como eram não estavam a fim de irem presos por descumprir ordens. Em Stalingrado estavam até matando desertores e não seriam eles que dariam o sangue por desobediência.

Na manhã do dia 05 estava o grupo de Marcos a poucos quilômetros do limite sul de Castel Nuovo. Às 7h20 chegaram notícias pelo rádio da patrulha que a 2ªCia acabara de chegar a Precário e agora bombardeava a cota 720. A ordem do comando era para que todas as patrulhas mantivessem suas posições e não avançassem sem a ordem direta do General Mascarenhas que comandava a operação. Pelo binóculo Hüliam podia ver dois “foxholes” alemães, os dois com fuzis metralhadores.

Hüliam foi correndo contar para seus amigos o que tinha visto. Desidério achou melhor que o fato fosse informado para o Sargento “Baianinho”, aquele mesmo que em Abetaia fizera a manobra do “V”.

*-Sargento, vi dois “foxholes” com fuzis ali pra cima daquele monte de lenha.*

*-Soldado Hüliam, como você viu eles?*

*-Com o binóculo do enfermeiro Bereta. Ele deixou comigo. Tem duas Lurdinha, e uns seis homens.*

*-Vou ligar no comando e ver se podemos avançar.*

*-Sim senhor.*

*-Obrigado por me avisar, meu amigo. Fique atento a qualquer sinal de hostilidade e não faça nada sem ordens minhas - disse o sargento em bom sotaque baiano.*

O sargento ligou no comando, mas, a ordem foi para que continuassem estacionados até segunda ordem. Os 50 homens do grupo de combate estavam sem comer e já eram 15h. O medo

do sargento era que algum barulho ou reflexo das caixas com alimentos despertassem a artilharia alemã e assim pusesse o plano a perder.

Quando o relógio marcava 17h pontualmente, Mascarenhas mandou um recado aos homens do 11ºRI. Era simples e direta: "Avançar e expulsar!"

Pelo Sul todos os homens do 11ºRI foram agrupados e atacaram. A 2ªCia pegou um rumo diferente e foi pela direita. A 1ªCia, à qual pertencia o grupo de Marcos, foi pelo Noroeste. As duas metralhadoras que Húliam tinha visto ficaram para os homens da 3ªCia desarmarem.

Eles não fizeram prisioneiros. Talvez porque quisessem se vingar ou porque o inimigo tentou reagir. O fato é que eles chamaram o homem bazuca que os acompanhava e ordenaram para que atirasse entre os dois fox holes. Ao que a bomba explodiu, pelo menos vinte granadas de mão foram lançadas sobre os abrigos tedescos. Quem ficou vivo a este inferno explosivo foi encontrado com um tiro na cabeça logo em seguida dentro dos buracos.

Ainda no dia 05 de abril, às 18h, o 6ºRI veio para reforçar o ataque à Castel Nuovo, que só ficou livre dos alemães por completo às 22h.

No dia 06 a companhia de Marcos foi mandada para tomar La Spiaggia e o fizeram com sucesso, principalmente depois de um ato tanto quanto insano de Irineu.

Eles foram repartidos em pequenos grupos de combate que cercaram o vilarejo. O grupo de Marcos estava ao norte da cidade, exatamente por onde os alemães deveriam passar durante sua fuga. Mas não se podia vê-los em parte alguma. Pareciam invisíveis. Irineu cansado daquele marasmo e do silêncio, largou o fuzil e a mochila e saiu correndo para o meio da cidade com duas granadas na mão e jogou contra a primeira casa que viu. Quando a granada explodiu ele se jogou no chão e rastejou até uma mureta próxima.

Foram tiros e mais tiros, tanto dos alemães quanto dos brasileiros que estavam no sul do vilarejo. Os alemães então entregaram suas posições e descobriu-se que eles estavam apenas em cinco casas no vilarejo, que ao serem denunciadas não serviam mais para nada depois que o fogo que vinha do Sul foi ajustado para sair de cima da mureta e acertar as posições alemãs. Irineu depois que já tinha feito isso se arrependeu.

Balas passaram zunindo perto da orelha dele e ele só não foi atingido pelos tiros das Lurdinhas e dos soldados do Sul, porque a mureta era de pedras. Se fossem tijolos ou se os alemães possuíssem bazucas ou morteiros, o destino do soldado poderia ter sido bem diferente...

Eles pegaram 10 prisioneiros e cinco outros soldados da Wehrmacht foram mortos. Do lado brasileiro quatro homens foram feridos por tiros de metralhadora e um por pistola. A posição foi mantida tranqüila por mais dois dias, quando saíram para substituir a 10ª de Montanha na frente Iola, em Monteforte, cota 928, I Tuffi, I Bococchi e cota 930. A substituição foi feita à noite no dia 09 e na noite do dia 10.

Os comandantes brasileiros estava otimistas. No dia 11 de março transferiram o Quartel general de Porreta Terme para Belvedere. O QG recuado sairia dois dias depois de Pistóia para Villa de Penara. As ações no vale do Panaro se intensificavam dia após dia e os relatórios eram positivos. A todo momento chegavam informações de material que havia sido apreendido, de embates entre alemães e brasileiros e de muitas frentes em que era impossível definir quem estava vencendo e quem estava sendo derrotado, visto o tamanho dos combates.

*-Os alemães começaram a recuar suas tropas - dizia o sargento Florenciano, que depois dos ataques à Abetaia e Castel Nuovo, ficou muito amigo de Marcos e dos outros.*

*-Mas por que o senhor diz isso sargento?*

*-Simples Alvino, você notou que onde nós estamos é difícil vir contra ataques? Quando dá choque de patrulhas, é porque nós vamos até eles e não são eles que vem até nós. Os morteiros também diminuíram. Agora eles só atacam à noite.*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-É, isso é verdade! Eu já tinha notado isso também - respondia Desidério.*

Os homens conversavam dentro de um dos abrigos com metralhadoras em algum lugar de I Tuffi. O sargento estava certo.

Em uma comunicação interna o comando confirmava que o general Zuhov da Rússia já estava a pouco mais de 100 km de Berlim. A contra-ofensiva alemã na Hungria havia falhado e parecia que o Exército Vermelho chegaria já nos próximos dias na capital do Reich.

*-O que vamos fazer depois que a guerra acabar?*

*-Eu não sei você Alvino, mas eu quero acabar meus estudos - dizia Marcos.*

*-Eu só quero namorar uma bela moça e sair do exército - completava Desidério.*

*-Eu me contento com umas cinco italianas - ria Hüliam.*

*-Bom, eu quero só voltar vivo, já está bom demais! - afirmou Irineu.*

*-Bem, você está meio estranho depois daquele dia na Vila.*

*-Claro, você queria o quê? Caindo tiro em cima de mim e sem ter para onde ir! Não dá!*

*-Mas ninguém mandou você ir, foi porque quis!*

*-Eu sei Desidério, mas eu não imaginava que os nossos próprios soldados fossem atirar em mim!*

*-Deixa para lá, isso já passou. É passado! Vamos viver o presente. E por falar em presente, me disseram a coisa está feia para o lado do 6ºRI, eles "tão" combatendo feito louco no Panaro - dizia Marcos.*

*-Em pensar que nós estivemos ajudando a conquistar lá. Parece que foi ontem que nós ajudamos a derrubar Castel Nuovo e já faz mais de uma semana. Quando lembro daqueles soldados nas minas, me dá vontade de chorar.*

*-Em mim também Hüliam, se não fosse o Max e os outros, estaríamos perdidos. -completou Alvino.*

*-Aquele Sargento Wolff é mesmo bacana! Um exemplo de homem! - concordou Desidério*

Quando o calendário marcou o dia 16 de março, o vale do rio Panaro estava quase todo nas mãos dos brasileiros e aliados. Os generais americanos e brasileiros estavam convictos que se apreçassem o passo expulsariam de vez os tedescos do solo italiano.

No dia 21, sob o pretexto de entregar condecorações, o Tenente General Lucian K. Truscott do V Exército Americano foi à Lizzano e voltou a se reunir no dia 08 de abril com os generais brasileiros para tratar do plano “Artífice” que consistia em três partes principais.

A primeira parte do plano era conquistar Montese. Daí ele se lançariam até o corte do rio Panaro, de onde os soldados deveriam substituir continuamente a 10ª de Montanha que estaria à sua esquerda. Feito estas duas coisas estaria pronta a ofensiva para Zocca e Vignola.

Os soldados nem desconfiavam do plano que só lhes seria revelado no dia de sua partida por seus sargentos.

No dia 11, o QG saiu de Lizzano para Gaggio Montano, um vilarejo de pouco mais de 100 casas, onde cortada pela Via Humberto, a principal rua da cidadela, começaram os preparativos para Montese.

Os soldados do 11ºRI foram deslocados para a região sul de Montese, para um lugar chamado campo Del Sole, que estava sendo guardado pelo 2ªCia/1ºRI. Montese era uma das pontas do triângulo formado com a cota 888 e Montelo.

O evento em Montese parecia uma festa. Os correspondentes de guerra foram chamados para assistir a tomada de um ponto de reconhecimento por uma patrulha brasileira. Foi chamada a patrulha do Sargento Max Wolff para coordenar a tomada. Nos rádios das companhias os soldados comentavam que esta poderia ser a arrancada para a queda final de Montese, que vinha sendo bombardeada há dias pela artilharia brasileira.

Os soldados riam próximo aos rádios amadores que agora haviam se transformado em informativos sobre o avanço de Max Wolff. Quem cuidava disso era o soldado Toninho, que com autorização do comando transmitia as informações de minuto em minuto para os infantes.

*- “Max Wolff se aproxima do comando, que inspeciona os homens para a partida da missão. O objetivo da missão é fazer prisioneiros e buscar informes para o alto comando. O sargento, que em breve deverá ser promovido à Tenente, é observado por jornalistas do Brasil e americanos. Daqui a pouco voltaremos com mais detalhes” - dizia Toninho.*

Dois minutos voltava o soldado ao “ar”: *“Neste momento saí o sargento com dois cinturões de bala cruzados no peito. Os tedescos que se cuidem, pois, hoje os brasileiros vão “caçar galinhas”. Ele está passando pelo observatório da artilharia e descendo rumo ao seu objetivo, uma casa na cota 747”.*

Quando falou isso foi possível ouvir Wolff dizer ao fundo um *“posso contar com sua ajuda?”* - ao que o artilheiro prontamente respondeu:

*- Claro que pode!.*

Irineu que havia chamado o rádio amador da companhia tinha reunido pelo menos umas 20 pessoas em volta do rádio para ouvir o programa de improviso. Eles estavam aguardando ordens do comando em um ponto ao Sul de Montese, bastante distante do ponto onde se desenrolavam os fatos. Nos intervalos do “programa” os homens comentavam sobre Wolff. Marcos lembrava do dia em que o sargento tinha lhes dado um cobertor de presente e Hülham recordava do dia das minas em que Wolff ajudou a concertar as linhas de transmissão.

Outro soldado lembrou que um dia ele estava com todas suas meias molhadas e que o sargento lhe dera uma que carregava no bolso e que estava seca.

O programa voltou.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

- *Max vai a frente de seus homens. Ele é um leão. É muito corajoso. Por enquanto nenhum alemão colocou o focinho para fora. Os homens agora rastejam e se espalham pelo terreno. – dizia Toninho.*

De repente o narrador soltou um grito de indignação:

- *Filho da Puta! Tedesco desgramado!*

O programa sai do ar. Os homens ficam afoitos, não sabiam o que acontecera. No local onde estava Max, o pânico foi total. Uma rajada que saiu da casa o atingiu no momento em que ele iria se levantar. Como se tivesse saltado para se esquivar dos tiros o sargento se jogou no chão. No observatório o clima era de tensão.

-*Levanta Max, levanta* - dizia Toninho mordendo os lábios. Um tenente se aproximou de Toninho.

-*Muda a frequência e liga para o PC, vê se os homens do Max se comunicaram.*

-*Sim senhor.*

O soldado ligou, e desligou já com os olhos rasos d'água.

-*Não senhor por enquanto nada foi relatado.*

-*Ele está levantando a cabeça!* - gritou outro soldado com um binóculos. O sargento Max levantou a cabeça, mas sem força a deixou cair novamente. Um soldado correu em seu socorro e rajadas levantaram poeira próximo ao infante. Outros soldados tentaram avançar, mas tiros vindos de outras direções os obrigaram a voltar para seus abrigos.

A artilharia nervosa com tudo aquilo começou a martelar a casa e os locais de onde partiam os tiros. No local onde estavam Hüliam e os outros o clima era tenso, até que alguém disse em voz alta:

-*Morreu o sargento, mataram o Max!*

Isso foi o bastante para que todos procurassem um local para chorar a morte do amigo. Marcos levou a mão ao rosto.

-*Não pode ser. Temos que esperar a confirmação* - dizia Desidério.

O silêncio era literalmente de morte. Às vezes se escutava um soluço de um ou outro soldado.

No rádio que tinha ficado ligado, ouviu-se ainda uma última vez a voz de Toninho:

- *Vai com Deus Max. Que Deus o tenha e que os anjos do céu o recebam. Você estará sempre conosco meu amigo. O Exército Brasileiro jamais esquecerá você. Que contigo esteja o soldado João<sup>1</sup>.*

João havia caído ao tentar resgatar o amigo mortalmente ferido. O desejo era de vingança entre os homens. Eles queriam pegar os alemães e matar um por um, se possível.

No mesmo dia os americanos também choraram a morte de seu presidente, Franklin Roosevelt.

No dia 13 os homens foram distribuídos para as frentes onde iriam combater no dia seguinte. Para a empreitada havia homens de todos os regimentos de infantaria brasileiros. Os homens do 6º e do 11º RI eram os mais afoitos para lutar, pois viam aí a chance de vingar a morte de Max.

No dia 14 foram lançados grupos de reconhecimento por todos os lados de Montese e do triângulo montesino, que era composto por pequenas localidades e vilarejos como, Monteauregola, Casone, Montese (a cidade), Il Cerro, Serreto, Creda, Monte Buffone, Possessione, Pavarento e Montello. Em todos estes lugares os homens tentavam avançar, mas a situação era cada vez mais complicada.

No dia 14 o grupo de Marcos foi comandado pelo Tenente Iporan Nunes de Oliveira, que tinha como responsabilidade levar toda a 1ª Cia até Montese. Enquanto os soldados se enfrentavam nas outras localidades, os homens com o apoio da 2ª Cia e 3ª Cia avançavam.

Eram 14h, e os bombardeios de morteiros estavam cada vez mais intensos. Os cinco amigos



Uma vez na Itália  
Helton Costa

buscavam ficar próximos uns dos outros. A artilharia brasileira bombardeava sem parar Montese e os morteiros caíam muito próximo dos grupos.

Iporan em um golpe rápido ordenou avanço aos seus soldados. Um metralhador alemão parecia não acreditar ao ver algumas dezenas de homens correndo em direção à cidade. Ele abandonou a metralhadora e correu em direção à torre de Montese. Quando estava chegando próximo a entrada levou um tiro na altura da nuca e caiu de pernas para o ar.

Os brasileiros buscaram se abrigar onde podiam. Hüliam se escondeu atrás de uma parede. Alvino veio correndo para o mesmo lugar, tropeçou e deu de cara na parede, que desmoronou na hora. Dentro da casa estavam três soldados da Wehrmacht que com a surpresa nem tiveram tempo de reagir aos tiros que dispararam Desidério e Irineu. Marcos atirou para cima, não querendo acertar os homens. Desidério ainda chegou perto de um dos alemães que agonizava com um tiro no peito, ele soltou uma coronhada na cara do ferido.

*-Era oficial, este desgraçado. Olha a Lauger<sup>2</sup> que ele tem.*

*-Deixa eu ver, Desidério* - quando Alvino se aproximava para ver, um tiro o acertou na ponta do capacete e ele se jogou no chão.

*-Droga balearam o Alvino.*

*-Não, Hüliam, eu estou bem, foi só no capacete.*

Irineu pediu silêncio, estava escutando umas vozes que vinham de baixo do porão. Hüliam falou em alemão para ninguém se mexer. Não houve resposta.

Ele esperou e de novo nada aconteceu. Os homens resolveram então abrir o porão.

Era uma mãe com três filhos, que assustados não esboçaram reação alguma, senão chorar.

Desidério em italiano disse que tudo estava bem.

*-Non c'è problema. Brasiliani, Brasiliani.*- disse ele e a mulher sorriu e fechou o porão.

Um sargento passou perto e viu os alemães no chão.

*-Ei vocês! Vão logo, temos que avançar.*

Os cinco correram para outra casa do outro lado da rua.

Tiros levantam poeira perto deles. Um morteiro caiu muito próximo à casa onde eles estavam antes e acabou de desmoronar a estrutura já danificada. Desidério voltou correndo ao local onde acabara de cair o morteiro.

*-O que este maluco foi fazer lá?*

*-Havia uma mulher lá senhor, com três crianças* - respondeu Marcos ao sargento.

*-Ei você, volte aqui seu idiota.*

Desidério fingiu não ouvir e começou a gritar pelas pessoas. Nesta hora um tiro lhe atingiu de raspão o braço esquerdo, mas ele continuou a gritar pelos quatro ocupantes do porão. O sargento ao ver que não tinha resultado, mandou que os outros dessem cobertura a Desidério, que retirava uma grande pedra de cima da abertura do porão erguendo a tampa.

Para seu alívio todos estavam bem e ele voltou correndo com o braço sangrando e contou aos outros que todos no porão estavam bem. Atrás de uma mureta de pedra os soldados trocavam tiros com os alemães. Marcos amarrou um pano no ferimento do amigo.

O comandante da 2ª Cia, Capitão Sydney ligou para o comando e pediu para que se suspendessem os tiros sobre Montese. A 1ª Cia fora a primeira a entrar em Montese. Um barulho estranho apareceu em meio ao tiroteio. O chão tremia assim como o corpo e o coração dos soldados, era o tão esperado reforço da cavalaria mecanizada. Já estava anoitecendo quando tanques americanos e a carros do Pelotão de Reconhecimento entraram na cidade.

Os carros foram recebidos como heróis e os alemães começaram a abandonar suas posições e correr em disparada para a parte norte da cidade.

As hostilidades não cessaram na noite de 14 e volta e meia caía um morteiro alemão próximo ao centro da cidade, mas sem oferecer grande risco aos brasileiros.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Quando amanheceu, chegaram os outros reforços brasileiros e os soldados se dividiram em ondas de ataques, que em linhas iam varrendo a cidade rua por rua. A torre de Montese só foi conquistada com um tiro de bazuca que intimidou os dois artilheiros que lá estavam e que foram rendidos.

Até levaram uns tapas dos soldados que os aprisionaram. Marcos e Irineu iam lado a lado pela rua próxima à torre quando viram um vulto correr por trás de um velho casarão. Eles avisaram os outros e os cinco amigos saíram correndo atrás do homem, que sem ter para onde fugir veio de encontro a um grupo que ia saindo com material capturado na torre. Ele ergueu as mãos e pediu para que não o matassem. Ninguém entendeu nada e Desidério empurrou com a coronha do fuzil, fazendo ele colocar as mãos na cabeça e ficar ajoelhado. O homem começou a chorar e implorar pela vida

*-Esta é pelo meu amigo Max, seu tedesco filho da puta!* - disse Desidério que não entendia nada do que ele falava. Tirou do bolso a Lauger que pegara do oficial morto no casebre e apertou o gatilho na nuca do soldado. A arma falhou, estava descarregada. Hüliam entrou no meio nessa hora e impediu o amigo de agredir o alemão, abraçando-se ao prisioneiro.

*-Não foi ele quem atirou no Max, ele não tem nada a ver com isso. É soldado como nós!*

*-Você é alemão como ele! Deveria estar lutando do outro lado, seu nazista filho da puta!* -

Desidério partiu para cima de Hüliam com sua baioneta em punho. Marcos colocou a arma nas costas de Desidério.

*-Nem pensar, Desidério. Chega de você ficar arrumando confusão* - nisso chegou um sargento.

*-Ei, que loucura é esta? Baixem as armas. O que está acontecendo aqui?*

*-Este soldado queria matar o prisioneiro, senhor!*

*-É verdade isso?*

*-Ele tentou reagir senhor!* - disse outro dos soldados que descia da torre.

*-Não, ele não reagiu. É verdade senhor!* – confirmou Desidério.

O sargento olhou os soldados, levantou o prisioneiro, tomou a Lauger de Desidério e fez sinal para que os dois que desciam da torre levassem os prisioneiros. Os soldados levaram o alemão.

*-Você não tem vergonha? O homem estava desarmado. Quem está liderando vocês?*

Os homens ficaram em silêncio.

Chegou nesta hora o sargento Florenciano.

*-Eu lidero estes homens.*

*-Então trate de manter a ordem, pois, este estúpido ia matando um prisioneiro desarmado.*

*-Os alemães não fazem o mesmo com os nossos? Por que não revidar? Agora me dê licença que temos um trabalho a fazer.*

O outro sargento foi saindo visivelmente desapontado com as palavras de Florenciano, pois, esperava um posicionamento mais firme do líder da unidade.

*-Desidério, você de novo? Peça desculpas aos seus colegas.*

*-Mas senhor...*

*-Sem mais, peça desculpas!*

Desidério que estava com os olhos lacrimejantes chorou. O clima entre os homens não era dos melhores, era embaraçoso ver o mais “durão” dos cinco ali chorando.

*-Ei Desidério, não foi nada. Eu já esqueci disso, não precisa chorar amigo. É passado.*

*-Isso mesmo, o Hüliam tem razão, você não precisa se desculpar. Ok?* – concordou Irineu.

*-Vamos largar de conversa e procurar os alemães. Temos uma missão a cumprir: limpar esta cidade dos tedescos nazistas e dos porcos fascistas* – disse o sargento.

A declaração era difícil de ser entendida, pois, a FEB tomara parte da cidade, a outra

Uma vez na Itália  
Helton Costa

metade estava nas mãos dos alemães. Permaneceria ainda até o dia 19, quando a Wermacht e divisões italianas ainda ofereceriam resistência à distancia de 1 km da cidade.

Do ponto conquistado em Montese ainda deu tempo da infantaria da FEB através da 2ªCia/1ºRI e da 3ªCia/11ºRI chegar à Panarento e Monte Bufone, à direita de Montese.

Os alemães que ficavam para trás, nas linhas brasileiras, ofereciam forte resistência e não eram poucas as vezes que ao verificar uma casa ou uma construção aparentemente abandonada se chocassem soldados das patrulhas febianas e dois ou três alemães entrincheirados.

As patrulhas se espalhavam pelas cercarias de Montese. Um grupo de reconhecimento foi mandado para Cota 749. Outros grupos foram para Cassano de Mezzo, Bosco Pianaccio di Sotto, Népure, Cotas 714 e 712 e Riva di Biscia. A Cia de Marcos ficou em Montese para guardar posição. A eles foi dado o controle da parte dominada. O dia era quente e a noite fria. A neve que havia derretido formava grandes lamaçais. Para vencer estes verdadeiros mares de lama e dar condição de avanço para a cavalaria, a engenharia tentava improvisar com troncos de madeira que um dia haviam sido casas e com pedras.

A engenharia teve papel fundamental na ligação e perseguição ao inimigo, principalmente quando foi preciso construir pontes metálicas ou livrar o combatente dos penosos e infernais campos minados com mina anti-pessoal, a famosa “quebra canela” que ganhou este nome por ser o pesadelo dos soldados. Geralmente, quando explodia, esta bomba arrancava a perna de quem pisava até a altura do joelho. Causou várias baixas entre os aliados.

A FEB avançava cada dia um pouco mais e no dia 20 de abril já tinha homens em C. Ramanini, Da Russe, Cota 746, Monte Zagalia, Canevaro, Caselette, Vignal de Sopra e di Sotto. Penna, Chioso e Povana que ficavam às margens do rio Panaro também estavam sob poder da FEB. No dia 21 caiu Zocca e Montalto e no dia 22, Vignola.

Os homens do 11º saíram dos arredores de Montese e se deslocaram para a região de Monte Orselo, onde iriam se reunir com o pessoal do 6ºRI e tentar atravessar o rio Panaro em direção Ca di Sola.

#### Notas

<sup>1</sup>João Estevam da Silva foi o soldado que tentou socorrê-lo após os tiros e que teve o mesmo trágico fim.

<sup>2</sup> Tipo de pistola que portavam os oficiais alemães , muito cobiçada pelos soldados aliados.

O castelo sem rei

À metade dos soldados coube a tarefa de atravessar o vale do Panaro e outra metade, onde estava Marcos e os amigos dele, foi para Maranelo e Cassegrande. Os homens marchavam sob quase nenhuma resistência alemã, que volta ou outra atiravam longe dos brasileiros. Perto de Maranelo uma surpresa fez os homens por um instante esquecerem da guerra.

*-Rapazes, não acredito no que estou vendo. Até parece miragem.*

*-Então também estou tendo miragem, Irineu.*

*-É um castelo igual aqueles de contos de fada.*

*-Salam da frente que o rei deste castelo está chegando* – disse empurrando os demais Desidério.

Alvino tinha razão, aquele era mesmo um castelo. Fora construído na idade média e servira de alojamento para os alemães durante a retirada deles. O local era bonito por fora, mas por dentro estava uma bagunça.

Porém, com o sol de final de tarde, era bastante bonito no alto de um monte. Dentro, no entanto, papéis, mau cheiro, fezes humanas e armadilhas aos montes eram comuns.

O sargento Florenciano ia logo alertando:

*-Não quero ver ninguém tirar nada do lugar, principalmente se for algo que pareça ter valor no "mercado". Estes nazistas encheram tudo de armadilhas. Os homens do grupo H da 1ª Cia/11º RI vão montar guarda na torre até segunda ordem, entendido?*

*-Sim, senhor!* - responderam os homens do grupo H, do qual fazia parte Marcos e seus amigos. Eles somavam 35 pessoas. Já haviam sido 40, mas agora estavam desfalcados, pois estavam bem à frente do quartel de recompletamento de pessoal. Do castelo partiram patrulhas para La Croce, C. Del Cante, Castelo Médice, Ristana, Il Marte e Vila Carardine.

No castelo, Marcos e seus amigos ficaram tirando guarda até o dia 26, quando se espalhou entre a tropa notícia, vinda de um partigiani enviado ao castelo, de que três destacamentos da 31ª Brigada Garibaldi "Coppello", estavam em marcha na direção de Parma.

Esse regimento de partigianis havia encontrado na área de Vicofertile-Vignolante uma unidade alemã em recuo. Eles lutaram e mataram alguns alemães, tendo também perdido um de seus homens, próximo à Fornovo. No local segundo o informante, existiriam muito mais alemães, assim como em Collecchio, de onde os tedescos começavam a sair aos poucos.

Ele contou ainda que a guarnição dele de imediato tentou deter os alemães com o restante da 31ª Brigada "Coppelli", do batalhão "Bragazzi" da 12ª Garibaldi, da 135ª Garibaldi, da 78ª Sapeadores e das brigadas "Silicato" e "Barbagatto", todas partigianis, mas não tinham tido o êxito que esperavam.

As tropas haviam conseguido conter as forças inimigas por um tempo, mas eram muitos os alemães que estavam se juntando em volta de Fornovo e a FEB por isso foi acionada para reforçar o cerco e capturar o inimigo.

Marcos e os outros começam a pensar que a história poderia ser interessante, mas até a noite desse dia não poderiam participar da operação, indo parar junto à 2ª Cia/1º RI, onde foram encarregados de auxiliar na manutenção da rota 63 e bloqueio de Gabriola e Gavazzo, que conseqüentemente isolavam Castone e Torre, todas localidades/vilarejos. Por outro, lado havia outro pessoal da FEB em Fontanetto para bloquear Aizzola e Rosseana.

Ao amanhecer do dia 27, as informações que chegavam eram boas. O Esquadrão de Reconhecimento da FEB que vinha lutando ao lado da 34ª Divisão de Infantaria Americana e agora também dos "partigianis" pelo controle da região de Collecchio, finalmente havia conseguido derrubar boa parte da cidade e avançava aos poucos.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Um grande contingente de prisioneiros tinha sido capturado. Pelo menos 300 deles. Marcos e os amigos escutavam os comentários que se espalhavam pela tropa através de oficiais que tinham contado para alguém que por sua vez tinha repassado as informações. Alguns diziam que em Collecchio havia mais de 550 prisioneiros.

Enquanto isso os homens do grupo H queriam ação, pois estavam guardando estradas onde o silêncio era rompido somente quando algum morteiro caía distante. O 11ºRI, exceto a 2ªCia que auxiliava o Esquadrão em Collecchio, estava espalhado desde as estradas que levavam ao Norte da Itália entre Torrechiara e Albinea até os limites do 6ºRI que cuidava cidades próximas à bacia do rio Taro.

Já era noite quando uma mensagem do QG informou que uma divisão alemã deslocava-se pela estrada de Fornovo-Collecchio indo em direção ao rio Pó.

Em busca de ação

Os homens ficaram ensandecidos com a notícia sobre a Divisão Alemã que fora avistada. Todos queriam pegá-los. Em vista do grande entusiasmo mostrado pelos combatentes, o general Mascarenhas de Moraes tomou a iniciativa de cercar os “retirantes”. Mandou o 6ºRI e o Esquadrão de Reconhecimento ir de frente com o inimigo, pois já estavam em Collecchio. A 2ªCia/1ºRI trataria de bloquear as estradas para Fidenza e Piacenza e a 1ª e 3ªCia do 11ºRI entrariam com outro bloqueio entre o rio Parma e Cróstolo.

Marcos, Irineu, Hüliam, Alvino e Desidério chamaram o sargento Florenciano em um canto.

*-Sargento, quais as possibilidades de embarcarmos como “guardas” dos oficiais nos próximos jipes e carros de apoio logísticos que forem sair agora á noite rumo a Collecchio?-* perguntou Hüliam.

*-Mas porque vocês querem ir para Collecchio? Aqui não está bom de movimento?*

*-Sabe o que é senhor... É que nós entendemos que poderemos ser mais úteis lá do que aqui. Veja bem, nós ficamos só esperando o inimigo descer para o nosso lado, quando podemos ir até lá e pegar eles de vez.*

*-Mas não é assim tão fácil embarcar nos carros. Vejam lá se vocês conseguem trocar com o pessoal da intendência, porque, eles estão levando mais munição e as marmitas para o nosso pessoal que está mais perto da frente em Collecchio. De lá vocês se virem para voltar, quero vocês de aqui dia 30 ou os considerarei como desertores. Se perguntarem para vocês porque vocês estão lá, digam que estão sob ordens do Coronel Lazário e que não tem permissão para falar. Se perguntarem a senha de comando, respondam com “alma 11, delta FEB”. OK? E se acontecer alguma coisa com vocês, não sei de nada!*

*-Muito obrigado, senhor!*

*-Vocês são loucos. Agora vão, que o carro parte em breve.*

Os rapazes correram para aprontar suas coisas. Desidério escutou chamar seu nome e olhou para trás.

*-Pois não, sargento.*

*-Acho que isso aqui é seu - disse Florenciano entregando a Lauguer ao soldado.*

*-Mas como o senhor pegou de volta?*

*-Não importa, digamos que o outro sargento me devia “uns favores” de Monte Castelo.*

*-Muito obrigado, senhor!*

O próximo obstáculo agora seria convencer os homens da intendência a dar-lhes uma carona.

*-Quem vai falar com eles?*

*-Vai você mesmo, Hüliam.*

*-Nada disso Alvino, eu já fui falar com o sargento.*

*-Então não. Eu não tenho esta “lábria” de tedesco! - disse Desidério. -Vai o Marcos!*

*-Larguem disso, deixa que eu vou - disse Irineu - Quem ainda tem cigarros?*

Os homens fizeram uma “vaquinha” e em poucos minutos tinham três maços (de Marcos, Hüliam e Alvino) e meia garrafa de Grippa (de Desidério). Nisso passou um dos homens da Cia H.

*-Ei, onde vão as “princesinhas”?*

*-Não lhe interessa soldado e respeite soldados em missão especial como nós! - disse*

*Alvino.*

*-Em missão especial, como assim?*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

-É meu jovem, nunca viu um soldado em missão especial? Estamos sob às ordens do Coronel Lazário. E é bom que nos chame de senhor, entendeu?- disse Hülíam.

Marcos e os outros se seguravam para não rir na cara do soldado. Alvino e Hülíam se mantinham sérios.

-Desculpe-me senhor, eu não sabia.

-Tudo bem, mas que isso não se repita! Agora faça-nos um favor, localize algum dos homens da intendência e mande-os vir até aqui que queremos falar com ele. Conhece alguém de lá?

-Sim, senhor. Imediatamente senhor. - o soldado saiu rápido e em poucos minutos voltou com o motorista do carro, um negro baixo e magro com um cantil pendurado no ombro e uma cartucheira na cintura.

-Que vocês querem seus trambiqueiros? - perguntou o motorista que já conhecia o grupo de outras vezes, quando eles iam “filar” chocolate na intendência.

-Um momento motorista, vou dispensar este jovem - disse Hülíam olhando para o recruta - Soldado Queiroz, esta dispensado, muito obrigado.

-Que droga é esta de dispensar soldado. Por um acaso foram promovidos?

-Fale baixo, não vê que estamos em missão especial? - comentou Marcos que resolveu entrar no jogo.

-Missão especial? Mas não estou sabendo de nada!

-Claro, como iria saber se é especial? - afirmou Alvino.

-Deixe-me ver os papéis, então.

Os rapazes se olharam com vontade de rir, mas Irineu não se desesperou, arrancou um papel dobrado do bolso, e começou a abri-lo em frente ao motorista.

-Entende inglês? - disse ele ao homem.

-Não!

-Então não vai adiantar muito, pois são ordens do QG americano assinados pelo próprio Mark Clarck.

O homem se aproximou do papel e tentou ler o que estava escrito. Realmente era inglês.

-Certo senhores, embarquem aí atrás, vamos sair em breve.

Os amigos não acreditavam no que viam. Estava dando certo.

-O que você mostrou a ele Irineu? - perguntou Marcos.

-Um panfleto daqueles que os americanos lançam para os alemães que eu achei no chão em Montese.

-Mas “tava” assinado?

-Não. Não tinha nada assinado e ele nem viu. De certo nem sabe ler.

Os homens riram e embarcaram no carro. Enquanto isso em Collecchio os alemães cercados tentavam avançar, mas eram sempre rechaçados e obrigados a recuar.

Os cinco desembarcaram à 10 km de Collecchio, em uma barreira brasileira. Agora teriam que se virar.

-Que faremos agora?

-Calma Desidério, vamos arranjar uma carona. Calma aí - dizia Marcos.

-Ei você, sabe que horas sai o carro que está indo para Collecchio? - perguntou Irineu a um soldado de capuz e óculos fundo de garrafa que passava por ali.

-Está doído amigo. Daqui não sai carro nenhum não. Somos o último posto de abastecimento antes de Collecchio - disse o soldado e saiu.

-É amigos, parece que este é o fim - disse Alvino.

-Ei vocês, quem são? - perguntou um Tenente chamado Murtinho de feições indígenas ou bolivianas do alto de quase 1,90 metros de altura e que trabalhava na 3ªCia/11ºRI.

Todos ficaram em posição de sentido e Hülíam se colocando a frente respondeu prontamente.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

- *Somos soldados do grupo H da 1ªCia/11ºRI e estamos aqui para ajudar na tomada de Collecchio e no cerco ao inimigo, senhor!*

- *Mas vocês não deveriam estar em outra frente? O que fazem aqui?*

- *Estamos sob as ordens do Major Lázaro.*

- *Mas ele não me disse nada.*

- *Deve ser devido à correria, senhor! Soubemos enquanto éramos transportados para cá que o inimigo está prestes a cair e que por isso fomos chamados, pois estão recompletando com quem está mais próximo da frente.*

- *Não estou sabendo nada disso, mas toda ajuda é bem vinda. Fiquem por aí enquanto ligo na sua Cia para confirmar. Quem era seu sargento?*

- *Era o sargento Florenciano, senhor.*

- *Ok, vou falar com ele.*

O Tenente saiu para procurar seu rádio amador, mas como ele não estava por perto deixou para lá.

- *Nossa, essa foi por pouco* - disse Irineu. Desidério e Marcos estavam pálidos. Se a farsa fosse descoberta eles poderiam pegar cadeia por deserção.

Um caminhão com feridos chegou do front. Havia pelo menos dez deles.

Os cinco foram logo ajudando a descer os homens do caminhão e foram falar com o motorista.

- *Escuta, amigo, de onde eram estes homens feridos?* - questionou Marcos.

- *São três do Esquadrão de Reconhecimento e os outros do 6ºRI. Por quê?*

- *Somente curiosidade. Quando você parte?*

- *Em seguida, por quê?*

- *Estou perguntando isso porque nós estamos indo para Collecchio auxiliar no transporte de material bélico e víveres e pensei que talvez você nos desse uma carona.*

- *Pode ser, só preciso de uma autorização ou do intendente responsável ou do chefe de seção daqui. Mas vocês têm que se apressar, pois saio daqui 10 minutos. Só vou urinar ali e já venho.*

- *Ok, vamos até ali pegar e já voltamos.*

Marcos se apressou e contou para os amigos o que acontecera. Desidério se dispôs a falar com o intendente. Mas foi em vão.

- *Não! Decididamente não vamos mandar nada lá "pra" frente. Não hoje, só amanhã de manhã* – respondeu o Tenente Branini.

- *Mas senhor, nós estamos tendo de partir agora. Não há como irmos com o carro?*

- *Não, não dá. O carro volta vazio e vocês voltam para onde vieram. Nós não vamos nos responsabilizar pela segurança de vocês.*

- *Ok, obrigado senhor.*

Restava ainda o tenente de alguns minutos atrás. Eles armaram o plano da seguinte maneira: Um dos homens iria falar com o tenente e os outros estariam perto do carro para tentar convencer o motorista caso não desse certo com o tenente, de que tudo estava acertado e que eles tinham a autorização do superior para a viagem. O sinal seria um "positivo" com o dedão da mão. Marcos foi falar com o oficial.

- *Senhor, vim até aqui para me despedir do senhor, pois eu e meus colegas estamos indo. O motorista trouxe ordens de que devemos partir imediatamente. Como o senhor pode ver eles já estão prontos para o embarque. Eu vim até aqui para agradecer o senhor pelo modo como tratou a gente nestas poucas horas que estivemos aqui. Em nossa Cia quando as coisas saem bem nós fazemos este sinal para os amigos.* - Marcos levantou a mão em direção aos colegas e fez o sinal de "tudo jóia" para os amigos. Os soldados responderam da mesma maneira, ao que o tenente



Uma vez na Itália  
Helton Costa

também fez o mesmo sinal - *até mais senhor!*

Enquanto isso perto do caminhão os homens conseguiam enganar o motorista.

- *Viu, este tenente é muito nosso amigo, estamos autorizados para ir até Berlim se depender dele. É um bom homem* - disse Hülíam.

- *Isso está me cheirando a armação. Mas subam aí que eu levo vocês.* - disse Nabuco, o motorista.

Os homens mais que depressa entraram no carro. Estavam indo para Collecchio.

Quando chegaram, a cidade estava inteira nas mãos dos brasileiros e partigianis. Estava amanhecendo o dia 28 quando o motorista os deixou em frente à barraca dos oficiais.

Dia 28 coincidentemente era aniversário de Hülíam e Irineu. Mesmo assim, não houve tempo para festas. Os amigos apenas se cumprimentaram com um abraço normal, como tinha sido no aniversário de Marcos (10 de fevereiro), de Desidério (03 de dezembro) e de Alvino (31 outubro), que não tinha passado o aniversário com os quatro novos amigos, pois estava em outra companhia e ainda não os conhecia.

Quando os homens chegaram em Collecchio, saiu um homem de 1.90m, moreno e de bigode.

- *Vocês são os cinco soldados que estavam dizendo por aí que estavam sob as minhas ordens? Eu sou o Major Lázario.*

- *Boa noite, senhor! Nós viemos para ajudar na prisão dos tedescos.* - disse Irineu.

- *Cale a boca que eu não mandei você falar. Quem vocês acham, que são? Eu devia mandar vocês para a cadeia, mas já que querem ação, procurem o Carvalho. Andem logo seus molengas. Só não vão para a cadeia, pois o Florenciano foi meu aluno no ginásio.*

- *Sim, senhor.*

Os amigos então saíram em busca do tal sargento “Carvalho”.

- *Mas como ele soube das nossas armações?* - disse Alvino.

- *Sei lá, alguém deve ter ligado para confirmar e não deu tão certo quanto esperávamos.*

- *Discordo. Deu certo sim. Não estamos aqui?* - questionou Hülíam.

- *Tem razão meu amigo!* - concordou Marcos.

A cidade de Collecchio estava bastante destruída pela troca de “gentilezas” entre as duas artilharias e não lembrava em nada a pequena e bela cidade que fora antes da guerra. Os soldados corriam tentando se proteger dos estrondos que levantavam terra próximo a eles. Era um morteiro mais próximo que o outro.

Enquanto corriam, iam passando por soldados do 6ºRI que estavam lutando pela cidade e a cena era um pouco estranha, pois mesmo com todo aquele bombardeio os soldados riam, talvez de medo, talvez por que estavam achando divertido mesmo.

Dentro da cidade ainda havia resistência e o combate teve de ser travado rua por rua. Quando saíam dos limites da cidade, depois de quase 40 minutos de caminhada, foram parados por soldados da Polícia do Exército em um jipe. Os soldados usavam no ombro as siglas “MP” ou Military Police.

- *Onde estão indo soldados?*

- *Temos que nos apresentar ao sargento Carvalho, sabe onde o encontramos?* - perguntou Hülíam.

- *Bom, ele está nas proximidades de Fornovo. Estamos indo para a cidade, se vocês quiserem podem ir reto nesta rua até perto daquela cerca. Dali em diante os mineiros ainda não limparam o terreno e por isso não aconselho que vocês passem adiante. O pessoal do Esquadrão de Reconhecimento já está lá, então não acredito que vocês vão encontrar meios rápidos de chegar, pois fica a pelo menos 40 minutos de carro.* - disse um dos soldados dos três que estavam no jipe.

- *Mas o pessoal do 760ºRegimento de Tanques americano também está indo para lá, quem sabe vocês arrumam uma carona, mas daí vocês teriam que dar a volta por trás da praça de*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*Collecchio e ir pela outra saída da estrada* - disse um outro soldado conhecido como “mosquito”, visto sua estatura baixa, a voz fina que mais parecia um zunido e o nariz cumprido.

-*Vocês nos dariam uma carona para voltar?* - perguntou Irineu.

-*Claro! Subam aí, só vai ficar só um pouco apertado.*

Os soldados subiram rapidamente no jipe e em menos de 15 minutos estavam de novo em Collecchio. Já eram quase 8h quando eles entraram de novo na cidade. Eles agradeceram os soldados do jipe e deram-lhes dois chocolates pela carona. Desceram e correram para uma casa abandonada para comer a “ração” que lhes serviria de café da manhã. Enquanto comiam escutavam ao longe o cair dos morteiros e as lurдинhas cantando. Ainda estavam sentados quando escutaram um barulho de motor.

-*Ei rapazes, estão escutando isso?*

-*O que Marcos? Seu estômago roncar?*

-*Deixa de ser burro Desidério. É um carro!*

Eles correram para fora da casa e realmente era um carro. O carro era um caminhão velho que a engenharia usava para colocar seus apetrechos. Eles correram em volta do carro.

-*Bom dia, motorista!*

-*Bom dia. Sabem para que lado fica a praça de Collecchio?* – disse Balbueno ao grupo.

Ele dirigia aquele caminhão desde o início da guerra. Era do Piauí.

-*É para aquele lado senhor* - disse Marcos apontando para a esquerda.

-*Ok, obrigado.*

-*Diga-me, o senhor sabe se estão indo para Fornovo agora pela manhã?*

-*Estãosim! Os americanos passam por ali, depois da praça. Agora mesmo eu estou levando algumas ferramentas para os homens da nossa engenharia que estão arrumando a estrada que foi muito bombardeada na noite passada. Eu sou novo neste lado aqui, entrei ontem em Collecchio, mas era à noite e não sei ao certo como chegar lá. Se vocês me levarem até a praça, posso deixar vocês na estrada para pegar carona. O que acham?*

-*Sim! Pode ser!* - respondeu Marcos.

Os jovens subiram na carroceria do caminhão se juntando a mais dois recrutas que dormiam sobre algumas lonas, mostrando que a viagem tinha sido bastante longa. Eram dois jovens de uns 22 anos. Um japonês e um negro.

Quando chegaram à estrada, a cena era um espetáculo de carros americanos e também brasileiros indo no sentido de Fornovo. A ordem de Mascarenhas de envolver todos os veículos para transportar os homens estava sendo cumprida à risca. Eles desceram do carro, agradeceram o motorista e deram-lhe o restante do chocolate que tinham em mãos, cinco barras.

Um tanque Sherman parou perto do grupo e um jovem americano abaixou os óculos de tanquista e o capacete, mostrando o cabelo já cumprido que refletia a luz do dia e que estava fora do estilo militar. Ele fez sinal para que subissem e se juntassem à outros febianos que ali estavam. Os amigos não perderam tempo e naquele momento subiram imediatamente. Assim ia o 6ºRI com o 9ºBatalhão de Engenharia e a Cia “A” do 760º Batalhão de Tanques Norte Americanos, à margem ocidental do Rio Taro na estrada entre Medesano/Filigera e Fornovo. Já na margem oriental iam se deslocando os homens do Esquadrão de Reconhecimento.

Os outros homens que estavam no tanque (eram mais cinco, todos sujos e com cara de quem tinham acabado de sair do front), eram do 6ºRI e estavam em pleno deslocamento para a região de Fornovo.

-*Diz aí Joel, como está a situação lá em Fornovo?* - perguntou Irineu a um soldado que ele conseguiu chamar pelo nome que estava escrito no capacete que o infante segurava.

- *Dizem que “tá” boa, mas meu nome não é Joel não, é Alair. O Joel era o dono do capacete que já foi dessa pra melhor faz tempo. “ Diz” que lá em Fornovo tem mais tedesco que*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

americano. “Tá” até dando graça. “Tão” dizendo que até médico “tá” fazendo prisioneiro no front. Nós vamos chegar lá por volta de uns 40 ou 50 minutos, quando estiver à noite. Agora já é quase 4h da tarde. – dizia o tal Alair com sotaque paulistano do interior. Ele era de Itu e descendia de libaneses.

O tanque ia a menos de 30 km por hora pelas estradas castigadas por poças de lamas que se formaram com o derretimento da neve e que ainda atolavam carros pesados. Na outra frente de batalha italiana, o general Truscott consolidava de vez a cidade de Bolonha para os aliados e atravessando o rio do Pó conquistara Modena, La Spezia e de Ferrara.

De repente saiu um dos ocupantes do tanque com a cabeça para fora e gritou para os seus “caroneiros”.

*-Mussolini is dead! Mussolini is dead! They are dead Mussolini!* – disse o cabo Yorkman sorrindo.

*-Que diabos este gringo está falando?* - perguntou Desidério.

O americano comemorava a notícia dentro do tanque como um brasileiro comemoraria a festa de poder voltar para casa. Os carros foram parando um a um e um oficial da FEB mandou o corneteiro tocar para chamar os homens para se reunirem.

Os homens desceram imediatamente dos veículos que ocupavam e se reuniram se distribuindo em várias fileiras. Apareceu um Tenente que os cinco amigos nunca tinham visto, mas dava para ver que era oficial antigo pela roupa ainda que suja, mas bem alinhada e pelo cabelo já ficando grisalho. Ele subiu em um dos tanques e começou a falar aos homens.

*-Quando eu disse à vocês que o mal estava perto de ser cortado pela raiz, eu estava falando a verdade. Acabou de ser confirmado agora pelo rádio, que o monstro sanguinário o qual em outros tempos os italianos chamavam de “Dulce” foi morto ontem. Soldados do Brasil, Mussoloni está morto e quem deu um fim neles foram os próprios italianos! Partigianis pegaram o Dulce e sua amante Clara Petacci em Dongo tentando fugir para a Suíça em um caminhão, disfarçados de civis e os fuzilaram ontem. Seus corpos e de outros oficiais que estavam junto com eles estão pendurados em um posto de gasolina em Milão. Como vocês vêem, falta pouco para voltarmos para casa. Agora estamos indo para cercar os alemães já famintos e perseguidos por partigianis Este pode ser nosso último golpe neste Reich nazista. Vamos triunfar e levar o nome do Brasil ao mais alto grau de vitória. Vamos rumo à vitória soldados. Agora vocês estão dispensados, vão para os carros, porque, estaremos em nosso destino dentro de mais 15 minutos. Brasil!*

*-Brasil!* - gritaram os soldados. E foram correndo para os jipes, tanques e caminhões que os aguardavam. Em quinze minutos eles chegaram à zona de atuação. Os tanques se perfilaram, ao lado da artilharia e os soldados formaram uma fila única que ia dar atrás de algumas elevações e trincheiras antes do rio. Já era noite e a lua refletia no rio os clarões dos disparos da artilharia e dos canhões.

Os alemães até tentavam responder, mas o fogo vinha tanto da direita como da esquerda, o que os obrigou a retrair ainda mais rumo a Fornovo. Para complicar ainda mais a vida dos germânicos, uma outra tropa foi deslocada para Placencia, perseguindo de perto seu retraimento.

Os meninos por um instante ficaram olhando aquele espetáculo sombrio produzido pelo reflexo das bombas lançadas dos canhões, que promoviam uma demonstração de cores na água iluminada pela lua.

O Reich de mil anos desmoronara, não havia mais esperança de uma virada alemã. A Itália era um reflexo disso. Himmler, que estava à frente das tropas de elite nazista conhecida como “SS”, propusera a capitulação da Alemanha à Inglaterra e aos Estados Unidos, mas não obtivera sucesso.

Hitler se escondera em seu “bunker” em Berlim. Pela janela e nas visitas à cidade podia

Uma vez na Itália  
Helton Costa

ver bombas soviéticas caindo em seu próprio quintal na chancelaria. Recebia notícias que mulheres estavam sendo estupradas por tropas soviéticas em toda Berlim, em represália aos ataques alemães à União Soviética. Seu mundo desmoronara quase seis anos após a invasão da Polônia em 1939.

Mussolini fora morto e ele (Hitler) não se cansava de afirmar que a culpa de sua derrota era a incompetência de seus generais. Nada que ele fizesse mudaria a situação das coisas. Ainda havia alguns bolsões de resistência na Alemanha, mas os aliados iam sufocando um a um e propondo a rendição incondicional aos tedescos.

Rendição Incondicional

No front onde estava a FEB não era diferente. Na hora do almoço do dia 28 chegou um padre italiano com a resposta do “ultimatum” que fora enviada à tarde pelo comandante do 6ºRI, Coronel Nelson de Melo, que pedia a rendição incondicional dos alemães. O bilhete dizia o seguinte

“Herrn – 28/04/1945

Oberst Nelson de Melo

Nach eingang einer weinsung der vorgesetzter komando behöerde erfolgt antwort

A) Major Kuhn”<sup>1</sup>

Depois desta resposta as baterias começaram a martelar as defesas alemãs e investir com pequenos grupos para cima dos alemães. Às 17h os homens do 2ªCia/6ºRI foram enviados para avançar por sobre Gaiano ao noroeste de Forno para pegar os inimigos, mas a tentativa falhou e só conseguiu chamar a atenção do fogo alemão para cima do grupo. Ao ver isso, o Capitão Ernani Ayrosa que agora era do comando do 6ºRI pensou em ajudar a tirar os homens desta enrascada.

Ele pegou um jipe e se dirigiu para a estrada onde estavam os alemães para chamar a atenção do fogo inimigo. Andou alguns quilômetros, quando encontrou alguns carros de combate alemães. De dentro do carro os alemães gritavam com ele e ele gritava com os alemães, um pedindo para o outro se render. No meio da confusão um rojão foi disparado e acertou o jipe onde estava não só Ayrosa, mas, também um sargento chamado Apio Aleluia e um soldado de nome Hilário Zanesco. Com a explosão o soldado faleceu, Ayrosa foi feito prisioneiro e Aleluia voltou para o lado brasileiro.

Duas horas depois de todo este tumulto chegaram Marcos e seus amigos ao acampamento. Rapidamente eles encontraram o sargento Carvalho, que era na verdade o Neumar Carvalho que fora líder em outros tempos de Marcos e Desidério.

*-O que vocês fazem aqui soldados? Não estavam em outro regimento?*

*- Pois é, senhor. Estamos na 1ªCia do 11, estamos aqui para prender uns tedescos - disse*

Marcos.

*-Então, chegaram tarde, acabamos de atacar por Gaiano, mas não deu muito certo. Mesmo assim estamos sufocando os tedescos. Estes idiotas não querem se render. Recebemos à tarde a resposta do major alemão com algumas exigências deles. Mas queremos a rendição incondicional, nada de exigências.*

*-Então era o senhor o Carvalho lá que falaram para a gente se apresentar. Nunca que eu ia lembrar que era o senhor. Pelo menos a gente já conhece o senhor, daí não dá problema - disse Desidério.*

*-Pois é. O restante dos homens estão em forma ali naquelas trincheiras, vão para lá que estou indo para falar com o tenente o que iremos fazer, logo estarei lá. E a propósito, quem são estes outros três?*

*-Desculpe, senhor! Soldado Fleuder Hüliam*

*-Soldado Irineu Abreu.*

*-Soldado Valentim Alvino.*

*-Ok, vão para junto dos outros.*

Os homens deram meia volta e correram para a trincheira onde estava o grupo de combate de Carvalho. Os homens estavam bastante sujos, alguns com a barba já grande.

*-Quem são vocês? - perguntou um dos homens com cara de desdenho.*

*-Soldados da retaguarda com certeza - disse outro olhando e analisando o grupo de cima*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

abaixo.

*- Estes paurentos só ficam lá enquanto nós do 6° damos duro por aqui - concluiu o primeiro.*

*- Nada disso, estes homens são do 11, reconheço por causa da farda - disse outro apontando para o símbolo do 11 no ombro de Alvino.*

*- Exatamente amigo e estamos aqui para auxiliar na batalha contra os alemães. - disse*

Hüliam.

*- Que batalha? Os alemães vão se render, vocês vão ver, não dou até amanhã. - debochava um outro recruta deitado no solo para dormir.*

*- Olhem lá. O padre " tá" saindo de novo. De certo vai levar os termos para os alemães. A artilharia até parou de atirar para dar uma trégua aos tedescos. Mas eu queria mesmo é ver voar penas desses alemães!*

*- Às vezes a paz é a melhor coisa para os homens. - disse o sargento Carvalho chegando em meio à conversa dos soldados. Todos ficaram em posição de sentido.- Agora rapazes, é esperar para ver no que vai dar. Até lá vamos revezar e descansar um pouco. A trégua será mantida até amanhã de manhã.*

Os soldados com a chegada de Marcos e seus amigos eram vinte e cada grupo de cinco deveria cuidar uma hora. Assim o fizeram. Ainda no primeiro turno, às 22h, o sargento veio novamente acordar os soldados.

*- Os alemães vão se render mesmo, vão só esperar amanhecer. É para todos nós estarmos apostos para a rendição à partir de agora. Então quero vocês em cinco minutos ali fora em formação atrás de mim. Entenderam?*

*- Sim, senhor! - responderam os homens.*

Então todos os infantes se reuniram próximo à estrada e carros e mais carros de transporte e combate chegavam ao local. As fileiras iam aumentando cada vez mais. Aos poucos foi-se tomando a dimensão das tropas envolvidas naquela operação de captura da divisão alemã, que agora se sabia tratar da 148ª Divisão Alemã.

Eram muitos soldados. Tantos que Hüliam nem tentou contar. Os brasileiros ficaram em forma, cantaram o Hino Nacional e canções de guerra. Os tanques do 760º americano de tanques atacou em conjunto com as baterias brasileiras até às 5h20 do dia seguinte, quando veio a ordem de cessar fogo. Não amanhecia o dia ainda quando começaram a aparecer os primeiros grupos de soldados para se renderem. Era uma terça-feira de glórias e tristezas.

Os primeiros a se render foram duas colunas de ambulâncias com feridos alemães e italianos. Logo em seguida viaturas e mais viaturas alemãs junto com todos os demais veículo motorizados foram aparecendo a se perder de vista. Uma delas em especial causava até mesmo admiração nos soldados: a da 90ª Divisão Panzer Granadier que estivera no Afrika Korps lutando ao lado do General Rommel contra os ingleses, tendo sido derrotados pelo General Motgomery, e que agora ali na Itália não lembrava mais os primeiros avanços e a glória de outrora. O mito de super-homens caía ali mesmo, frente a sul-americanos, brasileiros.

Terminada essa parte do “espetáculo”, vieram os italianos. Durante a rendição os soldados eram orientados a atirar frente a qualquer movimento suspeito. As armas dos soldados inimigos tinham que ser jogadas no chão alguns metros antes da ponte de nome “Scodogna”, por onde cruzavam os prisioneiros.

Os soldados vinham em forma, organizados como sempre estiveram, em fileiras de três colunas e com os oficiais à frente. Eles eram revistados pelos soldados e embarcados em caminhões rumo a Fornovo, onde os americanos e soldados de outras frentes organizavam os campos de prisioneiros.

O relógio marcava 12h quando as primeiras levas de alemães cruzaram a ponte. Eles cantavam seus hinos e marchavam com convicção, mesmo depois de vencidos, não abaixavam a

Uma vez na Itália  
Helton Costa

cabeça.

O pracinha de maneira geral reagia indiferente de qualquer motivo, ou do ódio de outros tempos, tratando bem os prisioneiros. Às vezes até trocava alguma coisa com os prisioneiros.

Marcos com fuzil em mãos estava de olho nos alemães ao lado de Alvino, enquanto Hüliam, Desidério e Irineu vistoriavam os ocupantes de um jipe recém-chegado no local da rendição.

Os alemães estavam quietos e apenas erguiam as mãos se deixando revistar. Um dos quatro ocupantes do jipe tinha aspecto jovial com o rosto coberto de uma penugem típica da adolescência.

*-Quantos anos você tem?* - perguntou Hüliam em alemão.

O soldado ficou quieto. Hüliam repetiu a pergunta.

*-Meu documento está no bolso esquerdo. Se quiser, olhe e verá* - respondeu o menino. Um cabo alemão que também parecia ter pouca idade o repreendeu por tal atitude com um tapa no rosto.

*-Onde você aprendeu a falar alemão tão bem?* - perguntou o cabo à Hüliam.

*- Meus avós são alemães.*

*-De onde?* - questionou o cabo mais uma vez.

*-De Colônia* - disse Hüliam oferecendo um cigarro ao cabo.

*-É mesmo? Tenho um tio da minha mulher que é de lá. Desculpe, pela rispidez do meu soldado, ele vai responder, não é Shchmüller?* - disse o cabo olhando para o soldado.

*-Tenho 16 anos!* - respondeu o rapaz.

*-Era da juventude hitlerista?* - perguntou Hüliam.

*-Por que faz tantas perguntas? Você traiu sua pátria em não atender o chamado do Führer!*

Hüliam apenas riu e balançou a cabeça dando ordem para que os soldados saíssem e viessem os próximos para a revista.

*-Que droga é esta de ficar falando alemão com o inimigo e dando cigarro para eles "heim" Hüliam?* - perguntou Desidério.

*-Não vamos começar com esta história de novo!* - disse Irineu limpando os óculos nas mangas da blusa.

*-Não "tava" falando nada de mais, só perguntei a idade daquele menino. Vocês acreditam que ele tem somente 16 anos?*

*- É bastante jovem mesmo. Eles deveriam estar desesperados para estarem alistando gente tão nova em suas fileiras.* - disse Alvino.

A conversa foi interrompida pela chegada de outro carro para a revista. Os partigianis que estavam reunidos em um lugar próximo à estrada se alvoroçaram e começaram xingar alguns soldados que vinham marchando e cantando em italiano. Tais soldados usavam camisas negras. Eram soldados do "Partido", fascistas defensores de Mussolini, uma espécie de tropa de elite semelhante às SS, mas italianas.

Ao ver o tumulto alguns pracinhas cercaram o grupo de partigianis para que eles não se vingassem daqueles tão odiados fascistas.

Alguns civis assistiam tudo de longe e injuriavam com os mais pesados palavrões os prisioneiros alemães e italianos. A confusão chegou ao ponto deles atacarem excremento humano nos soldados, que ali enfileirados marchavam com desprezo a tais atitudes.

Por enquanto vinham alguns soldados, oficiais e sub oficiais. O dia foi de trabalho para as tropas brasileiras que passaram o dia inteiro e a noite revistando prisioneiros e carros, guardando equipamentos apreendidos e contendo os excessos dos partigianis.

À noite, as estradas eram iluminadas por refletores para que os prisioneiros se rendessem.

Quando amanheceu ainda não havia acabado a acomodação dos prisioneiros, nem a

Uma vez na Itália  
Helton Costa

rendição. Carros com material pilhado também chegavam. Desidério conseguiu guardar para si um óculos de combate de um motorista alemão.

Hüliam negociou oito barras de chocolate que ele possuía com um rapaz em troca de um punhal da Juventude Hitlerista. Marcos pegou do bolso de um outro soldado um abridor de cartas de prata, que pelos caracteres apresentados tinha sido obra de pilhagem na Rússia.

*-Que língua é esta aqui professor?* - perguntou ele em tom de riso para Irineu.

*-É... deixe-me ver ... Parece russo.*

*-Você esteve na Rússia?* - perguntou Hüliam em alemão para o soldado.

*-Sim, lutei em Estanligrado. Não só eu, como muitos amigos aqui* - respondeu o homem apontando para os colegas – *Aquele último da fila ali perdeu dois primos lá.*

*-Pergunta para ele o que ele quer em troca deste abridor de cartas* - pediu Marcos e Hüliam perguntou.

*-Tem alguma coisa para comer aí? Estou com fome* – respondeu o prisioneiro alemão.

Marcos deu alguns biscoitos de seu bernal e o homem abriu um grande sorriso para ele.

*-Braziliam Kamaradi! Braziliam Kamaradi!* - repetia o homem enquanto dividia a os biscoitos com os outros cinco colegas.

Alvino e Irineu guardaram um distintivo cada um, eram broches com a suástica nazista que dois oficiais lhe deram em troca de cigarros. Eles só não pegaram mais objetos, pois não tinham pelo que trocar ou “cambiari” como diziam os prisioneiros italianos.

Os alemães também chegavam à todo momento dizendo seu “cambiare”. Era a senha para uma boa troca. Foram feitos 14.779 prisioneiros, entre os quais figuravam dois generais e mais de oitocentos oficiais durante a rendição.

Foram apreendidos ainda, aproximadamente oitenta canhões, um milhar de viaturas automóveis, duas centenas de veículos de tração animal, quatro mil cavalos, grande quantidade de armas automáticas, fuzis e outros equipamentos vitais em uma guerra. Desde o início da rendição as baixas do Brasil foram de cinco mortos e 50 feridos.

Mas a notícia do dia veio no começo da noite, quando o general Otto Fretter Pico apareceu dentro de um carro para se render. Seu olhar distante, perdido no horizonte parecia adivinhar a notícia que viria no dia seguinte. Otto foi recebido pelo General Falconiére.

O dia decisivo da guerra foi o seguinte, quando Marcos foi acordado com grito de alegria dos demais soldados.

*-Já está sabendo amigo! Hitler se matou! Vamos “pra” casa! Hitler morreu!*

*-Que história é essa Irineu?*

*-É verdade Marcos! Olhe como os soldados estão comemorando!* - disse Alvino.

Marcos olhou para fora da trincheira onde dormia e lá estavam os soldados comemorando. Alguns se abraçavam, outros davam apertos de mãos e tinham sorrisos nos rostos. Marcos levantou rápido e não perdeu tempo.

*-Aquele porco alemão se matou!* - afirmou Desidério.

*-Seu tonto! Ele é austríaco e não alemão!* – completou Irineu. Desidério só riu.

*-Estão dizendo que o Goebells, também morreu com toda a família.* - disse Alvino.

*-Mas quem é este?* - questionou Marcos.

*-Era o puxa saco do Hitler. Ele que fazia as propagandas dos alemães.*

*-Não acha isso bom Marcos? Agora nós vamos para casa!* - disse Irineu.

*-É, realmente é bom* - concordou Marcos ainda com medo, pois a guerra já fazia parte dele.

Será que ele iria se adaptar de novo ao convívio em família? Os civis que Marcos via ultimamente eram aqueles que tinham ficado nas cidades por pura necessidade por já não terem onde ir. O comando proibia um contato direto com eles, mas mesmo assim não eram raras as vezes que o pracinha de coração mole doava sua marmita para famílias famintas que mendigavam na



Uma vez na Itália  
Helton Costa

beira das estradas.

*-Que cara é esta rapaz? Anime-se! Nós vamos para casa em breve!* - lembrou Desidério.

*-Eu sei, só estava pensando.*

O sargento Carvalho, que havia sido promovido, apareceu próximo à trincheira onde Marcos dormia.

*-Bom dia soldados!*

*-Bom dia senhor!* -responderam os cinco.

*-Vocês ajudaram bastante aqui, mas acho imperioso que vocês voltem para o regimento de vocês. Eles devem estar precisando de vocês lá.*

*-Sim, senhor!* - responderam.

*-Desculpe senhor, mas o senhor foi promovido, estou vendo no ombro do senhor umas insígnias novas....* -disse Irineu.

*-Fui sim Irineu, agora sou 2º Tenente. Chega de combates, agora vou voltar para o QG. Eu até queria ficar mais aqui, mas acho que já estou um pouco cansado de tanto barulho de Lurdinha no ouvido.*

Os soldados cumprimentaram um de cada vez o agora Tenente Carvalho.

*-Arrumei transporte para vocês junto com alguns soldados do Esquadrão de Reconhecimento que vieram buscar material para a frente e que depois vão para Alessandria. Os homens devem ir para lá. Com a morte de Hitler as coisas devem se acalmar mais em breve tudo deve voltar ao normal e nós voltarmos para casa. Ok? Agora comam antes de ir, que o carro sai em meia hora.*

*-Sim, senhor!* – concordaram os soldados prestando continência.

*-Foi bom conhecer vocês e nos vemos por aí. Até mais. Qualquer coisa, me procurem no Brasil, meu quartel fica em Santa Catarina. Até mais.*

Neumar tinha uma barba em lugar do bigode que tivera quando Marcos o conheceu. Ele se despediu dos homens e saiu para inspecionar outra parte do acampamento.

Os soldados comeram apressados e embarcaram em um engate puxado por um veículo M-8 do Esquadrão de Reconhecimento. Eles deixaram o local e não tinham andado 10 minutos quando o carro parou e dele desceu o motorista. De novo era o “Mosquito”.

*-Soldados, estamos sendo chamados pelo rádio para levar tropas para o norte do rio do pó onde foram encontradas novas tropas alemãs. Eles falam em 30 mil soldados, próximo a Casale, em Asti e Chiavazzo, 30 km de Alessandria. Vocês tem duas opções, ir conosco ou voltar para Fornovo.*

Além de Marcos e seus amigos estavam mais 10 soldados dentro do engate e todos concordaram em fazer o deslocamento. Eram muitos soldados alemães no referido local, mas eles estavam cercados pela FEB e pelos americanos. Se tentassem um golpe de mão para cima dos brasileiros, poderiam até ter um êxito rápido, mas seriam esmagados logo em seguida, pois uma ordem convocando os exércitos aliados da Itália que estivessem próximos fora emitida, o que acarretaria que divisões brasileiras, italianas, americanas e até iugoslavas de Tito.

## Notas

<sup>1</sup> “Sr.- 2804/1945

Cel. Nelson de Melo

Depois de receber instrução do comando superior seguirá a resposta.

A) Major Kuhn”

O dia V

Os soldados alemães estavam cercados. Eles eram homens do 75º Corpo de Exércitos da Ligúria comandados pelo General Sclenmer. Negociações foram tentadas, como no caso da 148ª, mas a despeito de tudo, os soldados não queriam se render. O general dizia que não iria se render de maneira alguma. Marcos e seus amigos chegaram após o almoço no local e o clima era tenso dos dois lados.

O Esquadrão de Reconhecimento foi exatamente de encontro ao 11º Grupamento Tático, que era composto pelo 11º RI, 1º Grupo de Obuses (GO) e a 1ª Cia/9º Batalhão de Engenharia (BE) sobre o comando do General Zenóbio da Costa. Outros dois grupamentos táticos (GT) ajudavam no cerco aos alemães. Eram eles o 1º GT: (1º RI, 2º GO, e 9º BE) comandados pelo general Cordeiro de Farias e o 6º GT: (6º RI, 3º GO, e 2ª Cia/9º BE) comandado pelo general Falconiére da Cunha.

Os soldados desceram rápido do engate já com as armas nas mãos.

*- Sentido! - gritou o Tenente Azevedo aos soldados com seu capacete de aço nas mãos - Quem de vocês era do 6º RI dê um passo a frente! - Três soldados andaram. - e quem era do 11º? - Marcos e os outros caminharam. Os outros dois eram do Esquadrão de Reconhecimento - Bem rapazes voltem cada um à suas companhias. Os homens do 6º devem partir em 15 minutos com o próximo carro do grupo de obuses.*

Os homens se esparramaram e cada um foi cumprir a ordem dada.

*- Então é isso! Ainda chegamos um dia antes da data que tinham mandado! - disse Irineu dando risada.*

*- Pois é, queríamos ação, aí está! - disse Desidério. Enquanto ele ainda falava escutaram um assovio no ar e aquele assovio não era estranho: era de bomba! Eles se jogaram ao chão. Era um ataque dos alemães, que de maneira nenhuma admitiam a derrota.*

*- Caramba, esta foi por pouco! - disse Hülíam dando risada. Os homens estavam tão acostumados à rotina de bombardeios que só pelo barulho que a bomba fazia, já sabiam onde ela iria cair.*

Eles se levantaram e foram para a companhia de origem deles antes da rendição para se apresentarem ao sargento Floreciano Ávila. Quando chegaram à companhia tiveram uma surpresa.

*- Ei Juliano, cadê o sargento Florenciano? - perguntou Marcos para um colega.*

*- O Florenciano foi baixado pro hospital, ele tava com febre e sangramento no nariz. Agora o sargento aqui é o Valeriano Costa, de Mato Grosso.*

*- Estão falando de mim? - disse o sargento se aproximando do grupo que imediatamente ficou em posição de sentido.*

*- Soldados do da companhia H se apresentando senhor!*

*- À vontade soldados! Posso saber por onde vocês andavam?*

*- Estávamos em Forno novo senhor. - respondeu Alvino enquanto o sargento examinava alguns documentos.*

*- Tudo bem. Reúnam os outros homens da Companhia, quero falar com vocês.*

*- Sim, senhor!*

Em poucos minutos as três dezenas de homens que faziam parte da companhia, mais um cabo e um sargento auxiliar se apresentaram ao 1º Sargento Costa.

*- Bem soldados, nós estamos indo para Alessandria e vamos chegar lá antes das 14h. O inimigo já foi derrotado em Forno novo, mas agora é com a gente limpeza da cidade. Quero que tomem cuidado e que fiquem juntos. Para quem ainda não me conhecia, sou o sargento Costa, lutei em Monte Castelo, ajudei em Montese e estive em outras batalhas menores. Meu dever aqui*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*é cuidar para que cada um de vocês volte para casa inteiro para reencontrar suas mães e esposas. Os alemães não caíram por inteiro, então muito cuidado. Qualquer descuido pode ser fatal. Ficamos sabendo que há elementos da SS na cidade e soldados disfarçados de civis, então tenham cuidado redobrados e bico fechado, por favor! É isso que tenho para falar para vocês. Nós vamos com os homens do Esquadrão de Reconhecimento e em caminhões da engenharia. O nosso carro é aquele ali, estacionado com o capote branco. Olhem para sua esquerda. Agora meia volta a volver! Marche!*

Os homens foram marchando para o caminhão e embarcaram um a um rumo a Alessandria. O carro entrou na retaguarda dos carros da artilharia, era o 20º da fila imensa que se seguia.

Alguns homens aproveitavam para dormir no caminho, outros limpavam as armas. No caminho deixavam para trás vilarejos e casinhas com civis gritando e comemorando a libertação. Em um destes vilarejos um moço se aproximou do caminhão e mostrou os seios aos soldados!

*-Buona fortuna! Buona fortuna brasiliani!* - dizia ela, que recebia dos brasileiros os mais variados elogios e assovios.

Hüliam perdeu de ver a moça, pois dormia naquele momento. O sol ainda brilhava forte no céu. Era quase 1h da manhã. A expectativa do grupo era chegar antes das 14h em Alessandria, onde boa parte do 1ºGT já estava desde o dia 30 quando a cidade começou a ser tomada. Marcos conversava com um soldado a sua frente sobre as coisas que tinha visto em Fornovo e sobre como eram jovens os soldados alemães. Desidério fumava um cigarro e disfarçadamente tomava sua grippa dentro do cantil que carregava.

Já Irineu encharcou a mão com água do cantil dele e sabão e tirava a barba ali mesmo, dentro do caminhão.

*-Ora essa Irineu, para que tirar a barba aqui dentro do caminhão?* - perguntou Alvino.

*-Para as "alessandrinas" uai!*

*-Ah tá! E você acha que vai ter alguém lá na cidade?*

*-Claro, se começamos a tirar os tedescos de lá ontem!*

*-Até parece. - tirava sarro Marcos.*

O carro andou até três quilômetros da cidade, daí em diante os soldados teriam que chegar até o front sozinhos. Marcos e os outros iam descer do caminhão quando o sargento Costa apareceu.

*-Opa, mudança de planos rapazes, nós vamos para Turim, parece que estão precisando mais da nossa ajuda lá.*

*-Mas vamos todos os do 11º?*

*-Não, vamos só a 1ªCia do 11.*

*-Sim, senhor.*

Já eram quase 15h e os carros demoraram devido aos bloqueios nas rodovias e ao número de veículos. Enquanto os homens da 1ªCia/11º voltavam para partir de Piacenza rumo a Turim, uma viagem de 100 km que seria feita em mais três horas. Os outros ficaram cercando Alessandria. Enviaram novos emissários para propor a rendição aos alemães, que não queriam se render de maneira nenhuma.

A 1ª Cia chegou a Piacenza às 18h. Tiveram permissão para pernoitar na cidade devido às quase sete horas que estiveram em viagem. Foi dado aos soldados um velho galpão do que antes da guerra fora uma fábrica de móveis.

Os homens dormiram algumas poucas horas antes de sair rumo à Turim, uma cidade que ficava a 125 km de Milão, ao lado do Rio do Pó. De madrugada saíram os soldados para sua missão. Antes de chegar a Turim se aproximaram de um pequeno vilarejo. Um partigiani que acompanhava o grupo disse que ali era "Solero". O carro parou a menos de 500m do vilarejo. O sargento Valeriano Costa desceu do caminhão.

*-Quero que vocês desçam do carro, vão em formação casa por casa e vejam o que está*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*acontecendo aqui. Está muito parado, isso não é normal.*

O dia ainda amanhecia. Um partigiani ia na frente falando para ver se alguém respondia. Não havia nenhuma resposta. Quando chegaram em frente a uma pequena casa uma voz de trás de um monte de lenha respondeu em italiano.

*-Saia daí é uma armadilha! Os alemães estão na quarta casa à esquerda!*

Os soldados brasileiros já buscaram abrigo ao que escutaram os primeiros matraquear das lurdinhas. Marcos se jogou atrás da parede da casa junto com os demais. Outra parte do grupo chutou a porta e se jogou ao chão. Um casal de velhos estava apavorado com o tiroteio. O sargento Costa deu ordem para que o carro se afastasse e desse passagem para dois carros do Esquadrão de Reconhecimento e um tanque que se aproximavam rapidamente. Feito isso ele saiu correndo para trás da parede onde estavam os soldados.

*-Onde eles estão?Onde eles estão?*

O partigiani estava nervoso e não conseguia responder.

*-Eles estão na quarta casa da esquerda. - disse Desidério.*

*-Como você sabe disso?*

*-Eu entendo italiano, senhor.*

*-Então vamos fazer o seguinte: Hüliam, Marcos, e vocês cinco vão dar a volta na casa e ver se conseguem lançar granadas o mais próximo possível da tal quarta casa. Enquanto isso verei se consigo armar a metralhadora ali dentro da casa. Agora vão!* - disse o sargento apontando para Marcos e outros oito soldados.

Eles estavam atrás da parede. Depois disso o sargento pulou para dentro da casa por uma janela e encontrou com Desidério. - *Ei soldado, quero que vocês e os outros seis que estão aqui abram fogo quando escutarem as granadas explodindo lá na frente. Concentrem fogo naquela casa marrom ali na frente. Entenderam?*

*-Sim senhor!*

*-OK! Façam isso.*

Irineu estava com o restante do grupo que se abrigara atrás de uma cerca de pedras e madeira, onde antes fora uma baía de cavalos. Foi para lá que o sargento foi correndo ao escutar o estouro das granadas do grupo de Marcos e no meio dos tiros que o grupo de Desidério disparava.

*-Vamos avançar!*

Os soldados correram em direção às casas atirando. Ao mesmo tempo as outras unidades do 1º/11ºRI também atacaram a tal casa e descobriu-se que o vilarejo estava infestado de alemães, que ocupavam outras casas em volta, formando um pentágono com bombas, que imediatamente foram inutilizados pelo tanques de guerra “Sherman” americanos e pelos tiros de metralhadora .50 dos carros de apoio do Batalhão de reconhecimento.

Ao verem o poderio e a quantidade de soldados que se aproximavam, os alemães ergueram a bandeira branca e se renderam ali mesmo. Outros tentaram fugir pelo centro do vilarejo, mas caíram nas mãos de um grupo de partigiani que saiu de trás da cerca e que haviam avisado os brasileiros da armadilha. Foram fuzilados 10 soldados alemães.

Os soldados que ficaram para enfrentar os brasileiros foram feitos prisioneiros, 45 no total. A Wehrmacht perdeu outros cinco soldados mortos no combate. Do lado da FEB eram seis feridos e apenas um ficou ferido mais seriamente e precisou ser levado para a retaguarda. Os outros receberam assistência ali mesmo e continuaram a jornada.

Por precaução, a Cia “B” do 1º/11ºRI ficou estabelecida em Solero até que reforços viessem buscar os prisioneiros. Os moradores de Solero que estavam fora do vilarejo, pois haviam sido expulsos pelos alemães, estavam na saída da cidade e aos poucos começaram a voltar para suas casas menos de duas horas após o final da batalha.

Os soldados ficaram na cidade até o início da tarde, quando receberam ordem para partir.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Ficou para trás somente a Cia “B” para ajudar no transporte dos prisioneiros. Os moradores de Solero estavam famintos e formavam filas para poder entrar na cidade.

Para garantir que nenhum soldado alemão disfarçado entraria na Vila, postos de revista foram estabelecidos e só entrava quem fosse revistado. Eram quase 600 moradores do local. Na maioria velhos e crianças. Os jovens não tinham mais que 15 anos. Homens em idade militar não havia e os poucos que restavam estavam lutando no exército partigiani.

Para amenizar a fome dos moradores o comando ordenou que fosse feita uma refeição rápida pelos próprios soldados. Dentro dos caminhões só havia fubá e alguma carne em lata. Foram os próprios soldados quem doaram comida de seus bornais para a refeição. Um senhor trouxe um enorme tacho onde antes da guerra ele curtia couro. Alguns soldados da Cia “C” organizaram a refeição com água, fubá e pedaços de carne, feijão e tudo que puderam “arrecadar”, jogando tudo dentro do tacho. Uma fila foi organizada para receber a mistura que os italianos logo chamaram de “mingau brasileiro”.

Marcos e seus amigos olhavam aquilo perplexos. Uma refeição fazia felizes aquelas pessoas que antes tinham de tudo em seus lares, mas que naquele momento dispunham apenas de uma caneca e de uma colher.

Foi assim, neste estado que eles embarcaram no caminhão rumo a Turim. Chegaram no dia 2 pela manhã. A cidade estava calma e os alemães, pelo menos naquela parte, estavam derrotados. Em Villa Susa, ao lado de Turim, estavam acampadas tropas francesas.

Os brasileiros não acostumados com aquele uniforme diferente estranharam ao ver que os líderes do 1º/11º se aproximavam dos soldados e os cumprimentavam com continências.

*-Olha só, quem será que são estes soldados?*

*-Ah, Irineu devem ser partigianis.*

*-Acho que não Desidério. Olha bem... Eles não têm cara de italiano.*

*-São franceses! Estes soldados são da 27ª Divisão de Infantaria Alpina Francesa. Senhores, parece que a guerra acabou!*

*-Como assim sargento?*

*-Só há resistência no setor norte de Turim, nós não vamos precisar entrar em ação. Há americanos e franceses na fronteira com a França e eles estão negociando a rendição dos alemães. Como sempre eles não querem aceitar rendição incondicional - disse o sargento Costa e saiu.*

*-Diabos! Este homem parece uma sombra! A gente está conversando e de repente ele chega! É sempre assim, vocês já notaram?*

*-Verdade Desidério, mas uma coisa não se pode negar, ele é um bom líder.-disse Alvino.*

*-Bom até demais. Que outro líder ia ficar conversando com os soldados a não ser para dar ordens? - questionou Irineu.*

*-Pois eu lembro de um meus amigos: Sargento Wolff. Este jamais eu esqueço! - completou Hülíam.*

*-Pois é. Ele era bom mesmo. Eu o conheci! - disse um outro soldado no carro.*

*-E quem não o conheceu? Ele era um bom homem - completou outro.*

Os soldados receberam ordem para descer do caminhão e se organizarem em fileiras. Os franceses também fizeram o mesmo.

*- "Paz na terra e Glória a Deus". Soldados, a guerra acabou. Acaba de ser assinada a rendição incondicional das forças alemãs na Europa. Feliz dia V para todos!*

Os soldados pareciam não acreditar, Marcos sentou-se no chão e começou a chorar. Hülíam e Alvino só pulavam. Desidério ficou estático e Irineu foi ao encontro dos franceses para lhes cumprimentar. A alegria era imensa em Turim. Os moradores ficaram sabendo ao mesmo tempo em que os soldados e também fizeram a festa.

Foram quase dez minutos comemorando até que uma corneta tocou ordenando aos soldados que entraram em forma novamente.

Aos brasileiros foi ordenado que não entrassem em Turim, mas para que voltassem para os carros, iriam para Verona. Os homens ficaram um tanto quanto chateados, pois, queriam ir à Turim para “conhecer” a cidade. Na verdade queriam beber e ver se encontravam alguma “signoria” à disposição.

Mesmo à contragosto lá se foram os soldados do 11 para outra cidade. Desde o dia 29 eles não tinham ficado um dia sequer sem viajar.

Estavam exaustos e seus rostos sujos de quase duas semanas sem um banho decente mostravam esta situação.

Enquanto eles viajavam os líderes militares da Itália preparavam o plano de ocupação da “Velha Bota”.

Irineu já ouvira falar de Verona.

-Sabem onde fica Verona e o que aconteceu de importante lá?

-Verona é para onde estamos indo e o importante é que vai ter banho “pra” gente lá! – respondeu Desidério.

-Claro que não, seu idiota! Alguém aqui já ouviu falar de Romeu e Julieta?

Ninguém pareceu dar muita importância à Irineu, mesmo assim ele continuou.

-Ela é a cidade sobre a qual Shakespere escreveu!

-Falou aí a voz da experiência professor! - disse Alvino.

-Eu quero encontrar uma Julieta dando sopa por lá! Aí ela vai ver quem que é o “Romeu” de verdade! - disse um outro soldado.

Ninguém deu importância para as palavras de Irineu e a viagem prosseguiu normalmente. Quando os soldados chegaram em Verona encontraram já outros regimentos e companhias festejando o final da guerra. Em um canto próximo a alguns escombros ainda esparramados, italianos tocavam sanfona e violinos. Um soldado brasileiro tocava violão junto com o grupo e jovens e crianças corriam pelas ruas. Algumas moças ainda tímidas trocavam abraços com os carentes soldados brasileiros. O caminhão onde estavam os homens da companhia de Marcos ia passando e os soldados observando tudo isso. Um outro grupo de soldados cantava uma música bem conhecida da soldadesca que dizia:

“ Você já viu iá, iá?

Você já viu iá, iá?

No front a “lurdinha” cantar?

Você já viu iá, ia?

Você já viu iá, ia?

No frente a “lurdinha” cantar?

A gente tem que estar atento para escutar

No front a “lurdinha cantar”

A voz do comando é forte e segura

A turma avança,

Ninguém tem paúra

Naquele corre-corre

Deixa até a roupa!

Pro brasileiro alemão é sopa!

Pro brasileiro alemão é sopa!”

Todos riam e se divertiam. Em um local reservado, atrás dos muros de um velho hotel bombardeado, foram montados mais ou menos cem chuveiros no melhor estilo “duchão” para que os soldados pudessem comparecer ao almoço que seria oferecido aos brasileiros pelo V Exército Americano com quem o Brasil tinha dividido honras e glórias, tristezas e sofrimentos, agonias e ânsias desde sua chegada na Itália.

O carro parou a 100m do “banhadrámo” como os brasileiros trataram de chamar os chuveiros improvisados. Marcos e os outros estavam eufóricos para entrar nas comemorações. Antes de passar pela revista obrigatória e do almoxarifado para receber novas fardas, os amigos trataram de esvaziar os bolsos e colocar seus “troféus de guerra” dentro de roupas íntimas e nas mochilas. As mochilas passavam tranqüilas pela revista e se o soldado conhecesse o “revistador” era ainda mais tranqüilo de passar com qualquer coisa nas bolsas.

Os amigos ainda meio tímidos de ficarem nus próximos uns dos outros, tomaram banho de cuecas mesmo. Os americanos com um pouco menos de pudor não se incomodavam de andar pelados entre os outros soldados. Quem quisesse cortar os cabelos podia fazê-lo antes do banho. Marcos e Hüliam cortaram seus cabelos ali mesmo. Desidério aproveitou e além de cortar o cabelo ainda deixou um cavanhaque. A alegria de andar com o cavanhaque acabou em poucos minutos com a chegada do sargento Valeriano Costa.

*-Cadê o resto do pessoal? – perguntou ele para Alvino.*

*-Estão no banho e tem uns dez que já saíram “pra” cidade.*

*-É o seguinte, agora são 11h, quero todos os soldados lá em frente ao QG provisório, quem não for perde a licença por dois dias. Ok?*

*-Sim, senhor.*

*-Diga ainda que se 90% dos homens não estiverem lá, a companhia inteira perde a licença. Entendeu?*

*-Sim, senhor.*

*-E a propósito Desidério, tire este cavanhaqu, porque, está horrível!*

Após ter dito isso o sargento saiu.

*-O que ele queria Alvino? - perguntou Irineu que saía do banho.*

*-Quer que a Cia se reúna lá em frente do QG até 12h. Se 90% do nosso grupo não estiver lá, todos perderemos as licenças.*

*-Droga! Vamos reunir os homens então.*

Os dois amigos foram avisando quem conheciam de sua Cia. Terminado o banho foi hora de contar os soldados. Um cabo chamado Eliaquim foi o encarregado de levar os homens até o QG. Faltavam dois soldados nas fileiras. O grupo foi organizado em três grupos de dez soldados, ali mesmo perto do “banhadrámo”. O cabo organizava os soldados quando os dois atrasados chegaram. Estavam passeando com um colega italiano. Eles entraram rapidamente na fileira. O grupo marchou e tomou seu lugar no dispositivo da 1ª/11°. Todos juntos somavam entre 800 e mil soldados e junto com todo o corpo do 11° eram mais de 6 mil soldados, contando comandantes e pessoal de apoio.

Eles saíram em marcha e andaram três quadras até encontrarem o 6° e o 1° RI que não estavam todos completos, pois alguns homens estavam em cidades estratégicas auxiliando com serviço de polícia.

Eles cantavam em coro o “Hino da FEB” e a “Canção do Expedicionário”, que em uma de suas estrofes dizia: “por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra, sem que volte para lá (Brasil), sem que leve por divisa este “V” que simboliza a vitória que virá.

Nossa vitória final que é a mira do meu fuzil, a ração do meu bernal, a água do meu cantil. As asas do meu ideal, a glória do meu Brasil” .

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Alguns soldados choravam de saudades de casa. Já haviam se passado nove meses desde que haviam saído dos lares para a guerra. Pouco tempo se comparado à tropas americanas que estavam lutando desde o final de 1942 na Europa e África ou dos franceses que lutavam já havia seis anos.

Para o brasileiro era diferente. Primeiro porque aquela não era uma guerra sua. Muitos nunca tinham saído sequer de suas cidades natais. Quem imaginaria, por exemplo, que um rapaz de Aquidauana –MS, iria para atravessar o Brasil e ir desarmar bombas do outro lado do oceano lutando pelo Batalhão de Engenharia ou que Marcos que nunca saíra de Dourados iria lutar em uma guerra e atirar em pessoas?

Para quem tinha família a situação era ainda pior, pois, com a saída, a mulher e filhos foram deixados aos cuidados de parentes que não sabiam ao menos se o marido ainda estava vivo. Era uma situação única na história de um país que não entrava em uma guerra havia tempos.

O almoço foi feito em uma mesa farta, com muita carne, verduras e grãos variados. Alguns superiores falaram aos soldados, mas ninguém queria ouvir, eles queriam era comer logo e sair para aproveitar a cidade. Quem pôde pegou comida para levar para os italianos, pois não foram todos que participaram do almoço.

O embaló dos soldados foi cortado em poucos instantes. Todos deveriam ir para Alessandria, o novo quartel da FEB desde o dia 02.

E lá se foram os homens para os caminhões mais uma vez. Pelo menos desta vez eles ficariam em um lugar só por mais tempo.

A instalação plena da FEB em Alessandria se deu no dia 05 de maio. A cidade fervilhava de soldados. Os homens do 92ºRI, conhecidos como “Búfalo Soldiers”, por ser composta somente de soldados afro-americanos também estavam lá, mas saíram em seguida, pois, iriam para outras missões e seu governo já estudava seu emprego na guerra com o Japão, porque neste tempo o Japão ainda não havia se rendido e lutava sozinho contra os aliados.

As ordens para os brasileiros era de que eles não iriam para o front do Pacífico, seriam usados como tropas de ocupação.

No dia 08, após todos os detalhes acertados, os QGs recuados e avançados se uniram. Uma ordem dizia ainda que de agora em diante não existiriam mais nenhum dos regimentos e que de agora em diante os soldados do Brasil deveriam ser chamados somente de FEB, Força Expedicionária Brasileira.



Tropas de Ocupação

Os soldados deveriam ajudar os italianos a manter a ordem e só deveriam deslocar patrulhas caso fossem acionados. Escalas foram feitas de modo que um soldado trabalhava em média um dia e ganhava cinco de folga. Quem tinha dinheiro ia até Roma e dava uma passadinha no Vaticano para comprar a benção do Papa por alguns trocados.

E não eram poucos os que tinham esta atitude. Eles acreditavam que com isso estariam se redimindo dos “pecados” que haviam cometido nos combates. Marcos achava isso uma idiotice e para não ficar longe dos amigos, ficou combinado que iriam em consenso escolher para onde iriam.

Eles esperaram a missa do dia 11 que foi celebrada para lembrar os mortos na Itália e até tentaram entrar em consenso para um mesmo destino. Não foi possível. Irineu queria ir para Roma, Hüliam para Veneza, Desidério e Alvino para Bolonha e Marcos para Pistóia.

*-Ah em Marcos, quer ver a italiana de novo não é?* - brincou Desidério. Ele achou que Marcos iria discordar, mas não foi isso que aconteceu.

*-E você tem alguma dúvida disso?* - riu Marcos.

*-Então se é pela felicidade do Marquinho, a gente deve ir sim!* - concordou Irineu.

*-É isso aí, vamos sim.* - disse Hüliam.

*-Ei, que história é esta de italianinha? Nem sei disso, mas é longe demais, não dá para ir e voltar rapidamente!* - disse Alvino.

*-A história eu te conto depois Alvino, mas você tem razão, é muito longe mesmo. Então como estamos decidindo juntos, eu voto em irmos para outro lugar que acho que todos vocês vão gostar: Parma.*

*-Tá aí, boa idéia, vamos para Parma!* - disse Hüliam à Irineu.

*-Então o que estamos esperando? Vamos logo.*

Eles pagaram para um motorista que levava os soldados de jipe. Já não havia perigo nenhum pelas estradas, a não ser as minas, mas a engenharia as vinha desarmando com sucesso e a guerra na Europa terminara oficialmente em 08/05/1945. No caminho para Parma ainda se encontravam guarnições alemãs sendo levadas em carros do exército para os campos de prisioneiros.

O motorista os deixou em Parma. Eles entraram em um bar com muitos soldados americanos.

*-Ei garotos, esse não são os soldados brasileiros?* - disse um soldado americano em inglês.

*-Son las “cucarachas” brasileñas!* - concordou um outro.

*-Nós não somos “cucarachas” nenhuma, mas se querem saber se somos brasileiros, sim nós somos* - disse Marcos em espanhol.

Todos no local ficaram quietos com a resposta de Marcos.

*-No stress guy, we are friends! Goes here!*

*-Ello te esta llamando para quedar conosco em la tabla! Quiéres?*

*-O quê que este cara está te falando Marcos? Vamos meter a mão na cara destes gringos!* - disse Desidério.

*-Não, eles querem que bebamos com eles.*

*-Ok!* - disse Hüliam.

Os amigos se sentaram junto aos soldados americanos. Conversaram em espanhol através de Marcos e do soldado Pablo Chamorro do Estado do Colorado nos Estados Unidos. Falaram sobre operações militares, fracassos e mentiram cada um querendo exaltar seu lado. Marcos e os

Uma vez na Itália  
Helton Costa

outros saíram do bar já era madrugada do dia 13. Perderam o almoço da vitória em Alessandria. Marcos só vomitava, era seu primeiro porre. A cabeça rodava e ele tinha muito sono. Ele encostou em um muro e dormiu ali mesmo.

Os outros ainda continuaram bebendo. No dia 14, Hüliam descobriu uma casa “de senhoritas” como chamavam os prostíbulos. Marcos decidiu não ir, ainda estava muito ruim da bebedeira. Hüliam ensinou aos outros onde ficava o local e levou Marcos para comer uns doces (leia-se glicose) e tirar o álcool do sangue. Marcos sarou, mas mesmo assim achou melhor não acompanhar os amigos, ficou dormindo em uma pousada que só tinha uma cama e um espelho no quarto. Para ele era suficiente, pois sempre dormira em buracos, sentado e até mesmo em pé. Agora ele tinha uma cama com colchão de molas!

Enquanto isso os amigos se divertiam na “casa de senhoritas”. Eles voltaram para buscar Marcos no dia 15 de manhã. Estavam todos muito alegres e riam de tudo e de todos. Mas era preciso voltar para a realidade e para o quartel.

Voltaram de carona em um velho jipe do V Exército e chegaram no QG às 10h do dia 16. Estavam atrasados, mas ninguém perguntou o porquê ou quis ser autoritário, a guerra acabara e ocupavam-se mais em programar suas escapadas ou em voltar para casa do que em inquirir quem quer que fosse sobre por onde andara ou coisa assim.

No dia 19 houve uma entrega de condecorações a oficiais e para alguns praças. No dia 29 a cerimônia foi repetida com o General Mascarenhas entregando medalhas a 21 oficiais americanos em Gardone, inclusive para o General Truscott. Em cerimônias deste tipo os soldados eram colocados em forma e os oficiais passavam em revista à tropa.

Quando entrou junho foi dada a missão aos sargentos para que preparassem seus soldados para a mudança que fariam para Francolise, um pequeno vilarejo de pouco mais de 40 km<sup>2</sup>. Os soldados seriam alojados em um campo ao lado da cidade.

Os comandantes já haviam dado carta branca aos homens da engenharia que no dia 6 estavam com a estrutura quase pronta para receber a tropa. Volta e meia os soldados se deparavam com situações um tanto inusitadas. Em um de seus passeios Marcos e os amigos andavam pelas ruas de Alessandria quando escutaram choros em um beco da cidade. Eram choros femininos e volta e meia uma voz masculina.

Os soldados pegaram suas facas e partiram para cima do barulho muito calmamente.

Alvino foi na frente. Desidério ordenou em italiano para que ninguém se mexesse nem tentasse reagir, pois, tratava-se de uma patrulha. Lá ao fundo um partiano respondia.

*-Calma brasileiro, tutti controlado. São somente traidoras da pátria.*

Os brasileiros então se aproximaram e lá estavam cinco mulheres tendo a cabeça raspadas por três homens com revólveres em punhos.

Marcos fingiu ter uma granada na mão. E os homens abaixaram as armas. Sob protesto e reclamando muito foram levados para a delegacia junto com as mulheres. Estas vinganças partigianas eram comuns em toda Itália e mesmo proibidas, todos os dias eram realizadas. Assassínatos e seqüestros de antigos fascistas eram comuns, mas quando pegos pelas autoridades costumavam ser castigados apenas com alguns dias de prisão.

Quando chegaram à delegacia improvisada, notou-se que os três homens eram na verdade adolescentes de 16 anos que haviam pegado aquelas mulheres em uma taverna e as arrastado até ali, pois, elas haviam se deitado com oficiais alemães responsáveis pelo abastecimento de comida no bairro onde eles moravam.

*-Estas meretrizes se deitavam com os tedescos enquanto morríamos de fome nos guetos!*

- dizia um deles com nariz grande e fino e cabelo comprido e preto.

*-O que vocês fariam com elas após raparem suas cabeças?* - questionou o oficial da Polícia do Exército.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-As mataríamos ali mesmo - disse um dos jovens - perdi um irmão lutando contra estes  
tedescos e um primo de três anos que morreu de fome em Parma.*

O oficial liberou os rapazes depois de três dias de prisão.

A partida para Francolise começou no dia 10 e todos já estavam plenamente estabelecidos em 20 de junho, data que marcou o final da participação militar brasileira na guerra da Europa. Agora seria somente esperar para poder voltar para casa.

A missão de Marcos

Marcos tinha uma missão antes de voltar para o Brasil: encontrar Lara Marizino em Pistóia. Ele disse aos amigos seu plano. Iria até lá vestido de civil e nos dias em que tivesse que tirar serviço algum dos rapazes ficaria em seu lugar. Voltaria em no máximo 15 dias.

*- Isso é loucura rapaz, como você acha que vai conseguir passar pelos bloqueios? E depois que chegar lá, vai que ela já tem outra pessoa? - dizia Húliam.*

*- E se o comando ficar sabendo, você vai preso! - disse Irineu.*

*- Eu posso ajudar vocês? - perguntou o sargento Valeriano Costa.*

*- Diacho sargento! O senhor parece um fantasma, aparece quando a gente menos espera!*

*- Desculpe-me rapazes, mas eu não posso evitar, cheguei vocês estavam falando e eu por acaso escutei. Parece que você está mesmo apaixonado! Você tem certeza que ela está te esperando mesmo? Você tem falado com ela por cartas?*

*- Não senhor!*

*- É bastante arriscado Marcos, mas se você quiser, eu posso te dar um salvo conduto de sete dias para missão de estágio como operador de comunicação em fios telefônicos para aqueles lados.*

*- Como assim sargento?*

*- Eles estão arrumando os fios telefônicos e de energia que foram arrebatados durante a guerra. Tem gente da engenharia indo, mas acho que com um pouco de conversa com um outro sargento amigo meu, consigo te mandar junto para "aprender" a religar energia.*

*- E o que o senhor quer em troca?*

*- Nada, digamos que isto seja um presente de amigo. Já tive sua idade e sei que quando a gente gosta tudo vale a pena.*

Os olhos do sargento buscaram alguma coisa ao longe. Ele não era tão velho assim, devia ter uns 40 anos, alto cabelos pretos e pele morena entrara no exército na década de 20. Já fora casado, mas agora era viúvo e tinha dois filhos. Um de 20 anos e outro de 17 anos. Ambos moravam com a avó no interior de Mato grosso.

*- Diga-me sargento, por que o senhor está fazendo isso pelo Marcos? - questionou Desidério.*

*- Digamos que um dia também me apeguei bastante a alguém, mas que esta pessoa teve que ir mais cedo do que o esperado. - disse Costa se referindo à esposa que perdera.*

Marcos foi juntando tudo que tinha para a viagem. Os amigos lhe deram cigarros, chicletes, chocolates, preservativos e alguns enlatados para que a viagem fosse "confortável".

O carro de Marcos saiu no dia seguinte. A viagem que em época de paz duraria no máximo um dia foi feita em um dia e meio. O caminho estava todo minado, havia pontes caídas e muitas tropas ainda voltavam para casa. Alguns soldados alemães prisioneiros ajudavam a reconstruir as estradas. Famílias inteiras voltavam com toda sua "riqueza" para casa. Algumas levavam no máximo uma carroça puxada por um animal muito magro, geralmente um cavalo, pois os bois tinham ido para a panela havia muito tempo.

Os rostos cansados dos italianos eram retratos do que o "Dulce", Hitler e os bombardeios aliados tinham feito na vida daquele povo. Crianças tinham amadurecido cedo demais e jovens como Marcos dormiam seu sono eterno em valas comuns que agora começavam a ser identificadas pelo serviço da Cruz Vermelha. Outro insepulto, ainda trazia o fardamento do exército pelo qual lutara e esperava que alguém fosse buscar seus restos mortais em meio a um imenso campo minado que os brasileiros trabalhavam para desarticular.

E foi assim que Marcos chegou à Pistóia. A cidade estava começando a se recuperar. Ele

Uma vez na Itália  
Helton Costa

desceu do carro e entrou em forma junto aos demais soldados.

*-Muito bem, vocês têm a seguinte ordem: andarão somente em dupla; não sairão sem autorização do comando durante o dia e terão treinamento nos períodos matutino e vespertino. À noite tem passe pela cidade até às 20h, quando devem se recolher. Em alguns dias haverá exercícios noturnos, mas vocês serão avisados antes. Comida, banho e outras providências estarão baseadas no quartel provisório para onde vocês estão indo agora. No mais soldados, lembrem-se que representam o Brasil e que sois soldados de ocupação, por isso, mesmo que queiram e pensem nisso, ninguém aqui vai lhes dar flores! Agora sigam o sargento Jardel. Dispensados” - explicou Honorato Leal, um dos tenentes que comandava o treinamento.*

Os soldados se dirigiram em silêncio para o quartel, que ficava próximo ao cemitério de brasileiros mortos na guerra. Era uma barraca grande com 10 beliches e uma escrivania do lado. O banheiro era um chuveiro de campanha que só saía água gelada. A alimentação chegava em marmitas, que pelo menos, ainda estavam sempre quentinhas.

Nesse dia, pelo avançado da hora, Marcos tomou um banho rápido e foi dormir. No dia seguinte, uma terça-feira, o toque do corneteiro da campanha acordou o grupo, que se vestiu rápido, comeu e foi para o treinamento, que consistia em levantar linhas elétricas e telefônicas com o auxílio do serviço geral de energia, que era feito por americanos.

A tarde foi a mesma coisa, mas a noite prometia para Marcos, que após um banho com o sabonete que Irineu lhe dera, vestiu sua farda de passeio e preparou-se para sair, mas se lembrou que isso só seria possível em companhia de outro soldado. Foi Januário de Olinda Maciel quem acompanhou Marcos. Januário era do Paraná e servira no 6ºRI.

*-Então Marcos, estamos indo onde?*

*-Digamos que vamos ver uma amiga minha e a família dela.*

*-Então você arranjou mulher por aqui?*

*-Não, é só uma amiga mesmo.*

*-Essa eu quero ver. Vocês se correspondiam antes?*

*-Para falar a verdade, não. Éramos somente bons amigos mesmo.*

*-E você acha que ela vai te receber? Ela era de cabaré?*

*-Claro que não, ela é uma moça de família.*

*-Então vamos andar mais rápido porque eu quero conhecer esta tal moça. Como é o nome dela mesmo?*

*-Lara.*

*-Então vamos nessa.*

Os dois soldados se apressaram e algumas quadras depois estavam em frente a um prédio semi-destruído.

*-É neste castelo que sua princesa mora Marcos?*

*-É, mas parece que não é mais o mesmo.*

**Foi quando uma voz gritou ao longe.**

*-Brasialiano! Brasialiano! Amico brasiliano Tu ritorno! - dizia o pequeno Jenaro que veio correndo ao encontro de Marcos.*

*-Então você ainda lembra de mim, Jenaro?*

O menino não entendeu as palavras de Marcos, mas mesmo assim pulou em seus braços. Ele saiu puxando Marcos pela mão.

*-Mia zia e lo abitiamo numa altro luogo, no mas en él albergo! Andiamo! - dizia Jenaro puxando Marcos.*

*-É meu amigo, parece que você está mesmo arranjado, em garotão? O menino é filho da tal Lara?*

*-Não Januário, ele é sobrinho dela.*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

A casa onde chegaram era modesta e o menino foi correndo buscar a tia Lara.

-*Ei, ei, que ha pasato bambini?* - dizia Lara sendo puxada por Jenaro. Foi então que ela viu Marcos. Se calou, enquanto tentava acalmar o coração acelerado, talvez com medo de que as pessoas ao redor pudessem ouvir. Sem uma só palavra ela simplesmente se jogou nos braços de Marcos, que pegou de surpresa, apenas retribuiu o gesto.

-*¡Olá Lara! Como te vás?*

-*Eu pensei que você tinha morrido e um presente de Deus te ver aqui de novo!* - respondeu a moça em espanhol e aos prantos.

-*Lara, Quem está aí?*

-*O brasileiro Marcos, nono!* - disse em italiano o pequeno Jenaro ao avô.

-*¿Dondè estás tu abuelo?* - questionou Marcos.

-*Ello se encontra ciego e está em una cama. Y tu amigo, quién sois?*

-*Este és Januário de Olinda Maciel, mi compañero de salida.*

-*Así como?*

-*Bamo-nos de aqui y yo te explico!* - disse Marcos.

-*Ei Marcos, vou procurar um boteco por aí, volto quando faltar meia hora para às 20h, daqui 1h30.*

-*Mas e se a patrulha te pegar sozinho?*

-*Não se preocupe eu sei me virar. Cuide-se você, que pelo que vejo, a conversa ainda vai longe.* - disse Januário saindo em direção a um bar não muito distante dali.

Marcos entrou e os dois conversaram bastante junto à cama onde estava o avô de Lara, o Sr. Ricurno e a avó dela, Dona Martina.

Marcos trazia algumas de suas experiências do front que ele dizia para Lara, que por sua vez traduzia para Jenaro e os avós. Ela por sua vez contava a história de como tinham perdido o hotel, que bombardeado várias vezes foi condenado pelos bombeiros. Ela explicou que só arrumaram aquela casa, pois, venderam a prataria do hotel e alguns móveis, caso contrário estariam na rua. Ela falou também que futuramente gostariam de reconstruir o local, que seria demolido em breve. O tempo passou rápido e como em um passe de mágica, lá estava Januário chamando por Marcos.

Ele e Lara então combinaram em se ver todos os dias naquele horário, enquanto Marcos estivesse em Pistóia.

E assim foi feito. No sábado eles jantaram juntos e deste jantar Januário também tomou parte. Festejaram até tarde, pois domingo era dia de folga e o comando havia liberado os homens para se divertirem como quisessem. Quando o relógio marcava 22h, Januário se foi para um local de “signorias” e Marcos ficou para posar na casa. Ele dormiu ao lado de Jenaro, em um tapete próximo à mesa de jantar.

Acordou cedo e convidou Lara para acompanhá-lo para um “piquenique” em um campo próximo. Jenaro não quis ir e o avô autorizou que ela fosse sozinha, desde que voltasse antes de anoitecer.

Lá estavam os dois sozinhos. Para comer não havia grande coisa, apenas alguns pães, refresco de uva, mortadela, carne defumada e um pouco de leite.

Tudo parecia perfeito, até que o soldado que acompanhava Marcos veio buscá-lo, haveria instruções de emergência. Ele apenas se despediu de Lara com um longo beijo e disse algumas palavras.

-*Lara, tenho que te dizer que durante todos esse dias sempre estive pensando em você e que estou apaixonado por você desde a primeira vez que te vi. Quero que se case comigo, que vá comigo para o Brasil.*

-*Eu aceito, quero ficar com você cada dia da minha vida* --disse a jovem já chorando. Ele

Uma vez na Itália  
Helton Costa

deixou Lara na casa dela e se despediu da família da moça. Todos já choravam a despedida. Januário preferiu esperar lá fora. Marcos deixou seu endereço e a promessa de que logo ele voltaria para buscar Lara e a família. Era hora de ir e aos prantos ele dizia adeus ao seu grande amor de guerra.

*-Prometo que voltarei e seremos felizes no Brasil. Não deixe de me escrever. Estarei em Francolise e depois em minha casa. Te mandarei dinheiro para que vá com sua família para Dourados. Lá criaremos nossos filhos – disse Marcos.*

A moça somente chorava, e depois de um longo beijo de despedida viu Marcos sumir no horizonte sendo consolado por Januário.

Notas

<sup>1</sup> Minha tia e eu moramos do outro lado, não mais no hotel. Andemos (vamos)!

O novo Marcos

Naquela noite Marcos não dormiu, chorou a noite toda. Quando o dia amanheceu, lá estavam Lara, o pai dela, a mãe e Jenaro, perto do acampamento para despedir-se. Havia outras pessoas que davam adeus aos brasileiros, mas Marcos só tinha olhos para uma pessoa ali. Ele a amava, ela a desejava, ele não queria partir, sabia que aquele momento poderia ser único e que talvez nunca mais fosse ver Lara, mas mesmo assim entrou no caminhão de transporte.

Lara ainda correu atrás do carro por alguns metros, mas ficou para trás aos prantos. Dentro do carro os outros soldados entenderam a história de Marcos e fingiram não ver que Marcos sofria junto e que as lágrimas que escorriam de seus olhos eram amor de verdade, eles simplesmente ignoraram tal fato.

O carro andou todo aquele dia e mais metade do outro dia até chegar novamente a Francolise, no dia 29 de manhã.

Os amigos queriam saber de tudo que acontecera, mas Marcos não queria conversa, queria ficar sozinho e somente chorava sem parar.

*-Pare de choro Marcos, você já está praticamente noivo da moça. É só levar ela com você para o Brasil - dizia Desidério.*

*-É Marcos, não há motivo para choro meu amigo - dizia Alvino.*

Foram mais dois dias de choro escondidos, mas de olhos vermelhos indisfarçáveis. Depois veio a depressão e a busca pelo isolamento. No dia 02 de julho pela manhã, na cerimônia de entrega de medalhas aos febianos, Marcos pouco se importou e logo após receber a sua, a guardou no bolso, enquanto os outros admiravam seus mais novos pertences.

*-Largue disso Marcos. Você vai ver, vocês ainda vão ser muito felizes juntos! Só têm que dar tempo ao tempo - consolava Hüliam.*

O grupo se reunia todas as tardes para conversar em volta das fogueiras. Irineu é que quase não parava mais com o grupo. Ele se reunia com alguns outros jovens para falar sobre política. As reuniões eram secretas, pois, se baseavam em idéias russas sobre o comunismo e muito dos oficiais do exército não eram favoráveis a tais idéias.

No dia 06 de julho chegou uma ordem que acabou ainda mais com as esperanças de Marcos. A ordem dizia “que embarcariam para o Brasil somente os soldados. Quem havia casado não poderia levar a esposa”.

Neste dia voltaram para o Brasil os homens do 6ºRI, o II grupo de Artilharia sob o comando do General Zenóbio da Costa e Mascarenhas de Moraes. Os aviões da FAB escoltaram o comboio, que chegaria ao Brasil em 11 do mesmo mês sendo recebidos com comboio naval e rasantes da FAB no Rio de Janeiro.

No dia 12, data de partida do Esquadrão de Reconhecimento, da Companhia de Manutenção e do Quartel General, Marcos recebeu uma carta de Lara, que dizia estar bem, morrendo de saudades e que o avô estava demasiadamente doente, internado em um hospital da Cruz Vermelha. O velho italiano morrera no dia 8, portanto, quatro dias antes do soldado ter recebido a carta.

No dia 15 uma nova carta de Lara dava conta de que seu avô morrera de um ataque fulminante e que sua avó, ela e o pequeno Jenaro estavam indo para Susa, na fronteira com a França, juntamente com uma vizinha viúva que tinha parentes na cidade. Ela dizia ainda que mesmo amando muito Marcos, tinha que partir, pois, seria melhor para o menino. Ela finalizava dizendo que “tudo que acontecera fora extremamente bonito e maravilhoso, mas, que ela precisava partir, pois, Jenaro precisava voltar para a escola e a ‘nona’ precisa de cuidados”. “ Te escrevo de novo assim que der, meu amor. Mesmo que se passem mil anos, que eu morra, assim mesmo ainda terei você em minha mente. Eternamente sua, Lara”, assim encerrava-se a carta.



Uma vez na Itália  
Helton Costa

Este foi outro duro golpe para Marcos, que entendeu que tudo aquilo era somente uma ilusão e que ele caíra em uma das armadilhas que o destino coloca em nossas vidas: a vontade de ficar quando se quer partir.

Ele tinha vontade de chorar, de gritar, de berrar, de ser somente um jovem apaixonado ao lado de sua amada, mas ele não estava ao lado da mulher que amava, estava ali, sozinho em meio aos seus amigos, perdido no labirinto da incerteza.

E assim os dias foram passando e no dia 26 de julho foi a vez no 9º Batalhão de Engenharia dar adeus à “Velha Bota”. Na Itália ficariam somente o 1ºRI e o 11ºRI, juntamente com alguns outros pelotões de artilharia e serviços.

Os colegas de Marcos aproveitavam o tempo das mais diferentes maneiras. Húliam e Desidério viviam na cidade bebendo e jogando baralho. Alvinho lia vários livros que outros soldados lhe emprestavam. E Irineu estava cada vez mais envolvido nos debates políticos. Foi praticamente convertido ao comunismo depois da guerra. Já Marcos ficava sozinho longas horas a pensar em sua amada Lara.

*-Ei Marcos, chegou carta para você! - disse o sargento Valeriano Costa.*

*-É da Lara, sargento? - perguntou Marcos com um brilho de esperança no olhar.*

*-Não amigo, é da sua casa.*

Marcos então se aproximou do sargento, pegou a carta, agradeceu e saiu para ler as notícias de casa.

**A carta dizia o seguinte:**

*“Olá irmão,*

*Que bom a guerra acabou, né? Espero que você esteja bem. O pai e a mãe rezaram muito por você e o Seo Carlos, vizinho aqui do fundo assou um boi para comemorar o fim da guerra. Ficamos sabendo sete dias depois do dia oito de maio. O exército mandou anunciar nas escolas e publicou uns papéis. Estou estudando bastante, não vejo a hora de você voltar. A mãe já não chora mais, agora ela está muito ansiosa.*

*Até mais.*

*OBS: Quem também está contando com seu retorno é a irmã do Leopoldo, a Marília. Não quero te animar à toa, mas parece que ela está mesmo querendo te ver. Não namorou ninguém desde que você se foi. Até de novo”.*

**Após ler a carta do irmão Marcos enxugou as lágrimas e resolveu que daquele momento em diante não iria mais chorar e que Lara de agora em diante faria parte apenas do seu passado.**

*-Com licença sargento, eu queria perguntar uma coisa para o senhor.*

*-Fala Marcos, que você quer?*

*-É que estou com vergonha, senhor.*

*-Larga disso menino, fala o que você quer.*

*-Eu queria ver se tem como eu ir para casa logo, já no próximo embarque.*

*-Olha filho, acho difícil, pois tem todo um cronograma a ser seguido e mesmo a guerra tendo acabado, contra isso eu não posso fazer nada, nem o tenente Jaques, ou qualquer outro oficial. O que eu te aconselho a fazer, é esperar um pouco mais. Sei que você está sofrendo pela tua italianinha, com saudades de casa, mas por enquanto você ainda é um soldado e deve cumprir com seus deveres. Sinceramente, um conselho que te dou, é ficar perto de teus camaradas, eles são tua família também agora. Você anda muito abatido nos últimos dias e olha que você nunca me decepcionou, desde o vale do Serchio, o povo do comando conhece teu nome. Quando falamos em “Zóinho”, logo vem o sinônimo de raça e confiança que eles têm em você. Por isso, o que te digo, é para tentar esquecer a italiana e pensar no futuro, em como vai ser quando voltar. Tens que dar graças ao Bom Deus que “tá” te levando inteiro para casa. Nosso cabo, o Alceu, ele tá internado ainda. Isso sem contar os que ficaram em Pistóia e não vão mais ver o Brasil. Pense*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*nisso meu rapaz, sei que és homem de esperteza e com certeza dentro do teu coração sabe que o que te digo é para o teu bem.*

Marcos somente balançou a cabeça, prestou continência à Valeriano Costa e saiu sem dizer nenhuma palavra.

Os amigos jogavam futebol. Foi quando com um chute de longa distância Desidério acertou o gol improvisado com mochilas para demarcar as traves e fez a bola cair próximo de Marcos.

*-Ei Zóio, chuta de volta aí!*

*-Acho que vocês estão precisando de um goleiro!* - disse Marcos indo para o gol no lugar do paranaense Woüick, descendente de poloneses e artilheiro do IV grupo de Artilharia da FEB.

*-Lá vai.. Bola em jogo!* - disse Marcos dando um chute na bola para longe.

Todos correram em direção à bola, menos Irineu e Hüliam.

*-Ei amigão, é bom ter você de volta* - disse Hüliam apertando as mãos de Marcos que respondeu com um sorriso.

*-Isso mesmo camarada, esperamos que você tenha voltado ao mundo real para ficar!*

*-Fique tranquilo Irineu, Marcos de Oliveira Gutiérrez não rende-se ao destino com tanta facilidade.*

Enquanto conversavam Osmair, do Batalhão de Saúde soltou um baita chute de longe e a bola caprichosamente bateu nas costas de Irineu o derrubando. O riso foi geral e o jogo prosseguiu com muita descontração. Marcos voltara definitivamente, Lara era passado.

Nos dias 8 e 9 de agosto, a humanidade trouxe à tona uma arma que mudaria o fim da guerra que ainda estava sendo travada pelos EUA contra o Japão no Pacífico: as bombas atômicas, que fizeram com que o Japão se rendesse incondicionalmente no dia 15 do mesmo mês. Os relatos de destruição eram inenarráveis. Entre os brasileiros, pouco se sabia sobre o assunto, mas quem sabia não imaginava como uma única bomba teria sido capaz de tamanho estrago. Era o fim da II Guerra Mundial e o começo da corrida armamentista da Guerra Fria.

Nos dias de agosto que se seguiram, foram para o Brasil o 1º RI, o III e o IV Grupos de Artilharia e o Batalhão de Saúde. Eles saíram no dia 12 de agosto e chegaram ao Rio de Janeiro sendo recebidos com festa pela população no dia 22 do mesmo mês.

Os homens que ficaram na Itália matavam o tempo que tinham com jogos e conversas. Irineu insistia em convencer Marcos com suas idéias comunistas de que o Brasil precisava de uma revolução para progredir e chegar ao patamar da URSS e dos EUA. Segundo ele havia muitas desigualdades. Quem não gostava nada era Desidério que volta e meia dizia:

*- Isso ainda vai dar cana para vocês dois. Vocês sabem que o comando não simpatiza muito com gente comunista -* dizia ele. No entanto Marcos e Irineu pouco se importavam.

O Depósito de Pessoal da FEB, juntamente com a Intendência partiram no dia 28, restavam apenas os homens do 11ºRI na Itália.

A saída do 11º foi marcada para o dia 4. Os homens já estavam com as tralhas arrumadas e não viam a hora de voltar para casa. No coração de Marcos a dúvida era constante, pois, ao mesmo tempo que ele queria ficar, também queria voltar e com seus amigos também era o mesmo.

*- Desidério, posso te perguntar uma coisa? -* disse Alvino.

*- Fala piá.*

*- Quando você voltar para o Brasil, você vai ter coragem de contar para sua filha que você atirou em outra pessoa?*

*- Rapaz, se ela me perguntar, vou dizer para ela que fiz o que foi preciso para ela ficar em segurança em casa. Não vou dizer que sim, nem que não. Mas isso se ela perguntar, se ela não perguntar nada, eu não falo.*

*- É uma boa estratégia.*

*- Mas por que você está me perguntando isso agora?*

*- É porque eu fiquei pensando que minha mãezinha vai me perguntar isso. Ela é muito religiosa e sempre me falou que matar é um pecado imperdoável.*

*- É, pode ser... Mas me diz uma coisa. E no caso de Davi? Ele matou o cara para ficar com a mulher dele e mesmo assim, Jesus depois o viu no céu. Estas coisas são tudo lorota "para boi dormir". Pensa se todos pensassem igual sua mãe que mundo maravilhoso que ia ser e eu estaria em casa numa hora destas ou na escola dando aulas. - interrompeu Irineu que escutava tudo atento.*

*- Sua opinião não conta, você "ta" virando ateu igual esse bando de comunistas! -* retrucou Desidério.

*- Eu acho o seguinte: se for em legítima defesa, Deus perdoa, afinal a Bíblia fala que é pecado derramar sangue inocente, não fala em se defender, se não, não tinha tanta guerra no Velho Testamento - completou Hülíam*

*- Mas aí que está. Como que o próprio Deus matou um monte de gente no Dilúvio? Quem me explica isso? E como que ele se vingava de quem ia contra Israel? Hein? Não era matando os outros ou pondo-lhes doenças? Se ele é tão poderoso, por que não impediu as guerras? - alfinetou Irineu.*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*-Penso que cada caso é um caso. Tem que analisar os dois lados da moeda, cada um tem o que merece - disse Alvino.*

*-Ah é? Então o que me diz dos tais "campos de extermínio" que estão falando, onde dizem que os alemães matavam os judeus, o "povo de Deus"? Não deveria ele impedir isso também? - ressaltou Irineu.*

*-Mas aí é um outro caso, o do livre arbítrio, cada um tem o seu. Se não tivéssemos isso, seríamos como máquinas, sendo guiadas por Deus - respondeu Hülíam.*

*-Olha o polaco! "Tô" gostando de ver... Estudou para padre? - disse Desidério.*

*-Não, meus pais são luteranos e me ensinaram a Bíblia.*

*-E tu Marcos que acha disso? - questionou Alvino.*

*-Eu penso que se um dia meus filhos me perguntarem, vou dizer que todos estavam equivocados e que o que aconteceu mesmo foi um grande mal entendido, só isso. Estes alemães, os americanos e ingleses vão estar sentados numa mesa daqui uns anos tomando uma pinga e vendo como foram bobos em lutar uns contra os outros. Penso também que quero ir para casa logo!*

Todos riram de Marcos e foram dormir, pois, no dia seguinte começaria o grande dia do retorno.

Pela manhã todos estavam dispostos à embarcar o quanto antes, afinal, iriam de volta para casa. O corneteiro tocou a alvorada e todos se reuniram para cantar o Hino Nacional antes do embarque. As vozes chorosas cantavam pedaços da pátria e prenunciavam o desejo de ficar e ao mesmo tempo partir que cada um carregava no peito.

Marcos estava com os olhos rasos d'água, segurando para não chorar, mas quando olhou para a bandeira não teve jeito, chorou. Foi naquele momento que ele teve certeza que por mais que seu coração hesitasse, deveria voltar para casa.

Uma imensa fila indiana foi montada e os homens começaram a embarcar primeiro em carros e depois no trem que os levaria até Nápoles.

Chegaram no dia 04 pela manhã. Outra grande fila foi feita, desta vez para embarcar no General Meigs, navio que os transportaria até o Brasil e mais outra para entregar os armamentos americanos ao posto de recolhimento. Uma multidão assistia o embarque dos brasileiros no navio. Todos queriam dar adeus para aqueles que tinham aprendido a amar como compatriotas.

O navio zarpou. O porto foi ficando cada vez mais distante e assim como haviam chegado à Itália, lá se iam os brasileiros de volta aos sertões, aos cerrados, às praias sedosas, às montanhas altaneiras, às casas brancas da serra, como dizia o Hino da FEB.

Muitos, como Marcos, tinham ido meninos, eufóricos, ansiosos, confiantes, ingênuos como crianças ao explorar o terreno de casa pela primeira vez. Nesta exploração alguns ficaram em Pistóia, com uma cruz branca como identificação e só voltaram tempos depois, em 1960. Outros que naquele navio deixavam o cais napolitano ao longe, voltavam agora adultos, com um conhecimento que nem mesmo a melhor das escolas poderia ensinar na teoria: a certeza de que o melhor mesmo é estar vivo.

Um carteiro aproximou-se de Marcos no navio.

*-Você é o Gutiérrez?*

*-Sou sim, por quê?*

*-Não te achei lá em Nápoles, tem uma correspondência aqui para você desde o dia 29 passado.*

Era uma carta de Lara. Marcos não se deu ao trabalho de ler, apenas recebeu a carta e a jogou no mar. Ele observou por algum tempo as ondas levarem aquele ponto branco ao longe, até sumir engolida pelas águas.

Ele não quis ler o que ela havia escrito. Ela queria contar que estava em Paris e que o pequeno Jenaro estava estudando em uma escola religiosa. Ela dizia ainda que o amava muito e que tinha esperança de um dia encontrá-lo novamente, se despedindo com um forte abraço e um imenso beijo. Em breve escreveria de novo para acertar a ida para o Brasil.

Era o fim da história dos dois, que nunca mais se encontrariam novamente.

No navio foram 15 dias de viagem. Às vezes por causa do balanço do navio alguém passava mal e ia vomitar no convés. Quando não era isso, era o mal cheiro daqueles homens amontoados que causava as náuseas. Fora isso, a viagem foi tranqüila, principalmente porque não havia nenhum medo de torpedeamento como antes.

O dia ensolarado do Rio de Janeiro prenunciava a festa que o Brasil os reservava. Centenas de pequenas embarcações rodeavam o General Meigs já nos primeiros raios de sol. O navio atracou perto do porto e os soldados foram colocados em observação por algumas horas, até que finalmente receberam permissão para descerem do navio. Todos estavam em fila. Desceram organizadamente sob o som do Hino da FEB, a Canção do Expedicionário, já conhecida pelos soldados havia tempos. Os soldados desceram no porto e foram recebidos por muitos brasileiros que ali estavam para abraçá-los e beijá-los.

Na Avenida Barão do Rio Branco, estavam os soldados desfilando eufóricos frente à multidão. O Exército colocou ainda para embelezar o desfile alguns carros de combate. Cariocas e fluminenses ali desfilavam. Não continham a emoção e saíam da formação para abraçar suas mães, namoradas e outros parentes. Eram rapidamente contidos na base da conversa e persuadidos a entrar em formação novamente.

Marcos estava chorando e uma sensação estranha lhe atormentava. Lara ficara sabe-se Deus onde, mas, ao mesmo tempo ele voltara para casa. Por outro lado, aqueles com quem ele tinha convivido por quase um ano, seus irmão de armas, seus quatro melhores amigos também o iriam deixar em poucos dias.

Isso sem contar que para onde ele iria voltar tudo deveria estar diferente. E agora que faria ele?

Os homens marcharam até o final da Rio Branco, onde foram embarcados para um quartel carioca. No local receberam refeição e tomaram banho frio de chuveiro. Depois puderam descansar até o começo da noite, quando foram reunidos no pátio do quartel.

*-Soldados do Brasil, vocês acabaram de escrever um pedaço gigante de nossa história militar recente. Vocês lutaram desde do Vale do Serchio, até o Vale do Pó com bravura e dignidade. De agora em diante são novamente brasileiros comuns. Alguns de vocês ainda ficarão conosco no Exército. Já a partir de amanhã, quem for do Rio poderá voltar para seus lares. Os outros Estados vão seguir conforme forem recebendo seus soldos e em pequenos grupos. Vocês receberão cartas que poderão ser usadas para conseguirem empregos e cartas de apresentação para continuarem ou darem baixa em seus respectivos quartéis. Por isso procurem se organizar*

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*conforme seus Estados para facilitar o embarque de todos em ordem e disciplina* - dizia o tenente Roldão, encarregado de cuidar dos preparativos dos soldados.

O dia do adeus chegou e com ele o sofrimento da despedida. Os paranaenses e gaúchos deveriam partir no dia 22 de setembro, numa sexta-feira, que mesmo com o sol da manhã não disfarçava a tristeza de todos. Hülíam estava indo para casa. Ele seria o primeiro dos cinco a deixar o grupo. O carro o levaria até São Paulo de onde pegaria um trem até a cidade mais próxima da sua cidade, Pomerode.

*-É amigos, chegou a hora do adeus, parece que é o fim de tudo. Logo será a vez de vocês voltarem e eu tenho mesmo que partir. Não vai ter jeito* - dizia ele desajeitado para não chorar na frente de outros colegas sulistas.

*-É, mas não deixa de escrever para gente. Agora somos irmãos de guerra meu amigo, irmãos de guerra!* - comentava Alvino.

*-Camaradas, onde estiver qualquer um de nós, mesmo assim, não devemos nos esquecer jamais uns dos outros!* - completava Irineu.

*- Eu não espero menos que isso, alemão dos infernos. Se você não escrever para a gente seu tedesco infeliz, eu mesmo vou te buscar onde quer que esteja para te dar uns tabefes seu filho do Goebels!* - dizia Desidério em tom de brincadeira.

Marcos era o mais emocionado de todos e simplesmente aproximou-se de Hülíam e o abraçou. Então os outros tomaram coragem também e encostaram no amigo. O motor do carro foi ligado e Hülíam colocou seu saco de roupas atrás do caminhão. Seguiu por uma ruela que dava acesso ao quartel até desaparecer no horizonte.

À tarde, o mesmo caminhão que levou Hüliam veio buscar Desidério e Alvino para levá-los de volta à Minas Gerais. Desidério estava eufórico, pois iria rever suas duas filhas e com certeza ainda conseguir o respeito de seus sogros.

Restaram somente Marcos e Irineu para embarcarem no domingo. Os dois receberam dispensa no sábado pela manhã e foram beber um pouco em um bar ali perto do quartel.

*-Rapaz, tem horas em que eu ainda sinto saudades daquela tal de grippa lá da Itália.*

*-Nem me fale, tem muita coisa de lá que eu sinto falta e uma delas, eu tenho a certeza que não vou conseguir...*

*-É a Lara não é? – perguntou Irineu. Marcos balançou a cabeça que sim.*

*-Meu amigo, saia desta vida. O tempo passa, você esquece...*

*-Ei, ei, o resto da história eu sei de cor e salteado, não precisa explicar não. O negócio, é que eu não me conformo de ela ter ido embora, não ter tido paciência e esperado um pouco mais, eu daria um jeito de trazê-la para cá. Meu pai daria uma casa para a gente e seríamos felizes!*

*-Você sonha demais Marcos. A vida não é assim. Como que você vai se apaixonar por alguém que você conheceu pouco mais de dois dias e levar este amor para o resto da vida? Não dá para entender...*

*-Meu amigo, sonhar por sonhar, você também sonha. Ou não é um sonho o teu comunismo?*

*-Pode até ser sonho, mas eu posso realizá-lo. Você ainda vai ouvir falar de mim e o Brasil ainda vai ter um presidente de esquerda, da classe trabalhadora. Você vai ver. Nem que isso seja daqui 100 anos!*

*-Tomara que eu ainda esteja vivo para ver isso acontecer - dizia Marcos em tom de riso.*

*-Agora vamos voltar para o quartel, que amanhã é dia de ir para casa.*

*-Tens razão meu amigo, tens razão – os dois se levantaram, olharam para o lado e viram um pracinha bêbado cheio de vômito na roupa. Era Antoniel que trabalhava no rancho. Os dois amigos o arrastaram até a frente do comando. Soldados o levaram para a enfermaria. Os dois amigos foram dormir.*

Domingo, 8h da manhã, vários carros diferentes esperavam os jovens soldados que ainda não tinham ido para casa. Marcos e Irineu se despediram, cada um para seu lado seguiu no caminhão.

O carro de Marcos seguiu devagar até Presidente Prudente, com pequenas paradas ao longo do caminho, que fez com que o transporte dos sul-matogrossenses demorasse três dias até atingir a fronteira do Mato Grosso, (futuro Mato Grosso do Sul) com o Estado de São Paulo. Uma imensa balsa os transportou até o outro lado da do Rio Paraná. De lá os homens foram até a cidade de Campo Grande em mais três dias de viagem.

Marcos ficaria no quartel por mais alguns dias até ser definitivamente dispensado. Dentro do carro até Campo Grande a bagunça era grande também. Muita bebida e diversão. Uma gaita de boca animava a turma de mais de 50 pessoas.

Em Campo Grande Marcos pegou um trem para Ponta Porã e de lá para Itahum já em Dourados de onde foi para a casa dele. O percurso levou dois dias de viagem, até que ele chegou ao alvorecer de uma segunda-feira.

Em Ponta Porã, havia festa na cidade para receber os expedicionários. Eles marcharam até o 11º Regimento de Cavalaria, entregaram suas cartas e ali mesmo alguns já eram dispensados saindo de roupas civis e tudo mais. Marcos não, ele seria militar por mais uma semana até poder voltar para casa.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Quando desembarcou do trem em Itahum, ao longe viu uma charrete se aproximar. Na charrete vinha um senhor, um rapaz e uma senhora. Eram seus pais com certeza.

Ele correu para abraçá-los já com lágrimas molhando-lhe a face. O irmão parecia maior, o pai e a mãe se abraçavam também. Ninguém conseguia falar nada. Era incrível ter aquele sentimento de perda desaparecendo da vida de todos, uma completude vinda de um simples abraço.

As olheiras de Marcos eram o menor dos problemas naquele momento. Para Dona Eulália ver o filho ali, parecia um milagre. Seo Antenor, o pai de Marcos, ria e chorava ao mesmo tempo. Raul, o irmão, não escondia a emoção e encostado no ombro do irmão chorava feito criança.

*-Meu filho, jurei para Nossa Senhora que se você voltasse eu ia rezar uma novena. Tivemos tantas notícias ruins da guerra que eu só pedia a Deus para me trazer você de volta!*

*-Eis me aqui mãe, não precisa chorar mais, eu voltei. E você guri, está maior, parece que mais forte. Não sei, mas alguma coisa está diferente e- dizia Marcos, enquanto o pai embarcava a mala do rapaz na carroça.*

Quando subiu na charrete, começou a se lembrar do toque de clarineta em Ponta Porã, quando vários soldados já estavam reunidos. Havia homens que lutaram pelo 11º como ele, mas em outras companhias, homens do 6ºRI que tinham vindo primeiro e até do 1ºRI do Rio. Eles se misturavam a um emaranhado de outros soldados do quartel que olhavam para os ex-combatentes com orgulho e respeito.

Naquele dia um tenente leu a ordem do dia, na qual dispensava todos os soldados ex-combatentes, que agora passariam para a reserva do Exército e poderiam voltar a ser civis, só voltando à ativa novamente caso fossem chamados pelo governo.

Foi a última vez que ele usou farda. Quando saiu, estava de calça preta, camisa bege e uma bota. Cumprira seu dever ou que lhe fora mandado pelos superiores. De agora em diante seria somente Marcos de Oliveira Gutiérrez, civil, filho de agricultores, brasiguaió, ex-pracinha.



Voltando a viver

Muitos soldados ainda foram incorporados ao Exército, mas Marcos não. Ele queria aproveitar o tempo que estivera longe e a primeira coisa que fez, foi voltar a estudar. Um colégio de Dourados o contratou para lecionar matemática aos pequenos, das classes iniciantes. Nas horas vagas ele ajudava o pai na lavoura.

Seu lazer eram os bailes, que eram de dois tipos: os mais comportados, em casa de famílias influentes (nestes ele não ia) e os bailes de fazenda, onde todos se reuniam para dançar chamamés<sup>1</sup>, vaneiras, xotes e rancheiras. Sempre com muita comida, cachaça e alegria. Os irmãos Gutiérrez não perdiam um.

Foi em um destes bailes que Marcos reencontrou a irmã de Leopoldo, Marília, que havia ido para um convento no Rio Grande do Sul, para conhecer melhor a vida religiosa, a qual estava disposta a seguir.

Naquela noite ela mudou de idéia ao ver Marcos chegar. Ela o abraçou sem cerimônia ali mesmo no meio dos presentes para o espanto de todos.

*-Pensei que você não fosse mais voltar! Tinha notícias ruins todo santo dia. O Machado morreu lá e eu não queria perder você. Como saberia se você estava bem lá? Eu rezei por você todos os dias.*

*-Ah é assim? Achou que se eu morresse a vida no convento ia ser melhor?*

*-Se ia ser melhor eu não sei, mas que sua presença faria falta, isso eu tenho certeza!*

*-Mas quer dizer que meu irmão vem da Itália diretamente para dançar com você e você fica aí conversando fiado ao invés de chamá-lo para dançar? - dizia Raúl.*

O casal meio envergonhado foi então dançar no salão improvisado em baixo de uma ramada de maracujá. Marcos tentava, indo a estas festas, esquecer os momentos bons que vivera ao lado de Lara e dos ruins que vivera no front.

Ele não era o único. Em uma carta Desidério contava-lhe que as coisas para ele não estavam nada boas. Uma tosse repentina vinha toda noite, por causa do sereno que na Itália ficavam expostos os pracinhas. Para completar a situação, permanecia desempregado e ganhava algum dinheiro de serviços de carpinteiro. A única notícia boa, era que as filhas ele via todo dia à tarde, pois sua ex-sogra deixava que ele fosse buscar as meninas na escola.

Marcos também estivera ruim no final de novembro de 1945. As pernas doíam e um médico do Exército foi chamado para ver o motivo da dor. O cheiro ruim dizia tudo: gangrena ou pé de trincheira. O médico sugeriu uma amputação urgente, mas a mãe do rapaz não permitiu. *"Meu filho foi inteiro para esta tal de guerra, se tiver de morrer, vai morrer inteiro também"*, dizia ela.

Com ervas e os cuidados da avó, em menos de uma semana ele estava trabalhando e andando para toda parte normalmente, como se nada tivesse acontecido.

No natal chegaram cartões de Irineu, Hüliam, Alvino e Desidério.

Irineu estava envolvido com a fundação de uma sede do Partido Comunista em sua cidade. Não estava namorando, nem empregado. *"A política da igualdade era seu trabalho"*, dizia no cartão.

Hüliam estava cuidando de uma nova fazenda que o pai comprara, mas, dizia ele, estava querendo pegar sua parte da herança e investir em gado. Até combinou com Marcos que caso ele soubesse de um negócio bom, para avisá-lo. Alvino montara uma sapataria que tocava em sociedade com o primo Hugo. Também estava bem e noivo, com casamento marcado para fevereiro de 1946.

Desidério arranajara um emprego nos Correios de sua cidade, estava feliz e contava para

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Marcos que este ano as filhas iriam ganhar bichos de pelúcia de presente.

Marcos estava namorando Marília. Eles se casaram em abril de 1946. Foi nesta época que resolveram se mudar para a área urbana de Dourados, pois, até então iam trabalhar de manhã na cidade voltavam à tarde para os sítios dos pais.

Eles se estabeleceram em um sítio próximo onde hoje é o bairro Jardim Itália.

Algum tempo depois, já em 1952, mudaram para uma casa menor e venderam o sítio. Nessa época, Marcos começou a ganhar dinheiro trabalhando para a companhia de energia regional, afinal de contas sua especialidade eram mesmo os fios.

Foi neste ano também que Hüliam se estabeleceu no Mato Grosso do Sul, na cidade de Rio Verde, para investir em gado a parte que lhe cabia de sua herança. Com o dinheiro deu para comprar 300 cabeças de gado e 100 hectares de terra. Estas terras garantiram seu sustento e de sua família. Os lucros ampliaram-se e depois e com o ciclo da soja os pastos deram lugar à plantações do grão dourado. Hüliam faleceu em 2002. Seus filhos ainda moram lá e não foram poucas as vezes que o seu pai lhes contava histórias dos quatro amigos que tinha conquistado na Itália.

Desidério continuou a trabalhar nos Correios e se aposentou na profissão. Morreu dormindo em uma tarde de agosto de 2003. Suas filhas já são avós e muito gratas pelo esforço do pai que lhes possibilitou estudar e arranjar bons empregos no Governo do Estado. Alvino teve sucesso com os calçados e teve a loja de calçados até morrer em 1999.

Irineu foi quem viveu menos dos cinco. Em outubro de 1968 foi assassinado, por supostos “assaltantes”, após sair de sua casa em Tupã/SP. Outras três pessoas que estavam com ele no fusca vermelho que ele dirigia após sair de uma reunião secreta na casa de um deles, também foram baleadas, mas sobreviveram. Elas juraram de pés juntos que não era assalto coisa nenhuma, pois, não levaram nada e dias antes Irineu havia recebido ligações dizendo para ele ficar esperto que a “era vermelha comunista” não tinha lugar em Tupã.

Dos civis que Marcos conhecera na Itália ele não tinha notícia nenhuma.

Até aquele momento em que a repórter lhe mostrara o lenço com seu nome gravado ele jamais soubera de alguém.

Com os amigos ele sempre conversava por cartas, mas nunca se reencontraram de novo. Pelo menos uma carta por mês chegava para cada um. Quando Irineu morreu, Marcos sentiu por demais a perda do amigo de quem ele tanto gostava, por isso colocara o nome de Irineu em seu primeiro bisneto.

O casamento com Marília rendera uma família grande. Cinco filhos, 15 netos e quatro bisnetos. De Lara ele sempre lembrava, mas era passado, ele até contou para Marília, mas nada que ela já não esperasse, pois na Itália, eles ainda não tinham nada um com o outro.

Às vezes no final da tarde Marcos conseguia sentir o cheiro dos cabelos de Lara e até o calor de seu corpo, talvez algum resquício de lembranças arquivadas em seu cérebro. “ Foi melhor a separação”, pensava ele, “ senão não ia ter esta vida boa”. Foi este pensamento que poupou Marcos de saber que sua amada Lara morreu cinco meses depois de estar em Paris, vítima de uma pneumonia.

O pequeno Jenaro tornou-se padre e foi cumprir seu sacerdócio em Angola na África, onde morou até os 70 anos. Depois serviu como bispo na Croácia, na Venezuela e por último em Cartago.

A pensão de Marcos era paga pelo Exército todo dia 10 de cada mês. Era pouco, mas dava para viver. Na sala de sua casa estavam os certificados que já ganhara por ser ex-pracinha e até um diploma de Letras, curso que ele fez já idoso, quando tinha 61 anos. Deu aulas ainda por seis anos, antes de se aposentar pela idade. Resolveu depois montar um mercadinho para a filha cuidar, para complementar o dinheiro da família.

Uma vez na Itália  
Helton Costa

- "Bisa", o que o senhor está fazendo aqui na varanda sozinho?

- Nada não Irineu, estava lembrando da Itália!

- O que foi meu velho, deu tristeza a visita da moça?

- É Marília, às vezes é complicado a gente lembrar do que está passado.

- Vamos enxugar este rosto, jantar e dormir que amanhã a moça volta de novo. Ela veio lá da Itália para falar com você. - dizia Marília.

- O que foi com o pai que ele está triste aí? - questionou Henriqueta, uma das filhas de Marcos, avó de Irineu.

- Nada filha vamos entrar. Está ficando tarde.

Todos entraram e naquela noite Marcos se recolheu mais cedo, queria estar mais disposto para o dia seguinte.

Notas

<sup>1</sup> Dança típica do Mato Grosso do Sul

Uma vez na Itália  
Helton Costa

*Capítulo 36*  
Uma vez na Itália

Pontualmente às 9h, lá estava Martina, a repórter, com João Júnior e Arthur para falar com Seo Marcos.

*-Buon giorno, senhore Marco.*

*-Buon giorno signorina Martina. Então vocês querem saber como foi meu tempo de soldado?*

*-Por favor Seo Marcos, conte aí que já estamos ansiosos! - disse João Júnior.*

*-Bom para começar, como toda história bem contada: Uma Vez na Itália...*

**FIM**

Uma vez na Itália  
Helton Costa

Anexos

Fonte: Todas as fotos aqui utilizadas fazem parte do acervo da Fundação Getúlio Vargas e CPDOC/Brasil e não têm fins lucrativos



Uma vez na Itália  
Helton Costa



*Ao fundo da foto é possível ver o Monte Castelo*



*Jornal do retorno dos Soldados*



*Dia da Vitória na cidade do Rio de Janeiro*



*Soldado brasileiro guarda prisioneiros alemães*

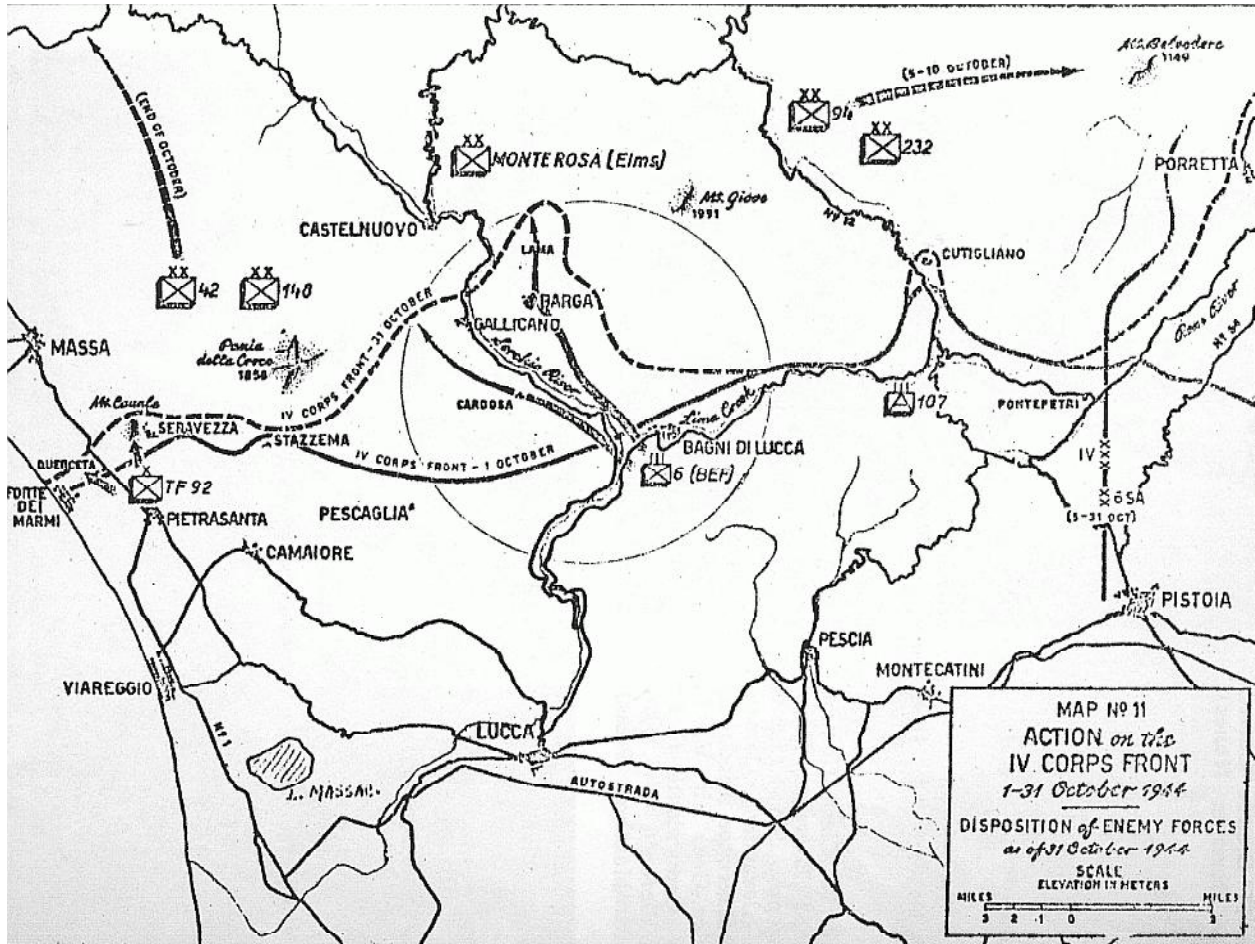


*Mapa em 3D da região de Monte Castelo*



*Placa comemorativa oferecida pelos italianos aos brasileiros*

# Mapa de Atuação da FEB de 1944-1945



Uma vez na Itália  
Helton Costa

Mapa atual da região dos Apeninos, locais que a FEB ajudou à libertar





Uma vez na Itália  
Helton Costa

Uma vez na Itália  
Helton Costa

## Obras do Autor

" Nascentes do  
Rio Dourado",  
publicado em  
setembro de 2005,  
premiado como  
melhor trabalho  
na categoria rádio  
do Troféu  
Imprensa de  
Dourados, Júlio  
Almeida  
" 60 anos de  
Força  
expedicionária  
Brasileira: A  
cobertura do  
Dourados  
News e do  
Dourados  
Agora"  
/Helton  
Costa.\_Dourados:  
Unigran 2007

Uma vez na Itália  
Helton Costa

**UMA VEZ**

**NA**



**ITÁLIA**

HELTON COSTA

“UMA HISTÓRIA ESQUECIDA”

ISBN 978-85-98598-49-9

